

ALLISON SAFT
New York Times Bestselling Author

Disney

WINGS
OF
STARLIGHT

Índice

[Página de título](#)

[Direitos autorais](#)

[Conteúdo](#)

[Dedicação](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

Disney
WINGS
OF
STARLIGHT

ALLISON SAFT


Disney PRESS
LOS ANGELES • NEW YORK

Copyright © 2025 Disney Enterprises, Inc. Todos os direitos reservados.

Publicado pela Disney Press, uma marca da Buena Vista Books, Inc.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do editor.

Para obter informações, dirija-se à Disney Press, 1200 Grand Central Avenue, Glendale, Califórnia 91201.

Primeira edição, fevereiro de 2025

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2024937688

Capa dura ISBN 978-1-368-09845-8

e-book ISBN 978-1-368-11413-4

Projetado por Gegham Vardanyan

Ilustração da jaqueta por Charlie Bowater

Visite disneybooks.com

Conteúdo

[Página de título](#)

[Direitos autorais](#)

[Dedicação](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

Para aqueles que veem o mundo como ele poderia
ser: mais brilhante e cheio de magia

PROLOGUE



Há coisas escondidas de todos, exceto daqueles que sabem exatamente onde procurar. Se você olhar pela janela nas primeiras horas do crepúsculo, quando o mundo todo ainda está dormindo, você pode notar um orbe de luz passando rapidamente pelas folhas do fim do verão, cada uma delas ficando vermelha em seu rastro. Você pode ver tênues faixas douradas no ar, brilhando logo acima dos jacintos que atravessam a terra recém-descongelada. Talvez, se você for realmente observador, você possa apreciar as marcas de cinzel marcando o rendilhado de cristal de cada floco de neve. Infelizmente, poucos são. E assim, poucos experimentarão a verdadeira maravilha. Poucos saberão que até mesmo a coisa mais mundana — o minguate da lua, o fluxo da maré, o reaparecimento fortuito de uma bugiganga perdida sob sua mesa de cozinha — é mágica.

Tudo isso, é claro, é trabalho da Never Fairies.

Eles orquestram a virada da estação em uma única noite, depois retornam para casa. Dizem que se você passar voando pela segunda estrela à direita e seguir em frente até o amanhecer, você também chegará lá: o Reino de Pixie Hollow. Visto de cima, Pixie Hollow é como um bolo cortado em quatro pedaços generosos. Em seu coração está a Árvore do Pó de Pixie, luminosa e dourada como uma vela na escuridão. A leste fica Spring Valley, onde as flores permanecem para sempre em flor. Ao sul: Summer Glade, onde os dias se estendem longos e lânguidos como um gato adormecido. A oeste: Autumn Forest, fresca, nítida e resplandecente de cores.

Depois, ao norte, estão os Bosques de Inverno.

Os habitantes das estações quentes fazem o melhor que podem para manter a Floresta de Inverno longe de suas mentes. Mas quando a vislumbra sob a vasta sombra da montanha, não conseguem deixar de pensar em suas árvores esqueléticas, ou nos pingentes de gelo brilhando como presas à mostra ao luar, ou naqueles que moram em um lugar tão cinza e sem vida. As fadas do inverno — assim raciocinam as fadas

quentes — são melhor deixadas em sua solidão nevada. Elas administram seus próprios negócios há séculos. Além disso, o frio lá é tão amargo e cruel que quebraria as asas de uma fada quente em um instante. Nada de bom viria de cruzar sua fronteira.

Agora, a maioria dos seus medos são superstições infundadas. Mas, sem o conhecimento das estações quentes, forças obscuras habitam a Floresta de Inverno. Há um lugar onde todas as árvores se dobram para trás, recuando do lago congelado que se estende abaixo delas. Lá, o próprio ar fica tão pesado e errado quanto um suor febril. Ninguém visita este lugar. Ninguém sensato, de qualquer forma, exceto o jovem Guardião da Floresta de Inverno.

Mas se você fosse corajoso o suficiente ou tolo o suficiente, você poderia pisar no gelo. Abaixo dele, você não encontraria água, mas uma escuridão profunda e contorcida. Mesmo se você pudesse suportar o medo que ele inspira por mais de um momento, você não seria capaz de dar sentido a ele. As sombras só ocasionalmente se organizam em uma forma reconhecível. Aqui, um dente. Ali, um olho, uma garra.

Não, poucos experimentariam tal terror. Mas se você *tivesse* de alguma forma vagado até o lago nesta noite fria e sem lua - como o Guardião da Floresta de Inverno fez - você poderia ter viu o que ele fez: o momento em que uma única rachadura rachou a superfície do gelo. Você pode ter ouvido o estilhaçar que sacudiu a neve solta dos galhos. Você pode ter sentido a própria floresta tremer de antecipação.

Então: algo — apenas um fio de sombra — se ergueu como fumaça do gelo quebrado. Ele ferveu, então se fundiu em uma forma que ele lembrava do pesadelo que o gerou. Na escuridão, era quase impossível de ver, mas suas pegadas caíam pesadamente contra a terra. Então, compelido por algum instinto antigo e horrível, ele se arrastou em direção às estações quentes.



Era o tipo de tarde feita para devaneios: o ar dourado com a luz do sol e o pó de fada, o prado zumbindo com o zumbido baixo das abelhas. Clarion empoleirou-se no galho de um carvalho, cercada pelo suspiro e farfalhar das folhas. Que doce encontrar-se sozinha e — pelo menos, por quinze minutos gloriosos — sem nada para fazer. Ela quase se arrependeu do pensamento, por mais adorável que fosse. Era muito fácil imaginar a resposta da Rainha Elvina, entregue como um decreto real: *A Rainha de Pixie Hollow não fica parada enquanto ainda há trabalho a ser feito.*

Mas Clarion não era a Rainha de Pixie Hollow — ainda não, pelo menos — e seu encontro semanal com o Ministro do Verão havia terminado inesperadamente cedo. Ela não pretendia deixar esse raro vislumbre de liberdade ir para o lixo.

Com sua coroação se aproximando, cada momento acordado era regimentado com aulas, ensaios, provas e mais reuniões do que ela jamais imaginou ser possível. Tudo essencial, ela supôs, quando lhe restava apenas um mês para absorver as centenas de anos de sabedoria de Elvina. E, no entanto, Pixie Hollow era vasta e maravilhosa, e Clarion às vezes suspeitava que ela não sabia nada sobre ela. Como ela poderia, quando ela passou quase toda a sua vida observando-a de longe?

Clarion olhou para Sunflower Meadow com algo perigosamente próximo de desejo. Conforme a hora dourada se aproximava, as fadas talentosas da luz emergiram, brilhando de excitação e ansiosas para enfrentar o caos controlado de seu momento mais movimentado do dia. Através do

dossel, ela as observou tecendo através do ar espesso de pólen, deixando rastros de pó de fada em seu rastro. Algumas trabalhavam em equipes para direcionar os raios do sol cada vez mais perto da linha do horizonte, gritando coisas como "Um pouco para a esquerda!" e "Não, sua outra esquerda!" Outras mergulhavam as mãos em raios de sol e os colocavam em suas cestas, tão fácil quanto coletar água de um poço. Nunca deixava de surpreender Clarion quantos pequenos detalhes entravam na magia cotidiana de um pôr do sol. Parecia impossível que em breve, na noite do solstício de verão, ela seria responsável por todos eles.

A perspectiva a aterrorizava mais do que ela gostaria de admitir. Um zumbido agudo cortou seus pensamentos. Então, algo passou por ela: um raio preto contra o céu que clareava. Clarion cambaleou para trás, quase perdendo o equilíbrio antes de se firmar em um galho. O que foi isso ?

Com uma mão apoiada no coração acelerado, ela olhou para baixo através da cortina de folhas. Uma abelha, vacilando em seu voo, pousou pesadamente no chão e ficou terrivelmente imóvel. Depois de um momento, suas asas bateram, e Clarion soltou um suspiro de alívio. *Não* estava ferida, então, ela pensou. A pobrezinha deve ter se exauriu. As abelhas eram um bando trabalhador e tendiam a superestimar seus limites, especialmente aqui no calor perpétuo do meio do verão.

Felizmente, não era nada que uma colher de açúcar não resolvesse — e havia açúcar de sobra em Pixie Hollow. As cozinhas, sem dúvida cheias de todos os tipos de doces a essa hora, ficavam no palácio. Melhor ainda, a colmeia — e todo o seu mel — ficava do outro lado do prado.

Um problema simples com uma solução simples.

E ainda assim, Clarion hesitou.

Qualquer problema no reino a fazia coçar com o desejo de consertá-lo. Antes, ela acreditava que essa tendência era uma centelha de sua magia latente de talento governante — um pequeno pedaço do todo que finalmente fazia sentido para ela. Mas agora, ela entendia que seus instintos — sua compaixão — não eram confiáveis.

A Rainha de Pixie Hollow não pertence aos seus súditos.

Desde sua Chegada — a noite em que emergiu de uma estrela cadente, como todas as Rainhas de Pixie Hollow antes dela — Elvina a impressionou que ela era diferente. Que *elas* eram diferentes, marcadas indelevelmente com poeira estelar. Além de Elvina, Clarion era o único talento governante em todo o Pixie Hollow.

Clarion olhou para o prado, onde equipes de talentos animais e talentos de jardinagem pastoreavam seu rebanho de abelhas. Será que eles notariam que uma estava faltando? Mesmo que notassem, uma busca levaria a noite toda. Talvez algo tão servil quanto salvar uma abelha estivesse abaixo de sua atenção, mas ela não conseguia suportar a ideia

de ir embora agora. Que tipo de rainha ela seria se se afastasse do sofrimento até mesmo do menor de seus súditos?

Agora, só faltava descer daquela árvore.

Uma capa pesada pendia sobre seus ombros, prendendo suas asas sob seu peso. Todas as fadas emitiam uma aura tênue — uma que alargava e diminuía com seus humores — mas, graças às suas asas, seu brilho sempre beirava o irreprimível. Embora as fadas talentosas da luz aqui no verão compartilhassem sua propensão ao ouro, a semelhança não era impressionante o suficiente para permitir que se escondessem à vista de todos. Deixar alguém ver suas asas era o mesmo que gritar *Aí vem a futura Rainha de Pixie Hollow*.

Se alguém dissesse a Elvina que ela estava ali, sem ninguém para cuidar dela... Não, não dava para pensar nisso. Ela teria que descer.

Inconveniente, sim. Perigoso, quase certamente. Mas ela preferia de longe o risco de cair a suportar mais um sermão de Elvina.

Preparando-se, Clarion abaixou-se galho por galho. Seus músculos queimavam e a casca raspava suas mãos, mas por algum milagre, ela conseguiu não torcer o tornozelo ao pousar no mar de girassóis. Eles se erguiam acima dela, balançando suavemente na brisa e lançando sombras salpicadas na grama. E ali, a poucos metros à sua frente, a abelha estava deitada em uma poça de luz solar amarela.

Cautelosamente, ela se aproximou da abelha e se ajoelhou ao lado dela. “Você está bem?”

As antenas da abelha giraram letargicamente em sua direção, o que Clarion decidiu interpretar como um sim.

Ocorreu-lhe que nunca havia interagido com uma abelha antes. Muitas fadas as mantinham como animais de estimação — tanto quanto *era possível* mantê-las, considerando que elas iam e vinham quando bem entendiam. As fadas faziam amizade com elas com pratos de néctar deixados nos peitoris das janelas e jardins domésticos cheios de suas flores favoritas: erva-dos-gatos, lavanda e margaridas-de-olhos-pretos. Elvina nunca *proibiu* tais coisas, é claro, mas também não as encorajou. A facilidade que os outros tinham com os animais de Pixie Hollow era outra coisa que Clarion nunca aprendera.

“Vamos te colocar de volta no ar”, ela disse. Ela se sentiu apenas um pouco tola, falando com uma abelha como se pudesse entender. Apenas talentos animais poderiam realmente se comunicar com seus protegidos. Ainda assim, para garantir, ela acrescentou: “Por favor, não me pique.”

Cuidadosamente, ela pegou a criatura em seus braços. A abelha não ofereceu resistência, e Clarion teria jurado que viu gratidão em seus olhos cansados. Seu pelo era surpreendentemente macio — e exalava o mais leve perfume: o brilho do limão e o terroso do pólen. Tão perto, Clarion percebeu pela primeira vez o quão semelhantes as asas de uma abelha eram às do resto de seus sujeitos. Elas eram tão frágeis e

preciosas quanto vidro e marcadas com um padrão intrincado de veias. Isso fez aquele instinto protetor acender mais forte dentro dela. Embalando a abelha no peito, ela seguiu seu caminho através do campo de girassóis. Através do dossel acima, ela vislumbrou fadas voando. Partículas de pó de fada flutuavam preguiçosamente pelo ar, junto com o som brilhante de suas risadas. Isso a encheu de felicidade e desejo — e também de uma terrível solidão. Todas as fadas que compartilhavam um talento viviam juntas, trabalhavam juntas, brincavam juntas. Elas se misturavam com outras, é claro, mas havia uma compreensão inata entre aquelas que foram feitas para o mesmo propósito. Às vezes, Clarion se perguntava como seria sentir que você pertencia a algum lugar — ter tantos outros a quem recorrer, que todos a entendiam tão completamente.

Eles chegaram à beira do campo, onde um bordo alto projetava sua longa sombra sobre eles. Mas foi o oco em seu tronco — um buraco a alguns metros do chão, preenchido com fileiras precisas de favos de mel dourados — que chamou a atenção de Clarion: a colmeia.

Gentilmente, Clarion colocou a abelha na grama. “Eu já volto.”

Ela deu um bater de asas em resposta. Em algum nível, talvez a abelha a entendesse.

Clarion virou-se para a árvore e respirou fundo para se acalmar. Ela já tinha escalado uma árvore hoje. Qual era a outra? Ela se içou para cima, encontrando apoios nos sulcos da casca e nas tampas de cogumelos mel que floresciam do tronco. Por fim, ela subiu na borda do buraco. O zumbido suave das abelhas reverberou dentro de seu peito, e os cheiros florais reconfortantes de cera e néctar a inundaram. Clarion cuidadosamente arrancou uma tampa de cera que selava o favo de mel. Imediatamente, o mel jorrou para a superfície. Na luz do sol do fim da tarde, quase parecia brilhar. Clarion arrancou uma folha de um galho e a usou para coletar o mel que pingava languidamente do favo.

A viagem de volta para baixo foi perigosa com uma mão, mas ela conseguiu não cair. Ela correu de volta para sua abelha e colocou a folha ao lado dela. “Aqui está.”

Clarion observou ansiosamente enquanto ela bebia. Lentamente, a abelha começou a se mexer. Primeiro, ela se levantou — cautelosamente, como se estivesse testando se suas pernas delicadas a segurariam. Então, claramente encorajada, ela levantou voo. Ela deu piruetas e saltou, girando em círculos ao redor de Clarion como se dissesse: *Junte-se a mim*.

“Eu gostaria de poder.”

Clarion não conseguiu evitar sorrir. Mesmo que seu talento a iludisse, talvez ela pudesse fazer algo de bom.

“Mel?” alguém chamou, sua voz desgastada pelo pânico. “Mel?”

A abelha se animou ao ouvir seu nome.

Clarion olhou para cima e viu um talento animal vasculhando freneticamente os girassóis. “Procurando por este?”

O rosto fulvo da fada apareceu entre as pétalas, a confusão estampada em suas feições. Ela piscou forte para o espaço vazio à sua frente. “Tem alguém aí?”

“Aqui em baixo.”

Ela se assustou, quase caindo do poleiro. Clarion estremeceu. Era realmente raro ver uma fada em pé. Conscientemente, ela ajustou a queda de sua capa. Felizmente, o brilho do sol de verão abafou a luz que suas asas derramavam. O pouco que escapava da gola apenas manchava levemente sua pele, não mais óbvio do que o reflexo de um botão de ouro preso sob seu queixo. O suor escorria por suas costas, deslizando entre suas asas apertadas. Ela realmente mal podia esperar para se livrar dessa capa — e do calor, aliás.

Quando o animal-talento recuperou os sentidos, seu olhar pousou na abelha. “Mel!”

Mel avançou em direção à fada a toda velocidade, desviando no último momento. O talento animal não vacilou, como se estivesse acostumada a tais exhibições. Ela parecia estar lutando contra um sorriso enquanto Mel mergulhava em um girassol.

“Você deveria polinizar calêndulas hoje”, a fada reclamou, mas Clarion percebeu pela expressão em seu rosto que ela estava aliviada por tê-la encontrado.

Mel ressurgiu coberta de pólen. Ela sacudiu o excesso como um cachorro molhado e então voou para se juntar ao resto de sua colmeia. Até Clarion percebeu que ela estava se alisando.

“Ela parece ser uma pessoa difícil de lidar”, observou Clarion.

“Oh, você não sabe nem a metade.” O talento animal balançou a cabeça com exasperação afetuosamente, então se virou para Clarion. “Foi uma coisa gentil que você fez.”

Clarion se viu pega de surpresa — e um tanto perturbada pelos elogios. Poucas fadas falavam com ela sem serem abordadas primeiro. Elvina exalava uma aura de comando que envolvia Clarion em sua proteção. Isso a mantinha dentro, sim — mas todos os outros fora. Ela estava lamentavelmente sem prática com qualquer tipo de conversa fiada. Tentando manter a formalidade longe de sua voz, ela disse: “Não foi problema algum.”

“Mesmo assim, obrigada.” O sorriso do animal-talento era tão caloroso quanto o próprio verão. “Tenho certeza de que você está bem ocupado sem ter que perseguir abelhas rebeldes.”

Clarion sorriu de volta, hesitante. “De nada.”

“Eu já vi você por aí antes?” A fada franziu a testa, procurando seu rosto como se tentasse localizar suas feições. “Você parece quase como—”

“Clarion?”

Clarion estremeceu ao som de seu nome — e à voz familiar do Ministro do Verão. *Exposta*. O medo tomou conta de Clarion quando ela se virou para encarar o ministro. Aurelia pairou logo atrás dela com um olhar de leve surpresa. Ela tinha pele negra e profunda e olhos tão dourados quanto pó de fada. Seu cabelo caía em mechas até os ombros. Hoje, ela vestia um vestido de mil-folhas; a saia em camadas espumava com flores, dispostas em cachos de rosa, laranja e branco.

“O que você ainda está fazendo aqui?” ela perguntou. “Eu pensei que você já teria retornado ao palácio.”

“Fiz um breve desvio”, ela respondeu fracamente. “Para descansar?” Aurelia se animou com isso. Ela foi moldada por uma eternidade de tardes lânguidas de verão e valorizava a paz e o silêncio acima de tudo. Aqui na Clareira do Verão, sempre havia tempo para um cochilo ou um copo de limonada. Mas enquanto cochilavam durante o calor do meio-dia, eles realmente ganhavam vida à noite. O verão era a única estação que nunca dormia de verdade. Se Clarion permanecesse aqui por tempo suficiente, aqueles que viviam sob a luz da lua — talentos de vaga-lumes e talentos de contagem de estrelas — emergiriam de seu sono.

“Minha brilhante protegida,” Aurelia arrulhou. “Viu? Você *está* aprendendo sobre o Verão.”

O elogio soou vazio, mas Clarion forçou alegria em sua voz. “Obrigada, Ministro.”

Ela sorriu indulgentemente. “Agora, se me der licença. Tenho que verificar meus talentos de luz.”

Com isso, ela saiu. Relutantemente, Clarion olhou para o animal-talento, que estava bem pálido. Ela abriu a boca para dizer algo, *qualquer coisa*, para deixá-la à vontade. Mas era muito tarde. Ela viu o momento exato em que a outra fada percebeu. O momento exato em que seu choque se transformou em mortificação — e algo como espanto. Clarion mal conseguia suportar.

“Princesa Clarion,” ela engasgou. “Eu sinto *muito*.”

Clarion levantou as mãos pacificamente. “Não há necessidade de se desculpar.”

“Mas há.” O talento animal curvou sua cabeça profundamente. “Vossa Alteza, por favor, perdoe-me por minha impertinência. Se eu soubesse...” Então ela nunca teria falado com Clarion.

O que mais havia para dizer? Silenciosamente, ela disse: “Você está perdoado.”

O talento animal abaixou a cabeça novamente. Murmurando um agradecimento ofegante, ela saiu correndo. De volta ao trabalho, sem dúvida — e de volta aos amigos.

Aquela dor familiar de solidão se desenrolou através dela como uma estrela em colapso. Por alguns minutos preciosos, Clarion quase conseguiu esquecer quem ela era. Aqui, não havia guardas a seguindo à distância. Ninguém prestando atenção quando ela passava. Nenhuma

conversa morrendo enquanto ela se aproximava. Nenhum sussurro ondulando em seu rastro. Mas nada disso importava no final. Mesmo aqui, ela não conseguia escapar do que ela era.

Ela deveria ter desejado isso: respeito, deferência, distância imparcial. Mas não queria. Mais do que tudo, ela queria a única coisa que parecia realmente impossível: ser *conhecida*. Elvina nunca iria...

Elvina.

Oh, estrelas. Se ela não fosse embora agora, ela iria se atrasar.

Ela desabotoou o broche em sua garganta e deixou cair a capa de viagem de seus ombros. Ela a pegou rapidamente em seus braços e levantou voo, irrompendo dos girassóis em uma rajada de luz dourada e pétalas douradas. Algumas abelhas que passavam preguiçosamente desviaram do curso para evitá-la.

Conforme ela subia mais alto no céu, ela arrastava um rastro de pólen atrás de si. Ela se permitiu um único momento para olhar para trás — e se arrependeu imediatamente. Os talentos da luz aparentemente tinham terminado seu trabalho da tarde. Eles se separaram em equipes e estavam lançando uma bola de luz para frente e para trás sobre uma rede. Mesmo dessa distância, Clarion podia ouvir seus gritos de riso — e os gritos misturados de triunfo e frustração quando uma equipe marcava um ponto.

A visão de seus súditos, tão completa e descomplicadamente felizes, deveria tê-la encantado. Mas agora, era apenas um lembrete doloroso de sua própria solidão real. Por mais que quisesse, ela nunca pertenceria verdadeiramente a eles.



A Árvore de Pó de Pixie surgiu à distância, imponente e exuberante com sua copa semelhante a uma nuvem. Cascatas em camadas de pó de pixie — tão douradas e brilhantes quanto a luz das estrelas — jorravam do coração de seus galhos mais altos e se acumulavam no ápice de seu tronco. Seus galhos se enrolavam protetoramente ao redor do Poço de Pó de Pixie antes de se desviarem em arcos elegantes e arabescos caprichosos. Clarion sempre pensou que um parecia um coração de cabeça para baixo, outro como o rabo de um gato curioso. E logo abaixo do poço, alojado em uma cavidade do tronco antigo da árvore, estava o palácio. Janelas pontilhavam a casca, cada uma iluminada por dentro. Mesmo daqui, Clarion conseguia distinguir o brilho da luz que ela havia deixado acesa em seu quarto, emanando suavemente das portas de vidro de sua sacada. Ela contava que voltar furtivamente seria a parte mais difícil dessa pequena empreitada, mas não havia previsto o desafio adicional de seu próprio atraso. Sério, ela estava em uma sequência tão boa de pontualidade. Elvina ficaria tão decepcionada em vê-la quebrada. Se ao menos Clarion tivesse conseguido dominar o teletransporte, uma das habilidades de talento de governo mais úteis. Elvina sempre fazia parecer tão fácil: dissolvendo-se em um redemoinho de pó dourado brilhante e então reaparecendo do outro lado da sala. Clarion uma vez conseguiu fazer sua mão esquerda desaparecer antes que ela voltasse à existência com uma vingança. Dado seu histórico com magia, ela estava meio convencida de que ela desapareceria para sempre, ou que acabaria do outro lado da sala sem o resto dela preso.

Ela pousou no emaranhado de galhos do lado de fora de sua sacada e diminuiu seu brilho. Com alguma sorte, ninguém estaria procurando por um lampejo de ouro entre a folhagem... embora ela secretamente se deliciassem em imaginar como seus súditos reagiriam à sempre digna Princesa de Pixie Hollow invadindo seus próprios aposentos. Imaginar a reação de Elvina, no entanto, era decididamente menos divertido. Felizmente, ela teve a visão de deixar as portas da sacada destrancadas. Ela as abriu cuidadosamente e então voltou para seu quarto. Assim que ela trancou as portas atrás dela, vozes abafadas filtraram do corredor. Clarion reconheceu instantaneamente Petra e Artemis.

“...me sentindo um pouco indisposta...” A voz de Petra, Clarion notou com agradável surpresa. Estava praticamente se desgastando sob a tensão de mentir.

Sua mais antiga — bem, sua *única* — amiga sempre foi péssima nesse tipo de coisa. Não ajudou que, mesmo depois de todos esses anos, Artemis — a guarda de Clarion — sempre conseguiu perturbá-la. Clarion supôs que apreciava o esforço, considerando que não havia pedido a Petra para protegê-la. Ela nem sabia que a esperava hoje.

Que momento oportuno.

Clarion cruzou o quarto e parou em frente à penteadeira, que estava abarrotada de frascos de fragrâncias e cosméticos. Uma rápida olhada no espelho confirmou que ela não tinha pólen espalhado pelo nariz nem pétalas soltas emaranhadas no cabelo. Ela parecia um pouco corada por causa do voo, mas não havia nada que não pudesse ser explicado. Petra dissera que se sentia mal, afinal. Clarion ficou tentada a usar a desculpa para se esquivar da aula, mas não fazia sentido adiar o inevitável. Ela havia feito pouco progresso em sua magia desde que Elvina começou a treiná-la, e não previa um avanço antes do próximo.

Um piscar de olhos chamou sua atenção. As nuvens tinham se deslocado, deixando uma onda de luz solar se derramar no quarto. Além do vidro das portas de sua sacada, ela foi recebida com a visão familiar das montanhas mantendo sua vigília sombria sobre a Floresta de Inverno. No calor da hora dourada, a neve que as cobria brilhava com um branco brilhante. Não importava quantas vezes ela colocasse os olhos nela, aquela beleza fria e austera nunca deixava de atordoá-la. Por mais tolo que fosse, Clarion ansiava por ver as montanhas de perto. Ela quase conseguia se imaginar no topo do cume delas: o vento em seus cabelos, a neve dançando ao seu redor, a beleza de Pixie Hollow vista daquela grande altura. Quão maravilhoso seria.

Elvina desencorajou qualquer linha de questionamento sobre Winter Woods, é claro. Mesmo assim, Winter não a assustava tanto quanto ela sabia que deveria. Da segurança quente e isolada de seu quarto, havia algo tão pacífico sobre isso — e tão terrivelmente solitário. Assim como ela.

Ninguém das estações quentes visitava a Floresta de Inverno há centenas de anos — desde antes de Elvina nascer, e quem sabia exatamente quanto tempo isso durava? Fadas com talento para governar viviam vidas longas. Clarion nunca havia entendido a falta de curiosidade de Elvina. Havia um outro reino inteiro que elas não conheciam por aí, cheio de fadas com as quais ninguém nunca havia falado. Apenas as fadas da primavera e do outono tinham visto fadas do inverno — e apenas à distância, enquanto cruzavam o Mar do Nunca a cada virada da estação.

Eles são tão frios quanto a estação, segundo os relatórios, e mal olham em nossa direção.

Clarion tentou imaginá-los, sombrios e monocromáticos contra um céu cor de ardósia, mas esses detalhes esparsos nunca a satisfizeram. Ela ardia com perguntas para as quais talvez nunca tivesse as respostas. Como deveria ser viver em um lugar tão hostil? Que tipos de problemas eles tinham? E como era o Guardião da Floresta de Inverno?

A voz de Ártemis soou no corredor: “Saia do caminho, consertador.” Um ruído estrangulado de protesto — então, a maçaneta balançou ameaçadoramente contra a fechadura.

“Princesa Clarion,” Ártemis chamou, “vim escoltá-la até os aposentos de Sua Majestade.”

Não havia mais como evitar, então. Se ela realmente se decidisse a isso — ou acreditasse que Clarion estava em perigo real — Ártemis era mais do que capaz de remover sua porta das dobradiças.

Clarion abriu a porta, ficando cara a cara com o punho de Ártemis erguido para bater. Petra, claramente no meio de um esforço valente para impedi-la, estava lutando para segurar seu antebraço. Ártemis ficou em posição de sentido imediatamente. Petra sufocou um grito de surpresa. Um rubor cobriu a ponta de seu nariz pálido e sardento.

Ártemis e Petra nunca deixaram de impressioná-la em contraste: Ártemis, alta com ombros largos; Petra, com ossos tão delicados quanto os de um beija-flor. Nenhuma delas, no entanto, jamais se preocupou em aprender o que fazer com o cabelo. Ártemis havia raspado o dela até o queixo, e ele emoldurava seu rosto de pele morena em fios pretos irregulares, como se ela tivesse passado uma faca cega nele por tédio, ou necessidade. Petra ostentava um choque de cachos ruivos brilhantes. Na maioria das vezes, ele ficava empilhado no topo da cabeça e preso no lugar com o que quer que ela tivesse em sua oficina. Hoje, ela havia escolhido um prego; o metal brilhava suavemente na luz. Um risco à segurança, no que dizia respeito a Clarion.

“Vossa Alteza”, disse Ártemis quando se recuperou, “você está se sentindo bem?”

Vossa Alteza. Por mais que Clarion tenha pedido, Ártemis nunca abandonou sua formalidade. O talento de escoteira tinha sido a sombra de Clarion desde que ela conseguia se lembrar: seguindo-a ou

permanecendo obedientemente ao seu lado nas ocasiões em que Clarion fazia aparições públicas. Mas, na verdade, Clarion sabia chocantemente pouco sobre ela, além de sua competência assustadora e sua insistência em pontualidade. Nenhuma delas tinha exatamente o hábito de compartilhar seus sentimentos com a outra.

“Muito melhor agora, obrigada.” Clarion viu de relance a expressão de pânico de Petra por cima do ombro de Artemis. Ela quase certamente estaria atrasada para sua aula agora, mas não podia simplesmente deixar Petra se lamentando em qualquer pior cenário que ela tivesse imaginado. Invocando sua voz mais majestosa, ela acrescentou: “Você pode me dar só um momento? Preciso falar com Petra. Sozinha.”

Artemis — obviamente pensando no horror indizível de chegar um minuto atrasado a um compromisso — parecia agoniada. No entanto, ela disse: “Claro, Vossa Alteza.”

Ela recuou pelo corredor e cruzou os braços atrás das costas em repouso de desfile. Sem dúvida ela estaria ouvindo, apesar de sua expressão estudiosamente indiferente. Todos os talentos de escoteiros eram incorrigivelmente intrometidos, mas Clarion supôs que era isso que os tornava bons em seus trabalhos.

Clarion conduziu Petra para seu quarto e fechou a porta atrás delas. Imediatamente, Petra agarrou o braço de Clarion. Em um sussurro estridente, ela exigiu: “Onde você estava? Eu parei para dizer olá, mas você não atendeu a porta. Então, Artemis me encurralou lá fora para perguntar se eu tinha visto você, e eu tive que inventar alguma coisa!” “Sinto muito. E obrigado. Eu tenho—”

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, Petra caiu no chão. Seu vestido, costurado com folhas verdes de bordo, amontoou-se ao redor dela. Ela soltou um longo gemido e aninhou a cabeça entre as mãos. Clarion quase a lembrou do objeto afiado espetando seu coque, mas pensou melhor. Claramente, ela tinha preocupações maiores no momento.

“Não sei como você consegue ficar sozinho com ela todos os dias”, disse Petra. “Ela é tão *intensa*. Você já tentou atrapalhar quando ela está pensando em alguma coisa?”

“De fato—”

“Eu te protegi o máximo que pude”, Petra continuou, “mas quando ela relatar o que eu fiz para Elvina, meus dias aqui estarão contados.”

“Obrigado por me cobrir,” Clarion conseguiu interromper. “Mas tenho certeza de que não é—”

“Talvez não seja tarde demais para escapar.” Depois que Petra começou, não havia muito que pudesse detê-la. Cada palavra saía dela com urgência crescente. “Ouvi dizer que algumas fadas ganham a vida em outros lugares, se escondendo em navios piratas ou—”

Clarion não sabia por onde começar a desembaraçar isso. Em vez disso, ela fingiu considerar. “Agora, essa é uma ideia. Imagino que eles teriam

muito trabalho para um consertador em um navio.”

Petra a olhou boquiaberta. “Você está tentando se livrar de mim!”

Clarion não conseguiu evitar sorrir. “Consertando redes, consertando o casco, consertando as painéis e frigideiras...”

“Tudo bem,” Petra resmungou, mas não havia veneno nisso. “Eu entendi.”

Clarion riu suavemente — mas rapidamente ficou séria com o olhar estranhamente agrídoce no rosto de Petra. Clarion entendeu perfeitamente. Fazia algumas semanas desde que se viam, e ainda assim, parecia que o tempo não havia passado. Embora não tivessem nascido da mesma risada, às vezes Clarion sentia como se fossem irmãs. Elas sempre compartilharam algum entendimento inato: nenhuma delas era exatamente o que parecia à primeira vista.

Poucas fadas levavam Petra a sério quando tudo o que se importavam em notar eram as coisas inquietas que ela dizia. Mas Clarion sempre amou ver sua mente girar como uma máquina fantástica. Na verdade, ela considerava catastrofizar um dos muitos encantos de Petra, agora que sabia como tirá-la disso. Por baixo de tudo, ela era brilhante, engraçada e leal — o tipo de fada que nunca deixava seus medos realmente a segurarem, não importa o quão poderosos eles fossem.

Ah, como ela sentia falta dela, mesmo quando ela estava aqui.

Anos atrás — antes de Elvina proibir Clarion de andar livremente, antes de seus deveres tomarem conta de todo o seu tempo livre — os dois eram inseparáveis. Eles saíam furtivamente — ou talvez mais precisamente, Clarion arrastava Petra aos chutes e gritos de sua oficina — para explorar, com a presença sofredora de Artemis logo atrás deles.

Agora, Clarion tinha seu treinamento, e Petra tinha seu trabalho.

Ela se especializou em trabalhos em metal intrincados, mas havia pouca coisa que ela não pudesse consertar ou fazer. Ao longo dos anos, ela havia criado tudo, de joias a utensílios e esculturas — e sonhava ainda mais alto. Certa vez, ela passou uma noite inteira explicando seus esquemas para uma prótese. Naturalmente, Elvina se encantou tanto com sua arte quanto com sua engenhosidade e a nomeou como a funileira pessoal da Coroa. Clarion ainda se lembrava de quão orgulhosa Petra estava — como sua excitação a tornara positivamente luminosa. Isso encheu Clarion com o tipo mais puro de alegria que ela já conheceu. Por mais que Clarion ansiasse por aqueles dias despreocupados que costumavam compartilhar, Petra merecia seu sucesso.

Ela merecia felicidade.

Clarion ofereceu as mãos a Petra. Quando ela as pegou, Clarion a puxou do chão e a guiou de volta para o ar. “Vejo você assim que puder.” Depois de um momento, ela acrescentou, “Eu te aviso se você precisar fugir para uma vida no mar.”

Petra gemeu lamentavelmente. “Ótimo.”

Clarion abriu a porta do quarto. Com um último suspiro sitiado, Petra voou pelo corredor. Ela parou por apenas um momento para lançar um

olhar demorado para Artemis. Artemis, por sua vez, permaneceu perfeitamente impassível, mas Clarion não confundiu a tensão em seus ombros.

Honestamente. Um dia desses, Clarion orquestraria algum tipo de intervenção. Dez anos de desânimo já eram tempo suficiente.

“Estou pronta”, ela disse.

As portas do quarto dela se abriam para uma vasta câmara: uma cavidade que se formara no tronco. Passarelas e escadas de madeira traçavam o perímetro, descendo em espiral até um nível de cerne sólido. Abaixo disso estava o coração vivo da árvore, onde a magia fluía através dele como seiva, até as veias mais estreitas de suas folhas e para suas raízes mais distantes.

Juntos, eles subiram as escadas em espiral em direção aos aposentos de Elvina. As paredes estavam gastas com o tempo e esculpidas pelas mãos de incontáveis carpinteiros talentosos. Clarion sempre encontrava algo novo para admirar quando passava. Aqui e ali, uma imagem a atingia: uma íris ornamentada, os olhos redondos de uma coruja, a curva do rio que cortava Pixie Hollow. Em alguns lugares, a arte estava escondida por pedaços de musgo e trepadeiras floridas, mas Clarion ainda conseguia ver tinta com infusão de pó de fada brilhando por baixo. Ninguém nunca raspou a folhagem; a Árvore de Pó de fada, é claro, deveria ter uma mão em seu próprio estilo.

Eles pararam em frente ao enorme conjunto de portas que ficavam diante dos aposentos de Elvina, cada uma gravada em detalhes de tirar o fôlego com uma metade espelhada da Árvore do Pó de Pixie. Artemis abriu-as para ela, deixando uma lâmina de luz do sol do fim da tarde cortar a passarela. Respirando fundo, Clarion entrou — e foi recebida pela parede de retratos.

Pinturas de todas as rainhas que vieram antes dela a encaravam, todas elas equilibradas e poderosas. Com séculos de diferença, cada uma foi feita em um estilo radicalmente diferente — mas todas elas foram feitas por uma mão reverente. Elas a encheram de um temor silencioso.

Parecia impossível que seu retrato fosse pendurado ao lado do delas.

Quando era mais jovem, ela as procurava por qualquer semelhança com ela. Algumas compartilhavam sua pele clara ou olhos azuis encapuzados, outras seus cabelos castanhos mel. Mas todas elas tinham as mesmas asas: luminosas e douradas e em forma de borboleta monarca. Agora, ela só se preocupava que se olhasse muito de perto, encontraria decepção em seus rostos.

Clarion desviou o olhar dos retratos. No final da fileira estava Elvina, sua silhueta cortada na janela iluminada pelo sol. Ela usava um vestido dourado com saias largas e babadas; o tecido brilhava com o pó de fada tecido nele. Partículas douradas saíam da cauda de seu vestido e brilhavam no chão, girando apaticamente pelo ar. Uma coroa — a feita por Petra, Clarion notou — estava no topo de sua cabeça; ela se erguia

bem acima dela, curvando-se para trás no formato dos chifres de uma cabra. Nela, ela parecia imponente, exatamente como uma fada com talento para governar deveria ser.

“Você está atrasado,” ela disse cansada. Não era uma acusação, mas sim uma declaração. Já tinha acontecido antes. Ambos sabiam que aconteceria novamente.

Clarion fez o melhor que pôde para não murchar diante de sua insatisfação. “Sinto muito.”

Elvina se virou para encará-la. Clarion não pôde deixar de notar o quão cansada a rainha parecia hoje. Mechas grisalhas atravessavam seus cabelos castanhos, e o brilho de seu vestido desbotava os tons frios de sua pele branca. Mesmo assim, sua expressão não tolerava argumentos ou humilhações. Havia algo incognoscível em seus olhos verdes, o olhar remoto e intransigente de uma fada que vivera cem vidas. Às vezes, isso assustava Clarion, esse vislumbre de seu futuro.

“Por um bom motivo, eu acredito”, disse Elvina.

“Oh, sim. Uma razão muito boa.” Qual *era essa razão*, ela ainda não sabia. Mas certamente ela poderia inventar alguma explicação razoável se fosse solicitada.

Elvina fez um som desdenhoso, como se os detalhes não lhe dissessem respeito. Clarion mal conseguia acreditar em sua sorte. “Você tem praticado as técnicas que discutimos?”

Clarion assentiu. Ela tinha. Claro que tinha. Ela não podia dizer, no entanto, que tinha feito muito progresso nos últimos meses — um fato que a desanimava infinitamente. Desde o momento em que uma fada abria os olhos pela primeira vez, elas sabiam exatamente qual era seu talento: sua afinidade mágica, sua vocação na vida, a coisa que vinha a elas tão facilmente quanto respirar. Talentos, segundo a maioria dos relatos das fadas, davam a todos em Pixie Hollow propósito e alegria. Clarion duvidava muito que os seus próprios fossem tão fáceis.

Elvina lhe dissera que a magia do talento de governar estava enraizada na emoção — ou melhor, na ausência dela. Somente com perfeita clareza mental e foco completo ela poderia encontrar a liberdade de manipular a luz das estrelas queimando intensamente dentro dela. Mas por mais que Clarion tentasse — seja por meio de respiração, exercícios ou pura força de vontade — ela não conseguia se esvaziar de sentimentos. Ela não conseguia se livrar daquela fome desesperada por conexão.

“Bom”, disse Elvina. “Deixe-me ver.”

Em um instante, as mãos de Clarion ficaram frias de nervosismo. Não, ela não podia se desesperar ainda. Talvez dessa vez fosse diferente. Ela estendeu a mão. Bem no fundo do peito, ela sentiu aquela fonte infinita de magia. Se ela aplicasse pressão suficiente se ela segurasse com toda a sua força, ela poderia dobrá-lo à sua vontade.

Foco, ela pensou. *Controle-o*.

Por um momento, uma luz dourada floresceu no centro de sua palma. Ela tremeluziu como uma vela na brisa, mas uma esperança hesitante acendeu dentro dela. Ela se sentiu tonta com o esforço, mas com apenas um pouco mais...

A luz estalou e depois morreu. Clarion bufou, fechando os dedos em volta da brasa moribunda como se pudesse mantê-la. Ela tentou não deixar sua decepção transparecer em seu rosto.

Do outro lado da sala, uma luz brilhante brilhou. Quando Clarion olhou para cima, Elvina estava iluminada por seu poder. Ele se equilibrava em sua palma como uma estrela em miniatura, projetando os planos de seu rosto e todo o ambiente em alto relevo. Ele emitia tanto brilho e calor que Clarion teve que resistir à vontade de levantar o braço para se proteger.

Diferentemente das fadas com talento de luz, as fadas com talento de governo não precisavam manipular uma fonte de luz. Nascidas de estrelas caídas, elas carregavam poços de luz estelar dentro de si. Sua magia podia cortar a escuridão absoluta — e quase tudo mais em seu caminho. Ela podia ser moldada em um escudo para proteger o reino. Mais do que tudo, era um símbolo: algo em que os cidadãos de Pixie Hollow podiam acreditar.

Elvina cerrou o punho e a luz se apagou. “Clarion.”

Lá vem. Clarion educou seu rosto para a neutralidade enquanto se preparava para sua palestra.

“Sua coroação está a um mês de distância.”

Clarion abaixou a cabeça. “É.”

“Você ainda não dominou a habilidade mais fundamental da nossa magia.”

“Eu não”, ela disse, com um leve tom de voz.

A Rainha de Pixie Hollow exigia domínio da política, organização e liderança, mas também a magia única para fadas com talento de governo. Uma magia que Clarion vinha lutando para aperfeiçoar desde que seu treinamento começou oficialmente. Ela não conseguia se teletransportar. Ela não conseguia produzir mais do que um lampejo de luz. Evidentemente, ela não conseguia nem ajudar uma única *abelha* sem horrorizar seus súditos.

Depois de um momento de fragilidade, Elvina perguntou: “Onde você estava?”

Que sentido havia em esconder isso? Ela suspirou em derrota. “A Clareira de Verão.”

Os lábios de Elvina se estreitaram. Ela não precisava falar para Clarion sentir todo o peso de sua desaprovação. O olhar em seus olhos dizia: *Já passou da hora de deixar de lado as coisas infantis.* “Por que você não voltou aqui depois da sua reunião?”

“Eu pretendia voltar na hora, de verdade. Mas quando eu estava saindo, houve—” Ela se interrompeu antes que pudesse se perder em detalhes

que Elvina não queria ou precisava. “Pensei em oferecer minha ajuda a um talento animal.”

A surpresa de Elvina era palpável. “Isso não é da sua conta. Tenho certeza de que aquela fada tinha seus negócios muito bem controlados.”

“Mas ela me agradeceu,” Clarion protestou. “Talvez ela precisasse—”

“Eu entendo que você se sinta constrangida pelo nosso papel. Mas você não pode ajudar todas as fadas necessitadas, e certamente não pode fazer amizade com todas elas. Uma boa rainha deve se concentrar na tarefa em questão — e ajudar em *escala*. Este é um vasto reino.” Elvina flutuou até a janela. Aqui, nos galhos mais altos da Árvore do Pó de Pixie, elas podiam ver metade do Vale das Pixie estendida diante delas. “Tudo isso é sua responsabilidade. Você entende o que isso significa?”

“Claro que sim.”

“Você é jovem.” Elvina franziu a testa. “Você não conheceu o conflito — não o conflito *real*, aquele que ameaça todas as pessoas sob sua proteção. Você deve estar preparada. Até que você domine o básico, você não pode tentar resolver problemas que são muito mais complicadas do que parecem à primeira vista. Estou confiando tudo o que tenho a você.” O tom dela deixou espaço para algo não dito. Havia tantas coisas que ela poderia preencher. *Não vou ver você desperdiçar isso. Não sinto que você consiga lidar com isso.*

“Para ser uma boa rainha—”

“É ser tão fria e distante quanto a estrela da qual você nasceu,” Clarion terminou para ela. Era o princípio que fundamentava a filosofia de governança de Elvina, um que tinha sido impresso em Clarion desde o dia em que ela chegou.

Elvina a nivelou com um olhar fixo. “Eu sei que não é fácil para você. Mas essa é a única maneira de manter a imparcialidade — a única maneira de fazer os cálculos necessários para governar de forma justa.”

Mas se essa era realmente a única maneira, por que ela chegou assim ?

Quando ela emergiu de sua estrela, um senso de propósito ardia dentro dela. Essa certeza parecia tão distante agora. Às vezes, ela suspeitava que tinha piorado em magia quanto mais perto sua coroação se aproximava. Às vezes, mais profundamente, ela se preocupava que talvez a qualquer dia, uma nova estrela cairia na Terra e um novo herdeiro surgiria, tão perfeito quanto a própria Elvina. Tão perfeito quanto Clarion falhou em ser.

“Eu entendo”, ela murmurou.

O semblante severo de Elvina suavizou-se. “Você está sob muita pressão. Mas ela chegará até você, Clarion.”

Mas quando? O pensamento doeu mais fortemente do que ela esperava.

“Obrigada.”

“Vá descansar um pouco”, disse Elvina. “Você está pronta para comandar a reunião do conselho amanhã.”

Ela quase tinha esquecido. Semanalmente, os Ministros Sazonais se reuniam para discutir o estado das coisas dentro de cada um de seus reinos. Qualquer coisa, de disputas a solicitações de recursos, era levada a Elvina.

E começando amanhã, Clarion supôs, antes *dela* .

Amanhã, então. A partir de amanhã, ela tentaria *agir* como a rainha que Pixie Hollow precisava.



Na manhã seguinte, com a advertência de Elvina ainda ecoando em seus ouvidos, Clarion se preparou para a reunião do conselho: a primeira que ela correria sozinha. Para garantir, ela folheou uma última vez os papéis em sua escrivaninha, uma coleção de resumos de seus ministros. A agenda de hoje era misericordiosamente — e surpreendentemente — leve. Pixie Hollow estava mais movimentada nas semanas que antecediavam cada virada sazonal. Com o solstício a um mês de distância, o fim da primavera dificilmente constituía uma calmaria.

Sem mencionar a questão da sua coroação.

Sua coroação. Só de pensar nisso, seus nervos se inflamavam com intensidade renovada. Logo, Clarion tomaria as decisões que garantiriam que o reino funcionasse como deveria e que as estações mudassem sem problemas. Não apenas Pixie Hollow dependia dela — mas também o Continente e todos os humanos dentro dele.

A pressão a quebraria se ela se demorasse muito nisso. Em vez disso, ela colocaria o conselho de Elvina em prática e se concentraria na tarefa em questão. Se ela não pudesse manifestar uma explosão de magia, então ela pelo menos conduziria uma reunião com equilíbrio inequívoco. Hoje, Elvina não encontraria nenhuma falha nela.

Ela se levantou e, imediatamente, um arrepio passou por ela. Clarion se virou, meio que esperando encontrar alguém — ou alguma *coisa* — observando-a através das portas de vidro de sua sacada. Mas era apenas seu próprio reflexo cansado olhando para ela, emoldurado como um

retrato por galhos entrelaçados — e além dele, as montanhas da Floresta de Inverno. As mais altas delas se erguiam em picos curvos, alcançando umas às outras na forma de uma lua crescente. Na luz do início da manhã, toda a neve estava lavada de rosa como uma concha. Às vezes, ela quase conseguia imaginar que as montanhas estavam olhando para ela.

Durante toda a sua vida, ela ouviu que fadas de inverno não eram confiáveis. Poucas histórias restavam que explicassem a fonte de seu conflito, mas Clarion tinha visto uma ou duas apresentações teatrais que abordavam o conflito que havia separado seus mundos. Ela ainda se lembrava de estar sentada ao lado de Elvina — sem fôlego, com as mãos brancas apertando o corrimão do camarote de ópera — enquanto Saga, a mais talentosa contadora de histórias de Pixie Hollow, tecia o conto de Titânia, a primeira Rainha de Pixie Hollow.

Enquanto ela falava, imagens brilhavam em uma nuvem de pó dourado atrás dela. Flashes de lanças de gelo e flechas de pena. A Árvore de Pó de Pixie, nada mais que uma muda se curvando ao vento. O Guardião da Floresta de Inverno e sua coroa cruel e serrilhada, envolta por uma escuridão imponente.

Em particular, Clarion achava o drama disso terrivelmente romântico. Elvina, enquanto isso, zombou quando um dos conselheiros de confiança de Titânia morreu sua morte trágica. Mas, apesar de toda a sua teatralidade, a lenda nunca expôs os detalhes que Clarion desejava. contava apenas sobre algum vago desentendimento entre os dois governantes — e uma força obscura que havia consumido o Guardião dos Bosques de Inverno. Isso, para a maioria dos cidadãos das estações quentes, era o suficiente para desencorajar qualquer curiosidade sobre seus vizinhos.

Clarion reuniu suas anotações e destrancou as portas da sacada. O ar frio a envolveu, e os sons de Pixie Hollow despertando filtraram-se de cima. Com um bater de asas, ela saltou para as balaustradas da sacada, depois para o ar.

Ela ascendeu, afastando folhas e galhos, até que conseguiu ver a fonte do Poço de Pó de Pixie. Uma cascata de pó dourado derramou-se de um buraco e caiu sobre as pétalas cor-de-rosa de um lírio. O excesso pingou sobre camadas de cogumelos ostra perolados até que finalmente desaguou no poço, embalado no nexo espiralado dos galhos da árvore. O pó de pixie — a força vital da sociedade deles — era produzido bem no fundo do coração da árvore. Ninguém sabia exatamente como ou por que, embora os dustologistas tivessem escrito densos tomos acadêmicos e discutido teorias por séculos. Tudo o que Clarion sabia com certeza era que a magia fluía através dele, inundando todo o Vale das Fadas com sua vasta rede de raízes. Se ela se permitisse parar, ela podia sentir tudo ao seu redor, quente e reconfortante. Fazia o ar cheirar doce, como chá com

mel e rolinhos de canela crescendo em um forno. Sua presença sutil nunca deixava de enchê-la de admiração.

Tão cedo, todos começaram a fazer fila para sua ração diária de pó: uma xícara de chá e nada mais. As fadas guardiãs do pó estavam com os tornozelos na água rasa do Poço de Pó de Pixie, mergulhando suas xícaras na piscina. Com eficiência que Clarion admirava, elas despejaram sobre cada fada. Sem isso, o voo seria impossível; as asas de uma fada não conseguiriam suportar seu peso sem ajuda. Por todo o caminho até a fila, as fadas fofocavam e riam. Algumas carregavam xícaras cheias de chá de dente-de-leão, ansiosas por um chute de energia; outras ainda zumbiam com a energia de seus turnos noturnos. Um dos pardais homens abaixo a notaram meio escondida atrás de uma cortina de folhas. Ela levantou uma mão em um aceno envergonhado. Ele empalideceu, então desviou o olhar, tentando fazer algo complicado e de aparência industriosa com a folha de grama em suas mãos.

Clarion tentou não murchar de decepção. Petra sempre dissera que sua expressão transmitia uma certa *realeza*, assim como sua voz. Não era como se houvesse algo que ela pudesse fazer sobre qualquer uma dessas coisas.

“Vossa Alteza.”

Clarion soltou um suspiro de surpresa. Ela esticou o pescoço para encontrar Artemis sentada em um dos galhos logo acima dela. Ela sempre conseguia se esconder à vista de todos — um talento impressionante, embora ocasionalmente assustador.

“Bom dia”, disse Clarion, um pouco sem fôlego.

Sua guarda tinha uma expressão beirando a simpatia. Era sempre difícil dizer com Artemis, que dominava a sutil arte do estoicismo. Mas às vezes, Clarion pegava Artemis observando os outros talentos de escoteira quando eles saíam em patrulha com algo como anseio em seus olhos. Na única ocasião em que Clarion perguntou a ela sobre isso, Artemis havia se fechado completamente. Algumas feridas, Clarion supôs, não devem ser cutucadas.

“Eles não estão acostumados com uma rainha que acolhe a familiaridade,” Ártemis disse rispidamente. “É apenas respeito que eles estão lhe oferecendo.”

Respeito, era? Mesmo que ela quisesse, ela dificilmente se sentia digna disso. Ainda assim, as tentativas hesitantes de Artemis de confortá-la nunca falharam em trazer *alguma* alegria. Artemis nunca admitiria, é claro, mas Clarion suspeitava que havia uma alma sensível enterrada em algum lugar sob aquele exterior frio e profissional. Um dia desses, ela poderia revelar isso.

“Claro.” Com brilho forçado, Clarion perguntou: “Vamos?”

Ártemis assentiu.

Fazendo o melhor para ficar fora de vista, Clarion os levou para as câmaras do conselho, localizadas logo abaixo do Poço de Pó de Pixie.

Não havia porta para falar; em vez disso, as laterais do teto abobadado tinham sido esculpidas de modo que parecia ser envidraçada com amostras de céu aberto. Desenhos intrincadamente enrolados, renderizados em tinta brilhante de pó de pixie, preenchiam as finas tiras de casca deixadas entre cada painel. Escondidos dentro dos padrões estavam os símbolos de cada estação: a flor Evergreen para a primavera; a lua cheia para o outono; um arco-íris para o verão; e um floco de neve para o inverno. Isso sempre intrigou Clarion. Se seus reinos sempre foram separados um do outro, por que os talentos da arte incluíram o inverno em seus designs?

À medida que se aproximavam, o som abafado dos ministros discutindo entre si chegou a Clarion através do teto aberto. O que havia para discutir tão cedo naquela manhã estava além de sua compreensão. Ela supôs que isso vinha com relacionamentos de trabalho infinitamente longos. Havia um número infinito de pequenas disputas e desentendimentos políticos para desenterrar e litigar, cujas origens Clarion havia apenas vagamente reunido desde sua chegada. De qualquer forma, eles nunca se cansavam de debater qual das estações importava mais. Ela se preparou ao entrar na câmara.

Lá dentro, os três Ministros Sazonais se reuniram em volta de uma longa mesa que ocupava quase a totalidade da sala. O Ministro da Primavera parecia estar fazendo algum tipo de discurso apaixonado, ao qual o Ministro do Outono assentiu vagamente. O Ministro do Verão, enquanto isso, parecia prestes a adormecer onde estava. Mas assim que a notaram, um silêncio caiu sobre eles. Era parte da magia do talento de governar, ela aprendeu: uma habilidade de comandar a atenção de uma multidão. Ártemis se encolheu nas sombras, caindo em um descanso perfeito de desfile. Clarion manteve o queixo erguido enquanto se dirigia para a cabeça da mesa, onde Elvina geralmente ficava. De alguma forma, a sala parecia completamente diferente daquele ponto de vista.

Mais perto dela estava o Ministro do Outono — Rowan — que lhe lançou um sorriso fácil. Como sempre, ele parecia ter acabado de sair do frio; suas bochechas pálidas estavam vermelhas. Seus olhos castanhos brilhavam para ela, e cabelos ruivos se enrolavam em volta de suas orelhas. Ele usava uma capa de retalhos de folhas de outono presa com um broche castanho polido. Clarion gostava mais dele, mesmo que apenas porque ele ousava falar fora de hora na presença dela. Ele era afiado, agradável e apenas *ocasionalmente* propenso a crises de melancolia.

Ao lado dele estava a Ministra do Verão, Aurelia, que levantou o queixo em reconhecimento. Hoje, ela estava vestida com a flor completa de sua estação: um vestido de hortênsias, um colar de zínias e pulseiras de rosas. Ela havia arrumado o cabelo em um coque elaborado no topo da cabeça.

E então, havia a Ministra da Primavera — Iris — que ofereceu a Clarion um pequeno aceno de seus dedos. Ela havia escolhido um vestido de floco de neve de saia larga, e um novo crescimento delicado estava tecido em uma coroa ao redor de suas têmporas, emoldurando seu rosto em longos tentáculos. Ela tinha uma pele quente e arenosa e olhos quase tão pretos quanto seu cabelo, que caía longo e solto até o meio das costas. Como sua estação, ela era leve e arejada, volúvel e ansiosa: uma personalidade brilhante o suficiente para despertar a natureza de seu sono.

Esta tinha sido a comitiva de Elvina desde que Clarion estava viva. Ainda assim, ela não conseguia deixar de sentir que eles estavam incompletos sem um Ministro do Inverno. Em algum lugar do outro lado da fronteira, o Guardião da Floresta de Inverno governava em solidão sobre seu reino congelado. Mas mesmo que as estações quentes e o Inverno estivessem em bons termos, não era como se o Guardião da Floresta de Inverno pudesse participar de suas reuniões. Fadas quentes não conseguiam suportar o frio do Inverno; depois de apenas alguns minutos, suas asas ficariam quebradiças e se quebrariam. As asas das fadas do inverno, enquanto isso, derreteriam como geada sob o sol da primavera.

Iris sorriu radiante para ela. “Bom dia, Vossa Alteza!”

Clarion se assustou. A alegria que ela conseguia reunir, mesmo na primeira hora, nunca deixava de atingi-la. “Bom dia.”

“Ouvi dizer que você está nos liderando hoje,” disse Rowan, abaixando a voz conspiratoriamente. “Finalmente convenceu Sua Majestade a ir mais devagar para variar, hmm?”

Clarion espalhou suas anotações na mesa à sua frente. “Não é nada como —”

Antes que ela pudesse terminar sua frase, as portas se abriram para deixar Elvina entrar. Ela entrou na sala em um turbilhão de pó de fada e saias diáfanas. Os ministros imediatamente ficaram em posição de sentido, todos murmurando “Vossa Majestade” em uníssono. Elvina, no entanto, não parou para gentilezas. Ela não disse nada enquanto tomava seu lugar na extremidade oposta da mesa. Então, ela fixou Clarion com um olhar expectante. Direto ao assunto, então.

“Eu, por meio deste, convoco esta reunião para ordem.” Clarion limpou a garganta quando sua voz vacilou, apenas um pouco. “Começaremos com os relatórios dos ministros. Ministro do Verão, você pode, por favor, compartilhar algum novo negócio?”

“Estamos quase prontos para a virada sazonal,” Aurelia disse languidamente. “Tenho pouco a relatar, além de sua coroação.”

Elvina não disse nada, mas parecia visivelmente desconcertada. Clarion fez o melhor que pôde para deixar isso bem longe da mente. A alternativa era dar peso àquele medo silencioso dentro dela: que Elvina não confiava nela para assumir seu papel.

“Os preparativos estão ocorrendo conforme o planejado”, Aurelia continuou. “Nós reunimos quase toda a luz do sol que precisamos e identificamos o local perfeito. Quando tiver um momento livre, Vossa Alteza, pedirei que venha para aprovar.”

Em sua cadência calorosa e arrastada, Aurelia descreveu os outros projetos em que suas fadas estavam trabalhando na semana passada. Quando terminou, Iris estava praticamente vibrando com uma excitação mal contida.

“Continuaremos com o Ministro da Primavera—”

“Estou *tão* feliz que você perguntou, Vossa Alteza. Meus talentos de jardinagem estão trabalhando duro nos arranjos florais. Mas há apenas algumas pequenas coisas que eu quero acertar...” Iris pegou nada menos que cinco buquês debaixo da mesa. Rowan olhou em espanto silencioso enquanto ela os colocava em uma fileira organizada. “Fale-me sobre cores. O que você acha delas? Também poderíamos ir em uma direção completamente diferente e—”

Clarion se sentiu apenas um pouco sobrecarregado. “Eu confio em você, Ministro. Tenho certeza de que vai ser lindo.”

“Certamente será.” Iris se exibiu. “Ooh! Mas isso ainda deixa a questão dos mosaicos de gotas de orvalho... Os talentos da água têm experimentado designs. Claro, não posso trazê-los aqui, mas talvez em breve você possa vir à Springtime Square, e podemos repassar *todos* os detalhes.”

“Estou ansiosa por isso”, disse Clarion, e ela descobriu que falava sério. Mesmo que ela não tivesse o mesmo olho para design que Iris tinha, seu entusiasmo era, reconhecidamente, contagiante. “Ministra do Outono...?”

“Eu”, disse Rowan, pesaroso, “não tenho nada a contribuir no momento — pelo menos não para sua coroação.”

Era compreensível. Embora o outono não chegasse ao Continente por meses, preparar-se para a mudança sazonal exigiu muita coordenação e esforço. Antes que pudesse dizer isso, Iris soltou um suspiro.

“Ah, mas você *precisa*”, disse Iris. “Preciso pegar emprestado alguns dos seus fast-flyers.”

“Ah, certo.” Rowan deu um tapinha no queixo. Um tom provocador surgiu em seu tom. “Agora, por que isso de novo?”

“Para carregar as pétalas para—Ugh!” Iris levantou as mãos “Escute. Se você não consegue apreciar minha visão artística—”

“Já que estamos no assunto,” Aurelia interrompeu, “eu poderia usar alguns consertadores, se você ainda não colocou todos eles para funcionar.”

“Uma preocupação mais prática”, Rowan refletiu. “Mas não estou convencido de que posso poupá-los.”

Enquanto os três vagavam pelas estradas secundárias de sua tangente, Elvina fixou Clarion com outro olhar falante do outro lado da mesa. Este disse, *Bem?*

Certo. Cabia a ela dar início à reunião.

“Se me permite,” Clarion interrompeu, mais suavemente do que pretendia. Mesmo assim, eles ficaram em silêncio. Todos os olhares na sala pousaram nela novamente. Determinada a não perder a coragem, ela continuou, “Certamente podemos arranjar um cronograma que funcione para todos. Talvez o Ministro do Outono possa dispensar algumas fadas por um dia na semana...?”

Rowan olhou para Elvina, como se buscasse sua aprovação. Elvina apenas deu um vago aceno de mão, como se dissesse, *Como ela quiser.* Satisfeito, Rowan assentiu.

Clarion não conseguiu conter um sorriso. Talvez ela tivesse conseguido uma pequena vitória: uma resolução para um problema que lhe fora trazido. Antes que ela pudesse continuar a reunião, no entanto, um talento escoteiro quase caiu na sala vindo de cima.

Todos os cinco pularam de surpresa.

A batedora escapou por pouco de bater na mesa. No entanto, ela saudou Elvina, mesmo enquanto lutava para equilibrar sua respiração. Era como se algo a tivesse perseguido até aqui. Clarion arriscou um olhar para Artemis. Curiosidade e preocupação guerreavam em sua expressão, mas ela não saiu de seu posto.

Elvina se levantou, assumindo mais uma vez seu papel de rainha. “O que foi?”

“Peço desculpas pela interrupção, Majestade”, o talento escoteiro ofegou, “mas pouco antes do amanhecer, um monstro foi avistado em Pixie Hollow.”

Um silêncio frio desceu sobre eles.

Iris falou primeiro, sua confusão evidente em sua voz. “Um monstro? Como um falcão, ou—”

“Não, Ministro,” o batedor respondeu gravemente. “Um monstro. Não sei mais como chamá-lo. Ele cruzou do Inverno para a Primavera.”

Um monstro? Do inverno? Clarion não conhecia nada além de fadas do inverno e alguns animais prosperavam lá, muito menos *monstros*. Mas quando ela olhou para Elvina, a rainha não pareceu nem um pouco abalada. Por outro lado, ela manteve a compostura em todas as situações, não importa o quão perigosas. Por mais que isso confundisse Clarion, ela sempre admirou e invejou isso em Elvina. Uma verdadeira rainha de Pixie Hollow não poderia mostrar rachaduras.

“E como era esse monstro?”, perguntou Rowan cautelosamente.

“É difícil situar, senhor. Algo como uma raposa, mas não como nenhuma raposa que eu já tenha visto. Tinha algo como um brilho, ou uma sombra...” O batedor parou de falar, ficando mais pálido. “Nós o seguimos o máximo que pudemos, mas o perdemos de vista quando o sol nasceu.”

“Mande chamar a comandante imediatamente”, disse Elvina. “Eu a verei aqui.”

Com o conforto de seguir uma ordem, a batedora recuperou um pouco da compostura. Ela voltou à posição de sentido. “Sim, Vossa Majestade.”

“Depois de fazer isso, pegue sua unidade e garanta que todos os cidadãos entrem”, Elvina continuou. Uma carranca preocupada vincou sua testa. “Até que possamos identificar a ameaça, ninguém sai.”

“Sim, Vossa Majestade.”

Ártemis se animou, seus dedos se contraindo em direção à espada amarrada em seu quadril. “Vossa Majestade, se houver algo que eu possa —”

“Você não abandonará seu posto ao lado da princesa”, Elvina respondeu friamente.

Clarion sentiu uma pontada de simpatia pela forma como Ártemis murchou. Curvando a cabeça, ela disse: “Claro que não.”

Elvina sacudiu o pulso para o outro batedor. “Vocês estão dispensados. Quanto ao resto de vocês, esta reunião está encerrada. Por uma questão de segurança, não saiam do palácio até ouvirem o contrário.”

“Mas, Vossa Majestade, não posso ficar aqui,” Iris protestou. “Se chegasse pela primavera—”

O olhar no rosto de Elvina não admitia discussão. “Os escoteiros vão cuidar disso.”

“Sim. Claro,” Iris respondeu, mas Clarion não confundiu a preocupação em seu tom. Aurelia descansou uma mão firme em seu ombro e apertou. O farfalhar de papel e murmúrios baixos encheram a sala. Clarion observou os ministros saírem, com um medo frio alojado no fundo do peito. *Um monstro*. Como uma coisa dessas poderia ser possível?

“Você também, Clarion,” disse Elvina cansadamente. “Vá para seu quarto.”

A indignação explodiu dentro dela. Era isso, então? Dispensada, assim como os outros, como se ela não fosse nada mais do que uma criança? Esta reunião — uma oportunidade de demonstrar sua capacidade — tinha dado errado. E agora, Elvina a deixaria de fora de algo tão importante? “Eu posso ajudar.”

“Você não pode. Este não é um assunto que lhe diz respeito.”

Deveria tê-la destruído por ter a confirmação de todos os seus piores medos: Elvina não precisava dela. Em vez disso, aquela semente de raiva explodiu em plena floração dentro dela. Ela voou pela sala rapidamente, seu brilho se intensificando e lançando uma luz âmbar nas paredes ao redor deles. “Como isso pode não me preocupar? Espera-se que eu governe todo o Vale das Fadas dentro de um mês.”

Por fim, Elvina olhou para ela — olhou *de verdade* para ela. Claramente, Clarion a havia chocado, porque ela não respondeu por alguns longos momentos. “Só quero dizer que você não deve se preocupar com isso.” Clarion não conseguia aceitar isso. “Mas eu não deveria aprender a lidar com uma crise?”

“Ainda há tempo para te ensinar. Esse tempo não é *durante* uma crise. Confie em mim. Eu tenho isso em mãos.” Elvina descansou as mãos nos ombros de Clarion. Elas pesavam muito sobre ela, e Clarion encontrou sua resistência momentaneamente sufocada sob seu choque.

Elvina raramente a tocava, raramente demonstrava qualquer tipo de ternura para com ela. E ainda assim, Clarion não conseguia esquecer o jeito como Elvina a olhou quando ela surgiu da estrela pela primeira vez em seu Dia de Chegada. Ela ajudou Clarion a sair da cratera, então embalou seu rosto com algo como admiração e terrível reconhecimento brilhando em seus olhos. Isso encheu Clarion com tanta tristeza — uma que ela não entendia e não conseguia entender.

Antes que ela pudesse responder, a Capitã dos Batedores, Nightshade, chegou voando. Ela estava vestida com trajes completos — uma couraça e placas de armadura de casca de árvore amarradas em seus antebraços e canelas, tudo brilhando ameaçadoramente — e carregava uma lança na mão e uma aljava de flechas de grama-serra nas costas. Seu cabelo loiro estava preso em um coque severo na nuca, que estava bronzeado pela exposição ao sol.

“Vossa Majestade. Vossa Alteza.” Ela apertou o punho sobre o coração em saudação. “Deveríamos discutir logística.”

“Nós deveríamos,” Elvina concordou. “Clarion—”

“Por favor, deixe-me ficar,” Clarion pressionou. “Eu não vou interromper.”

“Está fora de questão”, Elvina retrucou. “Vá.”

Clarion só conseguia encará-la, atordoada. Elvina já tinha ficado impaciente ou desapontada com ela antes, sim — mas nunca tinha sido tão curta. Sem outra palavra, ela se virou para Nightshade e começou a falar com ela em voz baixa. Clarion, ericada de humilhação ofendida, entendeu que esse era de fato o fim da discussão. Elvina havia prometido lhe ensinar tudo o que ela precisava saber — e que melhor maneira de aprender do que observando? Claramente, sua percepção não era valiosa ou bem-vinda.

Ela estava meio que pensando em escutar na porta como uma criança mandada para a cama. Ela tinha jurado fazer melhor — comportar-se com a dignidade condizente com seu papel. E ainda assim...

“Vamos, Vossa Alteza,” Ártemis disse calmamente. Agora, não havia como confundir a pena em sua voz. Ela praticamente guiou Clarion para fora da câmara do conselho e de volta para seu quarto. Desta vez, Clarion se sentiu muito crua para protestar.

Do lado de fora da janela do seu quarto, um caos controlado irrompeu em Pixie Hollow. Distantemente, ela podia ouvir o som das trombetas ecoando das torres de vigia no alto dos pinheiros. Pó de pixie riscava o céu enquanto fadas voavam para casa e batedores voavam acima do dossel com seus arcos em punho e seus olhos treinados nas sombras. O coração de Clarion doía de preocupação. Seu povo estava sofrendo. Petra provavelmente estava apavorada, e isso a doía mais do que tudo.

Você tem que ajudar em grande escala, Elvina havia dito a ela. Mas ela não podia. Não enquanto estivesse trancada em seu quarto — e certamente não enquanto Elvina a impedisse de cumprir seu dever. A Rainha de Pixie Hollow não fica parada enquanto ainda há trabalho a ser feito.

Clarion nunca fora perfeita, ela sabia. Mas como poderia ser quando os mandatos de Elvina se contradiziam? Ela teria que escolher um. E agora, com sua coroação se aproximando tão perto, ela não podia se contentar em não fazer nada.

Não faria mal procurar o monstro pessoalmente, não é mesmo?

Se ela voltasse com algo útil, ela nunca mais seria excluída. E talvez — só talvez — ela pudesse se convencer *de* que as estrelas não tinham cometido um erro horrível. Certamente, com todos os batedores e Elvina ocupados, ninguém notaria sua falta. Ela só teria que esperar até a noite, quando Artemis finalmente estivesse de folga, para escapar.

Conforme as horas passavam, o sol se punha mais baixo, manchando o céu de um vermelho fogo selvagem. Pouco antes do crepúsculo descer, Clarion abriu as portas de sua sacada. Quando ela saiu, sombras se acomodaram pesadamente sobre ela e formigaram sua pele com desconforto. Uma rajada de vento fez todos os galhos baterem, e enterrada em algum lugar sob o som, ela teria jurado que ouviu o grito distante de uma raposa.

Em algum lugar lá fora, um monstro espreitava.

O pensamento mal havia deslizado por sua mente quando seu olhar caiu sobre as montanhas. A quase escuridão do crepúsculo as havia transformado em algo austero e sombrio. Pela primeira vez, elas a olharam de volta quase com expectativa. Clarion não sabia dizer se isso a emocionava ou a perturbava mais. Reunindo coragem, ela voou em direção a Spring Valley — para a fronteira onde a primavera encontrava o inverno.



Um silêncio sinistro se instalou na primavera. Nenhum canto de pássaros, nenhuma brisa balançando a grama alta, nenhum som de risada ecoando pelas árvores. Clarion nunca tinha visto Pixie Hollow assim. Parecia quase desolado.

A escuridão desceu lentamente, escorrendo pelas cerejeiras e pelos prados. Bem abaixo dela, ela teve um vislumbre de seu brilho refletido em um lago. A luz do sol fraca brilhava na água, mas sem talentos aquáticos para esculpir ondulações nela, a superfície era desconcertantemente vítrea em sua quietude. Um dos mosaicos de gotas de orvalho que Iris havia mencionado estava inacabado na praia, claramente abandonado assim que os batedores soaram os alarmes. Conforme ela se aproximava da fronteira, o som de água corrente chegou até Clarion. Gradualmente, as árvores foram ficando mais finas enquanto elas se afastavam das margens lamacentas de um rio. Com um bater de asas, Clarion desceu e pousou com um baque suave de seus chinelos no grama. Amoras e roseiras silvestres cresciam selvagens no mato, e o cheiro delicado da primula perfumava o ar. Ao se aproximar do rio que separava a primavera do inverno, ela se sentiu estranhamente exposta, sem nenhuma floresta a envolvendo e o brilho de suas asas não abafado por uma capa de viagem. Ela nunca tinha estado tão perto da fronteira antes.

Ela nunca esteve tão *sozinha*.

Uma raiz da Árvore do Pó de Pixie se retorceu da terra e se estendeu pela largura do rio. Pontes como essa existiam entre cada estação em um anel ininterrupto: do inverno para a primavera, da primavera para o

verão, do verão para o outono e do outono para o inverno. Quando Clarion chegou pela primeira vez, a existência delas a deixou intrigada. Que utilidade as fadas tinham para elas, quando tão poucas delas andavam em qualquer lugar? Agora, ela se maravilhava com a poderosa magia fluindo através delas.

As quatro estações existiam simultaneamente em Pixie Hollow, graças às raízes da Árvore de Pó de Pixie que as uniam em um só lugar. Um pensamento — um que ela sabia muito bem que não deveria entreter — borbulhou em sua mente: Se o inverno e as estações quentes realmente foram feitos para ficar separados, então por que essa ponte existia? Um farfalhar distante das árvores a tirou de seus pensamentos. Um mal-estar percorreu sua espinha em um arrepio. O som tinha vindo da Floresta de Inverno. Quando ela voltou sua atenção para ele, ela teria jurado que viu um clarão de luz desaparecer atrás de uma fileira de árvores brancas. Os nós escuros em seus troncos a encaravam como olhos que não piscavam.

Talvez ela tivesse encontrado o que queria, afinal.

Preparando-se, Clarion pisou na ponte. Na metade do caminho, o musgo exuberante cobrindo a casca deu lugar a uma espessa camada de neve. Pingentes de gelo pingavam de suas laterais, brilhando perversamente no brilho do pôr do sol. Clarion parou logo antes da geada que cobria a borda da primavera.

No crepúsculo, tudo do outro lado do rio estava pintado em prata e carvão. Rajadas de neve fluíam preguiçosamente pelo ar, um espelho frio para as flores de cerejeira flutuando do dossel da primavera. A queda de neve parecia a ela um véu separando seus mundos. Parecia mais *mágico* do que ela havia previsto, mas ela não podia baixar a guarda — ou esquecer por que tinha vindo aqui em primeiro lugar. As sombras pareciam mais escuras no inverno, mas suas asas emitiam luz suficiente para enxergar. Pó de pixie caía delas enquanto ela se movia, as partículas brilhando como brasas na escuridão. A neve que cobria a terra estava intacta: sem pegadas, sem buracos, nada. O batedor dissera que esse monstro parecia uma raposa. Se era grande o suficiente para ser visto a uma grande distância, irradiando alguma aura sinistra, para onde poderia ter ido?

De repente, ela se sentiu muito tola mesmo. Ela deve ter imaginado aquele som inteiramente. O que ela estava pensando, vagando em busca de um monstro? Na época, o plano parecia tão óbvio — tão *sensato*. Agora, ela via o quão ridículo era. O estresse e a dúvida de sua iminente coroação tinham confundido tudo. A coisa realmente sensata a fazer seria voltar agora.

Mas então, onde isso a deixou? Ela não conseguia suportar a ideia de retornar ao seu quarto vazio, ou pior, para uma câmara do conselho da qual ela tinha sido excluída.

Além disso, ela estava *aqui* , tão perto de um lugar que a chamava há anos. Era tão estranhamente tentador estender a mão e pegar um floco de neve. Mesmo tão perto da fronteira, o ar da primavera ainda mantinha seu agradável frio noturno. Quão perto ela teria que chegar para sentir a mordida do frio verdadeiro? Muito timidamente, ela levou a mão até a borda da fronteira, deixando-a pairar a poucos centímetros das rajadas de neve. Finalmente, ela sentiu o menor suspiro de inverno contra sua pele. Preparando-se, ela deixou seus dedos deslizarem para o outro lado.

Um frio profundo tomou conta dela, forte e repentino o suficiente para fazê-la ofegar. Arrepiou todos os pelos das costas de seus braços. Clarion puxou a mão para trás e soprou um hálito quente nas palmas em concha. Bem, ela certamente não tinha dúvidas agora sobre sua incapacidade de atravessar. Mesmo assim, a picada a deixou um tanto eufórica. Ela nunca havia sentido nada parecido.

Outro lampejo de movimento chamou sua atenção. Desta vez, ela podia ver claramente: um tênue brilho prateado brilhando na escuridão. *Não*, ela pensou, *uma aura*. A luz espectral envolvia uma sombra descascando da própria noite. Clarion voou para trás alguns metros. Era isso: o monstro.

“Fique para trás!”

Mas assim que as palavras saíram de sua boca, a sombra entrou em foco. Clarion tentou e falhou em engolir sua crescente mortificação. Este não era um monstro.

Era um homem pardal.

Ele parecia delicadamente moldado na neve, com sua pele clara e cabelos brancos como osso. Caíam sobre os ombros, com metade deles puxados para trás do rosto para revelar as pontas pontudas de suas orelhas. Suas asas brilhavam como gelo sob a luz do sol poente. Contra o cenário austero do inverno, ele era quase... etéreo.

Uma fada do inverno.

Ela não imaginou que uma fada do inverno seria tão modesta. Ele era apenas um *garoto* , não mais velho que ela. E ainda assim, as aparências enganam. Ela não podia subestimá-lo.

Ela arrumou o rosto em alguma aparência de compostura. Tarde demais, evidentemente, pois ele levantou as mãos pacificamente e disse:

“Minhas desculpas. Não queria assustá-la.”

A polidez dele a surpreendeu ainda mais do que sua aparição repentina.

“Você não fez isso”, ela disse cautelosamente.

“Bem”, ele respondeu, visivelmente surpreso, “isso é um alívio”.

A fada do inverno se aproximou lentamente da fronteira, cada passo medido, como se lhe desse a oportunidade de recuar. Ela se forçou a permanecer enraizada onde estava. A cada passo que ele dava, a neve estalava sob suas botas e sua antecipação aumentava. Ele parou bem na beira da fronteira.

Tão perto, ela podia ver cada plano do rosto dele, das maçãs do rosto largas ao queixo quadrado. Não havia calor nos olhos do jovem homem-pardal. Seu olhar era cauteloso e treinado nela, como se ela fosse um animal ferido pronto para atacar. Qualquer desconfiança que Clarion abrigasse, parecia ser inteiramente mútua.

“Quem é você?” Clarion exigiu. Sua voz saiu exatamente como ela havia praticado: autoritária, fria, desapaixonada. A voz de uma rainha, mesmo que não fosse exatamente a voz *dela*.

“Não quero fazer mal a ninguém”, ele disse. Clarion resistiu à vontade de rir. Como se simplesmente dizer isso pudesse deixá-la à vontade. “Meu nome é Milori.”

“E o que você tem a fazer aqui” — ela fez uma pausa, dando-lhe outra olhada rápida — “Milori?”

Se ele estava incomodado com o tom cético dela, ele não demonstrou. Da expressão neutra aos ombros caídos, ele era a própria imagem da confiança. “Vim pedir uma audiência com a Rainha de Pixie Hollow.”

Depois de uma pausa, ele acrescentou: “E parece que consegui uma.”

“Você sabe quem eu sou?” Em seu choque, Clarion abandonou sua altivez de rainha. A pergunta soou muito mais esperançosa do que ela pretendia.

“Claro que sim.” Ele soou quase confuso. Um brilho estranho surgiu em seus olhos — um não totalmente desagradável, mas que ela não conseguia exatamente ler.

Isso pouco importava para ela, porque *ele sabia quem ela era*.

Ele sabia quem ela era, e não se afastou dela, nem hesitou, nem entrou em pânico. Ela podia contar nos dedos de uma mão o número de fadas que ousaram olhá-la nos olhos — que ousaram falar com ela sem serem convidadas. Talvez elas não tivessem respeito ou amor pela realeza da estação quente na Floresta de Inverno, mas ela alegremente preferiria a impertinência à reverência.

“Posso perguntar o que o entregou?”, ela perguntou, tentando não parecer *muito* ansiosa.

Aquele brilho nos olhos dele se intensificou. Se ela não soubesse melhor, diria que ele parecia *divertido*. “Seu porte real.”

Clarion olhou para ele. “Como é?”

O sorriso irônico dele indicou que ela tinha provado seu ponto. “E suas asas,” ele acrescentou, mais sóbrio. “Elas são muito distintas — e brilhantes. Eu vi você chegando bem longe.”

Conscientemente, Clarion os dobrou contra as costas. De repente, desejou ter trazido sua capa de viagem, afinal. “Sinto muito por desapontá-la, mas eu não sou realmente a Rainha de Pixie Hollow. Você está procurando pela Rainha Elvina. Eu sou apenas a rainha em treinamento.”

E não muito boa, ela quase acrescentou.

“Entendo”, ele respondeu. Toda a alegria sumiu de sua expressão. Clarion percebeu que sentia falta dela quando ela se foi; tamanha melancolia não pertencia a um rosto como o dele. “E como eu te chamo?”

Uma pequena parte dela sabia que deveria insistir no decoro. Ninguém a chamava pelo nome, exceto Elvina e Petra. *Vossa Alteza*, ela quase disse. Mas o que saiu de sua boca foi “Clarion”.

“Clarion,” ele repetiu. Como era estranho ouvir o nome dela em seu sotaque cadenciado — naquela voz tão fria e suave quanto um painel de vidro. Isso fez um arrepio passar por ela, um que não tinha nada a ver com o frio.

Clarion alisou as mãos sobre as saias, fazendo o melhor que pôde para parecer desinteressada. “Devo passar sua mensagem para a Rainha Elvina?”

“Se você quiser. Diga a ela que o Guardião da Floresta de Inverno deseja falar com ela. É um assunto urgente — um que diz respeito a ambos os nossos reinos.”

Ele poderia estar falando sobre o monstro? Sua mente zumbia com as possibilidades. Ela esperava trazer informações de volta para Elvina — e que informação poderia ser mais valiosa do que algo que viesse do próprio Guardião da Floresta de Inverno?

“Ela nunca concordará com isso.” Não era mentira; Elvina nunca havia exatamente encorajado seu interesse em Winter Woods. “Mas talvez eu possa me encontrar com o diretor.”

Uma expressão um tanto peculiar cruzou suas feições, ali e sumiu em um instante. “Isso pode ser arranjado, se você desejar.”

Clarion lutou para impedir que a excitação transbordasse dela. Ela teria que orquestrar outra fuga, o que poderia ser difícil quando a situação se estabilizasse. Mas pela segurança de Pixie Hollow — pela chance de provar a si mesma — ela conseguiria. “Eu consigo. Só me diga quando — e onde.”

“Aqui e agora funcionariam?”

“Aqui e...?” Clarion quase caiu no rio quando a percepção a atingiu.

Milori era a Guardiã dos Bosques de Inverno. A Guardiã dos Bosques de Inverno estava *aqui*, falando com ela como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ela não conseguiu manter a acusação fora de sua voz quando disse: “Você poderia ter começado com isso! Eles não ensinam decoro no Inverno? E o que a Guardiã dos Bosques de Inverno está fazendo na fronteira?”

“Suponho que a mesma coisa que a Rainha de Pixie Hollow seja.” Ele parou para considerar. “Ou a rainha em treinamento, por assim dizer. Você está procurando por algo.”

Ela não podia argumentar contra isso. Ela cruzou os braços sobre o peito e o encarou com um olhar desafiador. “Acho que sim.”

O silêncio ficou tenso entre eles.

“Estou feliz em conduzir nossa reunião desta distância”, ele disse, inclinando a cabeça para ela. A ironia brincava em suas feições enquanto ele examinava o espaço que ela havia criado quando ele emergiu da floresta pela primeira vez. “Mas pode ser mais fácil se você chegar mais perto.”

A neve engrossou, e quando um vento passou, ele girou em torno dele, parcialmente obscurecendo-o de vista. A fronteira era tão boa quanto uma barreira entre eles. Além disso, se ele quisesse lhe fazer mal, além do golpe que ele já havia dado à sua dignidade, ele certamente teria feito *algo* agora. Tentativamente, Clarion cruzou a distância entre eles novamente e veio parar bem na beira da primavera. A geada estalava sob seus pés quando ela pousou.

Clarion se ressentiu do fato de ter que inclinar a cabeça para trás só um pouco para encontrar o olhar dele. Os olhos dele eram tão cinzentos quanto o céu de inverno e fixos nos dela, e havia um cansaço terrível por trás deles. A percepção a fez se sentir estranhamente desequilibrada. O que poderia incomodá-lo o suficiente para usá-lo tão claramente?

De perto, ela o bebeu novamente. Alguns fios de cabelo soltos se enrolavam em volta de suas orelhas pontudas. Mas o que mais a impressionou foram seus braços, musculosos e completamente nus sob sua túnica de orelha de cordeiro. Ela não conseguia entender como ele não estava com frio. Passar a mão pela borda por um momento foi o suficiente para perfurá-la até o osso. Ele se sentiria da mesma forma, se estendesse a mão em sua direção? *Ela* estaria quente ao toque, como segurar sua mão em uma chama? Clarion limpou a garganta, determinada a encerrar essa linha de pensamento.

“O que é então?” ela perguntou.

O ângulo da luz do sol que se desvanecia lançou metade de seu rosto na sombra. “Acredito que um monstro logo cruzará seu reino.”

Era uma proclamação sombria, mas tinha chegado tarde demais. Ainda assim, se ele tivesse alguma informação sobre esse monstro, essa excursão valeria a pena. Ela não retornaria ao palácio inteiramente vazia- entregue. “Temo que já tenha. Nossos batedores o viram pouco antes do amanhecer esta manhã.”

“Sinto muito,” ele respondeu calmamente. Algo como culpa se escreveu em sua expressão. “Eu esperava ter tempo para avisá-lo antes que chegasse a primavera.”

Para me avisar ? Clarion franziu a testa. “Você viu?”

“E lamento não ter conseguido impedir isso”, ele disse, como se não conseguisse falar rápido o suficiente. Ela não achou que havia confundido a emoção estrangulada naquelas palavras. “Mas é por isso que vim pedir sua ajuda.”

“Minha ajuda?” Ela não conseguia esconder a incredulidade em sua voz. “Diga-me o que é esse monstro primeiro.”

Surpresa passou pelo seu rosto. Por um momento, ele não disse nada, como se não a tivesse ouvido corretamente. “Você não sabe.”

Clarion tinha certeza de que ela parecia tão perplexa quanto ele agora. “Como eu poderia?”

“Seu antecessor não foi muito direto com você”, ele disse, com um toque de amargura.

“Com licença?” Ela cambaleou para trás. Como ele *ousa* lançar tais acusações? E se ele soubesse o que esse monstro era — se ele tivesse vindo de seu reino — então ele não tinha um ponto alto para se firmar.

“Talvez você devesse prender suas feras antes de deixá-las atravessar as estações quentes!”

Milori pareceu magoado, mas não tentou se defender. Isso fez com que um pouco da raiva dela se dissipasse. Ele estendeu a mão, como se quisesse alcançar a fronteira e imobilizá-la antes que ela fugisse. No final, ele deve ter pensado melhor. Ele fechou os dedos em punho ao lado do corpo. “Escute-me, Clarion. Eu posso explicar, mas—”

“*Estou* ouvindo.”

“—mas é muito perigoso ficar aqui por muito mais tempo. O monstro só é ativo na escuridão.”

Clarion estava ficando cansada de ter negadas as informações que queria. “Oh, que conveniente.”

Ele teve a graça, pelo menos, de parecer castigado. “Posso estar aqui logo de manhã, se você quiser.”

“Eu...” Ela *gostaria* disso, mesmo que fosse só para satisfazer sua curiosidade. “Eu não posso.”

Um pouco da gravidade saiu dele, substituída em vez disso por perplexidade. “Por que não?”

“Não sei quais são *seus deveres*, Guardião da Floresta de Inverno”, ela disse, sentindo-se estranhamente perturbada, “mas tenho obrigações. Não posso abandoná-las para ir aonde eu quiser — especialmente não para a fronteira de Inverno.”

“Entendo.” Ele passou a mão pelos cabelos, parecendo um tanto sobrecarregado. “A rainha não sabe que você está aqui, sabe?”

“Não. Eu escapei.” Clarion desinflou. Era só um pouco constrangedor admitir. Talvez ele pensasse menos dela, agora que sabia o quão frustrada ela estava em seu papel. “Perigosa ou não, as noites são o único momento que é realmente meu.”

“Muito bem,” ele disse, claramente sem se deixar abater. “Vejo você no pôr do sol amanhã.”

Com isso, ele girou nos calcanhares.

“Espere!” Indignação — e pânico — brilharam intensamente dentro dela. E se ela não pudesse ir amanhã? E se ela precisasse de tempo para pensar sobre o que estava se comprometendo? “Eu... eu não concordei com isso!”

Milori fez uma pausa, como se estivesse considerando. “Se você estiver interessado em resolver esse problema em vez de evitá-lo, você sabe onde me encontrar. Estarei esperando aqui, ao pôr do sol, todas as noites por uma semana.” Ele estudou o rosto dela, e a intensidade de busca de seu olhar fez o calor subir pelo pescoço dela. O que quer que ele tenha encontrado fez um leve sorriso se curvar em seus lábios. Isso, ela pensou fracamente, combinava muito mais com ele do que a gravidade. “Boa noite, Clarion.”

Ele levantou voo. Clarion só conseguia encará-lo enquanto ele voava mais fundo na Floresta de Inverno — e ela capturou o momento exato em que o luar dourou suas asas e lançou sua sombra delicada sobre a neve.

Ela levantou as mãos, depois as arrastou pelo rosto em frustração. Ela tinha vindo aqui em busca de respostas, mas ela sairia com muito mais perguntas do que tinha antes.



Seu predecessor não foi comunicativo. As palavras de Milori a assombravam enquanto ela voltava para o palácio. O que, exatamente, ele achava que ela deveria saber? Mais preocupante, o que ele achava que Elvina havia escondido dela? Certamente era traição até mesmo entreter um pensamento como esse. Mas então, Elvina estava sobrenaturalmente calma quando aquela batedora invadiu a reunião do conselho, vestindo seu papel tão facilmente quanto deslizando em um vestido novo. Se ela já soubesse sobre o monstro, então... Não, *não*. Clarion não podia se permitir seguir esse caminho. Levar informações de volta para Elvina era tentador, sim, mas se envolver em algum tipo de — o quê, conspiração? Isso estava além dela, e com sua coroação se aproximando, ela não podia se dar ao luxo de se distrair com o Guardião da Floresta de Inverno e suas palavras enigmáticas. Pelo que ela sabia, ele estava mentindo para ela. E ainda assim, Clarion achou difícil duvidar da preocupação genuína — e da culpa — que viu no rosto dele. Ela empurrou a lembrança da expressão assombrada dele para o lado. Sincera ou não, ela não poderia encontrá-lo novamente. À distância, a Árvore de Pó de Pixie brilhava na noite como o brilho de uma lanterna. Mas Clarion não conseguia se obrigar a voltar para casa ainda. Milori a havia avisado que essa criatura, o que quer que fosse, caçava na escuridão, mas abaixo dela, Spring Valley dormia pacificamente: sem caos, sem terror e certamente sem monstros.

Certamente não faria mal dar uma olhada em Petra; ela estava no caminho para casa, afinal. Ela virou para a esquerda, o vento a guiando ao longo de seu curso constante.

Tinker's Nook ficava aninhado na base de um sicômoro enorme, cercado por todos os lados por terra inclinada, crescida selvagem com grama alta e jacintos azuis adormecidos. A maioria dos tinkers construía suas casas sobre as raízes da árvore, cada casa coroada com um telhado de folhas de bordo. Escadarias delicadas de cogumelos dente do norte brotavam da casca e pavimentavam o caminho até suas portas da frente. A criatividade dos tinkers sempre surpreendeu Clarion. Sem eles, pouco seria feito em Pixie Hollow. Além de consertar e construir infraestrutura, eles inventaram todo tipo de coisa para tornar a vida diária mais fácil. O trabalho manual deles — e o início dos preparativos de outono — estava espalhado no centro da clareira: copos de bolota cheios com a tintura dos talentos das folhas, cuidadosamente dispostos em um gradiente de escarlate a dourado; bancadas de trabalho com tampas de cogumelo espalhadas com ferramentas; carrinhos meio montados feitos de cascas de abacate ocas. A uma curta distância, Clarion espiou suas rodas de casca de castanha, esperando para serem instaladas. A desordem dava a impressão de um lugar abandonado às pressas. Mas velas e lâmpadas alimentadas pela luz do sol queimavam suavemente nos peitoris das janelas, e ela podia ver as formas vagas de silhuetas se movendo lá dentro.

Clarion seguiu em direção à casa de Petra, escondida em um canto distante da vila. Diferente da maioria das outras casas, a dela era um trabalho intrincado de pedras de rio empilhadas, argamassadas com lama e pó de fada e cobertas com uma espessa camada de musgo. Por sua própria admissão, Petra preferia um visual menos "orgânico", mas um único cogumelo brotou do telhado como se para irritá-la.

Clarion pousou em sua varanda. A porta se erguia acima dela, uma delicada lasca de uma árvore derrubada que Petra havia lixado e polido para brilhar. Ela bateu. Imediatamente, um grito veio de dentro.

Clarion suspirou. "Sou eu."

"Clarion?" As cortinas se abriram, e o rosto pálido de Petra apareceu na janela. A porta se abriu lentamente para revelá-la ali, segurando um martelo em uma mão e a tampa de uma bolota — um escudo improvisado, Clarion presumiu — na outra. "Você me assustou!"

Clarion não conseguiu evitar sorrir. "Você está tão desacostumado com visitantes, ou achou que um monstro bateria tão educadamente?"

Assim que a palavra *monstro* passou por seus lábios, Petra engasgou. "O que você está fazendo aí fora? É muito perigoso ficar lá fora."

Antes que Clarion pudesse responder, Petra agarrou-a pelo braço e quase a arrastou para dentro em uma confusão de cabelos ruivos selvagens e pó de pirlimpimpim espalhado. A casa estava completamente, desconcertantemente escura. Ela piscou com força,

desejando que seus olhos se ajustassem. "Talvez um pouco de luz pudesse...?"

"Absolutamente não. Suas asas já são tão brilhantes assim," Petra resmungou. "Você vai atraí-lo aqui se ainda não o fez."

Clarion zombou. "Isso é ridículo."

Petra lançou-lhe um olhar significativo. "Você esqueceu o Incidente do Morcego? Eu não."

Agora, isso foi baixo. Uma vez, muitos anos atrás, os dois tinham escapado para o outono sob a cobertura do anoitecer, para sentar sob as estrelas com canecas de cidra de maçã quente. Levou dias para convencer Petra de que valeria a pena. O que ela não havia considerado era seu brilho interrompendo os padrões de voo dos morcegos no caminho até lá. Mesmo agora, ela conseguia ver o brilho de asas escuras — e ouvir sua própria risada sobre o grito horrorizado de Petra.

"O escoteiro disse que parecia uma raposa", disse Clarion. "Desta vez, você está seguro."

Petra não se dignou a responder. Em vez disso, ela intencionalmente fechou as cortinas. As asas de Clarion realmente iluminaram a escuridão do quarto. Seu brilho traçou o contorno de todas as coisas de Petra, e o pó de fada que flutuava delas se espalhou pelo chão, brilhando como pedaços de luz das estrelas. Pelo pouco que ela conseguia ver na escuridão, parecia que a bancada de Petra tinha virado no chão. Claramente, ela estava no meio de um projeto. Todos os outros aspectos de sua vida — da socialização à arrumação — caíram por terra quando ela se envolveu completamente. Clarion ficou surpresa e desapontada ao perceber que não sabia o que havia capturado a atenção de Petra dessa vez.

Ambos realmente *estavam* ocupados ultimamente.

Aparentemente satisfeita com suas medidas de segurança, Petra deslizou para o chão e fixou Clarion com um olhar turvo. "O que você está fazendo aqui tão tarde?"

"Eu queria ver como você está."

Petra suspirou inquieta enquanto começava a juntar o cabelo em um nó bagunçado no topo da cabeça. "Ah, bem. É mais do mesmo. O trabalho tem sido—"

"Para ver se você está segura," Clarion interrompeu. "Eu estava preocupada com você, escondida aqui sozinha."

"Oh! Sim, tão segura quanto eu puder estar. Não me importo com uma desculpa para ficar aqui." Ela estudou Clarion quase desconfiada. "É realmente por isso que você veio? Parece que você tem um segredo."

"Um segredo?" Clarion riu nervosamente. Ela *riu*? Ir para a fronteira não era proibido, exatamente, mas se alguém descobrisse que ela se encontrou com o Guardião da Floresta de Inverno... Bem, na verdade, ela não sabia o que aconteceria. Era melhor não mencionar, em parte porque ela nunca mais se encontraria com ele, e principalmente porque

a simples menção de uma fada de inverno em qualquer lugar perto das estações quentes destruiria a constituição frágil de Petra. Ela já parecia a um pedaço de má notícia de um colapso nervoso. Além disso, Petra era *péssima* em guardar segredos. “Não, claro que não. O que te deu essa ideia?”

“Oh, não.” Petra descansou a testa nos joelhos. Quando falou novamente, sua voz estava abafada. “Está muito ruim, então, não é?”

O estômago de Clarion caiu. Ela era realmente *tão* óbvia que Petra já a havia descoberto?

De alguma forma, Petra caiu ainda mais no chão. Ela levantou o queixo e olhou para Clarion com um olhar de puro desespero. “Elvina realmente *vai* me banir.”

Clarion piscou forte para ela, preso em algum lugar entre alívio e confusão. “Hum... não?”

“Pior? Você veio dar a notícia de que não vamos sobreviver à noite? Não, é—”

“Petra,” Clarion interrompeu, agarrando seus ombros. “Você está catastrofizando de novo.”

“Certo. Você está certa.” Petra desinflou, então se forçou a se levantar novamente. “Então, o que é? A Rainha de Pixie Hollow aparece na minha porta—”

“Rainha em treinamento”, interrompeu Clarion.

“—sem aviso prévio e sem negócios?”

Como seria doce conversar sobre o que aconteceu com ela. Clarion suspirou e se empoleirou na beirada da mesa de Petra — no pouco espaço que havia sobrado para ela, de qualquer forma. Algo chacoalhou atrás dela, que ela deslizou para fora do caminho. Petra não não gritei para ela tomar cuidado, então ela supôs que não era nada importante. Enquanto Clarion estudava o rosto cansado e manchado de fuligem de sua amiga, uma dor floresceu profundamente em seu peito. Em momentos como esse, ela conseguia apreciar a verdadeira sabedoria da filosofia de Elvina. Uma rainha tinha que carregar o peso de suas decisões sozinha. Manter todos à distância tornava muito mais fácil resistir à tentação de sobrecarregar os outros. E então, ela disse: “Eu prometo que não tenho segundas intenções, segredos ou notícias terríveis.”

Petra não pareceu convencida. Distraidamente, ela pegou uma de suas ferramentas e a girou em seus dedos, olhando fixamente para ela. “Você não precisa ser misteriosa, Clarion. Não comigo.”

Não é? Ela gesticulou para os destroços da casa de Petra e se forçou a sorrir. “Eu sei. Eu só senti sua falta. Por que você não me conta o que é tudo isso?”

“Eu ainda não te contei?” Os olhos de Petra se iluminaram, e toda a ansiedade, toda a incerteza, derreteram-se dela. Ela vasculhou suas coisas até recuperar duas folhas planas de metal. “Isso pode ser

inovador. Tenho desenvolvido uma nova técnica de soldagem usando areia e...”

Clarion deixou a onda de entusiasmo de Petra inundá-la. Embora ela mal entendesse uma palavra do que ela falava, vê-la em seu elemento aqueceu Clarion como a luz do sol. E em algum lugar, mais lá no fundo, isso despertou uma centelha de tristeza.

*Como deve ser, ela se perguntou, ter tanta certeza do seu caminho?
Como deve ser compartilhar isso?*



Quando ela retornou ao palácio, as portas da sacada se fecharam muito alto atrás dela. Clarion prendeu a respiração, se preparando, mas depois de alguns momentos, nada aconteceu. Nenhum alarme soou. Nenhum batedor chutou sua porta.

Um pequeno alívio, ela pensou. De alguma forma, ela tinha escapado de sua missão de reconhecimento. Ela se sentiu quase tonta com a pressa disso.

Ela vestiu uma camisola e então se acomodou na penteadeira para desfazer a trança. Enquanto trabalhava, libertando as pétalas de flores e grampos do cabelo, uma parte fantasiosa dela acreditou que ainda podia sentir o cheiro de neve e resina de pinheiro. O inverno, de alguma forma, a seguira até ali. Ela tinha acabado de pegar o pente quando três batidas fortes soaram na porta. Clarion estremeceu. Não havia como confundir aquele anúncio autoritário, por mais sem palavras que fosse.

Elvina.

Com a maior compostura possível, Clarion disse: “Entre”.

Quando ela se virou, viu Elvina emoldurada pela porta. Apesar da hora tardia, ela não havia trocado de roupa. Sua expressão era ilegível à primeira vista, mas Clarion pensou ter detectado um lampejo de alívio em seus olhos. “Você está aqui.”

“Onde mais eu estaria?” Clarion sorriu radiante para ela, esperando que isso a distraísse do problema em sua voz, e girou de volta para o espelho. Ela pegou seu pente e começou a alisar as ondas em seu cabelo. No reflexo, Clarion observou a expressão de Elvina escurecer. “Você não estava contabilizada quando eu chequei você mais cedo.”

Clarion não tinha resposta para isso. Se ao menos ela tivesse inventado alguma mentira inteligente, alguma desculpa... Mas parecia imprudente inventar algo agora. “Sinto muito.”

Sua voz soou terrivelmente pequena e patética, até mesmo para seus próprios ouvidos. Elvina soltou um longo suspiro. “Eu pensei que você tinha crescido fora desse seu impulso. No mínimo, pensei que você teve o bom senso de ficar longe de um perigo tão óbvio. Eu deveria realocar sua guarda para a supervisão.”

“Não foi culpa dela,” protestou Clarion. O pânico a apunhalou. Como ela pôde ter sido tão descuidada? Ela não havia considerado como isso poderia impactar Artemis, cujo trabalho inteiro era garantir que Clarion ficasse longe do perigo. “Foi minha.”

Qualquer calor na expressão de Elvina desapareceu. “Você desobedeceu minhas ordens diretas.”

“E peço desculpas por isso.” Clarion se levantou. Com seu cabelo solto e camisola solta, ela se sentia totalmente incapaz de desafiar Elvina. Mas talvez, agora que tinha toda a sua atenção, ela pudesse chegar até ela.

“No entanto, não posso ficar parada enquanto nossos súditos se colocam em risco. A Rainha de Pixie Hollow deve—”

“Eu temia o pior!”

A crueza da voz de Elvina silenciou todos os pensamentos coerentes de Clarion. Ela ecoou no silêncio. A respiração de Elvina ficou irregular, e foi só então que Clarion entendeu. Elvina não estava apenas furiosa com ela. Ela estava com medo.

“Os batedores não conseguiram rastrear a criatura”, Elvina continuou.

“Ela não deixou rastros, como se tivesse simplesmente desaparecido.

Quando retornei ao palácio e encontrei Ártemis em pânico e você desaparecido, em que eu deveria acreditar? Se ela tivesse levado você...”

Então não haveria coroação, e Elvina estaria livre para governar por mais mil anos — ou até que outra estrela caísse, uma carregando um herdeiro muito mais adequado. Clarion não sabia o que era pior: sua autopiedade ou quão miserável Elvina parecia com suas mãos trêmulas.

“Onde você estava?” Elvina perguntou, em voz baixa.

Seu antecessor não foi comunicativo. Clarion empurrou a memória das palavras de Milori para baixo tão rápido quanto surgiu. “Fui verificar Petra. Você sabe como ela fica.”

Não era mentira, não totalmente.

“Eu aceito.” Elvina cedeu. A resposta pareceu apaziguá-la, e momento a momento, ela se recompôs. “Você é gentil com aquela consertadora. Mas não me desobedeça novamente. Pixie Hollow não pode se dar ao luxo de ter sua herdeira indo aonde ela quiser e se colocando em perigo desnecessário. Você é valiosa demais.”

Claro. Ordens não eram para ela questionar, nem para ela entender.

Clarion envolveu seus braços em volta de si mesma. “Elvina?”

Elvina inclinou o queixo em reconhecimento.

Se ela quisesse a resposta para sua pergunta, ela teria que pisar com cuidado. “Aquele batedor disse que o monstro veio da Floresta de Inverno. As fadas de inverno ficarão bem?”

Elvina franziu a testa, claramente surpresa com essa nova linha de questionamento. “A Floresta de Inverno é um lugar perigoso e árido, cheio de monstros. Eles já estão acostumados com isso.”

Rastejando com monstros. Clarion não conseguia tirar da mente o olhar de perplexidade de Milori quando ele disse, *Você não sabe.* Lutando para

manter seu tom neutro, ela perguntou, "Você sabia disso antes de hoje?" "Só vagamente," Elvina respondeu cautelosamente. "Há uma razão pela qual não tentamos fazer contato com Winter."

"Mas é o trabalho da Rainha de Pixie Hollow manter seus súditos seguros." Clarion ousou encontrar os olhos de sua mentora. Ela se viu nervosa e fria com a emoção de responder. Ela não achava que gostava disso. "Não é?"

"Seus súditos, sim," Elvina disse, nivelando um olhar fixo para ela. "As fadas do inverno se administraram por séculos e coexistiram ao lado dessas criaturas desde que eu estou viva — e muito, muito mais tempo, tenho certeza. Além disso, elas resposta ao Guardião da Floresta de Inverno. O Guardião tem sua própria maneira de fazer as coisas, e eu lhe asseguro que eles não apreciariam nossa interferência."

Clarion não ficou satisfeita com a resposta. Como ela poderia estar, quando o próprio Guardião da Floresta de Inverno havia *pedido* sua ajuda? Elvina exigiu que ela aceitasse suas decisões e explicações sem questionar. Ontem, ela poderia ter aceitado. Mas agora, Clarion não podia negar que talvez Milori estivesse certa.

Elvina estava escondendo algo dela.

Quando Clarion não respondeu, Elvina pareceu aliviada. Sua postura rígida relaxou, e seu tom suavizou. "Vamos deixar isso para trás.

Permaneceremos vigilantes, mas, por enquanto, parece que o perigo passou. Amanhã, os negócios continuarão como de costume, e você estará acompanhando o Ministro do Outono. Será bom para você ver como ele administra os preparativos para uma virada sazonal."

"Sim, Vossa Majestade."

Com um aceno firme, Elvina saiu da sala.

Assim que a porta se fechou atrás dela, Clarion desabou na cama. No escuro, o teto flutuava com a luz dourada que emanava de suas asas. De seu ponto de vista, ela podia ver a vastidão do céu noturno através de sua janela. E lá, alcançando a dispersão de estrelas, estava o pico congelado da montanha, congelado e abandonado. Desta vez, parecia menos com as montanhas observando-a — e mais com uma fada do inverno. Se ela fechasse os olhos, ela poderia praticamente ver: Milori, seu cabelo como uma chama branca ao vento, seus olhos fixos na Árvore de Pó de Pixie.

Estarei esperando aqui, ao pôr do sol, todas as noites durante uma semana.



No dia seguinte, Clarion se arrependeu de ter ficado acordada até tão tarde. Quando a noite caiu sobre a Floresta de Outono, ela estava exausta de um dia inteiro de trabalho ao lado do Ministro do Outono — e tremendo até mesmo em seu xale de teia de aranha.

Rowan, que havia se desculpado alguns minutos antes, retornou agora com uma caneca de chá de raiz de dente-de-leão. Ele entregou a ela com um olhar meio cúmplice. “Você vai se acostumar com os dias longos eventualmente.”

“Espero não ter me arrastado muito”, ela disse, igualmente envergonhada e grata por ele ter notado. “Obrigada.”

Ele sorriu para ela. “De jeito nenhum.”

Clarion tomou um gole de seu chá. Embora ela nunca tenha se importado muito com o amargor do dente-de-leão, ele a fez sentir que ela de alguma forma pertencia aos vivos. No mínimo, aqueceu suas mãos. A temperatura aqui sempre caiu perfeitamente *nítido*, e a folhagem brilhava eternamente em sua glória vermelha e laranja. Isso a fez desejar coisas que ela não apreciava há algum tempo: longas noites perto de uma fogueira, ou mergulhar em um oceano de folhas caídas. Rowan havia começado recentemente os preparativos para a chegada do outono e, apesar de sua distração, Clarion estava determinada a guardar cada detalhe na memória. Esta seria a primeira transição sazonal que ela supervisionaria como rainha e, depois de quão amargamente ela decepcionou Elvina na noite passada, nada poderia dar errado. Esta seria sua única oportunidade de provar sua coragem agora que ela havia

se dissuadido de qualquer outro envolvimento com o Guardião da Floresta de Inverno. Não importava que ela tivesse ficado acordada por muito mais tempo do que gostaria de admitir, entregando cada palavra dele para ela.

Agora, Clarion direcionou toda sua formidável força de vontade para colocá-lo bem, *bem longe* da mente. Era reconhecidamente difícil quando Artemis espreitava a alguns metros de distância, encarando Clarion como se ela pudesse desaparecer se Artemis desviasse o olhar por um momento sequer. Clarion supôs que merecia sua atenção renovada — e a culpa que a acompanhava. Ela havia colocado Artemis em apuros com seu pequeno ato de desaparecimento.

Ela não tinha ido ao Outono desde a Revelry do ano passado, onde o mundo todo brilhava sob a luz da lua cheia da colheita. Ela ainda se lembrava do brilho do cetro de outono refratando o luar em pó de fada azul — como chovia sobre eles, se acumulando nas árvores e caindo em seus cílios como neve. Ela raramente tinha visto Pixie Hollow tão alegre. Acima de tudo, ela se lembrava de estar ao lado de Elvina, com o rosto plácido e dolorido, enquanto observava todos dançando e brilhando bem abaixo deles.

Ela pairava, como fazia agora, para sempre fora de alcance.

Clarion observou as fadas do outono trabalhando na clareira abaixo.

Com o decreto de Elvina para retornar aos negócios como de costume, parecia impossível para Clarion imaginar que houvesse qualquer perigo. E ainda assim, conforme as sombras sob as árvores se aprofundavam, ela não conseguia se livrar de suas dúvidas.

A luz do sol minguante pingava através do dossel, modelando a terra em um suave ouro rosa. Algumas fadas se reuniram em torno de um talento para folhas que aplicava pigmento em uma folha de carvalho trazida do verão, assentindo e murmurando em aprovação sobre sua técnica. Uma fada voadora passou zunindo por Clarion. Ela arrastou uma grande rajada de vento em seu rastro, fazendo o cabelo de Clarion esvoaçar — e um bando de borboletas monarcas saindo de seu curso. O talento animal que as pastoreava lamentou em protesto.

“Desculpe!”, gritou o veloz sem parar.

“Três mil milhas!” gritou o talento animal atrás dela, sacudindo seu cajado. “Eles têm que andar três mil milhas!”

Clarion não conseguiu evitar sorrir. Que maravilha ver seus súditos, discutindo, rindo e demonstrando seus talentos. Rowan, enquanto isso, parecia completamente imperturbável, como se esse tipo de confusão fosse tão comum a ponto de ser banal. Ele estava com uma mão enfiada no bolso da capa. Na outra, ele segurava um caderno, cheio até a borda com seus rabiscos aleatórios. Ele disse a ela que era uma lista de verificação, mas Clarion não podia, em sã consciência, chamar tal desordem de lista de verificação. Itens tinham sido rabiscados e

pregados com abandono imprudente. Sua mente trabalhava em saltos que ela não conseguia acompanhar.

“Neste ponto do ciclo”, ele disse, como se já estivesse falando há algum tempo, “estamos principalmente testando novas ideias e garantindo que temos todos os suprimentos de que precisaremos. Elvina normalmente confia em mim para lidar com todos os pequenos detalhes. Mas alguns dias antes de partirmos para o continente, ela nos faz uma visita para dar uma revisão final em nossos preparativos.”

“E como ela sabe que o que você fez é aceitável?”

Os olhos dele brilharam para ela. “Intuição.”

Esse era exatamente o tipo de resposta não quantificável que a atormentava. Não, ela não podia depender de algo tão indigno de confiança e inconstante quanto sua própria intuição. Nos últimos dias, isso não tinha feito nada além de lhe causar problemas. Certamente ele estava provocando-a. Elvina quase certamente tinha um elaborado sistema de critérios que ela havia criado para avaliar seu trabalho. Clarion fez uma nota mental para incomodá-la por isso quando ela retornasse ao palácio.

Claramente sentindo sua angústia, Rowan riu. “E um pouco de fé em seu ministro, é claro. Já fiz isso centenas de vezes antes, Clarion. Você está em boas mãos — ou pelo menos em mãos experientes.”

O lembrete da idade dele fez pouco para acalmá-la. Era apenas um lembrete amargo de quão longe ela tinha que ir — e como ela não tinha o luxo de séculos para se tornar competente. “Isso já te preocupou?”

A surpresa suavizou seu rosto. “O quê?”

“Não sei”, ela disse calmamente. Ela descobriu que não conseguia dizer o que realmente queria dizer. *Você já duvidou de si mesma?* Em vez disso, ela passou a mão na direção da clareira abaixo deles, onde um grupo de talentos de folhas estava dobrando e redobrando folhas secas em padrões complicados — um esforço para atingir a textura ideal de crocância ao pisar. *Um processo muito complicado*, Rowan uma vez lhe assegurou. “Tudo isso. Tudo dependendo de você. Todos olhando para você.”

Seus cachos soltos balançavam ao vento, e as sombras de seus longos cílios se inclinavam sobre suas maçãs do rosto. Enquanto ele a considerava, franzindo a testa, Clarion não conseguia deixar de ver a quietude de uma floresta antiga que vivia atrás de seus olhos. “Tenho certeza de que sim, uma vez. Mas não está na minha natureza. O outono é sobre reflexão e desaceleração. Conforme fui ficando mais velho, aprendi a não me preocupar com as coisas antes que elas aconteçam.”

“Entendo.” Era esse o truque, então? Simplesmente escolher não se preocupar? Era um conceito realmente estranho para ela, considerando que sua amiga mais próxima era Petra, que escolheu se preocupar com todas as possibilidades.

“Você é um talento para governar”, disse Rowan. “Sei que parece esmagador em abstrato, mas quando você se envolver, saberá o que fazer.”

Clarion apertou seu xale mais firmemente em volta de si. “Claro.”

O sorriso dele desapareceu enquanto ele bebia a expressão dela. “O que causou tudo isso? Sua Majestade está lhe dando problemas?”

“Tivemos nossos desentendimentos ultimamente”, ela disse da forma mais diplomática que pôde.

“É mesmo?” Ele apoiou o queixo avaliativamente na curva do indicador e do polegar. “Desde que você era uma recém-chegada, você tenta se tornar a imagem dela. A mesma postura. A mesma voz — você sabe qual é. Não consigo imaginar que ela tenha desencorajado isso.”

Clarion queria levar isso como um elogio, mas algo em seu tom sugeria que ele não queria dizer isso como um. Menos como uma mãe e filho humanos, que ela tinha ouvido falar que tendiam a ter semelhança um com o outro, e mais como uma criança e sua boneca. Com a simpatia clara em seu rosto — *não*, ela pensou, *pena* — ela se irritou. “Ela só quer me preparar para o papel.”

“Claro que sim.” Rowan rapidamente voltou atrás. “E eu só quero dizer que você é um crédito para ela. Você sempre foi... digamos, rebelde? Ainda assim, que desentendimentos vocês poderiam ter?”

“Ela diz que confundi minhas prioridades. É mais natural para mim abordar o que vejo na minha frente. Uma discussão. Os sentimentos de alguém.” *Uma oportunidade para investigar*, ela pensou. Ela puxou um fio solto invisível em seu xale. “Isso me distrai do quadro geral.”

“Ah.” Havia algo ilegível em sua expressão, como se ele estivesse tentando se segurar para não dizer o que realmente estava em sua mente. “Talvez o que ela quisesse dizer é que você não pode se culpar toda vez que as coisas dão errado. Por mais que tente, você não pode resolver todos os problemas em Pixie Hollow sozinho.”

“Acho que não.”

Ele deu um tapinha no ombro dela, um gesto afetuoso que quase a desequilibrou. “Você tem instintos melhores do que você mesmo acredita.”

Mas eu não. Se ao menos ele soubesse. Se ao menos ele soubesse o quão inadequada ela era por baixo da fachada. Quando se tratava das coisas que importavam — a tomada de decisões, a postura, o *poder bruto* — ela nunca seria igual a Elvina. Ela lhe ofereceu um sorriso vacilante. “Eu aprecio isso. Sério.”

Sua expressão ficou séria. “Clarion. Você sabe que não precisa—”

O próprio ar estremeceu, e o mundo inteiro ficou mortalmente, anormalmente silencioso. Arrepios percorreram seus braços. O medo agarrou sua espinha em um torno. Parecia o momento de arrepios antes do raio cair, mas o céu — escuro como estava com a noite invasiva — estava sem nuvens.

Rowan franziu a testa. “Você sentiu isso?”

“Sim”, ela disse, um pouco sem fôlego.

Ártemis apareceu ao seu lado em um instante, seus dedos pairando sobre a aljava de flechas amarradas em seu quadril. Rowan enfiou seu caderno no bolso. A bainha de sua capa estalava ao vento. Na clareira abaixo, todos estavam congelados. Nenhuma sombra de falcão escurecia a terra. Nenhum grito de raposa rasgou o silêncio. Mas ali, na linha das árvores...

Algo chamou a atenção de Clarion. Névoa negra — a névoa já foi tão espessa? — se espalhou pela clareira, e sombras se acumularam na terra. Elas começaram a ferver e se debater, como se lutando para tomar forma. Murmúrios de alarme irromperam da clareira abaixo.

“O que é isso?” Clarion perguntou.

“Não sei”, Ártemis disse apreensivamente. Ela sacou uma flecha e a encaixou em seu arco. Uma arma formidável contra seus inimigos naturais, certamente, mas algo disse a Clarion que seria inútil contra o que quer *que* fosse.

Fios de escuridão giravam para cima, entrelaçando-se enquanto subiam. Clarion captou o brilho de escamas pretas, o lampejo de olhos brilhantes como veneno. *Uma serpente*, ela percebeu depois de um momento — embora não fosse como nenhuma serpente que ela já tivesse visto. Era sólida, *real*, e ainda assim seu corpo parecia ser composto inteiramente de fumaça, mantido unido pelo que pareciam ser pontos de luz violeta. Seu corpo se enrolava em si mesmo em espirais, pingando e escorrendo de suas costuras; a forma exata dele mudava de piscar para piscar, como se ele mal conseguisse se lembrar do que exatamente deveria ser. Brotou um membro, depois uma asa, antes de reabsorvê-los. Ela mal conseguia mantê-lo em sua mente. Sua longa sombra caiu como uma lâmina sobre as fadas do outono.

Monstro.

Ela sibilou. Foi tudo o que Ártemis precisou para entrar em ação. Ela disparou sua flecha. Ela voou pelo ar e entrou na boca aberta da fera. Embora tenha espetado a parte de trás de sua cabeça, a serpente nem sequer vacilou. Toda a cor sumiu do rosto de Ártemis.

“Todos, fujam!” Rowan gritou.

Foi então que os gritos começaram.

Enquanto as fadas voavam, a serpente cuspiu seu veneno. Era preto como breu — e brilhava com um brilho oleoso e iridescente. Cada fada que ela atingia caía do céu e atingia a terra com um som nauseante. Elas não gritavam; elas apenas ficavam ali, moles, como se tivessem adormecido no meio do voo. Rowan olhava horrorizada.

Clarion agarrou seu cotovelo. “Temos que fazer alguma coisa.”

Isso, evidentemente, foi o suficiente para tirá-lo do seu estupor. Ele se virou para ela, seu maxilar cerrado e sua boca pressionada em uma linha

final. “Oh, não. *Eu* tenho que fazer alguma coisa. *Você* retornará ao palácio imediatamente. É muito perigoso para você estar aqui.”

Quantas vezes ela seria forçada a ficar para trás? Excluída de ajudar na proteção de seu povo? “De que serve uma rainha se ela é proibida de fazer uma única coisa?”

“Melhor do que um morto”, Ártemis rosnou.

Clarion vacilou. Considerando que apenas um talento de governo chegava a cada poucas centenas de anos, eles eram uma mercadoria preciosa. Ninguém sabia o que aconteceria se uma rainha morresse antes do tempo. Outra seria enviada, ou Pixie Hollow seria deixada à sabedoria de seus ministros?

Artemis se atrapalhou para retirar uma folha de bluegrass do bolso. Ela a levou aos lábios e soprou. O som estridente cortou a floresta. O alarme dos batedores. Depois de alguns momentos, Clarion ouviu o alarme captado por outro batedor à distância.

“Os batedores chegarão a qualquer momento”, disse Ártemis. “Venha comigo. Não vale a sua vida.”

“Você sabe que ela está certa,” Rowan disse, mais gentilmente dessa vez. “Vá.”

“Tudo bem,” Clarion engasgou. “Só ajude-os.”

“Eu a manterei segura, senhor.” Artemis parecia tão zelosa como sempre, mas Clarion não deixou de notar a emoção brilhando em seus olhos.

Arrependimento, ela pensou. *E saudade*.

Ele assentiu, então voltou sua atenção para a clareira abaixo. Alguns bravos voadores rápidos ficaram, tentando encurralar a fera para longe de seus amigos. Eles se esquivaram e teceram através de suas espirais sombrias, atirando-a com tudo o que conseguiam colocar as mãos. Desta vez, Rowan não hesitou. Ele mergulhou do outeiro, suas asas estalando amplamente.

“Distraia-o”, ele gritou. “Eu vou mover os feridos para um lugar seguro.”

Clarion não conseguia tirar os olhos do punhado de voadores rápidos. Eles cortavam o ar em rajadas selvagens e rajadas de pó de fada. Com a fera distraída, Rowan pousou e levantou uma das fadas caídas em seus braços. Assim que ele começou a carregá-la em direção à linha das árvores, o monstro se virou para ele. Veneno pingava de suas presas nuas.

Não. Clarion viu o momento em que ele se virou — e percebeu o que estava prestes a acontecer. Cada segundo se estendia para uma eternidade. Por instinto, sua mão disparou. Como se ela pudesse alcançá-lo daquela distância. Como se ela pudesse fazer alguma coisa. Mas o medo acendeu uma faísca dentro dela que a rasgou como um incêndio. Ela conhecia esse sentimento.

Magia.

Ela engasgou quando a luz dourada de seu poder brilhou no centro de sua palma e se lançou contra a fera. Sua surpresa fez com que sua mira

fosse terrível, mas a serpente recuou como se tivesse sido queimada. Por um momento, Clarion só conseguiu olhar para sua própria mão em espanto estupefato. A magia ainda brilhava como poeira estelar em sua palma. Ela a banhava em sua luz dourada e fazia os olhos arregalados de Artemis brilharem. Como ela tinha...? Não. Agora, não importava como ela tinha feito isso — só que ela poderia fazer de novo. Os batedores estavam a caminho, mas não chegariam a tempo. Além disso, flechas não fizeram nada contra aquele monstro.

Mas talvez a magia o fizesse.

Ela havia prometido ser boa. Ela havia prometido estar segura. Mas se isso significasse salvar vidas... "Por favor, me perdoe, Ártemis."

Quando Clarion levantou voo, ela ouviu apenas o grito fraco de "Sua Alteza! Espere!"

Quando ela deslizou para baixo, plantando-se entre a serpente e Rowan, ela havia se reorientado. Onde sua magia tinha chamuscado, sua carne — se é que poderia ser chamada de carne — tinha começado a se desprender em jatos de líquido preto.

De perto, era ainda mais aterrorizante do que tinha sido de longe. A proximidade encheu seu crânio com um zumbido monótono de medo. E então, voltou todo o peso de seu olhar para ela. Sua mente ficou completamente em branco. Cada músculo dela se contraiu com algum medo instintivo. Ela se forçou a levantar as mãos, mas elas estavam tremendo. Sua magia nunca pareceu tão distante. Mas agora, de todos os tempos, ela tinha que ser perfeita.

Controle, ela pensou, através do grito de coelho de terror que seus pensamentos tinham se tornado. *Foco*.

Sua magia crepitava fracamente em sua palma. A serpente se preparou para atacar, sua mandíbula se abrindo amplamente. Naquele momento, o estrangulamento que ela exercia sobre sua magia se afrouxou. Dois pensamentos lhe ocorreram ao mesmo tempo. *Eu vou morrer*. E, mais forte ainda: *Se você quiser machucá-los, terá que passar por mim*.

Foi o segundo que a encheu, estranhamente, de serenidade. Uma luz dourada jorrava dela. Brilhava mais forte que o sol, cortando a névoa baixa na clareira.

Então, algo derrubou Clarion no chão.

Ela foi se esparramando, levantando uma nuvem de poeira em seu rastro. Um peso pesado caiu sobre ela. Quando as manchas desapareceram de sua visão, Clarion estava olhando para Artemis, seu rosto manchado de sujeira e selvagem de pânico. Ela não conseguia ouvir nada além do zumbido em seus ouvidos e do som de suas respirações irregulares. Partículas de luz das estrelas ainda brilhavam no ar quando sua visão clareou, flutuando como flocos de neve do outro lado da fronteira.

Mas quando ela ousou se levantar sobre um cotovelo, não viu mais nada da serpente, a não ser um fio de escuridão, deslizando freneticamente de

volta para a sombra da floresta. Veneno respingou na terra onde Clarion estivera parada apenas um momento antes.

Ártemis a salvou.

Seu alívio não durou muito, no entanto. Seu olhar se fixou em Rowan, deitado muito quieto em meio às folhas de outono espalhadas. Elas a lembravam muito de sangue.

"Ministro!"

Ela se levantou e voou até ele. Ele não se mexeu com a aproximação dela, mas seu peito subia e descia. *Vivo*. Clarion quase chorou de alívio. Ela se ajoelhou ao lado dele e o sacudiu. Sua expressão se contorceu — não de dor, exatamente, mas... medo? Seus olhos piscaram por trás das pálpebras fechadas. Quase parecia que ele estava tendo um pesadelo.

Ela o sacudiu novamente, mais freneticamente. "Acorde."

Ele não respondeu.

A respiração de Clarion ficou mais pesada. O que estava acontecendo?

Lentamente, ela se levantou e examinou os destroços ao seu redor.

Todos os cuidadosos preparativos das fadas foram interrompidos. Fadas inconscientes estavam na clareira, algumas soltando soluços sufocados enquanto dormiam. O pânico surgiu dentro dela. Ela voou para a próxima fada ao lado de Rowan e a sacudiu. "Acorde."

Nada.

Ela voou para o próximo e para o próximo e para o próximo. Nenhum deles se mexeu.

Nada, nada, nada.

"Acorde", ela sussurrou para si mesma. "Por favor, por favor. Acorde."

Quando ela tentou acordar um sexto de seu sono, uma mão pousou pesadamente em seu ombro.

"Vossa Alteza," Ártemis disse suavemente. "Pare."

Por fim, Clarion caiu de joelhos e enterrou o rosto nas mãos. Ela respirou até não se sentir mais perto das lágrimas. Nunca em sua vida ela se sentiu tão patética, tão *pouco rainha*. Nunca se sentiu tão enojada consigo mesma.

Pela primeira vez, Clarion entendeu completamente por que Elvina não confiava nela. Ela entendeu a verdadeira profundidade de seus fracassos. Se ela não dominasse suas habilidades antes de sua coroação, um dia, Pixie Hollow cairia em ruínas.

E seria inteiramente culpa dela.



Clarion mal se lembrava de ter sido trazido de volta ao palácio.

Os batedores chegaram apenas minutos depois que a serpente escapou, pousando ao redor dela em formação com pés silenciosos. Nenhum deles disse uma palavra a ela; pelo menos, se disseram, ela não ouviu. Sua dor havia puxado uma gaze sobre o mundo; por trás disso, nada parecia inteiramente real. Por trás disso, nada poderia realmente tocá-la. Ela vagamente se lembrava dos batedores inspecionando a cena em horror silencioso. Ela se lembrava da sensação maçante de dor quando notou os arranhões em seu braço. Então: Ártemis a guiando para longe da Floresta de Outono.

Agora, ela estava sentada entorpecida nos aposentos de Elvina, empoleirada em uma chaise longue. Em algum momento, Artemis havia removido sua capa e a enrolado em volta dos ombros de Clarion. Estava quente com o calor do corpo, mas Clarion ainda tremia. Alguém também havia colocado uma xícara de chá em suas mãos, mas ela havia esfriado. O quarto estava aconchegantemente escuro, com as cortinas pesadas fechadas sobre as janelas e a luz de velas dourando cada superfície. Sombras tremeluziam no rosto de Elvina.

“Clarion.” A voz de Elvina — mais gentil do que ela ouvia há algum tempo — a sacudiu de volta para seu corpo. “O que aconteceu?”

Clarion tomou um gole de chá, só para se salvar de responder imediatamente. Ela puxou ar para os pulmões até que a névoa sobre seus pensamentos se dissipasse. “Não tenho certeza se consigo descrever direito. Tudo aconteceu muito rápido.”

“Eu entendo. Mas, por favor, tente.”

E assim, Clarion fez. Como em um momento, tudo estava normal — e como no próximo, o ar ficou frio e pesado. Como uma sombra ganhou vida diante de seus olhos, apenas meio formada. Como fadas caíram como pedras do céu e não se levantaram. Como o medo pareceu um peso vivo sobre ela quando ficou cara a cara com a fera, enraizando-a no lugar. Só de pensar nisso ela estremeceu.

Enquanto Clarion falava, a expressão de Elvina não mudou. Nenhuma surpresa — nenhum horror — registrado. Ela apenas parecia severamente resignada. Quando Clarion terminou de contar a noite, uma sensação doentia de certeza tomou conta dela. A dúvida que Milori havia introduzido não parecia mais tão ridícula.

“Você sabe o que são”, ela disse.

A luz do fogo brilhou nos olhos de Elvina. As sombras que ele lançou esculpiram linhas rígidas em seu rosto. Por um momento, sua expressão ficou ilegível. Ela negaria, mesmo agora? Então, com uma torção descontente de sua boca, ela disse: “Eles são chamados de Pesadelos.”

“Pesadelos?” Até mesmo dizer isso em voz alta a arrepiava.

“Como você viu agora, eles têm um poder terrível”, Elvina continuou.

“Eles mergulham suas vítimas em um sono cheio de terror. No momento em que recebemos o primeiro alarme, fiz nossos curandeiros começarem a trabalhar em um antídoto. Até agora, nenhum de seus esforços trabalharam. O Ministro do Outono e dez outros cidadãos de Pixie Hollow ainda não foram despertados.”

Clarion mal conseguia processar. Até que desenvolvessem um antídoto, onze fadas sofreriam enquanto vivessem. A culpa borbulhava dentro dela, mas sua frustração era ainda mais forte. Agora, tudo o que Clarion conseguia pensar era em como Elvina havia escondido isso dela. Se ela soubesse o que estava enfrentando — se ela pudesse ter se preparado...

“Você sabia do que eles eram capazes?”

“E eu fiz planos para lidar com isso”, Elvina respondeu. Clarion detectou o tom defensivo em sua voz. “Os talentos de cura continuarão trabalhando dia e noite até encontrarem a cura. Eles manterão todos o mais confortáveis possível até que sua tarefa esteja completa.”

Não, ela não permitiria que Elvina a mantivesse no escuro por mais tempo. “O que são?”

“Ninguém sabe exatamente.” Elvina se acomodou na chaise longue ao lado dela e cruzou as mãos no colo. Ela olhou fixamente para a frente, sua expressão estranhamente vaga. “Uma vez, há muito tempo, rainhas se lembraram da origem dos Pesadelos. Mas o conhecimento deles desapareceu com o tempo. Tudo o que temos são fragmentos.

“Titânia, a primeira Rainha de Pixie Hollow, confiou a história à sua aprendiz — e assim por diante, até agora. Quando chegou até mim, ela havia se tornado distorcida e vaga. Era mais como um conto de fadas, um conto desgastado com a repetição até que quase não parecia real. Tudo o

que posso dizer é que os Pesadelos vivem na Floresta de Inverno, onde as noites são longas e o frio parece um abraço familiar. Ninguém os via há uma eternidade, mas meu mentor me transmitiu isso: se eles ressurgissem, deveríamos agir rapidamente.”

Suas palavras foram absorvidas lentamente. Ao longo dos anos, Elvina havia dado a Clarion pedaços da história de Pixie Hollow. Mas nenhuma menção havia sido feita a *Nightmares*. Claramente, foi uma deliberada omissão. Antes que ela pudesse se conter, antes que ela pudesse engolir mais um lampejo de mágoa, ela disse, “Por que você não me contou antes?”

“Não parecia importante.”

“Parece importante agora.”

“O que você quer que eu faça?” Elvina disse entre dentes. “Você ainda não pode acessar toda a gama de suas habilidades. Lendas sobre coisas que poderiam muito bem nunca ter acontecido — que poderiam nunca ter existido — só teriam te distraído.”

“Você não pode decidir o que eu devo ou não saber.” A voz de Clarion tremeu com a força de sua raiva. O ataque a abalou demais para que ela mantivesse sua postura habitual. Onze pessoas feridas por causa de suas falhas — e por causa da falta de cautela de Elvina. “O que mais você não me contou?”

Elvina suspirou como se a conversa a tivesse exaurido completamente.

“Clarion. Contenha-se.”

Controle. Foco. Se ela não pudesse se apresentar como uma rainha adequada, Elvina não a trataria como uma. Clarion respirou fundo, fazendo o máximo para suavizar suas feições em passividade. Era assim que Elvina gostava mais dela. Era assim que ela poderia convencê-la de que ela era capaz.

“Tenho que estar preparado para todas as eventualidades”, disse Clarion.

“Como posso estar preparado se não sei o que vou enfrentar?”

Com sua postura restaurada, Elvina a considerou menos como um Cardo Corredor prestes a rasgar a Springtime Square. De volta ao território familiar, finalmente. Com igual medida, a rainha disse: “Isso será resolvido.”

Clarion pousou sua xícara de chá no pires com um tilintar tão frágil quanto seus nervos. “Como?”

O silêncio desceu sobre eles. Por um momento, Clarion pensou que seria o fim da discussão. Mas Elvina a chocou ao responder.

“Devemos minimizar o risco de repetir outra tragédia. Vou convocar uma reunião amanhã para discutir o plano de segurança para Pixie Hollow. Enquanto isso, os batedores vão lidar com a eliminação dos Pesadelos — e se livrar deles.”

Clarion só conseguia pensar em quão rápido o Pesadelo havia chegado; em fadas caindo do céu, silhuetadas pela luz do sol vermelho-sangue, pó de fada escorrendo de suas asas flácidas. Não havia como se livrar de

uma fera como aquela tão bem. Mas então ela se lembrou de como ela havia fugido quando ela havia liberado sua magia, como uma barata fugindo de uma repentina inundação de luz. Clarion ainda não sabia como ela havia feito isso, ou se ela poderia fazer de novo.

Mas Elvina conseguiu.

“Eles têm medo da nossa magia.”

A surpresa passou pelo rosto de Elvina. “Ah?”

“Eu consegui invocar minha magia — só brevemente. Se ao menos você tivesse visto.” Clarion conteve seu entusiasmo o máximo que pôde. Ela se lembrou de que compostura, não convicção, conquistaria seu mentor.

“Nenhuma das armas de Ártemis fez nada contra ela. Mas se você ou eu acompanhássemos os batedores—”

“Não. Está fora de questão, Clarion.” Elvina levantou-se abruptamente de seu assento, seu tom se tornando gélido. “Pixie Hollow é tão forte quanto sua rainha.”

De que serve uma rainha se ela é proibida de fazer qualquer coisa?

Melhor que um morto.

Seu coração se contorceu. Se isso fosse verdade, então Pixie Hollow deveria ser inquebrável. Elvina, afinal, era a rainha perfeita. Embora agora, Clarion não tivesse tanta certeza. Elvina não ouviria conselhos. Ela não compartilharia informações valiosas, que poderiam impedir que tudo isso acontecesse de forma tão catastrófica.

Se você estiver interessado em resolver esse problema em vez de evitá-lo, você sabe onde me encontrar. Naquele momento, ela só conseguia pensar em Milori e seus tristes olhos cinzentos: alguém com um plano para agir. Elvina não estava mentindo para ela, certamente, mas ela claramente não estava lhe contando toda a verdade, também. A menos que Clarion quisesse ficar sentada em silêncio — a menos que ela quisesse sufocar completamente sua própria intuição para sempre — ela não tinha mais opções. Pelo bem de Pixie Hollow, ela engoliria suas reservas. No momento em que pudesse, ela encontraria Milori onde a primavera sangrava para o inverno.



Na manhã seguinte, Elvina convocou uma assembleia.

Sob suas ordens, todos deixaram de lado o trabalho do dia e correram para a sala do trono do palácio. Hera e videiras floridas pendiam do teto como estandartes reais, e a luz do sol filtrava-se por delicadas fissuras na madeira, lavando o espaço em ouro.

O próprio trono brotou da terra: um tronco de muda, esculpido em um assento. Galhos retorcidos, exuberantes com folhas de verão, formavam os braços e o encosto. Era lindo, mas Clarion sempre suspeitou que fosse terrivelmente desconfortável. Aqui no estrado coberto de musgo, ela se

erguia acima das fadas reunidas abaixo. Ela se espantava com quantas vidas um dia ela teria em suas mãos. Ela não via todos os seus súditos em um só lugar desde o dia em que chegou.

Elvina estava na beirada do estrado, majestosa e completamente resplandecente. Ela usava sua insígnia completa hoje: sua coroa de chifres, tecida com flores silvestres, e seu vestido de saia larga, brilhante e dourado com pó de fada. Clarion estava a uma curta distância atrás dela, ladeada de ambos os lados pelos Ministros da Primavera e do Verão. Nenhum deles dissera uma palavra a manhã toda. Sem Rowan — sem a discussão animada e as risadas que ele provocava — eles pareciam quase perdidos. O silêncio deles lhe caía bem. Clarion se assustava com cada farfalhar de folhas na brisa, com cada sombra que se alongava.

Murmúrios percorreram as massas reunidas. Em seus rostos virados para cima, Clarion viu toda a sua preocupação refletida de volta para ela mil vezes mais. Distraidamente, ela alcançou aquela centelha de poder dentro dela e não encontrou nada. Por que ela a abandonou novamente, quando tinha chegado a ela tão facilmente ontem? Naquele momento de perigo, diante daquela fera, algo dentro dela havia cedido.

Mas o quê?

Por mais que tentasse, ela não conseguia se lembrar de qual técnica havia empregado. Na época, sua mente estava consumida por uma espécie de vazio, em algum lugar entre desespero e resignação. Era totalmente impossível replicar ali, de todos os lugares, e ela não sabia como poderia recriar aquelas condições, a menos que decidisse criar o hábito de se jogar de cabeça em situações de risco de vida. Além disso, ela não sabia se queria descobrir se — quando realmente importasse — ela poderia invocar o poder de que precisava para salvar alguém.

Elvina levantou uma mão, e um silêncio caiu instantaneamente sobre a multidão. Havia aquele magnetismo de talento de governo em ação. Isso nunca deixava de impressionar Clarion.

“Obrigada a todos por se reunirem aqui hoje”, disse Elvina. “Eu entendo que isso é incomum e que todos vocês têm trabalho para terminar, então vou me esforçar para ser breve. No entanto, há uma situação terrível em Pixie Hollow — uma que tenho certeza de que muitos de vocês já ouviram falar por meio de rumores e especulações. Ontem, um grupo das fadas foi atacado na Floresta de Outono por uma criatura que cruzou a Floresta de Inverno.”

Suspiros e gritos de alarme responderam às palavras de Elvina.

“Sei que muitos de vocês têm perguntas.” A voz de Elvina ecoou acima da multidão, ecoando nos tetos altos. “Sei que muitos de vocês estão preocupados. Quero acabar com essas preocupações e garantir que estamos fazendo tudo ao nosso alcance para manter todos os moradores de Pixie Hollow seguros. Todas as vítimas estão vivas e em condições estáveis. Embora não tenhamos muitas informações para compartilhar,

parece que esses monstros podem enredar suas presas em um sono do qual não conseguem acordar. Embora não tenhamos conseguido despertar as vítimas, nossos curandeiros estão trabalhando duro para restaurá-las. Agora—”

Um talento para tempestades vestido com um vestido de lírios da chuva surgiu na multidão. “Com todo o respeito, Majestade, como isso aconteceu? No outro dia, todos nós fomos colocados sob toque de recolher — e então nos garantiram que a ameaça havia sido controlada.” Clarion tentou não deixar sua surpresa transparecer em seu rosto. Em todos os seus dezessete anos, ela nunca tinha ouvido alguém questionar Elvina tão abertamente. Mas muitos na multidão concordaram com a cabeça.

“Nossos batedores não encontraram nenhuma evidência de uma ameaça contínua na época”, Elvina respondeu, com um pouco de gelo em seu tom. “Com as informações que tínhamos — e dada a iminente coroação da Princesa Clarion — parecia o melhor curso de ação retomar a atividade normal. Lamento muito a falta de cautela e garanto que tal descuido não acontecerá novamente. O que aconteceu foi uma tragédia e eu assumo a responsabilidade. Agora, se me permite?”

Quando ninguém mais se intrometeu, ela juntou as mãos e continuou.

“Onze de seus companheiros estão atualmente sob os cuidados de nossos curandeiros. Um deles, como muitos de vocês já sabem, é o Ministro do Outono.”

Outra fada — um talento de tingimento salpicado de pigmentos — falou do fundo da multidão. “Como serão feitos os preparativos para o outono?”

Murmúrios irromperam da multidão novamente, suas vozes baixas de medo. Clarion não tinha realmente considerado o impacto disso até agora. Se uma estação não chegasse ao Continente a tempo, os efeitos poderiam ser desastrosos. Um longo verão significava seca. Significava ondas de calor mortais e incêndios florestais. As plantações murchando no solo e as águas sufocadas com flores de algas. A natureza era uma vasta rede, como a delicada teia de uma aranha. Se um fio fosse tocado, ele reverberava por todo o resto. Havia coisas que nem mesmo o pó de fada e a ética de trabalho das fadas poderiam ajudar.

Aquela voz cruel em sua cabeça sussurrou: *E seria tudo culpa sua.*

Se ela fosse uma governante mais competente e talentosa, então...

“Ainda faltam vários meses para o outono chegar ao Continente”, Elvina respondeu, com muito mais confiança do que Clarion conseguia reunir.

“Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para garantir que os preparativos continuem sem problemas. As fadas do outono são bem informadas, e a Princesa Clarion e eu cuidaremos do ministro. No entanto, prevejo que ele estará de pé bem antes de sentirmos sua ausência.”

Parte da inquietação da multidão pareceu se dissipar. Clarion pensou ter visto parte da tensão sangrar dos ombros de Elvina quando seus súditos mais uma vez ficaram quietos. A ideia de que ela tinha ficado abalada, mesmo que por um segundo, parecia absurda para Clarion. Elvina nunca havia demonstrado nada além de uma convicção inabalável em seus próprios planos. Ela se recusou a ouvir algo diferente na noite passada. “Antes de dispensá-los”, disse Elvina, “gostaria de compartilhar os nomes daqueles que estão se recuperando do ataque”.

Suas mãos em concha se encheram com a luz de sua magia. Com cada nome que ela recitava, ela deixava um orbe de luz subir até o teto. Pó de pixie chovia suavemente sobre eles. Dali, Clarion podia ver fadas se abraçando ou dando as mãos para confortar umas às outras.

“Nós lidaremos com as criaturas que fizeram isso”, disse Elvina, quando todas as onze luzes brilharam intensamente acima deles. “Mas não devemos ser imprudentes. A partir de hoje, estou instituindo um toque de recolher novamente. Agora que aprendemos que essas criaturas são ativas na escuridão, ninguém sairá depois que o sol se pôr. Não haverá exceções. Qualquer um que quebrar essa regra responderá a mim. Estamos entendidos?”

O silêncio era completo.

Então, um talento para o clima, com o cabelo desgrenhado de acompanhar os padrões do vento, perguntou: “E o inverno?”

Havia a mais tênue nota de acusação nele. De repente, Clarion tornou-se agudamente consciente da montanha que se avultava ao norte — toda a sua brancura varrida pelo vento e ofuscante.

Várias fadas falaram ao mesmo tempo, clamando para serem ouvidas:

“Você disse que aquelas feras vieram do inverno.”

“Eles os soltaram?”

“Eles perderam o controle deles?”

“Eles também foram vítimas deles?”

Elvina levantou a mão, exigindo silêncio mais uma vez. Quando a comoção diminuiu, ela respondeu: “O Guardião da Floresta de Inverno não faz contato com as estações quentes há algum tempo. No entanto, não acredito que isso seja obra deles. Só posso imaginar que eles também devem estar sofrendo. Meus pensamentos estão com eles.”

Elvina acreditava nisso, ou sabia? Clarion estremeceu com a reviravolta de seus próprios pensamentos. Ela odiava essa paranoia recém-descoberta — essa desconfiança da mulher que quase a criou.

“Dito isso, compartilho sua trepidação. Precisamos tomar medidas para nos proteger a longo prazo.” Elvina inclinou o queixo, e a sombra curva de sua coroa se estendeu pelo chão. “Pretendo derrubar as pontes entre o inverno e as estações quentes.”

Se a multidão reagiu, Clarion não conseguiu ouvir por causa do zumbido em seus próprios ouvidos. O horror parecia garras arranhando suas costas.

“Levará tempo”, Elvina continuou. “A magia que flui dentro deles é poderosa e não pode ser destruída por meios comuns. Mas fique tranquilo, o plano já está em andamento.”

Esse era o plano de Elvina? Abandonar Winter aos Pesadelos — pior, deixá-los completamente à deriva do resto de Pixie Hollow? Talvez Clarion tivesse pouca experiência em governar. Talvez ela não entendesse exatamente com o que eles estavam lidando. Mas ela sabia, no fundo do seu coração, que isso era errado.

Quando Elvina dispensou a assembleia, fadas começaram a sair. Uma voz familiar cortou a escuridão de seus pensamentos.

“Clarion!”

Ela olhou para cima e viu Petra lutando para chegar ao pé do estrado, seu cabelo vermelho brilhando sob a luz do sol. A visão dela confortou Clarion mais do que ela esperava. Antes que ela pudesse abrir a boca para cumprimentá-la, Petra se lançou para frente e agarrou o antebraço de Clarion. Algo tão familiar quanto abraçá-la em público levantaria sobranceiras, mas ela sentiu todo o calor e alívio que Petra pretendia na pressão constante de seu aperto.

“Você está bem,” Petra respirou. “Quando ouvi o que aconteceu, eu...”

“Está tudo bem. *Estou* bem.” Clarion ofereceu-lhe um sorriso incerto.

“Quase tudo.”

Petra retirou a mão, deixando-a se curvar protetoramente na frente do peito. “O que há de errado?”

O olhar de Clarion disparou para Elvina, que tinha começado a falar com Aurelia e Iris em voz baixa. Artemis, de pé obedientemente o pé do estrado, *é claro*, notou sua tentativa fraca de ser sorrateira. Ela estreitou os olhos para Clarion, como se dissesse, *eu sei que você está tramando algo*. Depois de seu desaparecimento duas noites atrás — e o ataque em Autumn — ela supôs que nunca mais escaparia de sua guarda tão facilmente.

“Não aqui,” Clarion disse. “Siga-me.”

Petra gemeu.

Clarion a levou em direção à porta da sala do trono. Artemis imediatamente começou a segui-los, perto o suficiente para ficar de olho neles, longe o suficiente para ficar fora do alcance da voz. Por mais inconveniente que fosse às vezes, Clarion não podia negar o quão segura ela se sentia com sua sombra caindo sobre eles. Petra lançava olhares furtivos em sua direção de vez em quando, a cor em suas bochechas se aprofundando a cada momento que passava. Às vezes, era impossível dizer se ela queria correr *de* Artemis ou *em direção* a ela.

Quando chegaram ao gramado do palácio, uma extensão extensa de verde salpicada de botões-de-ouro e azedinhas, Clarion se acomodou na grama. Tão cedo pela manhã, ainda estava frio e úmido com orvalho. O campo inteiro brilhava sob a luz do sol. Clarion não conseguia deixar de pensar que parecia geada.

“Por que você me trouxe aqui?”, perguntou Petra.

“O que você acha do plano de Elvina?”

Um pouco da preocupação desapareceu do rosto de Petra. Confortável no reino da logística e de sua própria experiência, ela disse: “Ela já falou com alguns dos consertadores sobre isso. As raízes da Árvore de Pó de Pixie não podem ser destruídas facilmente, então não será tão simples quanto colocar os talentos de corte de madeira nela. Mas se houver alguma maneira de imbuir um machado com magia, então teoricamente...”

Petra começou a esboçar a teoria para ela, mas Clarion processou pouco dela. Ela não conseguia suportar a ideia de magia de talento de governo e engenhosidade de consertador sendo usadas em tal um jeito. De Milori, que havia procurado sua ajuda, sendo tão sumariamente excluída. Mais do que tudo, Clarion não conseguia suportar a ideia de desperdiçar essa oportunidade. Se ela tivesse uma pequena chance de consertar a fenda entre seus mundos, como ela poderia se afastar disso? “Eu tenho que detê-la”, disse Clarion.

O rosto de Petra ficou mortalmente pálido, e sua voz saiu como pouco mais que um guincho. “Pará-la? Por quê?”

Clarion sentou-se mais ereto. “Porque não é certo abandonar as fadas do inverno para os Pesadelos! Você ao menos sabe o que vai acontecer se as pontes forem destruídas?”

“Ninguém poderá cruzar para Winter novamente”, Petra respondeu. A julgar por sua carranca — e seu tom hesitante — os protestos de Clarion a compeliram. “Mas os dustologistas confirmaram que há outros sistemas de raízes conectando Winter à Árvore de Pó de Pixie. Eles ficarão bem. Apenas sozinhos.”

Sozinho é realmente bom? Clarion se perguntou. Ela balançou a cabeça.

“Tem que haver algum outro jeito.”

Depois de quão desdenhosa Elvina tinha sido de suas ideias, Clarion não tinha ilusões de ser capaz de dissuadi-la. O que significava que ela tinha que falar com Milori.

“Faz tempo que não vejo esse olhar”, disse Petra, com partes iguais de admiração e cautela.

Clarion piscou, assustada, saindo de seus próprios pensamentos. “Que olhar?”

Petra fez algo parecido com uma carranca e gesticulou para o próprio rosto. “Esse olhar. Significa que você vai fazer algo imprudente.”

Clarion sorriu inocentemente, mesmo que fosse só para esconder que ela realmente planejava fazer algo imprudente. “Eu nunca faria isso! Eu superei essas coisas.”

Petra enterrou o rosto nas mãos. “Por que não acredito em você?”

“Eu só vou falar com Elvina,” ela mentiu. “Não se preocupe.”

“Por que você diria isso? Isso vai me deixar mais preocupado!”

Mas Clarion já tinha voltado sua mente para a conspiração. O novo decreto de Elvina tinha lhe dado a oportunidade perfeita para escapar. Até novo aviso, ninguém estaria por aí à noite. Ninguém saberia que sentia falta dela. Ninguém, exceto Elvina.

E Ártemis.

Clarion ousou olhar para ela, meio escondida com sua túnica cor de terra contra o tronco da Árvore de Pó de Pixie. Como se tivesse sido chamada — como se pudesse sentir o esquema mal aconselhado se formando em sua mente — Artemis encontrou seus olhos com uma carranca cautelosa.

Pelo bem de Pixie Hollow, Clarion teria que encontrar uma maneira de contorná-la.



Durante toda a semana, Clarion não conseguia se concentrar em nada além do sol avançando gradualmente para o oeste. À luz do dia, a vida continuava normalmente. Mas, à medida que a tarde se transformava em noite, o medo se acumulava sobre Pixie Hollow como uma nuvem de tempestade. Até Clarion se viu estremecendo a cada grito distante de um animal. Hoje, ela estava ainda mais dolorosamente ciente das sombras que se alongavam. Porque assim que o sol mergulhasse abaixo do horizonte, a semana que Milori lhe oferecera acabaria. A impaciência se alojou como uma farpa em sua mente. Seus deveres a consumiam cada minuto livre ultimamente, e hoje não era exceção. Durante a reunião do conselho, ela olhou para a cadeira vazia de Rowan enquanto representantes dos batedores e curandeiros apresentavam suas atualizações sobre os Pesadelos. As únicas palavras que ela realmente absorveu foram *nenhum traço* e *nenhuma cura*. Só confirmou ainda mais o que ela suspeitava: não havia nada que as estações quentes sozinhas pudessem fazer. Ela precisava falar com Milori. Sua agenda estava misericordiosamente livre depois disso, mas Artemis sem dúvida provaria ser um obstáculo. Na esteira do decreto de Elvina, ela estava particularmente *atenta*. Qualquer clique de uma fechadura ou rangido de uma porta, e Clarion sentia o peso dos olhos da batedora como a ponta de uma lâmina pressionada em sua espinha. Se ela não pudesse passar furtivamente por ela, ela teria que tentar uma tática diferente: pedir permissão. Clarion pode não ter conhecido Artemis tão

bem quanto conhecia Petra, mas ela conhecia seus valores. Mais importante, ela conhecia seu coração. Se alguém podia entender o fardo de querer manter Pixie Hollow segura, era ela.

Assim que a reunião foi encerrada, Clarion ignorou determinadamente o olhar avaliador de Elvina e correu de volta para seu quarto. Ela destrancou as portas da sacada e saiu para o calor do fim da tarde.

Artemis, previsivelmente, estava empoleirada nos galhos bifurcados de um galho de árvore coberto de musgo, sua espada de madeira polida descansando na curva de seu pescoço e ombro. Seus braços estavam preguiçosamente pendurados sobre o joelho que ela havia puxado para o peito. O ângulo da luz do sol projetava metade de seu rosto na sombra e iluminava os tons de azul em seu cabelo escuro.

Distraidamente, Clarion notou que a Árvore de Pó de Pixie tinha brotado uma única Neverberry logo acima da cabeça da escoteira, como se lhe oferecesse hospitalidade enquanto ela mantinha sua vigília solitária. De vez em quando, ela notava seus habitantes e seus humores. Uma vez, depois de um dia particularmente difícil, os galhos do lado de fora de sua janela floresceram desenfreadamente com magnólias borboleta douradas.

“Vossa Alteza,” Ártemis disse em forma de saudação, sua voz tão friamente deferente como sempre.

Clarion apoiou os cotovelos no corrimão da sacada, fazendo o melhor que podia para parecer casual. Ocorreu-lhe que ela raramente fez uma coisa dessas — que conceito, parecer *casual* — e não tinha a mínima ideia do que fazer com as mãos ou o rosto.

“Tenho uma tarde livre”, ela disse. “Eu estava esperando sair.”

Artemis olhou para ela cautelosamente. “Aonde você quer ir?”

“A fronteira da Primavera e do Inverno?” Assim que as palavras saíram de sua boca, ela estremeceu. Ela pretendia soar confiante, mas saiu mais como uma pergunta.

Artemis fez uma careta. “Não acho que Sua Majestade gostaria muito disso.”

“Não, não creio que ela faria isso.”

Artemis pareceu aliviada. “Então estamos de acordo.”

“Se”, Clarion acrescentou alegremente, “ela soubesse que eu fui.”

Artemis se endireitou, agora entendendo o jogo de Clarion. Ela colocou sua espada sobre seu colo e se virou para ela com um olhar em seu rosto que só poderia ser descrito como incrédulo. “Você quer que eu minta para Sua Majestade por você.”

Bem, isso foi muito mais fácil de abordar do que ela esperava. “Se você quiser colocar dessa forma...sim.”

“Certamente—” Como se fosse uma deixa, o galho da árvore que carregava a fruta caiu sobre o ombro de Ártemis. Perplexa, ela o arrancou e olhou para ele. “O que é isso?”

Clarion conteve um sorriso. “Um suborno, eu acho. Funcionou?”

Artemis não pareceu impressionada, nem dignificou suas palhaçadas com uma resposta. “Certamente há outro lugar para onde você gostaria de ir.” Depois de um momento, com um toque de esperança em sua voz, ela acrescentou: “Talvez Tinker’s Nook?”

Clarion encontrou seu olhar com toda a convicção queimando intensamente dentro dela. “Nenhum outro lugar me serviria melhor do que a fronteira.”

Artemis, sentindo claramente que Clarion não seria movido pelo bom senso, suspirou profundamente. “Permissão para falar livremente?”

“Claro.”

Artemis se levantou e, com um bater de asas, veio pousar graciosamente no corrimão. As folhas lançavam sombras salpicadas sobre seu rosto.

“Vossa Alteza, minhas ordens são para mantê-la *segura*. Dadas as circunstâncias — e, francamente, conhecendo você — a fronteira é o último lugar que eu deveria permitir que você fosse.”

Clarion esperava essa resposta. Artemis, afinal, era a fada mais dedicada ao dever que ela conhecia — e muito mais devotada a ela do que Clarion merecia. Por mais que isso a frustrasse, a tocava. Artemis não seria tão rigorosa se não se importasse. “Eu não insistiria se não fosse importante. Confie em mim.”

Artemis hesitou. O que quer que ela tenha visto na expressão de Clarion deve tê-la suavizado, porque ela se sentou de modo que eles estavam quase no mesmo nível dos olhos novamente. Ela deu uma mordida na fruta e mastigou pensativamente. “O que há na fronteira que você quer tanto ver?”

“O Guardião da Floresta de Inverno.”

Choque cintilou nos olhos de Artemis, uma mudança tão sutil quanto sombras passando sobre a lua. Cautelosamente, ela perguntou: “Por que você iria querer se encontrar com eles?”

“Acho que ele sabe como derrotar os Pesadelos.” Clarion franziu a testa.

“Cortar Winter do resto de Pixie Hollow não é uma opção. Se eu puder salvar mais fadas, então tenho que tentar.”

Artemis parecia mais em conflito do que Clarion jamais a vira. Com carinho inconfundível, ela disse: “Você sempre foi tão teimosa.”

A esperança surgiu dentro dela. “Então você vai me deixar ir?”

“Eu não deveria — para o seu próprio bem. Não sou estranha ao que acontece quando alguém lidera com o coração acima da cabeça.” Artemis sorriu tristemente, como se estivesse perdida em algum devaneio. “A Rainha Elvina e a Comandante Nightshade me deram uma segunda chance ao me nomear guarda real. Se algum mal lhe acontecesse, não sei quanto isso me custaria.”

Clarion ficou surpresa, tanto com a vulnerabilidade de Artemis quanto com sua confissão. Artemis tinha sido uma presença tão constante, que ficou chocada ao perceber que tinha uma vida antes mesmo de Clarion

chegar. Havia coisas sobre ela que ela não sabia — e talvez nunca soubesse. "Não consigo imaginar você liderando com seu coração."

"Isso foi há muito tempo", disse Artemis.

Quando ela olhou para Clarion novamente, sua fachada estoica estava de volta ao lugar. Mas, só por um momento, Clarion realmente a viu. Isso quase confirmou o que Clarion suspeitava há muito tempo. Ártemis não havia escolhido isso: a vida mimada da guarda pessoal de uma rainha em treinamento. Quantas vezes Clarion a pegou olhando ansiosamente para as patrulhas? Quantas vezes ela a pegou afiando sua lâmina já afiada para uma batalha que nunca aconteceria? De fato, a mais *viva* que Clarion já a viu foi quando ela a empurrou para fora do caminho daquela fera.

Talvez ela pudesse imaginar uma versão imprudente de Ártemis, afinal. Ela não era o tipo de fada que deixaria os outros arriscarem suas vidas — especialmente se ela mesma pudesse assumir o risco.

"Nenhum mal me acontecerá", Clarion disse suavemente. "Eu juro, eu nunca faria nada intencionalmente para colocar sua posição em risco." Artemis passou a mão pelos cabelos e soltou um longo suspiro. "Se você realmente acredita que este é o melhor caminho a seguir, então eu confio em você."

Eu confio em você. Há quanto tempo ela ansiava por ouvir essas palavras. Ela mal conseguia acreditar nelas, agora que tinha.

"Sim", disse Clarion apressadamente, apenas para manter a emoção longe de sua voz.

Ártemis já parecia arrependida. "Vá, então. Se Sua Majestade vier te procurar, eu darei suas desculpas."

Clarion agarrou sua mão livre e apertou. "Obrigada."

Ártemis olhou para as mãos deles com uma expressão estranhamente perturbada. Então, ela se desvencilhou e reorganizou sua características de volta em uma máscara de profissionalismo. "Só volte antes de escurecer completamente."



Com apenas alguns minutos até o pôr do sol, Clarion esperou na ponte que atravessava o inverno e a primavera. Ela sentou-se no musgo úmido que cobria a raiz, deixando seus pés balançarem sobre a água. Seu reflexo olhou para ela, envolto pela aura suave de suas asas no crepúsculo. Aqui, apesar do perigo que a noite prometia, ela se sentia quase em paz. Com o borbulhar silencioso do rio abaixo dela e a queda de neve constante do outro lado da fronteira, era—

"Você veio."

Clarion engasgou, quase caindo na água.

Quando se recuperou, olhou para cima e viu Milori parado a alguns metros de distância dela. Quando ele tinha chegado lá? Era como se ele tivesse aparecido da própria neve. Ela abriu a boca para falar, mas algo na surpresa suave no rosto dele roubou suas palavras. Ela não sabia se isso a ofendia ou o tornava querido para ela. Então, novamente, ela supôs que não lhe dera nenhuma razão para esperá-la.

Ocorreu-lhe um momento tarde demais que ela estava meio esparramada no chão, olhando boquiaberta para ele. Não ajudava em nada que ele parecesse quase *bonito* na luz do entardecer. Flocos de neve se acumulavam em seus cílios e brilhavam contra seu cabelo branco, de modo que ele parecia dourado com geada. Clarion sinceramente esperava que o calor subindo em seu pescoço não atingisse seu rosto. Ser pega tão indignamente... não seria bom. Com um bater de asas, Clarion se endireitou em sua altura máxima e pairou no chão. Recatada, ela tirou a grama de suas saias. “Eu fiz”, ela disse. Então, mais gentilmente: “Demorou mais tempo do que eu pensava que seria. Eu tinha que descobrir como chegar aqui novamente.”

“Claro”, ele disse. “Você mencionou suas obrigações na última vez que conversamos.”

Aquele tom irônico retornou à sua voz. Clarion se ressentiu muito da implicação. Quaisquer que fossem as noções que ele tinha sobre a realeza de Pixie Hollow, ela realmente *estava* bem ocupada. “Não tem sido fácil. Tenho sido mantido trancado a sete chaves, e nosso novo toque de recolher complica as coisas.”

Sua expressão suavizou-se com preocupação. “Um toque de recolher?” “Sim. Fomos atacados.” Parecia uma explicação insuficiente para o que tinha acontecido. A lembrança disso fez seu estômago se contorcer de medo — e culpa. Se ao menos ela tivesse conseguido impedir. “Onze fadas caíram em algum tipo de sono. Nossos curandeiros estão trabalhando para reanimá-las, mas...”

“Sinto muito.” Ele soou como se estivesse falando sério. Pior, ele soou como se acreditasse que era culpa dele. “Várias fadas do inverno tiveram o mesmo destino. Também não conseguimos desenvolver um antídoto.” Uma terrível melancolia caiu sobre ele, e Clarion teve que lutar contra o impulso de... o quê, exatamente? Ela não tinha conforto para lhe oferecer. Mas, se nada mais, ela conseguia entendê-lo. Não havia nada pior, ela pensou, do que ser impotente quando outros dependiam de você.

Clarion sorriu pesarosamente. “Você ainda acha que eu posso te ajudar?” “Eu quero.” Ele hesitou. “Eu só não achei que você voltaria. Por que você voltou?”

“Porque eu quero ouvir seu plano.” Ela cruzou os braços para afastar o frio que emanava da fronteira — e das notícias que ela tinha para compartilhar. “Já que ninguém sabe como destruir os monstros, Elvina pretende prendê-los no inverno. Ela vai cortar as pontes que ligam o

inverno às outras estações. Você ainda terá seu suprimento de pó de pirlimpimpim, mas...”

Milori ficou tão pálida quanto os bancos de neve. Parecia menos isolador, ela pensou, ver alguém reagir com o mesmo horror que ela sentia. Cem emoções e pensamentos passaram por seu rosto, mas no final, tudo o que ele disse foi “Você discorda dela?”

“Claro que sim. Eu mesma vi o monstro.” Quando ela fechou os olhos, ela ainda podia ver o Pesadelo, como uma imagem residual gravada em sua mente. Ela pode não ter mergulhado no sono, mas isso ainda atormentava seus sonhos. “Eu não vou deixar você lidar com eles sozinha. Eu não era forte o suficiente para proteger ninguém, mas quando minha magia o atingiu... Eu não sei o que aconteceu, exatamente. Parecia quase medo. Elvina me proibiu de me envolver, mas eu me recuso a deixá-la passar por isso se eu for capaz de destruí-los.”

“Ninguém em Winter conseguiu fazê-los recuar”, ele disse, quase maravilhado. “Você realmente pode ser a chave.”

A chave. Ele não diria isso se soubesse o quão pouco ela dominava a magia do talento de governar.

“Não sei sobre isso.” Ela desviou o olhar. “A única outra coisa que posso oferecer é que eles são chamados de Pesadelos. Elvina pelo menos me contou isso. Mas você já sabia disso, não sabia?”

“Sim,” ele disse relutantemente. “Eu sei o que são.”

Seu antecessor não foi muito aberto com você, ele disse a ela.

Não, ela certamente não estava.

Claramente confundindo o silêncio dela com traição, ele acrescentou:

“Meu conhecimento é incompleto, mas acredito que as Rainhas de Pixie Hollow têm informações que eu não tenho. Mas quando percebi que você sabia ainda menos do que eu...” Ele franziu a testa, como se estivesse procurando as palavras certas para fazê-la entender. “Não houve muita boa vontade entre nossos reinos. Temi que você não confiasse em mim a menos que ouvisse da própria Rainha Elvina.”

“Eu entendo,” ela disse calmamente. Ele não estava errado, ela supôs. Seus ombros relaxaram com alívio. “Como você descobriu sobre eles?”

“Há um lago congelado nas profundezas da Floresta de Inverno que há muito tempo é usado para conter Pesadelos.” Enquanto Clarion estudava seu rosto, ela percebeu o quão exausto ele parecia. As sombras sob seus olhos sugeriam que ele não dormia bem há dias. Há quanto tempo ele ficava acordado, preocupado com seus próprios súditos? “Eles finalmente escaparam.”

“Como uma prisão,” ela murmurou. De repente, a realização a atingiu.

“Então você—”

“Sim,” ele disse cansado. “É por isso que sou chamado de Guardião da Floresta de Inverno.”

Que fardo pesado, ela pensou. Não era de se espantar que ele parecesse tão culpado agora. Ele realmente acreditava que isso era culpa *dele* ?

Uma parte dela ansiava por estender a mão para aliviar a tensão em sua testa — para colocar uma mão reconfortante em seu braço. Este não era mais um problema dele para carregar sozinho. Mas ela resistiu ao impulso e, em vez disso, com uma gentileza que a surpreendeu, disse: "Quero ajudar você. Diga-me como."

Uma pequena medida de alívio suavizou o pior de seu desespero. "Há um lugar chamado Hall of Winter, onde uma cópia de cada texto em Pixie Hollow é armazenada. É presidido por uma fada conhecida como a Guardiã do Conhecimento das Fadas. Há um livro em sua coleção que nem ele nem eu somos capazes de ler. Ele acredita que apenas a magia do talento governante pode desbloqueá-lo."

Cada texto em Pixie Hollow? Que espetacular. Clarion nunca mais iria querer respostas. Mas a sugestão de que sua magia era a chave cortou sua excitação. Com o pequeno pedaço de poder que ela podia invocar, ela era um talento governante apenas no nome. Quando realmente importasse, ela o decepcionaria. Mas não fazia sentido dizer isso a ele agora.

"Fácil o suficiente." Ela forçou um sorriso. "Você vai trazer para mim?" "É muito pesado para carregar. Além disso, o Guardiã é..." Milori fez uma careta, o que lhe disse muito mais do que palavras jamais diriam. Ele deve ter sido um homem-pardal temível, de fato, para inspirar tamanha deferência no Guardiã das Florestas de Inverno. "Não sei o que ele faria se fosse exposto aos elementos. É um livro muito antigo." Bem, isso certamente representaria desafios. "O que você sugere, então?"

Sem hesitar, ele respondeu: "Você precisará vir para Winter comigo." Seu primeiro pensamento foi *absolutamente não* — e seu primeiro instinto foi rir — mas pelo menos seu treinamento em desinteresse real provou ser eficaz o suficiente para esconder sua reação. Ele queria que ela fosse *para Winter com ele*? Estava totalmente fora de questão, supondo que fosse possível. Ela não conseguiu esconder a incredulidade de sua voz quando disse: "E como você propõe que eu faça isso?"

"O Guardiã me disse que fadas quentes costumavam atravessar para o Inverno", Milori disse incerto, como se ele próprio tivesse dificuldade em acreditar.

Se tivessem, certamente não foi durante a vida de Elvina. Milori não estava exagerando quando disse que o Hall of Winter continha *todo* o conhecimento das fadas, então. A ideia de que outros haviam cruzado a arrepiou. Todas as vezes em que ela se perguntou sobre a existência das pontes e admirou as esculturas das insígnias de Winter por todo o palácio... Fazia sentido. Talvez seus reinos realmente *pertencessem* um ao outro.

"Se você puder encontrar uma maneira de proteger suas asas do frio", ele disse, "você poderá cruzar por um breve período de tempo".

Teoricamente, isso era verdade. Enquanto suas asas permanecessem isoladas, elas não congelariam. Clarion soltou um longo e firme suspiro. Ela não conseguia acreditar que estava *considerando* um plano tão perigoso depois da promessa que tinha feito. feito para Ártemis. Mas se isso protegeria seus súditos — tanto no inverno quanto nas estações quentes — ela não tinha outra escolha.

“Tudo bem. Ainda não sei como vou conseguir, mas...” Antes mesmo de terminar a frase, a solução lhe ocorreu. *Petra*. Se havia uma fada com quem ela podia contar para elaborar uma invenção inteligente, era ela. A antecipação acendeu os olhos cinzentos de Milori. “Você tem uma ideia.”

“Sim,” ela disse relutantemente. Isso envolveria apenas recrutar a fada mais avessa a riscos de todo o Vale das Fadas para talvez o esquema mais mal aconselhado que Clarion já havia inventado. “Não posso garantir nada, mas vou tentar.”

“É tudo o que peço. Obrigado.”

Ele falou tão sinceramente, tão *esperançosamente*, que a fez se sentir quase perturbada. Sua gratidão — e o conhecimento de que alguém estava contando com ela tão profundamente — parecia algo precioso, de fato. Ela queria segurá-lo perto. “Claro.”

Ele também deve ter sentido o peso do silêncio. Ele desviou o olhar antes de quebrá-lo. “Suponho que não temos como entrar em contato um com o outro nesse meio tempo. Se quiser, posso continuar esperando por você aqui no pôr do sol.”

“Toda noite?” Clarion levantou uma sobrancelha “Ninguém sente sua falta?”

Ele inclinou a cabeça. “O que você quer dizer?”

“Ninguém te rastreia?” ela incitou. Calor se espalhou por suas bochechas quando ela percebeu o que exatamente tinha dito. “Quero dizer... ninguém se importa que você venha assombrar a fronteira da Primavera como um fantasma?”

“Ah.” Se ele ficou ofendido, não demonstrou. Na verdade, ele parecia gostar desse relacionamento em que eles tinham caído. “Se as fadas do inverno soubessem que eu estava — o que você disse, assombrando a fronteira? — então elas poderiam não ficar satisfeitas. Mas é primavera agora, então as coisas estão calmas. Além disso, quem está lá, realmente, para se importar com o que eu faço? Ninguém está acima de mim em posição, exceto você.”

Ninguém além de você.

O coração dela tropeçou em si mesmo enquanto ela revirava aquelas palavras. Parecia que ele tinha tecido algum feitiço, um que tornava o mundo estreito para isso: a neve se acomodando gentilmente sobre a terra e a firmeza do olhar dele sobre ela.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha — e se absteve de lembrá-lo novamente de que ainda não era rainha. Ela se viu faminta por

mais detalhes de como exatamente as coisas funcionavam no inverno, mesmo que apenas para se livrar dessa... *agitação* . "Houve um Guardião da Floresta de Inverno que treinou você?"

Ele balançou a cabeça. "Ele deixou suas anotações para trás. Era tudo o que eu tinha."

"Oh." Clarion não conseguia imaginar o quão difícil seria ter que juntar as coisas do que outra pessoa havia deixado para trás — e fazer isso completamente sozinha. Os Ministros Sazonais nas estações quentes eram os mesmos: um desaparecia antes que o outro chegasse, os dois nunca se sobrepunham. Mas a rainha servia como uma luz guia e uma rocha firme, ali para ajudar um recém-chegado a se levantar. Aqui estava mais uma maneira de deixar o Inverno se defender sozinho. A culpa pesava em seu estômago.

Milori, claramente sentindo a virada sombria de seus pensamentos, ofereceu-lhe um pequeno sorriso. "Eram notas muito completas, fique tranquila."

Isso a assustou e a fez rir. A imagem mental de uma Milori recém-chegada, apressada e folheando um tomo centenário para encontrar as respostas, cortou sua tristeza como a brusquidão de uma chuva de verão.

"Bem", ela disse, "espero que eles tenham sido bem organizados".

"Por tópico", ele respondeu solenemente.

"Bom." Clarion hesitou, repentinamente relutante em sair. "Bem, eu não deveria demorar. Minha guarda ficará fora de si se eu não retornar até a escuridão total."

Ele olhou para cima. "Você deveria se apressar, então."

De fato, ela deveria. A lua brilhava no alto, um fino crescente crescente, como um olho se abrindo. "Vejo você assim que puder."

"Tome cuidado, Clarion."

O som do nome dela enviou calor inundando-a. Mas durou pouco. Quando ela piscou, ele tinha ido embora novamente. Ele havia deixado para trás apenas um redemoinho de neve brilhando no escasso luar.



Came manhã, Clarion encontrou Ártemis acomodada nos galhos do lado de fora de sua sacada. A Árvore de Pó de Pixie, evidentemente possuída por alguma centelha de capricho travesso, havia crescido um verdadeiro pomar em miniatura acima dela. Nunca-amargas em todos os tons pendiam sedutoramente de seus galhos, perfumando o ar com uma doçura sutil. Ártemis, completamente inconsciente ou fingindo não notar, aparentemente decidiu se ocupar com o entalhe. Sua lâmina fina piscava na luz do sol da manhã enquanto ela trabalhava. Observá-la encheu Clarion de carinho renovado.

Poucos eram tão confiáveis.

Ontem à noite, Clarion fechou as portas da sacada atrás de si, assim que a escuridão total se instalou como uma forte nevasca sobre Pixie Hollow. No momento em que a fechadura clicou atrás dela, ela pegou o um traço de brilho de fada no canto do olho. Ártemis, deslizando para fora da árvore, como se finalmente conseguisse descansar.

“Bem?” Artemis perguntou agora sem olhar para cima. “Você encontrou seu Guardião da Floresta de Inverno?”

Clarion não gostou da forma como seu estômago traidor se revirou com sua escolha de palavras. Milori certamente não era *dela*. Não era como se Clarion tivesse escapado para algum tipo de encontro. “Eu fiz.”

Por fim, Ártemis olhou para ela. Havia um brilho inconfundível de esperança em seus olhos. “E ele tinha a informação que você queria?”

“Não exatamente. Mas ele tem uma ideia de onde encontrá-lo.” Clarion apoiou os cotovelos no corrimão e franziu a testa enquanto apoiava o

queixo nos punhos. Agora, havia apenas a pequena questão de dar a notícia do que exatamente *encontrá-lo* implicaria. Ela mal havia convencido Artemis a deixá-la *visitar* a fronteira. Recrutá-la para um plano de cruzá-la... Bem, ela iria com calma nisso. “Por falar nisso, há um lugar para onde eu gostaria de ir hoje.”

“É mesmo?” Artemis parecia tão consternada que Clarion não conseguiu evitar rir. Era raro obter uma demonstração tão aberta de emoção dela.

“Em nenhum lugar perigoso, eu prometo. Desta vez, eu *gostaria* de ir para Tinker's Nook. Preciso pedir um favor a Petra.”

Artemis se animou com isso, mas rapidamente colocou seu rosto em neutralidade. “Um favor?”

Melhor acabar logo com isso, ela supôs. “Espero que ela possa fazer algo que me permita atravessar para o inverno.”

Artemis quase deixou cair sua faca. Ela se atrapalhou com ela por um momento antes de fixar Clarion com um olhar de pura e total descrença. “O quê?”

“Por um tempo muito curto!” Clarion acrescentou apressadamente.

“Preciso ler um livro para ele.”

“Ler um...?” Ártemis parou de falar e beliscou a ponta do nariz. Quando seu braço caiu frouxamente para o lado, revelou uma expressão que sugeria que ela havia decidido que era melhor não fazer muitas perguntas. Quando falou novamente, fez um esforço nobre para soar diplomática. “Vossa Alteza, tem *certeza* de que é uma boa ideia? Confio em seu julgamento de caráter, é claro, mas essa é uma viagem muito perigosa de se empreender.”

“Eu sei—e sei que estou pedindo muito. Mas não vejo outra maneira de seguir em frente.”

Com um suspiro resignado, Ártemis guardou tanto sua faca de entalhe quanto sua pequena escultura disforme. “Vamos fazer uma visita ao consertador?”

Clarion, quase sem ossos de alívio, caiu contra o corrimão. “Sim. Obrigado.”

Juntos, eles partiram para Tinker's Nook, voando muito acima das árvores. Desse ponto de vista, Pixie Hollow era uma expansão acolchoada de verde verdejante e azul brilhante. O ar estava iluminado com fitas de pó de fada enquanto as fadas passavam zunindo. Os sons distantes de suas risadas a alcançaram dessa altura, e seu peito se contraiu com uma emoção repentina. Algo tão precioso precisava ser protegido.

Aqui e ali, Clarion vislumbrou batedores agarrados aos galhos mais altos dos pinheiros. Eles assentiram em reconhecimento silencioso enquanto passavam. “Eles já encontraram alguma coisa?”

“Não,” Artemis disse severamente. “Não que eu tenha ouvido.”

“Parece impossível que algo desse tamanho possa simplesmente desaparecer sem deixar vestígios.”

“Mesmo que eles tenham encontrado algo...” Artemis parecia perturbado. “Aquela coisa nem sequer vacilou quando foi atingida por minhas flechas. Mas eu vi o que sua magia fez.”

Clarion se aqueceu com a reverência aberta em sua voz. Na verdade, ela mal sabia o que tinha feito. Um momento, ela sentiu quase resignada ao seu destino: que se ela morresse, ela cairia protegendo outra pessoa. O próximo: luz dourada, tão brilhante quanto uma estrela caída. Ela não sabia que Artemis tinha visto isso, considerando que ela prontamente a derrubou no chão. Os arranhões em seus cotovelos ainda doíam.

“Então você entende,” Clarion disse calmamente. “Por que estou fazendo o que estou fazendo.”

“Não acho que você tenha ideia do que está fazendo, mas depositei minha confiança em você.” Ártemis ofereceu-lhe um sorriso fraco, então pareceu lembrar que tinha sido quase *atrevida*. Em um tom grave, ela acrescentou: “Com todo o respeito, é claro, Vossa Alteza.”

Não foi exatamente o voto de confiança que Clarion esperava, mas, por enquanto, teria que ser o suficiente.

Eles voaram em silêncio até chegarem à cabana de Petra em seu canto solitário de Tinker's Nook. Na luz da manhã, o orvalho que cobria o telhado de palha com musgo brilhava convidativamente. Quando pousaram em sua varanda, Ártemis correu os dedos sobre a face áspera de pedra da casa. Com genuína admiração em sua voz, ela disse: “Eu não sabia que a funileira era tão empreendedora.”

Clarion se permitiu um pequeno sorriso privado. “Você nunca a viu focada em algo? Na verdade, é bem assustador.”

Considerando que o rosto pálido e sardento de Petra ainda não tinha aparecido na janela, ela provavelmente estava em um de seus estados de fuga enquanto falavam. De fato, todas as persianas estavam fechadas, bloqueando a luz. Sério, ela conseguia ser tão *intensa*. A maioria dos outros consertadores ficava bem longe do seu caminho quando ela estava absorta em um projeto. Ela se tornou uma fada completamente diferente.

Clarion bateu. Nenhuma resposta veio de dentro, mas ela podia ouvir o barulho brilhante e o choque de metal contra metal. Oh, Petra estava quase certamente perdida para o mundo agora.

“Voltaremos outra hora?”, perguntou Ártemis.

“Ah, não precisa.” Clarion tentou a maçaneta e encontrou a porta destrancada.

Artemis olhou para a porta entreaberta com um olhar de consternação perplexa. Claramente, ela tinha algumas palavras escolhidas sobre segurança que estava escolhendo guardar para si.

Clarion abriu a porta e foi recebida por uma explosão de calor e o cheiro distinto de solda. O suor imediatamente começou a pinicar na nuca de Clarion. Pó de fada brilhava na escuridão abafada do quarto. Todos os tipos de ferramentas para as quais Clarion não tinha nomes flutuavam

no ar, como se fossem levadas pela corrente de um rio. E ali, curvada sobre sua mesa de trabalho e banhada pelo brilho quente de sua forja, estava Petra. Seus cachos ruivos eram selvagens e suas sardas estavam escondidas atrás de listras de ouro e fuligem. Ela martelou uma fina folha de metal derretido, moldando-a com um foco tão completo que Clarion pensou por um momento que ela não havia registrado a presença deles.

“Clarion.” A voz de Petra estava sobrenaturalmente calma. Ela apontou para alguma engenhoca pairando fora de seu alcance. “Me passe isso.” Ártemis se posicionou perto da porta. Clarion sorriu para ela encorajadoramente antes de atender ao pedido de Petra. Enquanto lhe entregava a ferramenta, ela disse: “Preciso te pedir um favor.”

Petra fez um som distraído para indicar que estava ouvindo, mas não olhou para ela. Pelo menos, Clarion não *achava* que ela estava. Ela estava usando os óculos de segurança que havia criado com a ajuda de um talento aquático no ano passado. Eles haviam fixado gotas de orvalho — tingidas de preto com bagas de espinheiro e cascas de nozes — em armações de metal. Assim, Clarion não conseguia ver seus olhos de jeito nenhum.

“Preciso que você me ajude a atravessar para a Floresta de Inverno.”

“Gah!” Petra cambaleou para trás de sua mesa de trabalho e quase bateu na parede. Seus óculos de segurança caíram de lado em seu rosto, e as lentes de gota de orvalho estouraram devido ao tratamento áspero. A água escorreu por suas bochechas e deixou manchas enegrecidas atrás, mas seu choque foi tão grande que ela mal pareceu notar. “O quê?!”

“Eu disse-”

“Oh, eu ouvi você,” disse Petra sombriamente. Por fim, ela limpou os restos dos óculos com as costas da mão. “O que eu não entendo é por que você iria querer ir para Winter.”

“Porque é por um motivo muito, *muito* bom?” Clarion tentou.

“Mas é contra as regras!”

“Cruzando a fronteira não é proibido.” Tecnicamente, não era. Era, no entanto, mortal sem as devidas precauções, o que a tornava um destino um tanto impopular.

“Talvez não para mim”, disse Petra. “Mas quase certamente é para você.”

“Estou inclinado a concordar”, disse Ártemis dolorosamente do fundo da sala.

Petra gritou de surpresa. Então, quando percebeu quem exatamente havia falado, a cor sumiu e então subiu alto em suas bochechas. “Você! O que *você está* fazendo aqui?”

Artemis olhou por cima do ombro, como se pudesse haver outra pessoa que tivesse provocado tal reação. Quando ela se virou, ela tinha uma expressão um tanto perturbada. Ela limpou a garganta e disse:

“Acompanhando Sua Alteza, que foi bastante insistente nesse curso de ação. Você pode ajudar, ou não pode?”

Petra a olhou boquiaberta. “Você está metida nisso?”

Artemis suspirou. “Infelizmente. E agora, você também.”

“Ninguém precisará saber que foi *você* quem me ajudou”, interrompeu Clarion antes que ela realmente perdesse o controle da situação.

Petra golpeou seu martelo na direção de Clarion. “Eu ainda não concordei! Você sempre tem algum esquema maluco, e dessa vez, eu—” Clarion agarrou seu pulso, abaixando-o. Ela começou a balançar o martelo de forma bastante ameaçadora. “Os Pesadelos vieram do Inverno. Se eu puder cruzar a fronteira e investigar, talvez eu possa impedir que algo parecido com o que aconteceu aconteça novamente. Mais importante, posso convencer Elvina de que ela não precisa prosseguir com seu plano.”

“Isso não me faz sentir melhor.” Petra gemeu. “Se alguma coisa, me faz sentir *pior*. Você poderia ter morrido outro dia, Clarion, e agora quer se jogar no caminho dele de novo? Eu não vou ser a única a deixar você fazer isso.”

Ternura e frustração se amontoaram dentro de Clarion. “E você quer viver sua vida inteira assim? Preocupada que você pode ser atacada a qualquer momento? Sendo escoltada para onde quer que você vá?”

“Não”, Petra disse calmamente.

“Eu posso parar isso,” Clarion disse, apertando seu antebraço. “Mas eu preciso da sua ajuda. Por favor?”

Petra esfregou os olhos com as palmas das mãos. “Por que eu? Não tenho talento para costura. Se você quer manter suas asas isoladas, a maneira mais fácil é se vestir para o frio.” Como se tivesse percebido algo pela primeira vez, sua expressão se iluminou. “Por que você não pergunta ao Patch? Então podemos fingir que nunca tivemos essa conversa.”

Patch era um talento de costura que tinha feito vários vestidos de Clarion ao longo dos anos. Mas um casaco de inverno? Patch nunca concordaria com um pedido tão ridículo sem uma explicação — e ela contaria a Elvina imediatamente se Clarion fornecesse uma. Patch também tinha uma tendência a olhar fixamente quando falavam com ela; isso perturbava Clarion, sentir como se sua própria alma estivesse sendo medida a cada palavra.

“Eu poderia,” Clarion falou lentamente. “Mas Patch não é o melhor consertador de Pixie Hollow.”

Petra se pavoneou. “Bem, eu...”

Clarion pegou uma de suas ferramentas de onde ela pairava no ar, então a girou distraidamente entre os dedos. “A menos, é claro, que você não ache que está apto para a tarefa.”

“Largue isso”, Petra resmungou. “É claro que eu vou. Não será um desafio em um nível prático. Pode não *parecer* estiloso, mas...”

“Eu não me importo com isso,” Clarion disse, talvez ansiosamente demais. “Você consegue?”

“Tenho muitas outras coisas acontecendo, sabe. Mas acho que consigo fazer isso.” Petra empalideceu, então enterrou o rosto nas mãos. “Não acredito que estou fazendo isso. Por favor, não me faça me arrepender.” “Não vou.” Clarion encostou a cabeça no ombro dela. “Obrigada.” “Você me deve,” Petra murmurou. “Você me deve tanto.” Clarion sorriu apesar de si mesma. “Eu sei.”



Naquela noite, Clarion foi até a fronteira. Ela não sabia o que a possuía, exatamente. Não era como se ela tivesse algo terrivelmente urgente para compartilhar com Milori, mas ela não podia negar a vertigem que havia surgido dentro dela com as pequenas vitórias de hoje. Pela primeira vez desde que os Pesadelos surgiram, eles tinham um caminho a seguir. Além disso, havia algo sobre o pensamento dele, assombrando a fronteira em solidão até que ela retornasse mais uma vez. Ele tinha feito isso todas as noites por uma semana, é claro, mas parecia tão terrivelmente *triste*.

Se ela quisesse, nenhum deles ficaria sozinho.

Ela chegou no momento em que o céu começou a ficar vermelho com tons suaves de rosa. Do outro lado da fronteira, os pinheiros e bétulas esculpiam silhuetas irregulares contra o pôr do sol. Desta vez, Milori já estava lá. Ele estava sentado na ponte, com um livro aberto apoiado em sua palma. A luz minguante o velava em ouro e dançava sobre a neve recém-caída, até que todo o mundo pareceu brilhar.

Nunca antes ela havia percebido o quão lindo o inverno era.

Milori se virou para ela naquele exato momento, como se tivesse chamado seu nome. Claramente, não houve tempo para se blindar, porque sua expressão se transformou em algo que ela não sabia como ler. Ele parecia quase deslumbrado, como se estivesse olhando diretamente para o próprio sol. Por um momento, ela esqueceu como respirar. Mas quando piscou, seu rosto havia voltado à neutralidade agradável. Talvez ela tivesse imaginado aquele olhar estrelado completamente. Convencer-se disso tornou muito mais fácil recuperar seus sentidos.

Clarion desceu na ponte. Fazendo o melhor que pôde para manter a voz calma, ela disse: “Boa noite.”

“Boa noite.” Ele fechou o livro. Uma rápida olhada na capa revelou que era... algo que ela não reconheceu, mas a lombada fina e pintada de dourado a lembrou dos volumes escondidos na seção de poesia da biblioteca. Ela pensou em perguntar a ele sobre isso, mas ele disse: “Eu não esperava você de novo tão cedo.”

Ele não pareceu descontente, mas o reconhecimento a envergonhou mais do que ela queria admitir. Talvez ela devesse ter esperado uma ou

duas noites tímidas antes de voltar correndo para cá. Mas se eles iriam trabalhar juntos efetivamente, a conveniência certamente não era nada para se envergonhar.

Ela assumiu um tom de falsa ofensa. “Então você me subestimou.”

“Um erro que não cometerei novamente.” Um sorriso irônico brincou no canto de seus lábios — um que Clarion tentou arduamente não notar. “O que você conquistou em um dia?”

Ela alisou um vinco invisível em suas saias. “Eu encontrei uma maneira de atravessar, mas pode levar alguns dias até que eu consiga tentar.”

“Essa é uma ótima notícia.” Ele franziu a testa pensativamente. “Você não teve problemas? Você mencionou obrigações.”

“Certo.” Ela suspirou melancolicamente. “Aqueles.”

O silêncio desceu sobre eles enquanto ela pensava no que dizer a ele. O silêncio nunca a havia incomodado, mas Clarion se viu desejando preenchê-lo. Ela e Milori nunca poderiam ser nada parecidos com *amigos*. Mas aqui no crepúsculo, o espaço entre eles tão bom quanto uma parede sólida, nada parecia totalmente real. O que doía em fingir? Lentamente, Clarion se acomodou na ponte ao lado dele até que se sentaram quase ombro a ombro. A magia fluindo pelas raízes da Árvore de Pó de Pixie aqueceu suas palmas, aterrando-a. Tão perto, ela podia ver os flocos de neve se reunindo em seu cabelo branco e as sombras emplumadas que seus cílios projetavam em suas maçãs do rosto. Aquele pensamento problemático ressurgiu, sem ser convidado: *Lindo*.

E perigoso, ela lembrou a si mesma.

“Eu nunca apreciei o quanto foi gasto no planejamento de uma coroação.” Ela apoiou o queixo nas mãos, olhando para seu reflexo oscilante na superfície do rio. “Todos querem minha opinião sobre cada detalhe, mas mal consigo processar que isso vai acontecer. As expectativas...”

“Parece muita pressão.”

Clarion olhou para ele, assustada com a compreensão genuína em sua voz. Constrangida, ela colocou uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. “É... Mas você não veio aqui para ouvir meus problemas. Não é tudo estresse. Tem o Baile da Coroação na noite da próxima lua cheia, apenas uma semana antes da minha coroação.”

Os lábios de Milori se separaram, como se ele quisesse dizer algo, mas se conteve. No final, ele disse: “Faremos uma na mesma noite.”

Clarion se animou. “Sério?”

“Claro.” Seus olhos brilharam com uma alegria silenciosa. “Sua iminente coroação merece reconhecimento. Nunca perdemos uma oportunidade de celebrar no inverno.”

Ela bufou incrédula — e deselegantemente. Mas ela não conseguia se importar tanto assim. Ela tinha aprendido que Milori tinha um senso de humor sutil, mas ela não conseguia imaginá-lo em um baile. Nas estações quentes, as festas duravam horas, cheias de espetáculo, dança e

barulho. O inverno e seu guardião, enquanto isso, pareciam para ela as águas paradas de um lago. "Até você?"

"Até eu," ele respondeu, com uma seriedade que surpreendeu Clarion.

Ela ouviu claramente o que ele deixou sem dizer: *era uma vez*.

Ela percebeu que sentia falta do brilho cálido de diversão nos olhos dele — e pensava no que poderia fazer para restaurá-lo. Ela ajustou as saias para poder sentar-se de pernas cruzadas e se inclinou para encará-lo. "E que tipo de coisas você faz em um baile de inverno?"

Milori sorriu com o entusiasmo dela. "Imagino o mesmo tipo de coisa que se faz em um baile de estação quente."

"Não tenho tanta certeza." A curiosidade borbulhou dentro dela, urgente demais para ser contida. "Vou te lembrar que não sei absolutamente nada sobre Winter."

Milori ficou em silêncio por alguns momentos, seu olhar procurando o dela. "O que você quer saber?"

Tudo. Admitir a ele que ela sempre sentiu alguma atração por seu reino — isso a fez se sentir terrivelmente exposta. Mas agora, ela finalmente poderia ter respostas para todas as perguntas que tinha desde que chegou. Mas por onde começar? "Eu não sei. Que tipos de talentos você tem?"

"Muitos para listar. Temos talentos de gelo, talentos de floco de neve, talentos de geleira, talentos de pingente de gelo..."

A cabeça de Clarion girava enquanto ele continuava a recitar. Quantas complexidades poderiam existir na água congelada? "E você?"

Surpresa suavizou suas feições. "Não sei se há um nome para o que eu sou."

"Certamente que sim."

Cada talento tinha um nome — e nas raras ocasiões em que o talento inato de uma fada se desenvolvia em algo mais especializado, elas quase sempre sabiam intuitivamente como chamá-lo. Que estranho, então, que isso o escapasse. Talento de guardião parecia ser o nome mais simples, mas parecia... inadequado. Algo nele a irritava, como um quadro pendurado torto na parede ou um suéter que não se ajustava muito bem. Além disso, deixava muitas coisas sem explicação.

"Vigiar os Pesadelos não pode ser a extensão do que você faz," ela pressionou. "Quem recebe os recém-chegados?"

"Eu faço."

A resposta dele a eletrizou. Ela se sentou mais ereta. "E quem coordena os preparativos para entregar o inverno ao Continente?"

"Acho que sim", ele disse cautelosamente. "Mas é uma parte muito pequena do meu papel. Meus deveres como guardião da Floresta de Inverno têm precedência sobre todo o resto."

"Você tem responsabilidades semelhantes às de Elvina." Quando a percepção a atingiu, Clarion se virou para encará-lo completamente. Os olhos dele refletiam o brilho dela, queimando mais intensamente com

sua excitação. “Talvez você também tenha um talento para governar! Você nasceu de uma estrela?”

Milori hesitou. “Eu não estava, não.”

“Entendo.” De todas as coisas, *a decepção* surgiu dentro dela. Clarion engoliu o máximo que pôde. Que tolice, esperar que houvesse alguém como ela além de Elvina. Como a aura ao redor dela escureceu, ela ofereceu a ele um sorriso incerto. “Lá se vai essa teoria. Sinto muito não poder ajudar mais.”

“Não há nada pelo que se desculpar. Não saber não me incomoda,” ele disse gentilmente. “Você está bem?”

“Estou bem.” Clarion virou seu olhar para Winter Woods, incapaz de encontrar a seriedade insuportável do olhar dele. A neve girava no vento, derretendo no instante em que se aproximava da fronteira. “Eu pensei que talvez houvesse outra pessoa como eu em Winter. Faz sentido que não haja. Ser uma boa rainha é ser tão fria e distante quanto uma estrela.”

Pelo canto do olho, ela teve um vislumbre da reação dele. Seu corpo inteiro se moveu para trás, como se as palavras o tivessem atingido fisicamente. “É nisso que você acredita?”

O que ela *acreditava*? O que ela pessoalmente acreditava era irrelevante.

“Foi isso que Elvina sempre me ensinou.” Ela entrelaçou os dedos no colo. “Mas eu nunca fui assim. Sempre quis coisas que não deveria. É meu maior defeito.”

“É? Eu entendo a necessidade dessa visão de mundo, mas...” Quando ela ousou olhar para cima novamente, a visão dele roubou seu fôlego. O sol poente o pintou em sombras gritantes. “Qual é o mal em desejar que as coisas pudessem ser diferentes?”

A necessidade dessa visão de mundo? Clarion sentiu o peso de suas palavras como uma faca no coração. Talvez ele não fosse um governante talentoso como ela. Talvez eles não tivessem suportado exatamente as mesmas coisas. Mas naquele momento, não importava. A forma da dor dele combinava com a dela.

Milori estava tão solitária quanto ela.

Ela ansiava por descansar a mão sobre a dele, mas se sentia ancorada no lugar. Por tanto tempo, ela desejou que alguém a visse — a visse *de verdade*. Agora que alguém poderia, ela entendia o quão aterrorizante seria permitir isso — e o quão mais complicada isso tornaria toda essa missão.

Sempre quis coisas que não deveria.

Nunca isso pareceu tão verdadeiro.



Depois de três dias agonizantemente longos de espera, Petra lhe enviou uma atualização. Aconteceu enquanto Clarion estava deitada na cama, mais uma vez acordada antes do sol nascer completamente. O céu do lado de fora da janela dela era uma amostra de veludo roxo pontilhado com estrelas desbotadas. Mesmo dali, ela conseguia ver a mais ínfima fatia de montanhas com picos brancos, espiando-a. Um pequeno tormento, quando tudo o que ela conseguia pensar era em quão cedo ela ficaria sob a sombra deles — e quão cedo ela e Milori existiriam do mesmo lado da fronteira. Talvez então, ela pudesse se convencer de que tudo isso era realmente real. Ouviu-se uma batida suave nas portas da sacada. Clarion se levantou rapidamente quando o pânico a atingiu como uma tempestade repentina. Tão cedo, alguém em sua porta não pressagiava nada de bom. Outro ataque, ou— Quando seus olhos se ajustaram à escuridão, todo o medo sangrou para fora dela. Algo entre aborrecimento e puro alívio tomou seu lugar quando ela notou Artemis parada ali. Seu guarda estava na sacada, sua silhueta traçada por seu próprio brilho. Clarion cravou as palmas das mãos em seus olhos turvos. O que ela poderia querer tão cedo? Ártemis bateu novamente, dessa vez com mais força. Clarion tirou as cobertas e atravessou o quarto. Ela abriu a porta, deixando entrar um suspiro de ar fresco e o som fraco da conversa dos guardas de pó enquanto se preparavam para distribuir as rações matinais. Ela fez o possível para encarar Artemis, embora imaginasse

que seu efeito estava um pouco diminuído por seu desleixo. Ela ainda estava usando sua camisola, e seu cabelo estava solto até o meio das costas. "Bom dia."

"Bom dia," Ártemis respondeu obedientemente. "Desculpe incomodá-lo a esta hora, mas pensei que você poderia querer isto."

Ela segurava um rolo fino de pergaminho amarrado com barbante verde. Clarion o aceitou de sua mão estendida e desenrolou o bilhete.

Imediatamente, ela reconheceu a caligrafia de Petra, assim como as manchas reveladoras de fuligem e graxa e algo que ela sinceramente esperava que não fosse sangue. Costurar não poderia ser *tão* perigoso, mesmo para alguém sem prática, poderia? A mensagem em si, no entanto, era atipicamente curta — e não assinada.

Tudo o que ele disse foi: *Está feito*.

O coração de Clarion pulou uma batida, e ela abraçou o pergaminho contra o peito. A antecipação vertiginosa que vinha crescendo há dias tomou conta dela. Depois de tantos anos olhando para ele, depois de tantos anos se perguntando, ela poderia estar indo para Winter já *esta noite*. Foi preciso muita contenção para evitar que ela girasse pelo quarto. Artemis dificilmente saberia o que fazer com ela.

Ela se contentou em sorrir para ela — apenas para encontrar Ártemis olhando para ela com uma expressão peculiarmente suave. Quando Ártemis percebeu que Clarion tinha notado, ela reorganizou suas feições na própria imagem da postura. "Algo bom?"

"Podemos pegar meu casaco."

"Ah." Artemis fez uma careta, claramente ainda não entusiasmada com a perspectiva de deixar sua protegida vagar pelo Inverno. "Boas notícias, de fato."

Depois de um momento, algo ocorreu a Clarion. Ela considerou a carta em suas mãos. "Onde você conseguiu isso?"

O mais leve rubor surgiu por baixo da gola de Artemis. "O funileiro me deu."

"Eu não sabia que você passava tanto tempo no Tinker's Nook", disse Clarion, tentando manter um tom de conversa. Artemis e Petra se conheciam há anos por meio de Clarion, mas, até onde ela sabia — para seu desânimo, considerando o quão *óbvio* era que Petra gostava dela — elas nunca tinham passado tempo juntas sem ela. Isso era uma novidade, de fato.

"Nós apenas nos encontramos", ela respondeu apressadamente. "Ou seja, eu me encontrei por perto."

"Oh?" Clarion pressionou, incapaz de manter o interesse fora de sua voz agora. "Para quê?"

"Antes de ir para casa, eu faço minha própria varredura em busca de Pesadelos."

Clarion assentiu. "Você encontrou alguma na casa dela?"

“Não, eu...” Artemis parecia perturbada agora. Ela passou a mão pelo cabelo tosquiado. “Acho que fiquei curiosa sobre o que ela estava fazendo. É algo que tornaria o trabalho dos escoteiros muito mais fácil.” Satisfeito, Clarion sorriu inocentemente e dobrou a carta. “Entendo. Bem, podemos dar outra olhada mais tarde hoje.”

“Como desejar, Vossa Alteza.” Ela lhe lançou um olhar azedo, que quase fez Clarion rir. Talvez ela devesse provocá-la com mais frequência. Ela era um alvo fácil demais. “Podemos ir depois da sua reunião com o Ministro da Primavera, que é em uma hora, caso você tenha esquecido.” Ela gemeu. Ela quase *tinha* esquecido. Esperançosamente, Iris não a manteria por *muito* tempo. Só ela estava entre Clarion e Winter.

Quando Clarion se preparou, ela e Artemis seguiram para Spring Valley. Embora ela sempre se sentisse mais em casa no verão, a primavera nunca deixava de agradá-la. Era o domínio dos talentos de jardinagem de Pixie Hollow, fadas capazes de fazer flores desabrocharem. Clarion podia ver suas obras em todos os lugares que olhava: árvores pingando frutas cítricas, forsítias douradas, delicados ramos de glicínias, morangos silvestres amadurecendo em manchas quentes de luz solar. Enquanto voavam pela floresta, Clarion vislumbrou suas casas aninhadas nos galhos, todas elas com telhados de fúcsia e flores de trombeta.

Eles chegaram à Springtime Square, o coração de Spring Valley. A essa hora da manhã, velos transparentes de neblina saíam do Never Sea e enchiam a clareira. Duas enormes cerejeiras emolduravam a vista da água — e uma pedra coberta de musgo da qual uma única flor florescia: a Evergreen. Suas pétalas brancas e macias estavam dobradas em torno de si como as asas de uma fada adormecida. Ela florescia apenas no equinócio da primavera, quando a primavera deveria chegar ao Continente. A cada ano, todas as fadas entravam nessa clareira para a revisão final da rainha sobre os preparativos da primavera. Apesar dos longos dias de trabalho pela frente, algumas ficavam acordadas até o amanhecer para assistir suas pétalas se abrirem com o nascer do sol. Um dia, Clarion esperava ver isso pessoalmente.

Iris esperava por eles ao lado do Evergreen, delineado pela luz do sol. Hoje, ela usava um vestido de açafões, com longas mangas em forma de sino que envolviam tudo, exceto as pontas dos dedos. Seu cabelo fluía pelas costas como um lençol de água escura. Seu rosto — atipicamente pensativo — iluminou-se ao vê-los.

Depois que os três trocaram gentilezas, Iris suspirou. “Eu esperava ter mais para mostrar a você hoje. Obrigada por vir de qualquer forma.”

Clarion franziu a testa. “O que você quer dizer?”

Os lábios de Iris se separaram em surpresa. “Sua Majestade não lhe contou?”

O coração de Clarion afundou. “Me diga o quê?”

Iris hesitou. “Pode ser mais fácil mostrar a você. Venha ver.”

Com um bater de asas e uma chuva de pó de fada, Iris levantou voo. Ela os levou mais fundo em Spring Valley até que chegaram a um campo aberto. O que Clarion viu fez um arrepio de horror percorrer seu corpo. Uma linha de decadência esculpida no prado — e indo direto para Winter. Ou talvez mais precisamente: *de* Winter. O que quer que tenha passado por aqui parecia ter drenado a própria cor da folhagem. Flores murchas e ressecadas e os restos quebrados do que parecia ser uma treliça estavam espalhados entre a grama pisoteada. O leve cheiro de podridão a alcançava mesmo daqui.

“Pela segunda estrela”, murmurou Clarion.

“Os batedores vieram esta manhã para avaliar os danos.” Iris torceu as mãos, inquieta. “Ninguém se machucou. Ninguém além das flores, pelo menos.”

Clarion podia dizer que até mesmo a morte das flores a doía. A maioria das fadas da primavera, afinal, podia se comunicar com elas. Ela olhou para Artemis e esperou que seu significado fosse claro: *Você sabia sobre isso?*

Artemis balançou a cabeça.

Mais uma coisa que Elvina não achou apropriado informá-la. E mais um lembrete de quão urgentemente ela e Milori precisavam descobrir como destruir os Pesadelos.

“Estou muito aliviado em saber que ninguém se machucou”, Clarion disse suavemente. “Sinto muito pelo campo.”

“Você é muito gentil em dizer isso, Vossa Alteza,” Iris disse, claramente tentando soar mais alegre do que se sentia. “*Sinto* muito que parte do trabalho que fizemos para sua coroação tenha sido arruinado. Mas Vossa Majestade cuidará dos Pesadelos, e nós teremos tudo consertado em pouco tempo. Enquanto isso, deixe-me mostrar o que meus talentos aquáticos têm feito. Você vai *adorar*.”

Clarion mal teve tempo de responder antes que Iris disparasse em outra direção. Clarion seguiu o mais rápido que pôde. Se ao menos ela tivesse tanta energia a essa hora.

Iris a guiou por uma curta distância antes de mergulhar de volta através do dossel. Eles pousaram nas margens de um rio no momento em que um grupo de libélulas disparou em um flash de asas iridescentes.

Quando Clarion recuperou o rumo, ela bebeu o som do domínio dos talentos aquáticos: água borbulhante, o coaxar do canto do sapo e o zumbido dos insetos, e a risada de seus súditos, tão brilhante quanto um riacho fluindo sobre pedras.

Clarion sempre amou observar os talentos aquáticos em ação. Alguns deles flutuavam na corrente em barcos feitos de casca de bétula e folhas de nenúfar, encorajando os peixes dourados que flutuavam logo abaixo deles. Outros descansavam em troncos semi-submersos, envoltos por cortinas de taboa e samambaia. Outros ainda saltavam pela superfície, deixando as mais leves ondulações em seu rastro. Isso fez a respiração

de Clarion ficar presa com medidas iguais de admiração e nervosismo. Como regra, as fadas não sabiam nadar; asas encharcadas eram muito pesadas. Mas os talentos aquáticos eram destemidos e alegres — e perfeitamente à vontade.

Pelo menos, até que a notaram. Quando ela passou, eles ficaram abruptamente em silêncio. Clarion estava dividida entre o impulso de sorrir encorajadoramente e desviar o olhar para que eles não se sentissem examinados.

“Aqui estamos”, disse Iris alegremente.

Clarion levou um momento para registrar o que estava olhando. Eles estavam diante de uma vasta teia de aranha amarrada em uma armação de galhos. Ela estava coberta com mais gotas de orvalho do que Clarion conseguia imaginar, cada uma delas manchada com tinta. Era, ela percebeu, um mosaico — um feito para se parecer com ela. Quando o sol batia, a água refletia a luz e espalhava padrões multicoloridos no chão da floresta.

“O que você acha?” Iris perguntou.

“É espetacular,” Clarion disse calmamente, e ela quis dizer isso. Ver-se representada com tanto cuidado despertou dentro dela um sentimento que ela não conseguia situar inteiramente.

Clarion teria jurado que sentiu mais do que ouviu o suspiro coletivo de alívio atrás dela. Como se toda a clareira estivesse prendendo a respiração, o som de respingos e conversas recomeçou.

Iris bateu palmas. “Oh, que bom! Sua coroação vai ser incrível, Vossa Alteza. Espere só até...”

O som da voz de Iris desapareceu para um zumbido enquanto Clarion olhava para sua própria imagem, uma versão de si mesma mais majestosa e equilibrada do que ela sabia ser. Ela mal conseguia se concentrar em qualquer uma das coisas bonitas que Iris estava descrevendo para ela. Sua coroação de alguma forma parecia totalmente insignificante diante da ameaça contra Pixie Hollow. Por mais que ela desejasse aproveitar os talentos de seus súditos, por mais que ela desejasse poder acreditar em Elvina, tudo o que ela conseguia pensar era em quão precário tudo parecia. Tudo o que ela conseguia pensar era no casaco de inverno esperando por ela em Tinker's Nook — e como esta noite, ela cruzaria para o inverno.

“Vossa Alteza?”

Clarion se assustou. Iris estava franzindo a testa para ela com um olhar de preocupação genuína no rosto — e também de decepção. Clarion se sentiu culpada por ter ido para outro lugar tão obviamente. Claramente, isso importava muito para Iris.

“Sinto muito, Ministro,” Clarion disse. “Você me perguntou alguma coisa?”

Iris cruzou os braços e a encarou com um olhar avaliador. “Tem algo em mente?”

“Algumas coisas,” Clarion disse timidamente. “Há tanto para preparar para a coroação. Às vezes, não me sinto pronta.”

Surpresa passou pelo rosto de Iris antes que ela sorrisse. “Vossa Alteza, você está *nervoso*?”

Clarion estremeceu. “Um pouco.”

“Sério?” Iris soou genuinamente chocada, se não um tanto encantada.

“Eu nunca teria imaginado. Você sempre parece tão composta.”

“É uma ilusão cuidadosa”, disse Clarion fracamente.

“É normal ficar nervosa.” Iris deu um tapinha no queixo. “Mas você realmente parece exausta. Você está dormindo o suficiente?”

Ela quase certamente não estava. “Bem, eu—”

“Eu sei exatamente o que fazer.” Iris se animou. “Vou te mandar para casa com um pouco de chá de skullcap.”

Tanto sua exuberância quanto sua generosidade pegaram Clarion desprevenida. “Seria adorável. Obrigada.”

“De nada”, disse Iris. “Chá conserta *quase* tudo. Mas se você ouvir algum conselho, pense assim. Você é como uma flor bulbosa.”

Isso... não soou como um elogio. Clarion franziu o nariz. “Ah?”

Com um movimento casual do dedo de Iris, um bulbo de flor em miniatura apareceu em sua mão, brilhando com pó de pirlimpimpim.

“Em Pixie Hollow, é claro, as flores florescem sempre que pedimos. Mas no Continente, esses tipos de flores são plantadas no outono, pouco antes do solo congelar. Você pensaria que isso as mataria, mas elas ficam dormentes durante todo o inverno. Então, assim que a primavera chega...”

Jacintos brotavam da terra ao redor deles em tons de branco, rosa vibrante e roxo suave. Eles exalavam um aroma úmido e verde, tão etéreo quanto a própria primavera.

“A primavera é sobre renovação”, disse Iris serenamente. “Quando as coisas parecem impossivelmente escuras, as flores bulbosas são faíscas de esperança. Leva tempo para as coisas florescerem. Você só precisa ser paciente e nutrindo.” Depois de uma pausa pensativa, ela apontou um dedo para Clarion. “Então seja legal consigo mesma. Você vai crescer nisso, eu prometo.”

Por um momento, Clarion se sentiu atordoado demais para responder.

“Obrigado, Ministro. De verdade.”

“A qualquer hora,” ela disse docemente. “Agora, sobre aqueles arranjos florais...”



No meio da tarde, Clarion e Artemis chegaram à solitária casa de pedra de Petra. Previsivelmente, ela não respondeu quando bateram, mas

Clarion podia ver o tênue brilho alaranjado da forja através das janelas manchadas de orvalho.

Ela abriu a porta com um empurrão e gritou: "Estou aqui".

Como sempre, os projetos de Petra entulhavam todas as superfícies — e a maior parte do chão. Mas, estranhamente, suas ferramentas de metalurgia estavam paradas e inertes, captando tênues lampejos da luz do fogo. Hoje, a oficina de Petra parecia pertencer a um talento de costura — se esse talento de costura tivesse esvaziado toda a sua razão de pó mágico sobre seu espaço de trabalho. Conforme Clarion se aprofundava na sala, ela teve que desviar de agulhas e tesouras no ar. Ela tocou em um carretel de linha, observando enquanto ele voava preguiçosamente pela sala, desfiando conforme ia. Para onde quer que ela se virasse, era uma confusão de tecidos e botões coloridos. Petra estava no olho da tempestade que ela havia criado, mexendo em um casaco que ela havia enrolado nos ombros de metal de um manequim. Ela parecia tão bem descansada quanto Clarion, o que era para dizer: nem um pouco. Ela não ficaria surpresa se Petra não tivesse dormido desde que começou este projeto. Dizer que ela era obstinada era um eufemismo grosseiro.

"Você está bem?" Clarion perguntou timidamente.

"Levou dias para fazer um padrão que fosse remotamente utilizável", disse Petra, seu tom quase como um transe, "e várias horas colhendo seda de aranha para convencer Patch a me ensinar pontos básicos. Mas depois de três protótipos, eu consegui. Finalmente."

Clarion olhou por cima do ombro e não conseguiu evitar seu suave som de surpresa. O casaco estava muito além do *remotamente utilizável*. Ela deveria saber que Petra era incapaz de fazer algo menos que espetacular. Era um derramamento de tecido dourado grosso, brilhando levemente com pó de fada. Uma franja de pele branca forrava o capuz e os punhos de suas mangas.

"É lindo", disse Clarion.

"Vai servir." Por mais desdenhosa que parecesse, Petra parecia orgulhosa. "Experimente."

Petra tirou o casaco do manequim e o estendeu. Clarion deslizou os braços nas mangas, puxou-o em volta dos ombros e imediatamente lutou para segurar o riso. Era *enorme*. Ela estava quase se afogando em tecido, mas pelo menos suas asas se encaixavam confortavelmente.

Petra olhou para ela inquieta e puxou as lapelas. "O ajuste é horrível. Percebi tarde demais que nunca tirei nenhuma medida."

Clarion bufou. "Está quente. É tudo o que preciso."

"Talvez se eu—"

"Está perfeito." Clarion pegou as mãos dela para acalmá-la. "Obrigada. De verdade."

"Não mencione isso", Petra disse rispidamente.

"Mas tenho que tirá-lo imediatamente. Está sempre tão quente aqui."

“Não está tão quente assim,” Petra protestou. “Oh! Tenho outras coisas para você.”

Enquanto Clarion tirava o casaco e o dobrava sobre o braço, Petra vasculhava sua mesa de trabalho. Uma faca de entalhe caiu e atingiu o chão com um barulho metálico. Depois de alguns momentos, Petra colocou um par de luvas e botas nela, como bem como um estranho conjunto do que pareciam ser raquetes de badminton. Clarion deixou as últimas balançarem nas pontas dos dedos pelas tiras de couro presas a elas. “Para que servem? Para jogar?”

“Não seja ridículo. Eles vão nos seus pés.”

Clarion os inspecionou mais de perto. Cética, ela disse: “Acho que *você* é quem está sendo ridículo.”

“São raquetes de neve”, Petra disse cansada. “Elas aproveitam as propriedades da flutuação distribuindo seu peso sobre uma área de superfície maior para que... Na verdade, não importa! O ponto é que elas tornarão mais fácil para você andar na neve.”

“Incrível,” Clarion murmurou. “Eu nunca teria pensado nisso.”

“Eu sei.” Petra lançou um sorriso para ela, claramente satisfeita com o elogio. Depois de um momento, ele desapareceu. “Só... tenha cuidado, ok?”

“Não se preocupe”, disse Clarion. “Quando foi que não fui cuidadoso?”

Petra lançou-lhe um olhar falante. “Você sabe que eu te amo.”

Clarion não gostou de onde isso estava indo. “Claro que sim.”

“Você é minha amiga mais antiga.” Clarion podia ouvir claramente o que Petra deixou sem dizer: *minha única amiga*. “Por muito tempo, você foi a única que falava comigo.”

Clarion sorriu para ela. “Parece que me lembro que você tinha medo de mim.”

“Bem, você é intimidadora”, Petra respondeu. “E você nunca recuou diante do que te assusta. Você costumava me arrastar para tantas coisas que eu preferiria evitar.”

Clarion se lembrava daqueles dias com carinho: duas párias inseparáveis, correndo soltas por Pixie Hollow. Sim, ela supôs que tinha arrastado Petra para um bocado de problemas ao longo dos anos. Houve a vez em que pegaram os dois ratos mais rápidos e obstinados do estábulo dos consertadores e os cavalgaram pelos campos a galope. Ou a vez em que se perderam em uma toca de coelhos depois que Clarion sugeriu que fossem explorar cavernas. Ou a vez em que ela convenceu Petra a criar uma carruagem puxada por beija-flores, o que foi — sem surpresa, em retrospecto — um desastre.

Mas Petra não parecia estar com vontade de relembrar. Na verdade, ela parecia estar se preparando para algo. “Onde você quer chegar com isso?”, Clarion perguntou.

“Agora que eu fiz isso por você, preciso que você me deixe fora disso. Não me diga o que você está fazendo. Toda vez que penso nisso, eu...”

Petra parou por um momento para se recompor. “É melhor para nós dois se eu fingir que você não vai chegar nem perto de Winter.”

“Certo.” Fazia sentido. E ainda assim, doía. Parecia... isolante, saber que ela não podia falar com ela sobre algo tão importante. “Eu posso fazer isso.”

“Bom.” Petra franziu a testa. “Você sabe o que está fazendo, não é?”

Quando Clarion fechou os olhos, ela viu os campos arruinados de Spring queimados no fundo de seus olhos. Seus súditos caindo do céu, inconscientes por uma única gota do veneno do Pesadelo. Clarion tinha apenas uma vaga e terrível noção do que estava enfrentando, e uma ideia ainda mais vaga do plano de Milori. Mas se isso significava proteger Winter — se isso significava provar que era capaz — então ela tinha que seguir em frente.

Clarion sorriu tão encorajadoramente quanto pôde. Se ela tivesse que mentir para Petra daqui para frente, ela poderia muito bem praticar.

“Claro que sim. Você não tem absolutamente nada com que se preocupar.”



Minutos antes do pôr do sol, Clarion estava na fronteira, envolta em seu novo casaco. Ela olhou fixamente para o outro lado: a luz minguante brilhando na neve, as sombras reunidas sob os abetos, o denso redemoinho de rajadas de neve. Seus dedos tremiam enquanto ela fechava os delicados botões de seu casaco, e ela não conseguia dizer inteiramente se era excitação ou nervosismo que a deixava tão abalada. “Você encontrou uma solução muito prática.”

Clarion se assustou com o som da voz de Milori. Os sapatos de neve pendurados em seu ombro fizeram barulho com o movimento repentino. “Por favor, não se aproxime de mim desse jeito!”

Milori pousou na ponte com o mais tênue brilho de diversão nos olhos. “Minhas desculpas,” ele disse, embora ele realmente não parecesse tão arrependido.

Ela estava começando a suspeitar que ele realmente *apareceu* com o vento. Ela colocou uma mão sobre o peito e confirmou que seu coração ainda estava batendo. “Está tudo bem.”

Na verdade, ela achou bastante difícil reunir um olhar quando ele estava olhando para ela assim. A alegria havia desaparecido de sua expressão, e ele a estudou agora com uma curiosa mistura de esperança e trepidação. Uma rajada de vento tirou a neve solta dos galhos e varreu seu cabelo branco sobre o ombro. “Você está pronto?”

estava pronta?

A perspectiva de cruzar a assustava mais do que ela queria admitir. A parte sensata dela, sufocada como estava sob sua excitação e

determinação, preocupava-se com os perigos. Ela confiava em Petra, mas nem mesmo ela poderia fazer um casaco impermeável a coisas como lágrimas ou água. Um erro descuidado poderia custar as asas de Clarion. Mas, no fundo, ela se preocupava com a sensação de finalmente cruzar a fronteira. O inverno ainda manteria seu fascínio quando ela colocasse os pés nele?

“Só um momento.” Clarion rapidamente calçou suas botas e luvas, então amarrou seus sapatos de neve. Quando terminou, Milori deu um passo para trás para lhe dar autorização. Ela olhou para a borda, onde as pontas de suas botas roçavam a linha rendada de gelo. Ela se forçou a cruzar, e ainda assim, ela se sentia enraizada no local.

“Não consigo fazer isso com você me encarando”, ela deixou escapar.

“Você gostaria que eu me virasse?”

Ela zombou. “Não seja ridículo.”

Ela fechou os olhos e fez o melhor que pôde para ignorá-lo. Ela estava perto o suficiente da borda para que a mais leve sensação de frio passasse pela ponta do seu nariz. Tudo o que ela tinha que fazer era dar um único passo para frente. Ela ficaria *bem*. Clarion respirou fundo e suspirou — então percebeu um momento tarde demais que ela provavelmente parecia extraordinariamente tola. Quando ela abriu seus olhos, Milori estava observando-a com outro daqueles olhares curiosamente provocantes.

“O quê?” ela perguntou.

“Nada mesmo.” Os olhos dele brilharam, e o coração traidor dela palpitou ao ver o sorriso dele. “Você precisa de ajuda?”

“Não, senhor.” Ela tentou o máximo não soar ofendida. “Eu não preciso da sua ajuda.”

“Talvez um puxão seja a palavra mais adequada?”

Isso não soou nada melhor, mas ela se conteve em fazer comentários. Milori estendeu a mão para ela. Clarion não conseguiu fazer nada além de encará-la por alguns momentos. “O que é isso?”

Ele segurou o olhar dela. “Só confie em mim.”

Muito hesitante, ela o pegou — e ficou surpresa ao descobrir que a pele dele era agradavelmente fria. Ela não sabia o que estava esperando. Que ele seria esculpido em gelo também? Que o toque dele a congelaria, mesmo através das luvas? Não, ele era exatamente como ela: carne e osso. Ambos permaneceram, suas mãos uma ponte entre mundos.

Então, com um puxão suave, ele a guiou.

Enquanto Clarion passava pelo véu de neve, ela conteve um suspiro; a temperatura despencou enquanto Winter a envolvia. Quando ela abriu os olhos novamente, ela havia deixado tudo o que conhecia para trás. Apesar de si mesma, ela soltou uma risada ofegante e olhou para Milori. Tão perto, ela foi atingida pela verdadeira cor dos olhos dele: um cinza tempestuoso, com o mais leve toque de azul glacial. Ela podia ver sua expressão suavizando enquanto ele olhava de volta para ela, e—

Ela ainda segurava a mão dele.

O calor inundou seu rosto. Clarion quase puxou sua mão de volta.

“Desculpe—e, hum...obrigada?”

“Não vale a pena mencionar.” Ele flexionou os dedos como se estivesse se livrando de uma cãibra, então deu um único passo para trás dela. A neve estalava sob seu peso.

Neve. Ela estava realmente na Floresta de Inverno.

Um pouco do seu constrangimento esquecido, Clarion inclinou a cabeça para o céu e girou em um círculo lento. Nuvens flutuavam no alto em um espesso lençol cinza, delineado pela luz ardente do pôr do sol. Ela abriu a boca para pegar os flocos de neve caindo, e eles derreteram em sua língua quase instantaneamente. Ela estava tão estranhamente encantada com tudo isso; ela não sabia que já tinha se sentido tão... tonta.

“É o que você esperava?” Havia um toque de surpresa em sua voz.

Sua respiração se elevava no ar, e até isso era maravilhoso. “É lindo.”

Por um momento, ele não respondeu. Se ela não soubesse melhor, diria que ele parecia quase perturbado. “Há muito mais para ver. Siga-me.”

“Tudo bem”, ela disse, esperando não parecer muito ansiosa.

E com isso, ele a levou para dentro da floresta.

Apenas o ruído dos passos e o farfalhar suave dos galhos agitados pelo vento preenchiam o silêncio. Clarion descobriu que não se importava. O silêncio aqui não era assustador, mas quase aconchegante, como se o mundo todo estivesse dormindo. Ela esperava paisagens desoladas e faixas de terra monocromática e sem vida. Mas tudo era espetacular, do padrão intrincado de geada nas folhas aos pingentes de gelo iluminados pelo sol pendurados nas árvores. Aqui, tudo brilhava, tão mágico quanto pó de pirlimpimpim.

Logo, o terreno ficou mais rochoso — e íngreme. Sua respiração ficou mais pesada, saindo dela em pequenas nuvens brancas. O vento descia a encosta da montanha, fazendo as pontas de seu casaco chicotearem atrás dela. O forro de pele de seu capuz fazia cócegas em seu rosto dolorido pelo frio. Ela tinha certeza de que estava vermelha brilhante. Milori, enquanto isso, permanecia tão pálido quanto a terra coberta de neve; ele não corava nem pelo esforço nem pelo frio. Mesmo enquanto subiam, ele não voou, mas insistiu em caminhar ao lado dela.

Teimosamente cavalheiresco, ela observou.

Depois do que pareceram horas, eles chegaram ao topo de uma das montanhas. O que ela viu roubou seu fôlego. Dali, ela podia ver toda a Floresta de Inverno espalhada diante deles. Era uma terra de branco brilhante e verde profundo, com rios e lagos mais claros e azuis do que ela jamais imaginou ser possível. À distância, ela podia ver as casas das fadas de inverno esculpidas em gelo e moldadas em neve, brilhando ao luar e brilhando suavemente por dentro.

Como alguém pode imaginar que esse lugar é tão terrível?

“Aqui está”, ele disse suavemente.

Ela podia ouvir a reverência em sua voz tão claramente — uma que ela sentia também. O que havia para dizer, realmente? Ela nunca tinha visto nada parecido.

Depois de um momento, ele acrescentou: “Nosso destino é o Hall of Winter. Você pode ver seu brilho daqui.”

Ele apontou, e Clarion apertou os olhos para ver uma tênue aura de azul dourando uma encosta distante da montanha. “É um longo caminho para andar.”

Ele lançou um pequeno sorriso para ela. “Há uma maneira mais rápida de viajar.”

“Se você sugere me carregar—”

“Certamente que não.” Ele pareceu quase insultado, o que a fez sorrir.

“Imagino que vocês não tenham trenós nas estações quentes.”

“Trenó”, ela repetiu.

“Mm.” Ele se aproximou da base de um abeto, onde algumas tábuas de madeira esculpidas em círculos estavam encostadas em seu tronco. Ele tirou a neve de duas delas e as levou até ela.

Clarion fez o melhor que pôde para não parecer completamente perplexa. “O que são essas coisas?”

Ele os jogou no chão aos pés dela. “Trenós.”

“Entendo”, ela disse, mas não viu nada. “E o que fazemos com isso?”

“Nós os montamos montanha abaixo.”

“Nós...” Clarion o encarou boquiaberto. “O quê? Isso é absurdo.”

Ele deu de ombros e subiu em um deles. “Vamos ver. Faz muito tempo que não faço isso.”

“Você está falando sério, então”, ela disse incrédula. Tudo o que ela conseguia pensar era o quão alto eles tinham subido — e o quão escorregadia era a neve compactada sob seus pés. Esqueça Pesadelos. Este certamente seria o fim dela. Ela não podia negar que a tolice óbvia da perspectiva a tornava mais atraente. Quando foi a última vez que ela tinha ido em uma aventura *de verdade*? “*Este é um passatempo comum entre as fadas do inverno?*”

“Em tempos mais felizes, sim.” Ele olhou para ela através dos cílios.

“Claro, se você preferir, podemos caminhar...”

“Não! Não precisa.” Clarion realmente se sentiu ridícula ao se empoleirar no outro trenó. Havia cordas de fiar grosseiramente enroladas em buracos perfurados em cada lado — o que Milori informou a ela que deveriam passar por apoios para as mãos. “E agora?”

“Nós vamos.”

“O que—ei!”

Ele não esperou. Com um *sorriso irônico* — um que ela muito ressentia, dado como isso fazia seu estômago se revirar em um nó impressionante — ele empurrou o chão. Seu trenó se aproximou da encosta da montanha e então desceu. Bem, não havia mais nada a fazer a não ser

segui-lo. Determinada a não pensar em quão perigoso isso era, Clarion foi atrás dele. O terror — e a *pressa* — foram imediatos.

Ela nunca voou tão rápido em sua vida.

A floresta corria em faixas de verde e branco, e a neve sibilava abaixo dela. Seu estômago se contraiu quando o trenó saltou sobre os bancos de neve e gelo escorregadio, ameaçando virar no ar, mas ela manteve um curso firme. O vento chicoteava seu rosto e arrancava seus cabelos da coroa trançada. Eles se soltaram em volta de seus ombros, esvoaçando descontroladamente ao redor dela. A neve, derrubada dos galhos acima, caía no chão.

No fundo da encosta, Milori estava saindo do trenó — devagar demais. Clarion ia bater de frente com ele.

“Cuidado!” ela gritou.

Ele olhou para cima. Sem hesitar, ele levantou voo, evitando-a habilmente. Ela passou zunindo por ele — apenas para bater em um barranco. O trenó voou no ar e então atingiu o chão com força. A força do impacto jogou Clarion do assento. Com um grito de surpresa, ela caiu do trenó e pousou diretamente em uma almofada de neve profunda.

“Clarion!”

Por um momento, ela ficou ali, olhando atordoadada para o céu. “Estou viva.”

“Isso é bom.” O rosto de Milori logo eclipsou sua visão. “E você está bem?”

“Eu penso que sim.”

Quando seus sentidos retornaram, ela rastejou para fora do buraco em forma de Clarion que havia deixado no chão. Ele ofereceu uma mão a ela. Desta vez, ela a pegou sem hesitar e permitiu que ele a colocasse de pé. A neve cobria seu cabelo selvagem e se agarrava aos cílios. A expressão dele estava tão cheia de preocupação que ela não conseguiu evitar rir. Quão *emocionante* isso tinha sido. Ela não conseguia se lembrar da última vez que se divertira tanto, tão pura e boba. Por apenas um minuto, ela não era a futura rainha de Pixie Hollow. Ela era apenas uma fada brincando na neve.

Milori olhou para ela com uma expressão peculiar.

“O que foi?” ela perguntou.

“Nada”, ele disse apressadamente. Ele pegou uma mecha solta do cabelo dela, e ela parou de respirar completamente. Por um momento, ela pensou que ele pretendia colocá-la atrás da orelha ou tirar o gelo que estava grudado nela. Mas ele deve ter pensado melhor, pois seu braço caiu de volta ao seu lado. Ela se lembrou bruscamente de não ficar desapontada. “É só que... você parece diferente aqui. Combina com você.”

“Oh?” Clarion deu um passo para mais perto dele e injetou um desafio em sua voz, mesmo que apenas para esconder aquela faísca frustrada de desejo. “O que *isso* quer dizer?”

“Ah,” ele disse. “Aí está você.”

Ela olhou para ele, mas ele não se afastou dela. Na verdade, o espaço entre eles pareceu diminuir enquanto ele a considerava.

“Só quero dizer que você parece feliz aqui.” Seu tom se tornou quase gentil. “É legal.”

Como ela poderia não estar? Na escuridão crescente, com alguém que via através dela, este parecia-lhe um lugar ao qual ela quase pertencia. Um mundo inteiro feito de luz das estrelas, brilhante e prateado.

Ocorreu-lhe que ninguém nunca havia dito isso sobre ela antes. Ela *era* infeliz nas estações quentes?

“Obrigada.” Ela colocou a mecha rebelde de cabelo atrás da orelha.

“Vamos continuar?”

Lado a lado, eles partiram para o Salão do Inverno. O luar filtrava-se pelos galhos nus das árvores e lançava sobre Milori um brilho prateado.

Ele tinha uma carranca preocupada entalhada na testa, como se procurasse uma maneira de quebrar o silêncio pensativo dela. Por fim, ele disse: “Devo perguntar. Como você gostou de andar de trenó?”

Isso a surpreendeu o suficiente para que ela soltasse uma risada suave. Quão sério ele fez soar. “Eu adorei.”

“Apesar do seu pouso forçado?”

“Talvez até por causa disso. Isso me fez sentir mais viva do que há muito tempo. Confesso, eu...” Ela parou. Se ela terminasse a frase, ele quase certamente zombaria dela por isso — ou pelo menos pensaria que ela era ignorante. Mas ela supôs que ele tinha desgastado o suficiente sua armadura esta noite. “Eu não achei que Winter seria tão... divertido?”

Ele levantou uma sobrancelha. “O quê, você achou que nós ficamos parados como esculturas de gelo?”

“É uma suposição razoável.” Ela tentou e falhou em manter a indignação fora de sua voz. “Nós só vimos vocês durante as transições sazonais. É à distância. Quero que saibam que achamos vocês todos bastante distantes.”

Ele soltou uma risada suave. “O sentimento é mútuo, fique tranquilo.”

Ela sorriu apesar de si mesma. “Perguntei à rainha o que ela sabia sobre Winter Woods, e ela me disse que era um lugar infestado de monstros.”

Nesse momento, outra rajada de vento levantou a neve fresca do chão.

Ela os envolveu em branco — e a perfurou com frio. Clarion estremeceu, metade pelo frio, metade pelo conhecimento de que na escuridão total, Pesadelos poderiam emergir das sombras a qualquer momento.

“Rastejando com monstros,” Milori ecoou com alguma admiração em seu tom. “Então por que você concordou em vir aqui comigo se era isso que você pensava? Você poderia ter sido atacado. Ou eu poderia ter te levado embora.”

“Você poderia ter?” Clarion perguntou, incapaz de manter sua própria diversão fora de sua voz. “Não quero ofender, mas você não é muito assustadora.”

“Não?” Ele inclinou a cabeça para ela, e seus olhos estavam praticamente brilhando com algo como travessura. “Como você me encontra, então?” Seu rosto queimava, e seu coração palpitava. Quão irritante, ela pensou, que um único olhar dele fosse tudo o que precisava para perturbá-la.

“Impertinente, para começar.”

Milori parecia bastante encantado, a julgar pelo pequeno sorriso que ele estava claramente tentando manter longe do rosto. “Minhas desculpas, Vossa Alteza.”

“Você está perdoado,” ela disse afetadamente, com um movimento de queixo. Depois de um momento, ela deixou o ato de lado e suspirou.

“Sinceramente, eu sempre quis vir aqui. Eu posso ver esta mesma montanha do meu quarto. Toda noite, olho para ele, e sempre pensei... não sei. Deve parecer bobo para você, mas eu achei que parecia triste. Fico feliz em saber que não é.”

“Não é bem assim.”

De fato, tão perto da vila, o som cintilante de risadas e canções de trabalho a alcançou. Clarion bebeu ansiosamente. Através das árvores, ela espiou lampejos de um rio congelado. Aqui e ali, ela podia ver fadas dançando em sua superfície com... facas presas aos pés? Era tudo muito intrigante — e inteiramente mágico. “O que elas estão fazendo?”

Milori a conduziu para longe deles pelos ombros. “Outra hora, talvez. Você já caiu o suficiente hoje.”

As árvores gradualmente rarearam, então deram lugar a uma clareira no sopé da montanha. Clarion parou morto na linha das árvores. Uma porta enorme, feita inteiramente de gelo, surgiu diante deles. Ela estava esculpida com uma insígnia de floco de neve e lavada de azul na luz etérea que emanava de trás dela.

“Este”, disse Milori, “é o Salão do Inverno”.

“Uau”, ela suspirou.

Ele a guiou em direção à porta. Grandes pilares de gelo se erguiam da terra e se elevavam sobre eles, marcando a passagem da floresta até a entrada. Quando eles estavam diante dela, Clarion estendeu a mão para tocar o painel de gelo. Milori agarrou seu pulso e a parou. Antes que ela pudesse protestar, ele disse: “Antes de entrarmos, devo avisá-la sobre o Guardião.”

Clarion parou. Ele já havia mencionado o Guardião uma vez antes, em um tom que sugeria que ele impunha respeito — e talvez uma dose saudável de admiração.

Ele parou por um momento. Então, ele decidiu por seu aviso: “Ele é excêntrico.”

Isso não era... o que ela esperava. Isso poderia significar *qualquer coisa*, mas ela supôs que não valia a pena pressionar o assunto. Ela veria por si mesma em breve.

“Certo”, ela disse. “Entendido.”

Satisfeito, Milori colocou as mãos contra as portas maciças. As esculturas intrincadas responderam ao seu toque; elas se iluminaram, tão brilhantes que banharam seu rosto em azul. Com um gemido, elas se abriram. Clarion tentou não ofegar quando passaram pela soleira. Era um palácio feito inteiramente de gelo. O teto se erguia acima deles, sustentado por colunas de gelo e pingando pingentes de gelo brilhantes e perversos. Esculturas de flocos de neve pendiam suspensas acima deles, emitindo aquele mesmo brilho azul assustador. Até o chão era gelo sólido. Demorou um momento para ela encontrar o equilíbrio e não cair esparramada a cada passo. Ao redor dela, as paredes estavam forradas com prateleiras de madeira escura. Cada uma estava cheia até a explosão de livros, pergaminhos e tábuas.

“Isto é incrível.”

Milori ficou surpreso, claramente, pois sorriu um pouco. “É.”

Sua voz, baixa como era, ressoou pelo corredor, profunda e rica. A luz brincava em seu rosto. Clarion teve que desviar o olhar para não encará-lo.

Nesse momento, uma longa sombra caiu sobre o chão. Um som terrível rasgou o silêncio: um rosnado. Então, o som de garras se arrastando violentamente pelo gelo.

Um pesadelo.



Clarion buscou sua magia — e se preparou para o desamparo que viria quando ela não respondesse. Mas quando a fera emergiu das pilhas, ela não carregava a aura sinistra de um Pesadelo. Não era feita de sombras oleosas — mas de carne, osso e pelo. Dificilmente reconfortante, Clarion pensou, quando estava olhando para eles com os lábios puxados para trás dos dentes em um rosnado. Ela tinha quase três vezes a altura deles, com uma pelagem cinza espessa e olhos amarelos que perfuravam o próprio coração dela. Clarion instintivamente rabiscou para trás. “O que é isso?” Milori disse: “É só Fenris.” Só? Como ele poderia estar tão calmo nessa situação? “Você deu o nome!” “*Eu* não.” Milori estendeu as mãos, como se chamasse a criatura para si. “Ele é o lobo do Guardião.” O lobo — Fenris — esgueirou-se em direção a Milori de barriga para baixo, com as orelhas presas na cabeça. Quando chegou até eles, Fenris colocou seu queixo enorme aos pés de Milori e balançou o rabo contra o gelo. Claramente, os dois eram amigos. Clarion riu sem fôlego, mesmo que fosse apenas para dissipar a tensão que crescia dentro dela. Ela havia envolvido Petra em alguns esquemas perigosos, mas até ela tinha seus limites — ou talvez um resquício de autopreservação. “E você tem uma dessas feras?” “Não.” Milori deu um tapinha no focinho de Fenris. “Eu sempre fui parcial com corujas.”

“*Corujas*?” Clarion não conseguia esconder o horror da voz. Elas eram predadoras perigosas — pelo menos nas estações quentes.

“O Guardião tem uma queda por criaturas incompreendidas,” Milori disse depois de um momento. Agora que nenhum dos dois estava prestando atenção nele, Fenris soltou um suspiro que soava magoado. A força de sua respiração afastou o cabelo de Clarion do rosto. “Fenris aqui é bem inofensivo. Ele ainda é um filhote. Mas mesmo adultos, os lobos são ariscos — e fáceis de fazer amizade se você tiver comida.”

“Não tenho nada para você.” Clarion coçou a orelha timidamente. Ela se mexeu, como se uma mosca tivesse pousado nela.

“Fenris,” uma voz bem-humorada chamou de algum lugar nas estantes.

“O que é toda essa confusão? Oh!”

Uma fada do inverno entrou rapidamente no átrio. Ele era baixo em estatura, com um rosto gentil e cabelos como uma língua de fogo branco. Ele estava usando um terno de aparência bastante séria, mas quando seus olhos pousaram neles, sua expressão se iluminou com um entusiasmo desenfreado e despreocupado. “Milori!”

“Guardião.” Todo o comportamento de Milori mudou. Seu sorriso de resposta o fez parecer instantaneamente mais leve. “Eu trouxe alguém para você.”

Esse era o Guardião?

Clarion esperava que o Guardião do Conhecimento das Fadas fosse mais... reservado. O Guardião, no entanto, estava exuberante. Ele voltou sua atenção para Clarion, ajustando seus óculos enquanto se aproximava. “Uma fada calorosa, hein? Faz muito tempo que uma dessas cruzou para o Inverno.”

“Você já viu fadas quentes antes?” Clarion perguntou.

“Ah, não. Quem me dera! Mas eu já li histórias.” Fenris trotou até o Guardião, abanando o rabo, e choramingou baixinho. O Guardião distraidamente deu um tapinha no topo da cabeça. “Aparentemente, fadas quentes costumavam vir aqui o tempo todo, antigamente. Patinar um pouco no gelo, fazer fadas da neve...”

“Isso parece delicioso.” Clarion não tinha noção de patinação ou fadas da neve, mas a maneira carinhosa como ele falou a encheu de admiração.

“Eu adoraria ler isso.”

O Guardião se animou. “Bem, eu—”

“Talvez mais tarde,” Milori interrompeu, claramente sentindo uma tangente. “Ela não é apenas *uma* fada calorosa. Clarion é a Rainha de Pixie Hollow.”

“Rainha em treinamento,” Clarion emendou, com um olhar penetrante na direção de Milori. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

O Guardião olhou boquiaberto para ela. “Então...”

Milori sorriu para ele, quase indulgentemente. “Alguém pode ler nosso livro finalmente.”

Nosso livro. Claramente, isso era algo em que eles estavam trabalhando juntos há muito tempo.

O olhar no rosto do Guardião só poderia ser descrito como exultante.

“Você consegue?”

“Espero que sim”, disse Clarion. A ideia de esmagar suas esperanças era quase insuportável. “Mas ainda não tenho certeza.”

“Excelente!” O Guardião agarrou-a pelo braço e arrastou-a para mais fundo na biblioteca.

“Guardião”, Milori gemeu, com a resignação sofrida de alguém que sabia que era inútil protestar.

Ele seguiu, com Fenris caminhando lentamente logo atrás dele. As prateleiras labirínticas pareciam se reorganizar conforme eles avançavam. Clarion os estudou distraidamente enquanto passavam, os títulos dourados iluminados pelos castiçais de gelo brilhando com uma suave luz azul. Por fim, eles chegaram ao seu destino: um quadrado de espaço vazio, cercado por todos os lados pelas pilhas. Uma mesa ocupava grande parte da área, abarrotada de pilhas de livros e canetas de pena.

“Espere só um momento”, disse o Guardião.

O Guardião a soltou e pegou um par de luvas do bolso. Depois de calçá-las, ele voou para cima, quase até o teto, até encontrar o que procurava. Ele libertou um enorme livro encadernado em couro da prateleira — e quase caiu com o peso dele. Clarion prendeu a respiração até que ele o trouxesse de volta ao nível do solo em segurança. Com o máximo cuidado, ele o colocou sobre a mesa.

Não é de se espantar que Milori tenha dito que não poderia levá-lo até a fronteira. Era realmente antigo, com páginas finas e amareladas. A capa estava descascando e gasta, e embora Clarion pudesse ver que antes havia uma ilustração, a tinta havia desbotado com o tempo. Tudo o que restava agora eram formas estranhas esculpidas no couro, brilhando fracamente com poder adormecido.

“O que é isso?” ela perguntou.

“Não sei”, disse a Guardiã, muito mais alegremente do que ela esperava.

“Está na coleção há muito, *muito* tempo. Está escrito em uma língua perdida. Mas está cheio de ilustrações de Pesadelos.”

Um arrepio passou por ela. “O que você precisa que eu faça?”

“Está selado com runas que respondem à magia de talento de governo”, respondeu o Guardião. “Suspeito que seja como uma cifra. Depois de desbloqueá-lo, você deve ser capaz de entender a língua em que está escrito.”

O medo apertou sua garganta. “Eu nunca aprendi a desbloquear nada com magia de talento de governo.”

“Tente”, ele disse encorajadoramente. “Deve vir naturalmente.”

Se ao menos. “Tudo bem.”

Ela estendeu a mão para pegar o livro dele, mas ele engasgou. “Troque suas luvas primeiro, se não se importar. É muito frágil.”

Milori murmurou algo que soou como *arquivistas*.

Clarion tirou suas luvas úmidas e calçou o par de luvas que o Guardião lhe entregou. O livro era delicado sob seu toque, a lombada gemendo quando ela o abriu. Ele prontamente tossiu uma nuvem de poeira. Ela folheou as páginas delicadas, passando os olhos pelas capitulares iluminadas e os estranhos rabiscos de monstros nas margens. As ilustrações eram realmente impressionantes, emoldurando a caligrafia em uma língua que ela nunca tinha visto antes. Formas pretas amorfas com olhos violeta cruéis a encaravam. Aqui e ali, redemoinhos dourados de magia perfuravam a escuridão.

Ela fechou o livro novamente, olhando para as runas douradas brilhando na capa. Mas nada sobre elas a agarrou. Elas não se reorganizaram em significado. Ela as decepcionou. Como ela poderia ter pensado o contrário? Ela deveria ter dito a Milori desde o começo que ela não conseguia acessar toda a gama de sua magia de talento de governo. Seu estômago se revirou de vergonha. “Sinto muito. Eu não acho que posso te ajudar.”

Ambos os rostos caíram.

“Suponho que era um tiro no escuro.” A testa de Milori franziu em pensamento. “Mas então...”

“Você tem uma ideia?” perguntou o Guardião.

“As runas nas portas do Hall of Winter ativam-se ao meu toque”, ele respondeu. “Talvez o livro responda ao de Clarion.”

O Guardião deu de ombros. “Certamente vale a pena tentar.”

Mais uma tentativa, então. Clarion tirou as luvas e as colocou de lado. Ela respirou fundo. Era isso, ela suposto. Se isso — o que quer *que* fosse — não funcionasse, então como ela poderia esperar dominar sua magia? *Não. Só mais uma tentativa.* Com dedos trêmulos, Clarion colocou a palma da mão contra a superfície do livro.

Uma luz dourada emanava dele.

O Guardião gritou, meio surpreso, meio encantado. Até o rosto de Milori estava banhado em sua luz cálida, seus olhos brilhando de triunfo. Clarion retirou a mão, mas algo da maravilha deles também a havia tomado. Ela se sentiu quase tonta, observando o ar cintilar com magia persistente. “O que está acontecendo?”

“Nem uma pista!” Mais uma vez, o não-saber pareceu emocionar o Guardião. “Tente ler agora.”

Quando Clarion abriu o livro novamente, a escrita em cada página brilhava dourada com sua magia. Pó de pixie se levantou da tinta, brilhando na escuridão como a luz das estrelas. Através da névoa cintilante, as palavras lentamente tomaram forma em sua mente.

“Há muito tempo, quando a Árvore do Pó de Pixie ainda era apenas uma muda, os sonhos das crianças — tanto bons quanto ruins — viajavam

por Pixie Hollow”, ela disse — ou não? Clarion mal conseguia dizer se a voz que ouvia era a sua, porque as palavras certamente não eram. Elas escapavam como se fossem recitadas; a história se desenrolava em sua mente tão claramente que ela quase conseguia vê-la como um reflexo em água parada.

Era uma lenda, ela percebeu. Era assim:

A cada noite, conforme cruzavam os céus sobre o Mar do Nunca, aqueles sonhos se entrelaçavam e iluminavam a noite como uma aurora boreal. Naquela época, havia fadas talentosas em sonhos que reuniam os sonhos como lâ tosquiada e os traziam de volta para suas casas. Durante toda a noite, elas fiavam sonhos em fios em suas rodas de fiar. De manhã, elas reuniam seus fios e os teciam através dos galhos da jovem Árvore de Pó Mágico para que as esperanças e desejos das crianças protegessem e nutrissem a árvore enquanto ela crescia.

Girar fios de sonhos era um trabalho longo e árduo; os pesadelos tinham que ser separados no processo, pois continham um poder sinistro. Eles jaziam no chão da sala de trabalho como pedaços de tecido preto. À luz do dia, eles queimavam, mas uma noite, alguns tenazes escaparam da atenção dos talentos dos sonhos. Com aquele vislumbre de liberdade, eles rasgaram Pixie Hollow.

Eles podiam mudar de forma como fumaça, mas pareciam se lembrar da forma dos medos que os deram à luz. Monstros, insetos, cães ferozes — qualquer fera que uma criança pudesse conjurar — atacaram naquela noite. Eles atacaram com garras e dentes dilacerantes. Mas ainda mais terrível era sua magia. Qualquer fada que fosse atingida por ela caía em um sono inquebrável, atormentada por seus piores medos. E pouco antes do amanhecer — quando os Pesadelos queimariam como neblina — eles encontraram refúgio nos lugares mais escuros, esperando até que a noite caísse mais uma vez.

A Rainha de Pixie Hollow estava consumida pela preocupação por seus súditos — e pela frágil Árvore de Pó de Pixie, apenas uma muda ainda dando suas primeiras folhas. Os talentos dos sonhos não conseguiram destruir os Pesadelos, e então, eles aconselharam a rainha a construir uma prisão, uma que eles selariam com uma barreira tecida de magia dos sonhos. A única questão que restava era onde colocá-la.

Ela e seus ministros debateram por horas — até que o querido amigo da rainha, o Senhor do Inverno, se ofereceu para abrigá-lo nas profundezas do Inverno, já que seu reino era o mais distante da árvore vulnerável. Ele mesmo cuidaria dele para garantir que nenhum Pesadelo escapasse novamente.

Com esse ato, ele ganhou um novo título: o Guardião da Floresta de Inverno.

Uma noite, os talentos dos sonhos armaram uma armadilha para os Pesadelos soltos, prendendo-os em redes de fios de sonhos. Eles os

transportaram para a Floresta de Inverno, onde os talentos do gelo tinham feito um buraco em um lago congelado. Eles mergulharam os Pesadelos naquelas águas escuras e então colocaram a tapeçaria da barreira dos talentos dos sonhos. No momento em que os talentos do gelo consertaram o gelo, selando o terrível poder dos Pesadelos, as fadas adormecidas acordaram. Daquele dia em diante, todos os Pesadelos foram transportados para sua prisão aquática na Floresta de Inverno. Lá, os monstros brigavam entre si como animais famintos — até que, em uma visita, os talentos oníricos perceberam que tinham ficado inquietantemente quietos. Ao longo dos séculos, o mais velho dos Pesadelos, alimentando-se de toda aquela amargura e desespero presos, tornou-se poderoso o suficiente para uni-los. Como uma abelha rainha no centro de sua colmeia, ele comandou os outros, sem pensar, exceto por seu desejo de escapar — para destruir. Ele aterrorizou os talentos oníricos, o que eles deixaram apodrecer. Quando a Árvore de Pó de Pixie atingiu seu tamanho máximo, os sonhos não iluminavam mais os céus. Com o tempo, cada vez menos talentos de sonho chegaram a Pixie Hollow — até que surgiu um, depois nenhum.

“É assim que a natureza funciona”, murmurou Clarion. “As coisas sobem e descem de acordo com seus desígnios.”

Com isso, o livro terminou. A magia que corria por ela ficou adormecida, e a nuvem de pó de fada se despedaçou, chovendo suavemente sobre a mesa. Seu brilho quente no gelo desapareceu, e a luz azul assustadora encheu a sala mais uma vez.

Nenhum deles falou no começo.

Clarion mal conseguia processar: um talento inteiro de fada, perdido no tempo, que poderia ter despertado seus súditos e contido os Pesadelos. O que eles deveriam fazer agora?

Os pensamentos de Milori, evidentemente, seguiram o mesmo caminho. Ele franziu a testa para o Guardião. “Você já ouviu falar de fadas com talento para sonhos?”

“Não!” Ele estava praticamente vibrando de excitação. Pelo menos *alguém* estava animado com o que tinha aprendido, Clarion pensou.

“Esta é uma descoberta inteiramente nova.”

“Faz sentido agora.” A tristeza se instalou sobre Milori. “A barreira que eles criaram está se deteriorando, e não há mais ninguém para consertá-la. Não há nada que possamos fazer.”

Clarion tirou a mão do livro e mordeu o lábio. Talvez não houvesse mais talentos oníricos, mas se ela havia aprendido alguma coisa com Petra ao longo dos anos, era que não havia problemas insolúveis. Eles apenas não tinham chegado à solução certa.

“Deve haver *algo*”, ela disse. “Quando o Pesadelo atacou a Floresta de Outono, eu consegui afastá-lo. Foi quase como se ele tivesse sido repellido pela minha magia. Não tenho certeza do porquê, mas...”

“Rainhas de Pixie Hollow nascem de estrelas, não é?”, perguntou o Guardião. Quando Clarion assentiu, ele continuou. “A luz do sol as queima, então faz sentido para mim que os Pesadelos sejam repelidos pela sua magia. O sol é uma estrela, afinal.”

A esperança brilhou nos olhos de Milori. “Então você pode destruí-los.” Clarion levantou as mãos. “Não. Não posso.”

“Mas você acabou de dizer—”

“Não consigo controlar minha magia.” A confissão escapou antes que ela pudesse impedi-la. “Toda a minha vida, tentei, mas não consigo. Nunca foi fácil para mim, e temo que nunca será. Sinto muito por desapontá-la.” Ela piscou forte contra a ameaça de lágrimas. Que humilhante, ser tão dominada na frente deles. Milori parecia prestes a protestar, mas o Guardião pousou uma mão em seu ombro para contê-lo.

“Talvez haja algo mais que você possa fazer”, disse o Guardião. Após uma breve pausa, seu brilho se intensificou quando outra ideia o atingiu. “Se a memória não me falha, rainhas não nascem de qualquer estrela, mas de uma estrela que uma criança desejou. Talvez a magia do talento dos sonhos viva em você — em todos os talentos de governo. É possível que você consiga consertar a barreira. Se há algo mais forte que o medo, é a esperança.”

“Talvez,” ela disse calmamente. Quão desesperadamente ela queria acreditar nisso. Mas agora que a magia tinha sangrado para fora dela, ela estava se tornando dolorosamente consciente do frio no ar. Seus dentes batiam, e suas asas pareciam duras sob seu casaco. Cada respiração era um fino fio branco no escuro.

Milori colocou uma mão no cotovelo de Clarion. Seu toque era leve como uma pena — quase terno. “Você está tremendo.”

Clarion se forçou a sorrir. “Não é nada para se preocupar.”

“Não é nada. Precisamos levar você de volta para as estações quentes.” Pela primeira vez, com aquele ferro e gelo em sua voz, ela entendeu por que seus antepassados já foram conhecidos como Lordes do Inverno. Clarion tentou encará-lo, mas descobriu que tinha pouca luta sobrando nela.

“Leve Fenris,” disse o Guardião, seu comportamento ficando sério. “Vá.” O alívio suavizou a voz de Milori. “Obrigada. Venha, Fenris. Clarion.”

Com isso, ele voou em direção à saída, e o lobo obedeceu. Suas unhas estalaram no chão de gelo enquanto ele seguia atrás de Milori. Clarion devolveu as luvas que a Guardiã havia lhe dado. Ela dedos ficaram bem pálidos, o que ela fez o possível para não notar. “Obrigada, Guardiã.”

Ele os enfiou no bolso. “A qualquer hora, Vossa Alteza.”

Ela demorou-se apenas um momento antes de seguir Milori, puxando as luvas de volta enquanto caminhava. Assim que saiu para a noite de inverno, uma rajada de vento gelado a atingiu. Seu corpo inteiro doía de tão violentamente que ela tremia, e as pontas de suas orelhas queimavam de frio. Ela puxou o capuz sobre as orelhas e aninhou-se

mais fundo no forro de pele. Como seria doce rastejar para baixo de suas cobertas com uma xícara de chá.

Milori estava a alguns passos de distância, iluminada pelo derramamento do luar e pelo brilho do gelo. Fenris estava deitado ao seu lado, seus olhos amarelos estreitados e fixos em Clarion. Isso a congelou onde ela estava. A visão de Milori — praticamente luminosa, o espaço estrelado entre eles brilhando — fez seu coração palpitar. Suas botas rangiam na neve quando ela se aproximou dele. Ele ofereceu sua mão a ela. Ela aceitou e, com sua mão livre, pegou um punhado do pelo de Fenris.

“Levante-se.” Com isso, Milori levantou voo. Ele a puxou para cima e a firmou enquanto ela subia nas costas de Fenris. O lobo deu um rosnado sem entusiasmo para mostrar seu descontentamento.

Clarion deu um tapinha em seu ombro. “Desculpe, garoto.”

Fenris bufou. Assim que ela se acomodou, ele se levantou.

A mudança de peso dele a desequilibrou, e ela teve que se agarrar ao pelo dele para não cair. “Uau!”

Milori estava ao lado dela em um instante, pairando no ar e se preparando como se fosse pegá-la. Quando parecia que ela não iria despencar — de forma bastante humilhante, ela pensou — na neve, ele relaxou.

“Acho que eu deveria ter avisado para você esperar,” Milori disse, apenas um pouco apologeticamente. “Vamos.”

Ele saiu correndo, e o lobo o perseguiu corajosamente. Pela segunda vez naquela noite, ela sentiu como se estivesse voando, mesmo com suas asas amarradas. Na frente deles, Milori era pouco mais que um lampejo de luz contra a escuridão da floresta, tecendo e desviando através de pingentes de gelo e galhos pesados de neve. Clarion quase riu enquanto processava o que exatamente estava fazendo. Se alguém das estações quentes a visse assim... Imaginar suas reações atordoadas a deleitou muito mais do que deveria. No mínimo, isso afastou um pouco de sua melancolia.

Milori os levou até a fronteira do Inverno e da Primavera. Assim que Fenris se deitou, Clarion deslizou de suas costas e correu pela ponte. Quando ela cruzou para a Primavera, ela desabotoou seus botões com dedos dormentes e trêmulos e deixou seu casaco acumular-se em seus pés. O frio do Inverno ainda permanecia em sua pele, mas ela desdobrou suas asas: rígidas — mas ainda douradas e inteiras.

A ansiedade de Milori desapareceu, e o alívio iluminando seu rosto a fez se sentir estranhamente perturbada. Ele desceu de onde pairava e sentou-se na ponte. “Como você se sente?”

“Fisicamente? Estou bem.” Ela esfregou as mãos, satisfeita em perceber que a sensação estava lentamente retornando aos seus dedos. Ela recuou alguns passos para trás, até ficar longe o suficiente para que o frio que emanava de Winter não pudesse mais alcançá-la, e suspirou. “Só

estou desapontada por não poder ser mais útil. Não sei para onde vamos a partir daqui. Mas sabendo que nossos reinos costumavam ser tão próximos...”

Eles não podiam deixar Elvina prosseguir com seu plano.

“Eu sei.” Depois de um momento, mais hesitante, ele perguntou: “O que você acha do que o Guardião disse?”

Se há algo mais forte que o medo, é a esperança.

Clarion distraidamente tirou neve do cabelo. “Que ele tem mais fé em mim do que eu mesma.”

Milori franziu a testa para ela. “Acho que você é capaz de muito mais do que imagina.”

Seu peito se apertou com a força repentina de sua emoção. “Como você pode dizer isso? Você acabou de me conhecer.”

Como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, ele disse: “Porque você foi feita para isso. Eu sinto isso, quando olho para você. Talvez seja sua magia. Talvez seja você. Seja o que for, você tem uma aura ao seu redor. Você impõe respeito, sim, mas mais do que isso, você inspira esperança. É a primeira vez que sinto isso em muito tempo.”

O rosto de Clarion se aqueceu. Ela se sentiu sobrecarregada — tanto que esqueceu completamente como falar. “Oh.”

A expressão de Milori ficou carinhosamente vazia, como se lhe tivesse ocorrido tardiamente que ele havia dito tudo aquilo em voz alta.

“Perdoe-me,” ele disse apressadamente. “Eu não quero—”

“Não,” ela interrompeu. “Por favor, não se desculpe. Essa é a coisa mais gentil que alguém já me disse.”

foi feita para isso? Clarion nunca acreditou. Mas com seus olhos cinzentos firmes e sinceros nos dela, ela quase conseguia se convencer de que era verdade. Talvez, se ela se permitisse entreter isso — se ela fingisse, só por um momento, que era igual à coroa que logo seria dela... Talvez ela pudesse fazer isso.

Uma Pixie Hollow, totalmente unida e segura, valia a pena lutar por ela. Por mais que a assustasse, ela tinha que tentar. Pelo bem das fadas do inverno. Pelo bem de Rowan e dos outros. Se houvesse alguma chance de que pudessem quebrar o feitiço dos Pesadelos sobre seus súditos, valia a pena o risco.

“Amanhã,” Clarion disse, com muito mais convicção do que sentia, “leve-me para esta prisão. Quero colocar a teoria do Guardião à prova.”



Quando Clarion acordou, seu travesseiro estava úmido com neve derretida. Se não fosse por isso, ela poderia ter acreditado que tinha sonhado sua excursão ao inverno. Mas então: lá estava o casaco enfiado no fundo do seu armário. Tudo isso tinha sido real. Uma biblioteca esculpida em gelo. Cavalgando um lobo através dos matagais nevados. Um livro descrevendo talentos há muito perdidos. E um garoto de cabelos brancos que a transportou pelo frio.

Acho que você é capaz de muito mais do que imagina.

Talvez a magia do talento onírico viva em você.

Parecia esperar demais. Mas esta noite, ela descobriria com certeza se conseguiria selar a barreira e acordar seus súditos do sono. Eles pesavam muito em sua mente esta manhã. E então, assim que se preparou, ela pediu a Artemis para escoltá-la até Feverfew Fields, onde os talentos de cura realizavam seu trabalho. Foi um dos momentos mais pacíficos cantos do verão, um prado coberto de matricária e pontilhado de fontes límpidas. Beber delas tinha um efeito calmante, então os curandeiros sempre mantinham frascos de sua água à mão.

Clarion não conseguiu evitar sentir uma pontada de alívio por ainda estar intocado. Nem todo o Vale das Fadas teve tanta sorte. Ontem, um enxame de pulgões-pesadelo havia descido sobre os canteiros de abóboras de Outono e os Campos de Cottonpuff, drenando a própria vida deles. Ela mesma não tinha visto, mas Artemis havia repassado os rumores que ouvira dos outros batedores.

Quando o sol apareceu acima do horizonte, Clarion e Artemis chegaram à clínica, um espaço aninhado no tronco oco de um bordo. Eles pousaram em um dos cogumelos que serviam como varanda da frente da clínica, que estava abarrotada com uma variedade de cadeiras de balanço. Luzes queimavam na janela, mesmo a essa hora da manhã. Talentos de cura se revezavam em turnos a qualquer hora para garantir que estivessem sempre disponíveis para ajudar fadas necessitadas. Clarion hesitou em frente à porta, respirando o cheiro cítrico-amargo da matricária. Uma mistura terrível de nervosismo e culpa agitava seu estômago. Ela não tinha vindo visitar Rowan ou os outros desde que eles foram atacados, e ela não sabia se conseguiria enfrentá-los.

“Pronta?” Ártemis perguntou gentilmente.

Sua voz e presença firme a firmaram. *Pronta* talvez fosse uma palavra forte. Mas ela conseguia fazer isso. Clarion assentiu.

Ela bateu, e um talento de cura abriu a porta. Ela usava um vestido branco canelado de lírio-de-cala, e seu cabelo preto estava preso em uma touca de enfermeira. Apenas alguns fios ondulados escaparam e se acomodaram contra sua pele ocre.

“Bom dia,” ela disse alegremente, então visivelmente assustada quando registrou exatamente quem estava parado na sua porta. “Oh! Sua Alteza. Eu não estava esperando você também. O que o traz aqui?”

“Gostaria de visitar o Ministro do Outono.” Embora já soubesse a resposta, Clarion não pôde deixar de perguntar: “Houve alguma mudança em sua condição?”

As asas da curandeira caíram, assim como seu sorriso. “Não, infelizmente. Lamento não ter notícias melhores. Temos trabalhado duro em um antídoto, mas eu—”

“Sei que vocês estão todos fazendo o melhor que podem”, Clarion disse gentilmente. “Vocês podem me levar até ele, por favor?”

Com uma reverência de cabeça, a curandeira levou ela e Ártemis para a enfermaria, passando por uma cortina de suculentas de colar de pérolas. Clarion parou de repente na porta quando a náusea ameaçou dominá-la. Ela nunca tinha visto esta sala tão cheia. Onze catres, vestidos com musgo e sementes de cardo-mariano, estavam dispostos no chão com onze corpos muito imóveis sobre eles. O silêncio assustador da sala caiu sobre ela como o frio do inverno.

“Vou deixar vocês dois conversando”, disse o curandeiro.

Clarion se moveu silenciosamente pelas fileiras, seu brilho traçando as feições assombradas de cada fada que passavam, até que ela parou na cabeceira da cama de Rowan. Sua testa estava franzida enquanto ele sonhava seus sonhos problemáticos, e seu cabelo ruivo caía em uma bagunça sobre seu travesseiro. As linhas acentuadas de suas maçãs do rosto pareciam ainda mais proeminentes. A visão dele assim fez seu coração apertar. Isso a frustrava tanto quanto a doía, sentir-se tão impotente.

“Sinto muito”, ela sussurrou.

Quando ela fechou os olhos, algo roçou nas bordas de sua consciência. Ela não conseguia identificar a sensação, exatamente. Era tão fugaz e inexplicável quanto um tremor em plena luz do dia — uma sensação de que algo estava errado, mesmo quando nada parecia estar. A cada momento que passava, aquilo — o que quer *que* fosse — girava em foco no teatro de sua mente. Um fio — frio e escuro, emitindo pequenas faíscas de luz sinistra — se enrolou em torno da mente de Rowan.

Foi essa a magia que o prendeu em seu sono?

Quando ela focou sua atenção nisso, ela cambaleou para trás em choque. Calafrios irromperam sobre sua pele, e seus pulmões esvaziaram-se rapidamente. Suas costelas se contraíram, tão fortemente que ela sentiu que não conseguia respirar mais. Clarion nunca soube como era seu medo, mas ela imaginou que parecia algo assim. Ela cambaleou para trás, um passo para longe do ministro.

“Vossa Alteza.” Ártemis estava ao lado dela em um instante, segurando-a pelo cotovelo. Seu olhar estava fixo cautelosamente no ministro. “Você está bem?”

Demorou alguns momentos para Clarion encontrar sua voz. “Eu acho que sim.”

Lentamente, Artemis aliviou seu aperto no braço de Clarion. “O que aconteceu?”

“Não sei exatamente.” Clarion esfregou a têmpora. Com alguma distância entre eles, o terror aliviou seu domínio sobre ela — o suficiente para que ela pensasse com mais clareza. Ela conseguiu *ver* o poder persistente do Pesadelo, como um nó ou correntes pesadas prendendo-o ao reino de seus pesadelos. Isso poderia confirmar a teoria do Guardião? Por menor que fosse, ela tinha *alguma* conexão com a magia desbotada dos talentos dos sonhos. Ela só tinha que esperar que fosse o suficiente para consertar a barreira desgastada que eles deixaram para trás.

Pelo bem de todos eles, ela não poderia falhar esta noite.

“Você veio me visitar.”

Clarion se assustou, e Ártemis abaixou a cabeça com um murmúrio de “Vossa Majestade”.

Elvina emergiu de uma sala dos fundos com uma curandeira, suas mãos cruzadas e sua expressão solene. A cortina suculenta farfalhou suavemente atrás dela. Aqui na luz do início da manhã, Clarion notou o quão exausta a rainha parecia.

“Sim,” Clarion disse. “Eu queria dar uma olhada neles.”

Elvina apenas assentiu. Eles tiveram a mesma ideia, afinal. Clarion percebeu que isso, pelo menos, os conectava; não importa o quanto suas ideias eram diferentes, eles compartilhavam tanto a dor quanto o amor por seus temas.

Após um momento de silêncio, Elvina disse: “Você tem uma reunião com o Ministro do Verão amanhã.”

Clarion suspirou ao lembrar de sua agenda. “Eu aceito.”

“Mais tarde naquele dia, você terá uma consulta para seu vestido de baile de coroa—e a prova final para seu vestido de coroa. Você tem apenas mais duas semanas antes—”

“Eu sei,” Clarion interrompeu, com um toque de impaciência.

Elvina olhou para ela, atordoada.

Quando lhe ocorreu que havia interrompido a Rainha de Pixie Hollow, ela abaixou o olhar deferentemente. Ela não *pretendia* ser tão rude, mas o pensamento de vestidos de baile, cardápios e cerimônias... Ela não conseguia suportar, não quando estava cercada por todas as fadas que ela falhou em proteger. Mas o que mais ela poderia fazer além de fingir?

“Quero dizer... Sim, eu estou ciente. Obrigada.”

Elvina se recompôs e gesticulou para o quarto do doente. “É bom que você se preocupe com eles, mas quero garantir que seu foco esteja em sua coroa — e em dominar sua magia antes disso. Estou lidando com os Pesadelos.”

“Eu tenho me concentrado—”

Elvina arqueou uma sobrancelha. “A Ministra da Primavera me disse que você parecia distraído quando ela o viu pela última vez.”

“É só nervosismo.” Clarion hesitou, cruzando a sala para flutuar ao lado de Elvina. “E não consigo deixar de me preocupar um pouco. Mesmo que seu plano dê certo, ele não vai acordar essas fadas.”

A expressão de Elvina escureceu, mas ela colocou uma mão no ombro de Clarion. “Nós encontraremos um jeito. Enquanto isso, garantiremos que ninguém mais caia. Meu plano está progredindo. Nosso consertador real tem me ajudado.”

“Petra,” Clarion disse, meio por reflexo. Elvina parecia incapaz de lembrar seu nome. “Certo.”

Racionalmente, ela *sabia* que não deveria ter se sentido decepcionada. Não era como se Petra pudesse desobedecer à rainha tão facilmente — não quando sua posição como a consertadora real poderia ser tirada dela. E ainda assim, doeu.

“Isso é bom,” Clarion conseguiu dizer. “Ela é muito talentosa.”

Elvina pareceu relaxar um pouco com isso. “Então tente não se incomodar muito. Eu estou cuidando disso.”

“Claro”, ela disse.

Mas tudo o que ela conseguia pensar era: *Não, eu sou.*



Pouco antes do pôr do sol, Clarion jogou seu casaco, luvas e botas em uma bolsa. Ela abriu as portas da sacada e entrou na luz da hora dourada. O sol escorria espesso como xarope pelos galhos da Árvore de

Pó de Pixie, modelando a terra com sombras salpicadas. As folhas suspiravam suavemente na brisa, como se desejassem adeus.

“De novo, Alteza?”

Artemis sentou-se em seu poleiro habitual, folheando um livro. Artemis já estava tão acostumada com a rotina deles que não conseguia se dar ao trabalho de levantar os olhos de... o que quer que estivesse fazendo.

Clarion olhou de soslaio para a capa; o título parecia suspeitosamente com *A Linguagem do Amor das Flores*.

Clarion bufou. “O que você está lendo?”

“Nada.” Artemis fechou-a bruscamente e olhou feio. Então, recuperando seu decoro, ela limpou a garganta e acrescentou, “Por favor, não fique fora até muito tarde.”

“Não vou.” Ela sorriu inocentemente. “Ela gosta de narcisos, a propósito.”

Artemis corou. Clarion acenou e então voou em direção a Winter.

Quando ela chegou, Milori já estava esperando por ela — e ele não estava sozinho. Uma coruja branca, duas vezes mais alta que ele, estava ao lado dele. Seu sangue gelou de apreensão. Desde que ela era uma recém-chegada, foi incutido nela que as aves de rapina estavam entre as maiores ameaças à espécie das fadas. E aqui estava Milori, dando-lhe tapinhas como se fosse tão dócil quanto um rato! Verdadeiramente, as fadas do inverno não temiam nada.

“O que”, ela disse, “é isso?”

“Esta é Noctua,” Milori respondeu, como se fosse uma resposta perfeitamente abrangente à sua pergunta. Depois de um momento, ele acrescentou, “Ela é uma coruja-das-neves.”

Ele disse a ela que gostava de corujas. “Você não estava brincando.”

Os olhos amarelos da coruja brilhavam na escuridão crescente. Ela se movia com o erratismo cauteloso que Clarion nunca confiara muito em pássaros, sua cabeça girando de forma não natural em seu pescoço. Ela estava amarrada por um de seus pés assustadoramente com garras; Milori segurava a ponta dele como uma coleira.

“Eu nunca brincaria com corujas”, ele disse solenemente.

“Então você está louco.”

Milori apenas sorriu. “Você gostaria de conhecê-la?”

Clarion engoliu seu gemido de pavor. “Oh, sim. Eu não amaria nada mais.”

Ela largou a bolsa e pegou seu equipamento de inverno. Depois de fechar o último botão do casaco, ela passou pela borda e deixou o frio do inverno fluir sobre ela como água. Ao se aproximar, não conseguiu deixar de pensar que Milori parecia mais quente no sol poente, com suas asas atravessadas por tons de ouro polido e vermelho tênue. E agora que se forçava a olhar de perto, não podia negar que Noctua era uma criatura linda. Suas penas brilhavam tão brancas quanto a neve — tão brancas quanto o cabelo de Milori. Um amuleto de cristal pendia de uma corda enrolada em seu pescoço; rédeas pendiam de suas costas.

“Nós vamos montá-la, não é?” Clarion perguntou, tão alegremente quanto conseguiu.

“Bem...” Milori segurou as rédeas e desamarrou a perna de Noctua. “Será *mais* rápido do que andar.”

“Você tem certeza disso?” Clarion perguntou.

“Você está prestes a enfrentar Pesadelos de bom grado”, ele disse, “e tem medo de uma coruja”.

Ela resistiu à vontade de bater no braço dele. “Não tenho medo dela.”

Ele deu a ela um meio sorriso irônico, como se dissesse: *Certo* . Para seu crédito, ele apenas perguntou: “Vamos?”

“Se for preciso”, ela murmurou.

Com um suspiro resignado, Clarion subiu nas costas da coruja. Noctua girou a cabeça 180 graus para fixá-la com um olhar amarelo inquisitivo. Clarion considerou imediatamente se jogar no chão novamente. Se essa fera decolasse com Clarion ainda em suas costas, ela despencaria para a morte com suas asas amarradas para baixo como estavam. Nunca uma fada teve medo de altura até agora.

Felizmente, Milori logo se juntou a ela. “Espere.”

Clarion prendeu os braços em volta da cintura de Milori. Ele empurrou a coruja para frente; sem hesitação, Noctua levantou voo. O vento batia em seu rosto. Seu estômago embrulhou. Clarion segurou seu grito enquanto eles voavam em direção ao céu escuro. Ela pressionou a testa entre as omoplatas dele, apenas para evitar observar o quão rápido eles estavam deixando o chão firme para trás.

“Eu odeio isso!”

Milori riu, um som caloroso que quase fez tudo valer a pena. *Quase*.

Quando ela finalmente se permitiu olhar, a vista era espetacular. Eles voaram alto o suficiente para que Clarion sentisse como se pudesse estender a mão e arrancar a lua pálida de o céu. As asas de Noctua cortaram as nuvens baixas, arrastando rastros brancos atrás delas.

Então, elas mergulharam. Seu cabelo chicoteava descontroladamente ao redor dela, dançando entre as rajadas espessas.

Milori guiou Noctua até um galho e deslizou de suas costas. Então, ele ofereceu uma mão a Clarion e a ajudou a descer para os bancos de neve. Clarion girou em um círculo lento, absorvendo os arredores com um medo crescente. Nesta seção da Floresta de Inverno, as árvores ficavam estranhas. Seus troncos pálidos erguiam-se em linhas retas e rígidas, e sua casca era espiralada e cheia de nós com formas escuras que pareciam olhos. Os galhos acima arranhavam o céu — e logo à frente, ela podia ver uma abertura nas árvores.

Um arrepio percorreu seu corpo, e algo bem no fundo de sua mente disse: *Corra*. Era a mesma voz que ela ouvira quando foi confrontada com o Pesadelo no Outono, elevando-se sobre ela com seus horríveis olhos violetas.

errado naquele lugar .

"Onde estamos?"

"Um lugar onde poucos vão," Milori disse severamente. "Siga-me." Quando eles emergiram da sombra das bétulas e entraram em uma clareira no sopé das montanhas, Clarion levou um momento para processar o que exatamente ela estava olhando. Um vasto lago se estendia diante deles, congelado e brilhando para a lua como um olho preto sólido. Tudo nela se opôs a isso.

Correr.

"Esta", disse Milori, "é a prisão dos Pesadelos".

Quando ele pisou na superfície, Clarion o seguiu relutantemente. Uma tênue magia protetora brilhava e piscava dentro do gelo, mas ela conseguia distinguir vagamente o movimento das águas escuras abaixo. As profundezas vazias e semelhantes a um vácuo a perturbavam mais do que ela gostaria de admitir. E então, um lampejo de algo —um olho violeta, ela percebeu, fixou-se nela de forma maligna—chamou sua atenção e fez seu sangue gelar. Não, aquilo não era água.

O que quer que estivesse debaixo do gelo estava vivo .

"Os Pesadelos estão sob o lago."

"Sim," Milori disse. "Está certo."

O coração de Clarion se contorceu com a amargura em sua voz. Ela não conseguia imaginar o fardo que ele carregava. Ele não só precisava se preocupar com seus súditos, mas também com essas criaturas contra as quais ele era totalmente impotente. Como seria saber que você era responsável por elas? Passar seus dias ouvindo, observando, esperando, por algo que você não podia evitar?

"Milori..." Ela parou de falar. O que ela poderia realmente dizer para confortá-lo?

Ele olhou para ela, com os lábios entreabertos como se quisesse responder.

Mas naquele momento, parecia que todos os Pesadelos no lago se voltaram para ela. A consciência deles arrepiou sua pele. Aquele desespero instintivo de fugir surgiu dentro dela novamente e enviou um arrepião torturante por sua espinha. Ela o dominou o melhor que pôde e seguiu Milori em direção ao centro do lago. A cada passo, os Pesadelos ferviam. Eles pareciam se encolher a cada passo dela.

"Aqui estamos."

Instantaneamente, Clarion viu o problema: o gelo estava fissurado. À luz do dia, dificilmente seria perceptível. Mas aqui na escuridão, ele estava costurado com um brilho sinistro, como se o que quer que estivesse contido abaixo estivesse começando a borbulhar. Ela se agachou ao lado da superfície quebrada para examiná-la mais de perto. Ela conseguia distinguir os fios dourados da barreira mágica dos sonhos. Aqui, ela havia se tornado tão fina e esfarrapada quanto uma colcha velha. Alguns Pesadelos haviam deslizado pela barreira mágica e se acumulado logo

abaixo do gelo como um derramamento de tinta, rangendo os dentes famintos.

Terrível entendimento desdobrou-se através de Clarion. “Eles vão destruí-lo.”

“Exatamente”, ele disse. “Tentei selar as rachaduras com gelo, mas cada vez que retorno, é como se eu não tivesse feito nada.”

Não a surpreendeu ouvir isso. Embora os maiores permanecessem presos sob a rede de fios de sonho, estes perseverariam até criarem uma brecha larga o suficiente para escapar. Os outros só tinham que esperar até que a barreira mágica se deteriorasse o suficiente para deixá-los passar também.

A menos, é claro, que ela pudesse fortalecê-lo.

Clarion fechou os olhos e se concentrou nas fibras antigas e desgastadas da magia do talento onírico. Ela podia vê-las, brilhantes como a luz das estrelas, cintilando na escuridão atrás de suas pálpebras — da mesma forma que ela tinha sido capaz de detectar o poder do Pesadelo na mente de Rowan. Quando ela imaginou fechar os dedos em volta daquele fio dourado, a felicidade floresceu dentro dela. Ela queria puxá-lo em volta de si como um suéter, para se aninhar em seu calor reconfortante. Realmente não parecia tão diferente de sua própria magia. Mas ela também podia sentir o quão fraco o poder desse sonho era agora.

Se ela pudesse tecer a luz das estrelas nos buracos que o tempo havia aberto...

Ela invocou sua magia. Enquanto luz dourada emanava de sua pele, um silvo — abafado sob a espessa camada de gelo — se elevou abaixo dela. Suor frio se acumulou na parte de trás de seu pescoço enquanto ela concentrava sua energia em suas mãos.

Seu primeiro pensamento não foi *controlar*, mas *proteger*.

Sua magia se enfiou na tapeçaria da magia dos sonhos. Enquanto os Pesadelos uivavam de raiva, seu poder iluminava todo o mundo em ouro. Milori olhou para ela com admiração aberta, seus lábios se separaram suavemente. Ela teve que desviar os olhos dele para manter o foco.

Assim que terminasse de costurar o segmento puído da barreira, Milori poderia congelar sobre o gelo quebrado.

Algo retumbou nas profundezas da prisão. O gelo estremeceu sob seus pés. Sua magia tremeluziu como uma vela se apagando, e ela sentiu seu trabalho se desfazendo como uma fileira de pontos de tricô se soltando. Uma onda de pânico a percorreu.

“Você consegue segurar?” Milori gritou.

“Eu acho que m—”

Um estrondo retumbante ecoou pela clareira quando um Pesadelo se jogou contra a barreira. Clarion cambaleou, então perdeu o equilíbrio no gelo escorregadio. Seu estômago caiu quando seus pés escorregaram de baixo dela. A conexão com sua magia quebrou, e ela caiu com força de

costas. Sua respiração saiu dela, e uma dor aguda irradiou através de suas asas. Doeu. E ainda assim, tudo o que ela conseguia pensar era na frustração. Ela tinha estado tão perto. Tudo o que restou de sua tentativa foi uma fina camada de pó de fada no gelo iluminado pela lua, seu brilho desaparecendo como uma brasa morrendo. As sombras nadavam ameaçadoramente abaixo dela, exalando uma malícia palpável.

“Clarion!” Milori chamou. “Você está bem?”

Antes que ela pudesse responder, ouviu-se o som baixo de gelo se partindo. Logo atrás de Milori, uma forma escura se erguia como fumaça das profundezas do lago. Ela rodopiava e então se expandia como uma gota de tinta na água. Clarion conseguia distinguir o formato de asas; elas se desdobravam e bloqueavam a luz escassa da lua.

“Milori,” ela sussurrou.

Toda a cor sumiu de seu rosto. Lentamente, ele se virou para encará-lo. A forma esfumaçada do Pesadelo se contorceu e borbulhou até assumir uma forma reconhecível: um corvo. Um por um, dez olhos violetas piscaram abertos em seu corpo; todas as pupilas tremeram, como se lutassem para focar. Suas garras flexionaram experimentalmente. Então, ele bateu suas asas — uma, duas vezes — enviando uma rajada fétida de ar em sua direção. Ele subiu mais alto no céu, com todos os olhos fixos nela. O corvo-pesadelo gritou e então mergulhou em sua direção.

Ela não pensou. Ela rolou. Uma dor brilhante a queimou, mas as garras do Pesadelo cravaram-se no local onde ela estava deitada apenas alguns momentos antes. A fera se recuperou quase instantaneamente, voltando-se para ela novamente. Seu coração batia tão alto em seus ouvidos que ela mal conseguia ouvir o som de sua própria respiração irregular. Sua própria presença era arrepiante, turvando sua mente com nada além do refrão constante de *corra, corra, corra*.

O Pesadelo se lançou contra ela. O terror que ela tentou suprimir fervia muito perto da superfície. Ela não conseguia pará-lo. Ela não conseguia fazer isso. Ela não conseguia—

Uma rajada de gelo o tirou do curso. O corvo pousou em uma pilha no gelo, dissolvendo-se em fumaça antes de se reformar, mais horrível do que antes. Suas asas brotaram, muitas juntas e pingando sombra viscosa enquanto ele subia aos céus. Ele soltou outro grito, tão penetrante que Clarion sentiu ressoar em seus próprios ossos. Ele mergulhou, suas garras estendidas em direção a Milori.

“Noctua!” ele gritou. “Agora!”

Noctua gritou, um som de pura fúria. Ela desceu sobre o Pesadelo como uma tempestade de neve, todas as batidas de asas e garras rasgando. Eles rasgaram o céu, um emaranhado de preto e branco. Clarion observou com o coração na garganta até que Noctua conseguiu se libertar, com um rastro de fumaça pingando de seu bico como sangue. Clarion decidiu que talvez tivesse que rever sua opinião sobre corujas.

O Pesadelo aproveitou a oportunidade. Com um bater de suas asas em ruínas, ele ascendeu até ser recortado pela face pálida da lua crescente. Então, com um grito final, ele mergulhou e desapareceu na floresta. Clarion caiu de joelhos, então cravou o punho no gelo com um grito de frustração. Como ela pôde ser tão *inepta* ? Ela tinha, e então deixou escapar. Conforme a adrenalina se esgotava desligado, ela começou a tremer toda de nervosismo. Sua respiração pesada embaçava o ar. “Clarion.” Milori manteve a voz calma, mas Clarion reconheceu o pânico estrangulado quando o ouviu.

“Sinto muito. Eu nunca deveria ter—”

“Clarion,” ele repetiu, mais firmemente dessa vez. “Você está sangrando.” Ela olhou para baixo. Uma mancha vermelha floresceu em seu braço. Agora que ela tinha notado, a dor — e o frio — inundaram. Ela agarrou seu ferimento para estancar o sangramento, mas estremeceu com a sensação de sua pele molhada já esfriando. “Oh.”

A manga do casaco dela estava rasgada.

Não entre em pânico. Clarion soltou um suspiro de consolo. Enquanto suas asas permanecessem isoladas, ela não corria perigo algum.

Milori voou sobre a curta distância entre eles. “Você está bem?”

“É só um arranhão”, ela disse apressadamente. Um arranhão profundo, sim, mas não era fatal. “Sinto muito. Não consigo fazer isso.”

“Não. *Sou eu* quem deveria estar arrependida.” A expressão de Milori era agoniada. “Eu coloquei você em perigo.”

Milori já carregava culpa demais. Ela se recusou a deixá-lo adicioná-la ao seu livro-razão. Ela apontou um dedo para ele. “ *Você* não fez nada. Eu me coloquei em perigo, e como a futura Rainha de Pixie Hollow, não vou ouvir o contrário.”

Ele parecia muito disposto a pressionar o assunto, mas pensou melhor agora que ela tinha usado sua patente contra ele. “Vou consertar o dano que eles fizeram ao gelo. Depois disso, devemos levá-lo a um curandeiro.”

Clarion apertou seu antebraço com mais força, estremeecendo com a sensação de sangue escorrendo pelos espaços entre seus dedos. “Sim, acho que é uma boa ideia.”

Milori hesitou, como se fosse desmaiar se ele desviasse o olhar por um momento sequer. Com uma carranca, ele se virou. Clarion observou a elevação de seus ombros enquanto ele respirava fundo. Redemoinhos de cristais de gelo jorravam de suas mãos estendidas como névoa, brilhando ao luar. Geada floresceu pelo chão em padrões fractais, então cristalizou-se sobre o gelo estilhaçado, como cerâmica quebrada reparada com dourado.

Quando terminou, ele assobiou para Noctua. A coruja veio até ele imediatamente, piando suavemente em reconhecimento. Assim que ela pousou, ele encostou a cabeça no bico dela e murmurou: “Obrigado.” Noctua afofou suas penas contente. Ver o vínculo entre eles — e o quão

rápido Noctua tinha pulado para protegê-lo — atingiu Clarion em algum lugar sensível.

“Ela é incrível”, disse Clarion suavemente.

Milori se animou. Até Noctua pareceu se enfeitar.

“Ela realmente é.” O sorriso de Milori desapareceu após um momento.

“Você pode subir? Vou pedir para ela nos levar aos talentos de cura.”

“Eu acho que sim.” Clarion subiu nas costas de Noctua tão graciosamente quanto pôde. Quando ela se firmou, ela franziu a testa para seu braço.

“Eu posso ter dificuldade em segurar, no entanto.”

“Eu vou garantir que você não caia,” ele respondeu sem hesitação.

Clarion nunca conheceu alguém com o hábito de fazer juramentos tão solenes tão prontamente.

Ela não conseguia pensar nisso, pois quando Milori se juntou a ela, ele envolveu um braço firmemente em volta da cintura dela. Um rubor subiu pelo seu pescoço com a proximidade repentina dele. Não, ela supôs que não cairia. O cheiro de pinho e água fria e a promessa de neve irradiavam suavemente da pele dele. A presença dele amenizou a sensação de arrepios da ira dos Pesadelos perfurando-a. Assim, ela quase podia acreditar que estava segura. Sem pensar, Clarion virou o rosto para a curva do pescoço de Milori e tentou não notar a respiração dele engatada.



Noctua os levou a um arbusto de azevinhos espalhados onde os talentos de cura do inverno tinham estabelecido sua clínica. Todas as suas folhas eram afiadas e prateadas na torrente de luar, e borrifos de frutas vermelhas pingavam dos galhos cobertos de neve. Tudo estava impossivelmente quieto àquela hora. Clarion não ouviu nada além do bater das asas de Noctua quando ela pousou. Milori ajudou-a a descer do assento e a conduziu por um corte oco nos galhos de azevinho. Uma luz pálida filtrava-se pelas brechas nas folhas, modelando o solo duro e deixando a geada brilhante. Conforme andavam, o caminho começou a descer.

“É subterrâneo?” Clarion perguntou, com alguma surpresa.

“Só um pouco”, Milori respondeu. “Isso o mantém isolado do vento.”

Inteligente, pensou Clarion. Estava visivelmente mais quente aqui do que lá fora. Mesmo assim, cada respiração sua se espalhava pelo ar. O frio vazava pelo rasgo em seu casaco, mas ela cerrou os dentes para impedi-los de bater. Eles pararam em frente a uma cortina de líquen. Ela tentou não notar o sangue escorrendo nas pontas dos dedos — e como ele batia no chão.

“Olá?” Milori chamou suavemente.

A cortina se abriu, e o rosto de uma curandeira talentosa apareceu. Ela tinha pele umber e cabelos brancos que emolduravam seu rosto em cachos apertados. Como as curandeiras nas estações quentes, ela usava um vestido branco; este, Clarion notou, era feito de prímulas.

“Milori—” Seu sorriso vacilou quando ela viu Clarion, e foi substituído por um choque momentâneo. Clarion sabia que ela devia estar com uma aparência e tanto. Sangue havia secado em suas mãos e encharcado o lindo casaco que Petra havia feito para ela, manchando o ouro de um vermelho lívido. Metade de seu cabelo havia se soltado da trança e estava pendurado desganhado e parcialmente congelado em volta de seus ombros. “Quem é essa?”

“Esta”, ele disse fracamente, “é a Princesa Clarion”.

Clarion observou pelo menos dez emoções passarem pelo rosto da curandeira antes de se decidir pelo desânimo. “E como, posso perguntar, ela acabou nessa condição?”

Ele estremeceu. “Nós nos metemos em alguns problemas.”

“Eu posso ver isso.” Preocupação sangrou em sua voz. “E você—”

“Estou bem”, ele disse rapidamente, levantando as mãos.

“Bom.” A curandeira reorganizou sua expressão de volta para um desgosto severo, mas Clarion podia ver o carinho que ela tinha por ele: um tipo de familiaridade nascida de se conhecerem há muito tempo. Clarion ficou espantada com a casualidade com que os súditos de Milori falavam com ele. “Tenha mais cuidado com ela daqui para frente.”

Castigado, ele respondeu: “Eu farei isso”.

“Eu gosto dela,” Clarion sussurrou para Milori, incapaz de conter seu sorriso provocador.

“Eu pensei que você poderia,” ele disse. “Este é Yarrow.”

“Estou honrado em conhecê-lo, Vossa Alteza,” Yarrow disse com uma reverência. “Eu só queria que fosse em circunstâncias melhores.”

“Eu também”, disse Clarion, momentaneamente atordoada. Que incomum, ser tratada com respeito e calor. Como ela desejava que as estações quentes fossem mais assim.

Yarrow os conduziu através da cortina de líquen e para dentro da enfermaria. Clarion congelou na porta, sua mão apertada contra o peito. O quarto estava cheio de catres construídos com plataformas de neve e cobertos com uma treliça de gravetos. Todos eles abrigavam fadas presas em seus sonhos atormentados. Havia muito mais delas aqui no inverno. O coração de Clarion doeu por elas — e por Milori, que examinou o quarto com uma expressão de pura culpa.

Não é culpa sua, ela queria dizer, mas Yarrow a incentivou. Ela colocou Clarion em uma cama empilhada com cobertores. Clarion puxou um em volta dos ombros e suspirou aliviada.

Milori se aproximou e murmurou: “Você ficará bem sozinha por alguns minutos?”

“Claro”, ela disse encorajadoramente. “Vá.”

Ele assentiu, gratidão estampada no rosto. Em poucos momentos, ele voou pelo chão do quarto do doente e começou a falar com outro curandeiro em tom baixo. De vez em quando, ele lançava um olhar preocupado para as fadas adormecidas.

Yarrow, que estava arrumando os cobertores e travesseiros ao redor dela, disse, "Ele esteve aqui todos os dias, sabia. Você está aquecida o suficiente?"

Clarion desviou o olhar de Milori, envergonhada por ter sido pega encarando. "Estou, obrigada. Ele realmente fez isso?"

Yarrow assentiu. "Não há nada que ele possa fazer, mas..."

Mas ele se sente responsável, Clarion completou. Ela conhecia bem esse sentimento em particular. "Eu sei que ele se importa muito."

"Sim. Ele é amado no inverno." Yarrow parou por um momento, como se estivesse escolhendo suas próximas palavras cuidadosamente. "Estou feliz que ele tenha encontrado você. Faz muito tempo que não o vemos tão... esperançoso."

Clarion colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Ela se arrependeu quando sentiu sua pele esquentar com um rubor. "Não é nada que *eu* tenha feito."

"Como você disse." Ela sorriu conscientemente. "Bem, vamos dar uma olhada em você."

Clarion deixou o cobertor deslizar do ombro e ofereceu o braço. A visão do sangue fez seu estômago revirar, mas ela não havia inspecionado o ferimento de perto. O tecido rasgado do casaco grudava na pele, escondendo o pior do ferimento da vista.

Yarrow estalou a língua em desaprovação. "Você não pode tirar o casaco, então vou precisar cortar a manga para dar uma olhada melhor."

Clarion se encolheu. Petra ia matá-la por brutalizar sua obra-prima dessa forma, mas isso era um problema para outra hora. "Está tudo bem."

Yarrow assentiu e se retirou para outra sala na clínica. Aqui na sala principal, estava escuro e aconchegante à luz de velas. Tudo brilhava na luz refratada pelos pingentes de gelo pingando do teto. As prateleiras que revestiam as paredes estavam abarrotadas de livros e chaleiras, cascas de bolota cheias de tinturas e tigelas de vidro marinho com ervas secas. O ar tinha um cheiro terroso e verde. Até agora, Clarion nunca tinha percebido quantas coisas cresciam no inverno. Como alguém poderia acreditar que era desprovido de vida aqui?

Ela deixou sua atenção voltar para Milori, que tinha começado a ajudar o outro talento de cura. Eles se moveram de um lado para o outro, ajudando cada fada a beber goles de água. Seu coração palpitou com um carinho terrível. Como ela já o achou frio, mesmo por um momento?

Poucos minutos depois, Yarrow retornou com uma cesta de vime, uma caneca de pedra que fumegava no frio e um delicado conjunto de tesouras de tecido. Ela cortou a manga manchada de sangue, e Clarion sibilou de dor quando o ferimento foi exposto ao ar congelante. Yarrow pousou a tesoura em uma mesa lateral com um estalo e se abaixou para inspecioná-la mais de perto. Ela virou o antebraço de Clarion cuidadosamente para um lado e para o outro. "Está limpo, mas é bem

fundo. Vou precisar costurar para você. Deve sarar rápido, mas você vai precisar manter um curativo para a ferida esta noite."

Clarion sentiu um pequeno alívio por não ter que explicar seu ferimento ou se comprometer com a escolha questionável de usar mangas compridas no verão. "Tudo bem."

Yarrow vasculhou uma cesta e pegou uma agulha fina em forma de gancho, bem como um cataplasma de zimbro, usnea e linhaça embrulhado em um pacote de folhas. Ela trabalhou em silêncio, limpando e suturando o ferimento. Clarion olhou resolutamente para a parede, desejando não vacilar a cada puxão do fio em sua pele. Quando Yarrow terminou de espalhar o cataplasma e aplicar um curativo, ela lhe entregou uma caneca.

"O que é isso?"

"Abeto balsâmico e gaultéria", disse Yarrow. "Ajudará na cura e na inflamação."

Clarion levou a xícara aos lábios. Ela tinha um cheiro resinoso — e também tinha gosto. Mas ela aqueceu suas mãos, e agora, era tudo o que ela podia pedir. "Obrigada."

Yarrow lançou-lhe um olhar severo. "Tente não irritar a ferida antes que ela feche. Não faça nada extenuante."

"Eu não vou."

"Vou te mandar para casa com esse cataplasma também. Aplique uma vez por dia." Ela estreitou os olhos. "Não se esqueça."

Clarion podia ver como Milori se permitia ser paparicado. Yarrow era bem enérgico. Com uma risada, Clarion disse, "Eu não vou."

"Bom." Yarrow estudou-a pensativamente. "Espero que volte logo, Vossa Alteza — embora talvez não *aqui*. Há muito para ver em Winter que não tem nada a ver com aquele lago terrível." Ela fez uma pausa, e sua expressão se iluminou quando algo lhe ocorreu. "Milori é um patinador de gelo muito talentoso, sabia? Tenho certeza de que ele lhe ensinaria."

Clarion sorriu. "Eu adoraria isso."

Ela só tinha que descobrir como parar os Pesadelos antes que o plano de Elvina tomasse forma. Ela não podia abandonar as fadas do inverno para os Pesadelos. Ela se recusou. Essa convicção a encheu de um fogo determinado.

Assim que Yarrow passou para o próximo paciente, Milori reapareceu ao seu lado. "Como você está se sentindo?"

Clarion lhe ofereceu um pequeno sorriso. Yarrow havia limpado o sangue de sua pele. Agora, tudo o que restava era uma linha de pontos bem-feita. Ela o pegou estudando-a, uma mecha de cabelo branco caindo do lugar enquanto ele inclinava a cabeça. Ela resistiu à vontade de endireitá-la.

"Muito melhor", ela disse. "Um pouco frio."

"Devíamos levar você para casa."

Casa. Mais e mais, ela temia deixar Winter. "Certo. Boa ideia."

Lá fora, Noctua esperava por eles, suas penas brancas esvoaçantes e brilhando friamente ao luar. Os dois subiram, e dessa vez, quando Milori passou um braço ao redor dela, Clarion se viu grata pelo contato próximo. Seu antebraço nu ardia no frio, e o vento deslizando por baixo da meia manga esfarrapada a gelava até os ossos. Noctua voou em direção à primavera, e as rajadas espessas giravam ao redor deles. Mesmo na escuridão, o inverno era de tirar o fôlego. Florestas infinitas de pinheiros polvilhados com neve se estendiam em direção a eles. Clarion inclinou o rosto em direção ao de Milori até que ela pudesse ver seu perfil delineado pela luz das estrelas. Assim, desprotegido e perdido em pensamentos, ele parecia tão sério.

Fazia muito tempo que não o víamos tão esperançoso.

Ela não conseguia acreditar que tinha causado aquele efeito nele. E ainda assim, se fosse verdade, ela queria tirá-lo de sua tristeza o máximo que pudesse. "Bem, isso não saiu totalmente como planejado."

Ela arrancou uma risada dele. Era um som agradável, ainda mais doce por ser tão raro. "Não, certamente não."

"Mas encontraremos um jeito", ela disse. "Da próxima vez será melhor."

"Da próxima vez", ele repetiu, tão solene quanto uma promessa.

"Preciso consertar meu casaco primeiro." Ela puxou um fio solto na manga. "Não sei quanto tempo vai levar. Levou alguns dias para ela fazer da primeira vez."

"Não me importo", ele disse. "Eu espero por você."

Clarion franziu a testa enquanto fixava o olhar diretamente para a frente. Havia algo terrivelmente vulnerável em seu rosto. *Solidão*. Como ele não poderia ser? Ele passava o tempo debruçado sobre livros ilegíveis ou parado na fronteira ou patrulhando uma prisão que ele não podia proteger. Ele estava tão preso ao dever — e sempre fadado ao fracasso.

"Eu poderia ir visitá-lo", ela disse — e imediatamente desejou poder reformular. Parecia ansioso demais para seus próprios ouvidos. Ela limpou a garganta e acrescentou: "Se você for ficar lá esperando de qualquer maneira. Podemos traçar estratégias sobre quais são nossos próximos passos."

Imitando sua fingida indiferença, ele respondeu: "Como você deseja?"

Ela lançou-lhe um olhar que dizia: *Como eu desejo?*

Aparentemente incapaz de manter a fachada, ele cedeu. "Eu gostaria disso."

Ela não confundiu a leve queimação rosa nas pontas das orelhas dele.

"Bem, então," ela disse. "Vejo você amanhã."

Seus lábios se curvaram em um sorriso suave. "Amanhã."

Uma estranha leveza — uma espécie de *vertigem* — a preencheu por dentro. Embora voassem alto acima da Floresta de Inverno, Clarion teve a distinta sensação de queda livre. Entre os Pesadelos e Milori, ela se meteu em muito mais problemas do que esperava.



Na manhã seguinte, Clarion e Artemis estavam do lado de fora da porta de Petra na primeira luz do dia. Apesar do perigo em que se encontrava, Clarion acordou de um humor estranhamente bom. Isso foi, é claro, até ela processar que estava prestes a arruinar o dia de Petra, se não o mês inteiro. Em sua mochila estava o casaco rasgado e manchado de sangue que Petra havia generosamente costurado para ela. Se havia alguma boa notícia a ser tirada de toda a provação, era que as botas escaparam da briga com pouco mais do que um arranhão.

“Você vai bater?”, perguntou Ártemis.

Clarion percebeu que estava olhando para a porta — e que estava cerrando o maxilar. Ela desejou que seu rosto relaxasse. “Estou me preparando mentalmente.”

Artemis lançou-lhe um olhar que caiu em algum lugar entre simpático e compassivo. “Certamente ela vai entender.”

“Veremos,” Clarion respondeu com ceticismo. Nem mesmo Artemis parecia totalmente convencida por suas próprias palavras. “Você pode ter que intervir.”

“Estou pronto.”

“Bom.” Com um suspiro, ela bateu. “Petra, sou eu.”

Mal se passou um segundo antes que Petra abrisse a porta. Ela parecia cansada — mas como se estivesse acordada há algum tempo. Seu rosto já estava manchado de graxa, e o calor de sua forja emanava constantemente de dentro. “Você tem alguma ideia de que horas são?”

Clarion sorriu inocentemente. “Amanhecer?”

“Exato—” Ela se interrompeu com um guincho estrangulado quando avistou Artemis. “Oh. Bom dia.”

“Bom dia”, respondeu Ártemis, afetadamente.

Clarion deixou seu olhar voar entre eles por um momento, tentando não deixar sua exasperação transparecer. “Você vai nos convidar para entrar?”

Petra gemeu, mas deu um passo para o lado para deixá-los entrar. “Você tem aquele olhar nos olhos de novo. O que foi dessa vez?”

Melhor acabar logo com isso, Clarion decidiu. Ela limpou uma nova pilha de detritos da mesa da cozinha de Petra, então despejou o conteúdo de sua bolsa na superfície.

Petra soltou um suave lamento de consternação. “O que você fez?”

Clarion estremeceu. “Eu posso ter sofrido um pequeno acidente.”

Ártemis a encarou com um olhar inexpressivo que dizia: *Você poderia ter lidado melhor com isso.*

“Todo o meu trabalho duro, arruinado! Completamente arruinado!”

Petra pegou a manga irregularmente cortada do casaco. Após um

momento de inspeção, ela o atirou através da sala com um grito de surpresa. “Isso é *sangue*?”

“Fale baixo,” Clarion sibilou. “Sim, é sangue. Não é nada para se preocupar.”

Petra agarrou os ombros de Clarion e os sacudiu. Pelo canto do olho, ela viu Artemis se mexer, como se debatesse se deveria ou não intervir. No final, ela soltou um suspiro longo e sofrido e cruzou os braços atrás das costas.

“O que você *quer dizer com* não é nada para se preocupar?” Petra exigiu. “Há monstros à solta, e você de repente decidiu perambular pela Floresta de Inverno, e agora aparece na minha porta com sangue nas roupas?”

Por mais que ela se ressentisse da sugestão de que estava *se divertindo*, quando Petra colocava dessa forma, Clarion supôs que soava um pouco ruim. “Parece muito pior do que é. Não estou machucada. Não muito, de qualquer forma.”

Ela levantou a manga para mostrar a Petra a fina tira de gaze amarrada em seu antebraço. Felizmente, ela escondeu os pontos por baixo. Petra a soltou e caiu pesadamente em uma poltrona. Algo no canto mais distante da sala tombou e caiu no chão. Petra mal se encolheu. “Eu sei que disse que não queria saber, mas decidi que o não saber é muito pior do que a alternativa. O que está acontecendo com você?”

Havia algo em sua voz mais profundo do que sua ansiedade habitual. Havia um apelo real ali, e Petra estava olhando para ela com uma acusação em seus olhos: *Sinto como se não te conhecesse mais*.

Ela odiava decepcionar Petra — e não saber como parar. Mas se ela não conseguia ser honesta com ela, que amizade elas realmente tinham?

Clarion não podia perdê-la depois de tudo que elas passaram juntas.

“Se eu te contar”, disse Clarion, “você tem que prometer não contar a ninguém”.

“Eu não contei a ninguém que você estava indo para Winter Woods antes,” ela disse derrotada. “Eu odeio guardar segredos, Clarion. Você sabe que eu sou péssima nisso, mas... eu vou tentar. Por você.”

Com toda a leviandade que conseguiu reunir, Clarion disse: “Você tem que prometer não gritar também.”

Petra olhou feio para ela, o que Clarion decidiu interpretar como um acordo.

“Cerca de duas semanas atrás, quando o Pesadelo foi visto pela primeira vez em Pixie Hollow, fui até a fronteira de Winter. Pensei que encontraria uma trilha lá. Não encontrei, mas havia algo mais lá... bem, *alguém*.” Ela respirou fundo. “O Guardião da Floresta de Winter.”

Petra parecia prestes a desmaiar ou entrar em combustão. “O Guardião dos Bosques de Inverno? Você conheceu o Guardião dos Bosques de Inverno?”

“Só escuta.” Clarion segurou seu cotovelo. “Eu estava um pouco cética no começo. Ele não é tão ruim assim quando você o conhece.”

“Que reconfortante.” Petra riu sem fôlego, o som se desfiando nas bordas. Então, algo ocorreu a ela. “Vocês se encontraram várias vezes, então?”

“Um pouco.”

Petra engasgou. “Você cruzou a fronteira para vê-lo?”

Clarion corou. “Sim. Mas—”

“Você está saindo escondida para ver um *garoto*?” Petra soou positivamente enojada, mas não havia nada de realmente mordaz nisso. Ela nunca teve muito olho para homens-pardais; a própria noção de encontrar um atraente o suficiente para arriscar a vida e os membros por ele era certamente confusa.

Artemis fez um som que parecia suspeitosamente com uma risada abafada.

“Não é bem assim!” Clarion protestou, e percebeu tarde demais que não era exatamente uma negação. Os olhos de Petra brilharam com triunfo cruel. “Nós encontramos uma maneira de parar os Pesadelos. É por isso que preciso do seu—”

“E é assim que pará-los parece?” Petra apontou um dedo para o casaco amassado no canto. “Você não deveria ter parte nisso. É muito perigoso.” Clarion não conseguiu esconder a frustração em sua voz. “Estou tão cansada de ouvir que as coisas são perigosas demais.”

“Mas eles *são*. Eu sei que isso nunca foi uma preocupação para você, mas alguns de nós somos felizes escondidos em nossos cantos.”

“Petra...”

“Não. Não use sua voz de rainha comigo,” ela disse, quase implorando.

“Eu não farei isso. Não posso ver você chegar em casa assim de novo. Eu sou uma consertadora, não uma curandeira. Eu posso remendar seu casaco, mas *você não*.”

Por um momento, eles permaneceram em um silêncio quebradiço, olhando um para o outro através da escuridão da oficina de Petra.

Clarion se sentiu monstruosa, de fato. Era isso mesmo que Petra pensava dela? Que ela era algum tipo de instigadora imprudente que ignorou seu desconforto todos esses anos?

Artemis, sentindo claramente que precisavam de espaço, saiu silenciosamente pela porta. Quando ela se fechou atrás dela, Clarion encontrou sua voz novamente. Ela teve que lutar para manter a mágoa longe dela. “Eu não perguntaria se tivesse outra opção. Não há mais ninguém em quem eu possa confiar.”

Petra suspirou inquieta. “Tanto você quanto Elvina dependem de mim para que seus esquemas funcionem. Estar nessa posição não é fácil para mim.”

“Eu sei.” A culpa atingiu Clarion. “Mas o plano dela é equivocado. É dever da rainha garantir o bem-estar de seus súditos — não deixar um reino

inteiro se defender sozinho.”

Petra franziu a testa e distraidamente pegou uma tesoura de costura, o conflito estava claro em seu rosto.

“Sinto muito por ter colocado você nessa posição”, Clarion continuou, “e serei o mais cuidadoso possível. Mas não posso fugir disso. Não vou, tenha seu apoio ou não, porque pela primeira vez, sinto que estou fazendo o que deveria estar fazendo.”

Petra gemeu: um sinal revelador de que sua rendição estava próxima.

“Ótimo. *Ótimo*. Considere isso meu presente de coroação. Mas se ele voltar para mim em farrapos novamente—”

“Não vai,” Clarion interrompeu sem fôlego. “Obrigada, Petra.”

“Mantenha sua gratidão.” Ela se virou para sua mesa de trabalho e começou a reorganizar suas ferramentas. “Apenas viva.”

A respiração de Clarion ficou presa na garganta. “Eu vou.”



“
Vossa Alteza?”

Clarion acordou assustada — e se viu caída de forma um tanto indigna sobre sua escrivaninha. Pelo menos ela conseguiu evitar cair da cadeira de surpresa. Ela se virou em direção à porta, onde um talento de costura de aparência atribulada pairava sobre a soleira. Artemis apareceu logo atrás dela, com uma expressão de desculpas que parecia dizer: *Eu tentei impedi-la.*

“Olá”, disse Clarion com a voz turva.

As pontas dos dedos formigavam com dormência por ela ter apoiado a cabeça no antebraço. A luz do sol do fim da tarde entrava pela janela, um fato que deixou Clarion um pouco consternada. Ela estava dormindo há horas e mal conseguia se lembrar quando, exatamente, havia adormecido. Ela certamente não pretendia tirar um cochilo.

Vagamente, ela refez seus passos. Depois de sua briga com Petra esta manhã, ela chegou atrasada para a reunião semanal do conselho, onde ela começou a derramar o conteúdo de sua xícara de chá em suas anotações, bem como no novo vestido do Ministro da Primavera.

Quando ela voltou para seu quarto, ainda quente de vergonha, ela tentou decifrar o redemoinho de chá e tinta em seu caderno...

Isso deve ter feito isso. Claramente, ficar acordada até tarde e acordar cedo não combinava com ela.

“Não quero interromper”, disse delicadamente o talento da costura. “Mas você tem uma prova de vestido.”

Ela tinha esquecido completamente que tinha uma prova de vestido hoje. Patch, a costureira real, sem dúvida ficaria descontente com seu atraso. Ela já tinha feito um vestido para sua coroação, mas Clarion precisaria de um novo para o baile.

“Obrigada.” Clarion cravou as palmas das mãos nos olhos. “Vamos?” O talento de costura a levou ao estúdio de Patch. Talentos de ajudantes — incluindo talentos de limpeza de pó e talentos de polimento — se movimentavam pelos corredores e seguiam os talentos de organizadores. Clarion passou a chamar os últimos de Círculo de Decoradores de Confiança de Elvina. Eles voavam pelo palácio, dando ordens aos seus assistentes e avaliando cada detalhe do trabalho dos outros. Ela notou que seu guia de talentos de costura os evitava conspicuamente — e habilmente.

Quando finalmente chegaram, foram recebidos com um abrupto “Aí está você!”

Patch flutuava no centro de seu estúdio. Ela era de estrutura estreita, feições angulares e uma pele branca como bétula, como se não visse o sol há algum tempo. Seu cabelo castanho escuro estava preso em uma trança elegante que ficava perfeitamente contra seu manto elegante de lírio-de-cala preto. Um pedaço de fita de alfaiate estava enrolado em seu pescoço como uma serpente.

Enquanto Patch se arrumava com roupas escuras, havia rolos de tecido em todos os tons imagináveis empilhados nas prateleiras que se alinhavam na sala. Roupas inacabadas cobriam os manequins espalhados por todo o espaço, e todo o estúdio parecia brilhar na luz do sol, que refletia no espelho em sua moldura ornamentada — e brilhava nos novelos e novelos de teia de aranha que Patch havia reunido em cestas. Do lado de fora da janela, uma vasta teia se estendia entre os galhos da Árvore do Pó de Pixie, cada fio como um fio de ouro na luz da tarde. Era ali que Patch obtinha a seda para seus bordados e rendas espetaculares. Sem dúvida, Fil — sua companheira tecelã de orbes — estava se aquecendo no centro de sua teia.

Mas o que chamou a atenção de Clarion quando ela entrou na sala foi o Ministro do Verão. Aurelia estava sentada em uma poltrona, cochilando sob a luz do sol com uma mão elegante apoiando o queixo. Ela usava um vestido de pétalas de girassol; seu dourado vibrante contrastava com sua pele negra profunda. Como sempre, ela parecia tão radiante e luminosa quanto o próprio verão.

“Ministro,” Clarion disse, surpreso. “O que você está fazendo aqui?” Os olhos dourados de Aurelia pousaram nela curiosamente. “Senti sua falta mais cedo.”

Clarion percebeu. Ela perdeu seu encontro com Aurelia, tudo porque ela tinha adormecido. “Oh, não. Eu sinto *muito*.”

“Acontece.” Aurelia acenou com a mão desdenhosa. “Não é nada que eu não possa discutir com você aqui. Eu queria saber sua opinião sobre o

menu do Baile da Coroação. Eu trouxe alguns dos meus talentos culinários, mas Patch os baniou desta sala.”

Patch espetou o ministro com um olhar penetrante. “Porque se eles mancharem aquele vestido, eu—”

“Paz.” Aurelia reprimiu um bocejo. “Pode esperar até você terminar.”
“Bom.”

Patch não perdeu tempo em conduzir Clarion para trás de uma tela de privacidade. Lá, seu vestido para o baile de coroação a esperava. O tecido brilhava intensamente e se movia por suas mãos como água. Clarion tirou o vestido, fazendo o melhor que pôde para esconder seu braço machucado da vista. Patch, se é que notou, não comentou nada sobre isso. Ela a amarrou no vestido de baile com facilidade praticada, então a guiou pelos ombros até o espelho na sala principal.

“O que você acha?”

Na verdade, era a coisa mais linda que Clarion já teve. As saias do vestido eram um derramamento de tecido dourado, desenrolando-se em uma cauda longa e elegante. As mangas, feitas de tecido transparente, arrastavam-se até o chão. Quando ela se movia, elas ondulavam atrás dela como uma capa. Nisso, ela quase se sentia como uma rainha. “É perfeito, Patch. Eu amei.”

Clarion viu os olhares de aprovação de Aurelia e Patch refletidos nela.

“Excelente,” Patch disse, claramente satisfeito. “Vou só fazer alguns ajustes finais.”

Os vinte minutos passaram num borrão. Enquanto Patch deslizava alfinetes na bainha e nas mangas, a Ministra do Verão se desculpou por um momento — apenas para retornar com seu séquito de talentos culinários. Patch irradiava um descontentamento palpável enquanto montavam o que parecia a Clarion um serviço de chá inteiro no canto de seu estúdio.

“Se eu encontrar uma mancha em qualquer coisa, mesmo que seja uma gota —”

“Você não vai”, disse Aurélia, completamente imperturbável.

Os dois começaram a discutir, mas Clarion mal conseguia se concentrar no que eles estavam dizendo. Sem ninguém falando diretamente com ela, todas as coisas que ela tentava manter sob controle se aproximaram dela: sua iminente coroação, os Pesadelos, Milori.

Ela precisava voltar para Winter o mais rápido possível.

Por fim, quando Patch terminou de prender seu vestido cheio de alfinetes, ela a levou de volta para a tela de privacidade para que ela pudesse trocar de roupa novamente para o vestido com o qual havia chegado. Patch dobrou o vestido de baile quase reverentemente sobre seu braço e então gritou: “Ela é toda sua, Aurelia.”

Quando Clarion ressurgiu, Aurelia havia se instalado na mesa que os talentos culinários haviam montado no canto. Sobre uma das toalhas de mesa de renda de seda de aranha ornamentadas de Patch estava uma

das mais decadentes que Clarion já tinha visto. Um suporte em camadas exibia uma impressionante exibição de tortas, algumas recheadas com finas rodela de abóbora e tomate, outras com lascas de damasco e amoras. Ao lado, havia uma tigela de gaspacho de melancia, guarnecido com um raminho de hortelã e um fio de azeite de oliva. Havia até um bolo de ameixa, com bolsos de geleia que cheiravam a cardamomo e canela.

Tudo explodia com as cores e aromas do verão. Evocava pura alegria — ou deveria. Olhar para tudo isso fez Clarion se sentir estranhamente fria. Como ela podia sentar ali planejando uma festa depois do que tinha visto no inverno? Tantas fadas dependiam dela para salvá-las. Mas agora, Aurelia estava sentada diante dela com algo como antecipação em sua expressão.

Clarion se forçou a sorrir enquanto tomava seu lugar em frente a Aurelia. “Tudo parece incrível.”

Aurelia relaxou um pouco. “Podemos fazer quaisquer ajustes que você quiser.”

Clarion olhou para a comida espalhada. Ela mal sabia por onde começar — e mal sabia como conseguiria passar por isso, quando o estresse havia roubado a maior parte de seu apetite. Ainda assim, ela encheu seu prato com uma pequena amostra de cada prato e começou a comer sem sentir muito gosto de nada.

Na metade da primeira mordida, Aurelia soltou um suspiro. “Vossa Alteza, há algo errado? Posso ver que você está em outro lugar.”

Clarion engoliu sem mastigar completamente. “Não, nada.”

Aurelia a encarou com um olhar dourado avaliador. “A mesma coisa que te impediu de nos encontrar, talvez?”

Ela estremeceu. “É só que... tudo está acontecendo muito rápido.”

A cada dia, a coroação se aproximava mais dela, e ela sentia mais e mais como se não conseguisse manter seus compromissos com todos. O tempo correu por entre seus dedos. E agora, ela temia que nem mesmo seus relacionamentos mais próximos fossem mais sólidos.

“Ah.” Aurelia ficou pensativa. “Especialmente no Continente, o verão é uma estação de opostos — uma época em que você quer não fazer nada e fazer tudo. Os humanos têm a mesma probabilidade de passar um dia inteiro deitados na grama ou de ficar acordados a noite toda dançando sob as estrelas. O calor tem esse efeito sobre eles.”

Como ela desejava ter tanto luxo. “Entendo.”

“O que quero dizer, suponho, é que o verão nos encoraja a saborear nosso tempo, da maneira que escolhermos.”

Clarion baixou os olhos para o prato e distraidamente empurrou uma torta com o garfo. Talvez fosse um conselho sensato, mas ela não conseguia pensar em nenhuma maneira de aplicá-lo. Havia muita pressão e muito em jogo para ela. “Estou achando difícil saborear desta vez.”

Aurelia franziu a testa para ela. “Como o verão, este breve momento antes de você ascender ao trono é passageiro. Pense nisso, então, como um momento para estar desperta para o que você quer — e quem você quer se tornar.”

“Eu sempre quis coisas que não deveria”, ela disse uma vez a Milori.

Mas agora, ela não tinha tanta certeza. Quando se permitia sonhar, pensava em Pixie Hollow, unida e segura. Pensou no calor do inverno, onde respeito não significava distância. Pensou em Milori.

Aqueles momentos de liberdade e felicidade pareciam algo como poder. Como *seria* se ela saísse de sua próprio caminho? Se ela confiasse em seus instintos? Se ela fizesse o que parecia certo, não o que lhe tinham ensinado? A convicção parecia a luz do sol, iluminando-a por dentro. Talvez seu coração nunca a tivesse realmente levado para o caminho errado.



Naquela noite, Clarion retornou à fronteira. Ali, sentada de pernas cruzadas na ponte entre a primavera e o inverno, ela conseguia sentir o mais leve sussurro do frio sobre sua pele — e a brisa com toque de neve se enrolando em seu pulso. Parecia que a chamava para mais perto, convidando-a a flutuar sobre a grama clara, congelada e rígida com geada rendada. Ela nunca escaparia da atração disso agora que tinha experimentado em primeira mão o quão mágico era aquele lugar — um lugar onde havia bibliotecas esculpidas em gelo e montanhas que você podia atravessar de trenó e fadas que faziam amizade com lobos. Que triste que nenhuma outra fada calorosa tenha passado pelo que ela passou.

Clarion estremeceu quando sentiu outra presença. Quando olhou para cima, ela captou o momento exato em que Milori começou a descer de seu voo. Claramente, alguma parte dela estava sintonizada com ele — ou talvez o procurasse. Ele pousou delicadamente na terra ao lado dela, o brilho derramado de suas asas prateando a neve como o luar. Desta vez, ela não se repreendeu pelo solavanco de resposta de seu coração.

Que mal havia em se permitir isso?

“Você voltou.” Ela se acalmou ao ver sua expressão agradavelmente surpresa e saber que ele havia esperado por esse encontro tanto quanto ela.

“Eu prometi que estaria aqui esta noite,” Clarion rebateu. “Além disso, Yarrow me disse que você poderia me ensinar a patinar. Tenho que voltar para isso.”

“Ela fez?” Surpresa brilhou em suas feições, antes que ele as controlasse para se recomponem. “Imagino que seja porque ela não viu você cair do

trenó. Quem sabe o que vai acontecer quando a gente colocar você no gelo?”

Clarion olhou para ele, mas percebeu que não conseguia reunir muito calor diante do brilho em seus olhos. Lentamente, ele se abaixou no chão ao lado dela. Eles se sentaram quase joelho com joelho na escuridão, perto o suficiente para se tocarem. O próprio pensamento arrepiou sua pele como eletricidade. *Ridículo*, ela se repreendeu. Eles tinham estado muito mais próximos do que isso na noite passada. Mas então, isso tinha sido por necessidade. De alguma forma, isso parecia muito mais vulnerável. Especialmente quando ele estava olhando para ela assim. Clarion não conseguia nomear o que exatamente ela viu ali, mas isso fez um desejo terrível surgir dentro dela.

“Eu te ensino um dia.” Sua voz era baixa, quase melancólica, como se ele tivesse se perdido em um devaneio. Clarion levou um momento para se lembrar do que estavam discutindo.

“Eu vou cobrar de você”, ela disse, um pouco sem fôlego.

Milori traçou a ponta da manga. “Como está seu braço?”

“Tudo bem.” Clarion puxou o tecido até o cotovelo e virou o braço. Ela havia removido o curativo antes e ficou chocada; o ferimento abaixo parecia dias mais velho do que era. Sem inchaço, sem complicações. Ela lhe ofereceu um sorriso provocador. “Você deveria ter mais fé em seus curandeiros.”

Ele bufou. “Eu sei. Mas estou ciente de quão sortudos somos por ter sido apenas um ferimento leve. Se algo pior tivesse acontecido...”

“Milori.” Clarion estendeu a mão através da borda e pousou a mão no antebraço dele. Ele ficou terrivelmente imóvel, então levantou os olhos para os dela. O brilho dela banhou seu rosto em ouro e fixou seus olhos pálidos em chamas. Por um momento, ela estava agudamente ciente da sensação da pele dele, fria e suave contra a sua — e do frio cortante do inverno, como outra mão reconfortante colocada sobre a dela. O pensamento fez seu peito doer.

“Por favor, não se culpe”, ela continuou. “Foi minha escolha atravessar. Eu sabia dos perigos. E mesmo se eu tivesse me ferido seriamente, teria sido minha culpa — não sua.”

Assim como foi culpa dela o que aconteceu com Rowan. Ela respirou fundo em meio à repentina onda de vergonha.

“Isso não é verdade”, ele protestou.

“É. Se eu tivesse um controle melhor sobre minha magia, não estaríamos em uma posição tão precária. Ninguém ficaria preso em um pesadelo. Nenhum dos nossos reinos teria que se preocupar. Mas eu não, e então não posso salvar ninguém.” Ela não sabia que esses sentimentos estavam tão perto da superfície. Ela não conseguia suportar olhar para ele com eles jorrando dela. Agora que ela havia aberto a comporta, ela descobriu que não conseguia se impedir de dar voz a eles. “Que tipo de rainha eu

serei? Eu sou a única fada em todo o Vale das Fadas que não pode fazer a única coisa que ela nasceu para fazer.”

Milori colocou a mão sobre a dela, afastando o frio familiar do ar. Ela não tinha percebido que tinha começado a cravar os dedos no braço dele. Ela certamente não tinha percebido o quão perto tinha chegado de chorar. Lentamente, ela afrouxou o aperto nele, e ela ficou com nada além da ponta embotada do seu desespero. Depois de um momento, ele a soltou, e Clarion retirou o braço para o calor da primavera. A falta de contato parecia mais uma perda do que deveria.

“Você não deve se culpar por coisas que estão além do seu controle”, disse Milori.

Ela riu grossa, piscando através do remelo de lágrimas que ameaçava derramar. Ela passou as pontas dos dedos sob os olhos. “Você não pode simplesmente virar meu conselho de volta para mim. Não até que você mesmo o siga.”

“Nesse caso, eu retiro.” Ele sorriu, apenas um pouco. “Você não é a rainha sem talento que acredita ser. Você *pode* usar sua magia, mesmo que não esteja de acordo com seus padrões. Eu mesmo vi.”

“Tão raramente,” protestou Clarion. “Além disso, mal tenho consciência disso quando consigo empunhá-lo. Isso dificilmente conta.”

“Comece por aí, então.”

Clarion soltou uma risada assustada. “Você realmente vai me dar uma aula de magia?”

“Me faça a vontade.” Ele se inclinou em direção a ela, puxando um joelho em direção ao peito. “O que você sente nesses momentos?”

“Nos momentos é mais fácil?” Clarion suspirou, inclinando-se para trás nas palmas das mãos. Ela inclinou a cabeça para trás em direção ao céu e observou a luz se esvaír lentamente. “Medo. Durante o ataque do Pesadelo no Outono, ele veio a mim em um instante.”

Milori se inclinou para frente, intrigada. “E quando isso escapar de você?”

Aonde exatamente ele queria chegar com isso?

“Eu me lembro de mim mesma. Lembro de dominar meu medo. De controlar minha vontade e moldá-la. Usar meu poder, eu acho, é fácil. É moldá-lo em qualquer coisa útil...” Ela parou diante da expressão dele, presa em algum lugar entre incrédula e preocupada. “Por que você está me olhando desse jeito?”

“Não é nada.” Ele hesitou. “É só que me parece que tentar suprimir seu medo está te atrapalhando. Na verdade, você parece acessar seu poder mais facilmente quando está tentando proteger os outros — quando tem medo pelos outros, mas é corajoso o suficiente para agir.”

Ele estava dando a ela outro olhar significativo — um que parecia dizer, *Esse é o tipo de rainha que você será.* Clarion desviou os olhos. Ele tinha um jeito inconveniente de desafiar suas piores opiniões sobre si mesma. Ele a fez soar quase nobre.

“Talvez.” Ela franziu a testa. “Mas foi isso que Elvina me disse que eu deveria fazer. Ela disse que nosso poder é mais fácil de acessar quando sua mente está limpa.”

“Talvez ela o conceitualize de forma diferente de você.” Milori estendeu a mão. Em um instante, o próprio ar diante dele começou a brilhar. Delicados cristais de gelo brilhavam no pôr do sol, girando e se fundindo em uma esfera de gelo em sua palma. “Ninguém me ensinou a fazer isso. Esse é o caso da maioria das fadas do inverno. Não digo isso para confirmar o que você teme, mas... Perdoe-me por falar fora de hora, mas é possível que o conselho tenha lhe feito mais mal do que bem. Você já sabe como controlar sua magia. Todas as fadas sabem. O que aconteceria se você deixasse de lado o que ela lhe disse?”

Resistência teimosa explodiu dentro dela. Elvina não a teria enganado. Pelo menos, não intencionalmente. Durante toda a vida de Clarion, Elvina tinha sido a imagem de uma rainha perfeita — tudo o que ela sabia que deveria seguir como modelo. Naturalmente, isso se estendia à maneira como ela usava sua magia. Mas a avaliação de Milori fazia um péssimo sentido. Toda vez que Clarion tentava controlar qualquer centelha de magia que ela havia arrancado da fonte de luz das estrelas dentro dela, as paredes em sua mente se fechavam. Ela ficava perplexa que alguém que a conhecia por um período tão breve de tempo tivesse perfurado o coração dela.

Pense nisso como um momento para estar atento ao que você quer e a quem você quer se tornar.

“Não tenho certeza de como.”

“Vai chegar até você”, ele disse. “Você *foi* feito para isso.”

A segurança dele fez com que aquela voz dentro dela — aquela dúvida desagradável que a atormentava há semanas — se acalmasse e se aquietasse. “Encorajador”, ela respondeu. “Mas dificilmente prático.” Milori considerou por um momento. “Você disse que sua magia vem a você mais facilmente quando você está com medo. Talvez não seja medo — mas quando você está totalmente imerso em um momento, seja ele positivo ou negativo.”

“Você está sugerindo que eu pare de pensar tanto?”

Ele sorriu aquele sorrisinho irônico novamente. Com um enrolar de seus dedos, o orbe de gelo em sua mão se quebrou em uma fina camada de geada. Ela brilhou contra sua pele até que o vento a levou embora. “Algo assim.”

Não era uma teoria terrível. “Você quer que eu tente agora?”

“Se você quiser”, ele disse.

Por que não? Ela não tinha outro lugar onde quisesse estar.

Clarion fechou os olhos e tentou — Não, ela não podia *tentar*. Isso acabou com o propósito, quando o ponto principal do exercício era simplesmente ser. E, no entanto, era tão difícil estar totalmente presente quando ela podia sentir Milori ali. A autoconsciência tornaria isso

totalmente impossível. Ela abriu os olhos novamente, preparada para dizer a ele que não conseguiria, quando a visão dele silenciou todos os seus protestos.

Ele a olhava como se ela fosse algo para se admirar. Sua expressão ficou suave e desprotegida quando ele percebeu que ela o encarava de volta, como se ele não esperasse ser pego, mas não se importasse muito com isso. Não havia como confundir o anseio escancarado em seus olhos. Ele já a tinha olhado assim uma vez antes, ela percebeu: a primeira vez que ela cruzou o inverno. Ela se perguntou exatamente há quanto tempo ele queria beijá-la — e se sentiu muito tola, de fato, por ser tão alheia.

E ainda assim, Milori permaneceu sentada como se estivesse congelada. A neve caía a apenas alguns centímetros dela em um redemoinho brilhante e tentador. Tão perto da fronteira — para ele — sua respiração era uma suave pluma branca no ar. Clarion se moveu para mais perto, até que o frio passou por um ombro, então pela concha de sua orelha. Era uma sensação estranha: metade dela segura nas estações quentes, metade dela beliscada pelo frio. Cuidadosamente, quase reverentemente, ela deixou as pontas dos dedos traçarem a linha de sua mandíbula e inclinou seu rosto em direção à dela. O espaço que ela mantinha entre eles era uma pergunta — uma que ele respondeu prontamente. Sua mão veio embalar o lado do pescoço dela, e embora seu toque gelasse sua pele, o calor a inundou.

Clarion se inclinou completamente para Winter e o beijou.

Enquanto os lábios dele se moviam contra os dela, algo borbulhava dentro dela como água de nascente até transbordar completamente.

Felicidade, ela pensou, muito mais pura do que qualquer outra que ela já havia sentido — e mágica. Ela a sentiu vibrando em seus ossos e tecendo através das pontas dos dedos, ansiosa para se aplicar. Desta vez, não parecia algo que ela tinha que dominar. Parecia um rio — como um poço profundo e inesgotável. Fluía até que todo o seu corpo irradiasse uma suave luz dourada.

Milori recuou, apenas um pouco. Sua testa descansou contra a dela enquanto compartilhavam a mesma respiração trêmula. Seus olhos se abriram, e ela teria jurado que as estrelas acima deles brilhavam mais. Seu brilho se refletia no cinza claro de seus olhos — e brilhava ao redor deles, como se as constelações tivessem sido atraídas para a terra. Pó de fada brilhava em seus cílios e nas mangas de seu vestido. Ele dançava alegremente pelo ar e se acumulava no cabelo de Milori como neve, pintando todo o mundo em ouro.

Ela tinha feito isso?

Quando ele falou, sua voz era baixa e cheia de admiração. “Você é incrível.”

Talvez pela primeira vez, ela acreditou.



Poucos dias antes do baile de coroação, Elvina chamou Clarion para seu escritório. O primeiro pensamento de Clarion foi *Ela sabe*. Clarion não sabia *como*, exatamente, mas supôs que deveria ter esperado que tudo desabasse eventualmente. Milori não era um segredo fácil de guardar, afinal — especialmente desde aquela noite na fronteira. Talvez Elvina tivesse notado o quão distraída ela estava e mandado alguém segui-la. Ou talvez houvesse algo inegavelmente diferente nela. Em um impulso tolo, Clarion havia inspecionado seu rosto no espelho da penteadeira, procurando por alguma evidência do que ela havia feito escrito em suas feições. Ela traçou a curva de seu lábio inferior, ainda rachado e dolorido com a lembrança do beijo dele. Ela ainda conseguia se lembrar de cada detalhe como se ele estivesse diante dela agora: o frio de sua pele, o calor de seu olhar, o brilho cada vez maior das estrelas ao redor deles. Nada havia mudado — não verdadeiramente — e, ainda assim, ela se sentia consumida pela imensidão daquilo. Poderia deixá-la louca, a frequência com que ela pensava nisso. Seu estômago afundava e se agitava quase constantemente, pois o próprio pensamento nele a jogava em queda livre repentina. Seu coração disparava à menor provocação. Ela mal comera alguma coisa desde que se separaram, muito cheia de nervosismo ou excitação ou... qualquer que fosse o sentimento. Ela não queria examiná-lo muito de perto, pois tanto quanto a emocionava, a aterrorizava. Ela havia resolvido não vê-lo até que seu equipamento de inverno fosse consertado; alguma distância, ela raciocinou, a restauraria aos seus

sentidos. Mas Petra havia lhe entregado o casaco consertado apenas uma hora atrás, e o bom senso de Clarion não havia retornado — nem sequer olhou para trás desde que ele a deixou. Mesmo na ausência dele, Milori a assombrava, assim como ele sem dúvida ainda assombrava a fronteira da Primavera.

A menos que, ela pensou, ele se arrependa.

Porque, certamente, ele fez. Tinha sido impulsivo e imprudente, considerando os perigos que Pixie Hollow enfrentava. Ambos tinham sido levados pelo momento, e esta noite, ela teria que confrontar a amarga realidade de que qualquer coisa entre eles era impossível. Oh, o que ela iria—

“Vossa Alteza?” Ártemis perguntou. “Está tudo bem?”

Clarion se assustou, batendo o joelho na parte de baixo da mesa.

Soltando um suspiro dolorido, ela se virou para encarar seu guarda.

Artemis estava parada ao lado da porta do quarto, com uma expressão um tanto peculiar. Ocorreu a Clarion tardiamente que Artemis a havia informado da convocação de Elvina alguns minutos atrás.

“Sim, claro!” Clarion sorriu alegremente, mesmo que apenas para esconder seu constrangimento. “Por que você pergunta?”

Ártemis parecia estar lutando com uma maneira educada de responder. Depois de um momento, ela disse: “Seu brilho...”

“Meu...” Clarion olhou para baixo. Agora que Artemis havia apontado, ela supôs que estava muito mais brilhante do que o normal e tingido com um rubor rosado. E a luz do sol havia se intensificado desde a última vez que ela verificou? Agora, ela supôs que entendia por que Elvina sempre alertava contra se deixar levar pela paixão.

“Além disso”, disse Ártemis, com o ar de alguém prestes a dar notícias graves, “a Árvore do Pó Mágico está florescendo”.

Clarion se levantou e se aproximou das portas de vidro de sua sacada. De fato, os galhos do lado de fora espumavam com miosótis e delicadas rosas brancas. Ela olhou para eles. A árvore podia ser tão atrevida às vezes.

“Não é nada para se preocupar.” Clarion fechou as cortinas, ansiosa para bloquear todos os lembretes de sua *lua cheia*. “Eu estava perdida em pensamentos.”

Ártemis assentiu, obviamente não convencida. “Devo escoltá-la até a rainha?”

Clarion supôs que não havia sentido em evitar isso, mas ela não estava exatamente interessada em ouvir quaisquer palavras escolhidas que Elvina tinha guardadas para ela. “O que você acha que ela quer?”

“Imagino que ela queira discutir os relatórios dos escoteiros”, Artemis respondeu, com apenas um toque de confusão. “Um dos talentos-ajudantes dela os entregou mais cedo. Você os revisou...” Ela parou de falar, como se não estivesse totalmente convencida sobre esse último ponto.

“Claro que sim.”

De acordo com os relatórios dos batedores, os Pesadelos não pararam seu ataque. Ontem à noite, um em forma de gato afugentou um estábulo inteiro de ratos nos arredores de Tinker's Nook. As barracas e carruagens eram agora pouco mais que destroços. E dois dias antes, um Pesadelo em forma de peixe, enorme o suficiente para engolir o reflexo de uma lua cheia, varreu várias casas de talentos aquáticos da margem do rio. Todos reuniram tanta alegria quanto puderam. poderia, mas Clarion podia sentir o desconforto que começava a se infiltrar até mesmo nas horas do dia.

Mas ela não ousou esperar que Elvina quisesse sua opinião.

“Bem”, disse Clarion com um suspiro resignado, “vamos lá”.

Clarion encontrou a porta do escritório de Elvina entreaberta.

Preparando-se, ela anunciou sua presença com uma batida suave, então entrou. Artemis a seguiu enquanto ela deslizava pelas fileiras de retratos reais e entrava na inundação do sol da tarde.

Elvina estava sentada em uma chaise longue, lendo um documento. Hoje, ela havia renunciado à coroa, e seu cabelo caía sobre os ombros em ondas soltas e suaves. Clarion podia ver os finos fios prateados, parecendo brilhar como a fria luz das estrelas. Ela parecia muito mais relaxada do que Clarion a via há algum tempo. Um pouco da tensão saiu de Clarion, substituída por uma leve pontada de afeição. Tanto — demais, na verdade — pesava sobre ela. Clarion não tinha percebido completamente o quão pesada a coroa estava até agora.

“Você queria me ver?”

Elvina deixou de lado o documento que estava lendo e, quando olhou para cima, sorriu. “Clarion.”

Quando foi a última vez que ela foi recebida tão calorosamente? Clarion tentou não deixar a surpresa transparecer em seu rosto enquanto se sentava em uma poltrona. Parecia que seu segredo ainda estava seguro — e que Aurelia não havia contado à rainha sobre o encontro perdido.

Agradeça às estrelas.

Um bule de chá estava fumegando na mesa entre eles, junto com um pequeno pote de mel. Elvina se inclinou para a frente para servir uma xícara para cada um. “Peço desculpas por estar tão ocupada”, ela disse, passando uma para Clarion. “Eu teria chamado você antes.”

Clarion derramou mel em seu chá de uma concha de madeira e inalou o aroma terroso da flor de cenoura. “Não há nada pelo que se desculpar. Nós dois estivemos ocupados.”

Ela tomou um gole apressado de chá para esconder sua expressão — e o rubor certamente florescendo em seu rosto. Era apenas em parte mentira. Ela tinha mantido os preparativos para a coroação, é claro, e passou boa parte de seu tempo se preocupando com o quão pouco ela poderia fazer até que Petra consertasse seu casaco.

Apenas um momento de silêncio permaneceu antes de Elvina pousar sua xícara de chá. “Tenho boas notícias para compartilhar.”

Clarion se animou. Agora, esse era um anúncio bem-vindo; boas notícias pareciam escassas ultimamente. “O que é?”

“Meu plano está quase pronto para ser colocado em ação.”

Clarion cometeu o grave erro de tomar outro gole de chá logo depois de falar. Ela quase engasgou com ele agora. “É?”

“Foi preciso um pouco de tentativa e erro”, Elvina continuou. “A magia tecida entre nossos reinos é forte, é claro. Mas laços mágicos podem ser rompidos como quaisquer outros — com a ferramenta e a técnica certas.”

O sangue de Clarion gelou. “E o que é isso?”

“Nenhuma ferramenta simples poderia cortá-lo — e minha magia sozinha é muito fraca.”

Elvina levantou-se de seu assento e foi até sua mesa. Clarion não tinha notado antes, mas um elegante objeto de metal repousava sobre uma almofada ali. Foi só quando Elvina o pegou que percebeu o que era: o punho sem lâmina de uma espada. A guarda cruzada era intrincadamente trabalhada, moldada no formato de galhos entrelaçados que produziam folhas, porque é claro que Petra faria até mesmo uma arma uma obra de arte. Afixada em seu coração estava uma pedra do sol, sua superfície semelhante a vidro nadando com luz laranja. Se ela olhasse de perto, ela poderia ver uma chama brilhando forte dentro dela. Clarion havia encontrado apenas uma outra joia como esta: a pedra da lua usada para transmutar o luar em pó de fada azul.

“Mas no solstício de verão, um dia de grande significado para os talentos de governo, nosso poder estará no auge. Petra construiu isto para canalizar nossa magia.” A gema brilhou com a luz dourada da magia de Elvina — e uma lâmina de pura luz estelar cintilou para a vida. “Se você empunhar esta lâmina no solstício, você será poderoso o suficiente para cortar as pontes. Depois disso, nada nem ninguém será capaz de cruzar entre o inverno e as estações quentes.”

Petra tinha feito isso. Claro que ela tinha.

Normalmente, Clarion poderia ter orgulho do brilhantismo de sua amiga e de sua incrível habilidade de resolver problemas aparentemente insolúveis. Além disso, era isso que ela sempre quis: que suas invenções tivessem valor. E ainda assim, Clarion só conseguia sentir horror pelo que Petra havia feito.

Mas então, ela percebeu exatamente o que Elvina havia dito.

“Quando *eu* o empunho?”

Sob o brilho áspero da lâmina, o rosto de Elvina estava empalidecido de um branco severo. “Tem que ser você. Será um começo auspicioso para seu reinado e incutirá confiança em seus súditos. Eles verão que você garantiu a segurança de Pixie Hollow dos Pesadelos para sempre.”

Nem todo o Refúgio das Fadas, pensou Clarion.

Ela não conseguiu responder. Ela mal conseguia imaginar uma coisa tão terrível: uma lâmina poderosa o suficiente para rasgar o próprio tecido de Pixie Hollow. Não importa os perigos que as estações quentes enfrentavam, isso não podia estar certo. Antes, ela poderia ter cedido. Ela poderia até ter concordado. Mas depois de tudo que ela e Milori passaram — depois de quão perto elas chegaram — ela não conseguia segurar a língua diante de um plano tão equivocado. "Este não pode ser o único jeito."

A lâmina de luz das estrelas desapareceu até que Elvina ficou segurando o cabo vazio mais uma vez. Sem a luz brilhando em seus olhos, a expressão de Elvina ficou ilegível, quase fria. "Você está descontente." Clarion se levantou tão rápido que sua cadeira raspou no assoalho. Se Elvina ficou chocada com a explosão repentina, ela não deixou transparecer em seu rosto. "Claro que estou! Não consigo entender como você está satisfeito com esse curso de ação. Você me ensinou a governar. Você sabe muito bem que trabalhamos para garantir que cada estação chegue ao Continente quando deveria. Isso vai contra a ordem natural das coisas."

Se ela havia aprendido alguma coisa nessas últimas semanas, era que cada estação era essencial. Milori não havia compartilhado com ela a sabedoria de Winter da maneira que os outros ministros fizeram, mas ele não precisava. Ela tinha visto por si mesma em primeira mão. Winter ensinava resistência — como manter a esperança, mesmo nas noites mais longas e escuras.

Elvina a olhou impassivelmente. "Talvez você estivesse certa, quando me confrontou antes. Eu não lhe ensinei tudo o que você precisa saber."

Sua calma imperturbável fez o calor da raiva de Clarion esmorecer.

Cautelosamente, ela perguntou: "Não?"

"Eu já disse a vocês antes que o Inverno é autossuficiente. É melhor que eles continuem assim." Elvina colocou o punho da espada em sua mesa e cruzou as mãos. "Há uma história passada entre rainhas. É hora de eu compartilhá-la com vocês."

Lentamente, Clarion se acomodou de volta na cadeira. Por mais furiosa que estivesse, ela não conseguia negar sua própria curiosidade. Os ombros rígidos de Elvina relaxaram agora que ela havia recuperado o controle da conversa.

"Antigamente, por mais difícil que seja de acreditar, as estações quentes e a Floresta de Inverno viviam em harmonia." A cadência da voz de Elvina mudou, como sempre acontecia quando ela compartilhava uma história da história de Pixie Hollow. "Claro, foi há muito tempo atrás — uma época de que ninguém vivo se lembra. Entendendo o perigo que os Pesadelos representavam, a primeira Rainha de Pixie Hollow providenciou para que eles fossem aprisionados nas profundezas da Floresta de Inverno. Ela também confiou ao Guardião da Floresta de Inverno a responsabilidade de guardar aquela prisão. Por um tempo,

tudo era pacífico. Mas eventualmente, ele ficou ressentido com seu dever. Ele reuniu seus batedores e organizou uma rebelião contra a rainha.”

“O quê?” Clarion interrompeu. “Mas por que ele faria uma coisa dessas?” Sentindo que agora tinha toda a atenção de Clarion, Elvina sorriu ironicamente. “Os detalhes completos do conflito deles foram perdidos no tempo, infelizmente. Talvez ele tenha ficado entediado, ou talvez ele acreditasse que deveria governar todo o Vale das Fadas. As Rainhas de Vale das Fadas têm muitas responsabilidades e muito poder. Talvez ele estivesse insatisfeito com sua sorte, não tendo jurisdição sobre nada além de seu reino estéril.”

Nenhuma dessas explicações satisfazia Clarion. Seus reinos não poderiam ter sido separados por algo tão mesquinho quanto ambição ou tédio. Ela não conseguia acreditar nisso — não depois de ter visitado Winter. Não depois de ter se apaixonado por ele. *Estéril* era a pior palavra que ela usaria para descrevê-lo. Era lindo e vibrante — uma estação que qualquer um teria orgulho de governar.

“No entanto,” Elvina continuou, “eu tenho uma teoria própria. Eu acredito que os Pesadelos têm influência sobre as fadas do inverno.” Ela fez uma pausa, deixando aquela declaração sinistra pairar sobre eles como uma lâmina esperando para cair. Ela deslizou por baixo da pele de Clarion como o frio do inverno, enchendo-a com um terrível e formigante desconforto. “Uma influência?”

“Você viu o quão insidiosos os Pesadelos são — como eles podem cravar suas garras na mente de uma fada. Quem disse que eles não podem fazer isso enquanto você ainda está acordada?” Elvina alisou as mãos sobre as saias. “Além disso, não consigo imaginar que efeito isso deve ter, viver ao lado de tantos por tanto tempo. Se a prisão enfraqueceu o suficiente para liberá-los para o mundo, certamente o poder deles também vazou.” Clarion sentiu-se mal com a implicação — com o pensamento de todas as fadas que ela conheceu à mercê de monstros. “Você acredita que os Pesadelos causaram a traição do diretor?”

“É possível, sim.” Elvina se aproximou de Clarion com passos lentos e medidos, então se empoleirou na beirada de sua chaise longue. Agora que estavam no mesmo nível dos olhos novamente, o peso de suas palavras parecia sufocante, inescapável. “É uma pena. Isso significa que o Guardião da Floresta de Inverno nunca pode ser totalmente confiável.” Clarion não conseguia acreditar. Ela *se recusou* a acreditar. Ela cravou os dedos nos joelhos, só para não fugir. “Por que você não me contou isso antes?”

“Eu não queria sobrecarregá-la com muita informação de uma vez, especialmente quando você já parecia tão preocupada com as fadas do inverno.” Clarion sentiu essas palavras como um tapa. Elas eram apenas uma confirmação de seus piores medos: Elvina não a achava capaz de lidar com a verdade ou com seu dever. Elvina se inclinou e pousou a mão

no braço de Clarion. A pele de Elvina estava febrilmente quente, como se cada um de seus dedos fosse uma marca ardente. “Mas agora, você sabe tudo o que eu sei. E no dia da sua coroação, você cumprirá o último dos nossos deveres herdados: a Rainha de Pixie Hollow deve proteger as estações quentes contra a influência dos Pesadelos.”

A ousadia de Clarion, brevemente suprimida sob o peso de suas antigas inseguranças, voltou violentamente à vida. Ela não conseguia ouvir mais nenhuma palavra disso. “Se isso é verdade, então deveríamos ajudar os Bosques de Inverno, não cortá-los!”

“Não estamos em posição de ajudá-los.” O tom de Elvina não admitia argumentos. “É muito perigoso. Não sabemos como combatê-los.”

“E então você me forçaria a abandonar as fadas do inverno ao seu destino?” A voz de Clarion tremeu. “Devo deixar os Pesadelos destruírem seus lares? Matá-los um por um? Isso não é pragmatismo, Elvina. Isso é monstruoso. Eu não farei isso.”

Elvina olhou para ela com choque aberto. Quando se recuperou, Clarion ficou impressionado com a rapidez com que ela reuniu seu porte real ao redor de si como uma armadura — como ela conseguia usar um manto simples como sua insígnia completa. Seu tom era gélido quando ela falou novamente. “Isto é para o bem maior. Eu sei que você tem interesse nas fadas da Floresta de Inverno, mas você deve tirá-las da sua mente. Elas sobreviveram tanto tempo sozinhas, nas condições mais brutais. Elas vão suportar isso também.”

Mas não deveriam ter que fazer isso. Clarion mordeu a língua.

Tomando seu silêncio como aquiescência, Elvina suspirou, como se tentasse reunir os fragmentos de sua paciência despedaçada. “Você vai entender com o tempo, Clarion. Sua gentileza é um trunfo, mas também é um fardo pesado para carregar. Você não pode machucar tanto os outros.”

“Levarei isso em consideração”, respondeu Clarion. “Agora, se me der licença. De repente, me sinto mal.”

Ela não esperou pela resposta de Elvina antes de fugir de seu escritório. Assim que chegou ao seu quarto, ela puxou a caixa que Petra lhe enviara de onde ela a havia escondido debaixo da cama. Ela desamarrou a fita cuidadosamente amarrada e então arrancou a tampa. Dentro estava seu casaco: imaculado e inteiro. Clarion não conseguiu evitar abraçá-lo contra o peito. Ela não se importava com o quão ridícula ela parecia, ajoelhada no chão com o rosto enterrado no capuz forrado de pele. Não era como se houvesse alguém aqui para testemunhar isso.

Depois de respirar fundo para superar o pior do pânico, ela tentou desesperadamente organizar a confusão de seus pensamentos. Não importava se o que Elvina lhe dissera era verdade ou não. Tudo o que sabia era que Elvina lhe dera um problema quase esmagador demais para suportar.

Ela e Milori tinham apenas até o solstício de verão para selar a prisão dos Pesadelos — ou Élvina condenaria a Floresta de Inverno ao isolamento eterno.



O minuto em que Clarion esperou na fronteira passou em um rastejar glacial. Ela andava inquieta ao longo da margem do rio, a bainha de seu casaco remendado ondulando atrás dela. Enquanto observava a linha das árvores, tudo o que ela conseguia imaginar eram Pesadelos se desenrolando das sombras, um preto voraz e bilioso. O inverno selado como se estivesse atrás de uma parede de vidro. As raízes que os uniam cortadas por sua própria mão. Ela não conseguia suportar essa visão de si mesma, a rainha fria e remota que pesava vidas como grãos em uma balança. Uma lâmina de luz das estrelas erguida acima de sua cabeça, fumegando com seu poder. A magia da Árvore do Pó de Pixie, esvaziando-se no rio como sangue de uma ferida mortal.

Monstruoso, ela disse a Elvina.

A agitação sombria de seus pensamentos só serviu para aumentar o medo de ver Milori novamente. Ela passou tantas horas revivendo aquele beijo — e imaginando o que ela poderia dizer a ele quando eles se encontraram novamente. Tais preocupações pareciam terrivelmente distantes agora. E ainda assim, sua antecipação aumentava a cada segundo que passava.

Felizmente, ela não teve que sofrer muito. Milori nunca se atrasava. Na verdade, ele chegou cedo.

O sol ainda não tinha começado a se pôr quando ele chegou. A neve rodopiava ao redor dele quando ele pousou na ponte entre seus reinos com uma graça silenciosa. Apesar de tudo, seu coração acelerou ao vê-lo. Ela mal percebeu o quão desesperadamente sentia sua falta até que ele estava ali diante dela. Clarion se viu dividida entre o impulso de se

proteger com distância e correr de cabeça para seus braços. O olhar cauteloso em seu rosto e a rigidez de seus ombros, pelo menos, tornaram sua escolha fácil. Doeu-a ver uma confirmação tão clara do que ela temia.

Nada poderia existir entre os dois.

Clarion apertou mais o casaco em volta de si mesma enquanto pisava na ponte, suspirando com a sensação de magia zumbindo sob seus pés. As palavras evaporaram enquanto ela o encarava. Como sempre, sua beleza austera era como uma lâmina de gelo no coração. A geada brilhava em seus cílios claros, que estavam puxados para baixo sobre seus olhos cinzentos. Ele estava evitando o olhar dela.

“Clarion.” Ele falou o nome dela com uma formalidade tão cuidadosa, que era como se a tivesse chamado de *Vossa Alteza*. Isso a arrepiou por inteiro com seu frio.

“Milori.”

O silêncio desconfortável se estendeu tênue entre eles. Quando ela não conseguiu mais suportar, ela deixou escapar, “Há algo que você deveria saber,” ao mesmo tempo em que ele disse, “Eu queria—”

Seus olhos se encontraram, e o calor floresceu em seu rosto. Seus lábios ainda estavam suavemente separados, qualquer confissão que ele estivesse preparado para fazer pendurada em suspensão. Um olhar de vulnerabilidade singular passou por sua expressão, Clarion não pôde deixar de se perguntar se ela estivesse enganada. A esperança brotou dentro dela — mas não, ela não podia se permitir ler nada nisso. Era apenas que a troca hesitante deles tinha perturbado os dois.

Depois de um momento, ele balançou a cabeça e disse: “Por favor. Você primeiro.”

Clarion respirou fundo para se recompor. Agora que ele havia cedido a iniciativa a ela, ela se sentia mais lúcida. Por onde começar? De alguma forma, os perigos que o plano de Elvina representava para Winter Woods pareciam céus mais seguros para navegar do que seus sentimentos. “Falei com Elvina antes.”

Claramente, não era isso que ele esperava que ela dissesse. Milori piscou, desorientado, como se estivesse despertando de um sonho perturbador. Um pouco de sua energia nervosa se esvaiu, mas ela podia vê-lo lutando com o desejo de pedir mais detalhes. Sempre paciente, ele respondeu: “Entendo.”

Mesmo na primavera, ela sentiu um frio impossível ao lembrar do que ela e Elvina haviam discutido. Ela cruzou os braços sobre o peito para afastar um arrepio. “Ela me disse que o primeiro Guardião da Floresta de Inverno tentou derrubar a Rainha de Pixie Hollow. Na mente dela, essa é a razão pela qual nossos dois reinos não têm mais nada a ver um com o outro. Pior, ela acredita que os Pesadelos tinham algum tipo de poder sobre ele. Que pode ser possível que isso aconteça novamente, e...”

Ela não conseguia forçar as palavras a saírem. Ela não queria nem dizer, nem queria fazer a ele as perguntas que o medo havia despertado dentro dela.

Você acha que é verdade?

Você guarda o mesmo ressentimento que o primeiro diretor tinha?

Clarion observou sua expressão se encher de certeza, lentamente, então de repente; ele parecia ter finalmente juntado as peças de algo que o estava intrigando. “Você se preocupa que possa ser verdade”, ele disse. Não havia acusação em sua voz, apenas uma espécie de compreensão resignada.

A culpa a atravessou. Como ela podia acreditar nisso, quando ele e seu povo não tinham sido nada além de gentis com ela? Ela juntou as mãos para se impedir de alcançá-lo. “Só na medida em que me preocupo com você. Você nunca me deu um motivo para duvidar de você.”

Ele franziu a testa enquanto a confusão o dominava mais uma vez. “Eu nunca vi um Pesadelo ter qualquer poder sobre alguém que ainda estava acordado. Não acho que seja possível.”

“Isso é um alívio,” ela murmurou. “Certamente, haveria algum tipo de sinal. Você não notou nada...?”

Milori se mexeu em seus pés, seu olhar se afastando do dela novamente. “Não durmo bem há dias. Fora isso, não.”

O medo se acumulou dentro dela. “Você não acha—”

“Não são os pesadelos que me mantêm acordado, Clarion.”

A voz dele era impossivelmente gentil — e tão suave, por um momento, que ela pensou ter ouvido errado. Quando ele voltou os olhos para ela, a intensidade e a seriedade que ela encontrou ali fizeram seus ouvidos esquentarem. A lembrança sensorial do beijo deles despertou, saltando por sua pele em trilhas aquecidas e atizando seu brilho para uma chama cor de rosa. Havia algo como devoção na maneira como ele embalava seu rosto, um juramento feito em cada roçar de seus lábios contra os dela. Oh, ela tinha sido tão tola em acreditar que um homem-pardal como Milori faria uma única coisa sem a intenção de se comprometer totalmente.

“Oh.” Foi uma mera exalação de som.

“Você não voltou.” Partes iguais de dor e alívio impregnavam cada palavra sua. “No começo, fiquei preocupado que algo tivesse acontecido. Então, me convenci de que você se arrependeu.”

“Não,” Clarion disse, através de uma risada sem humor. “Eu não me arrependi nem um pouco. Eu só lamento ter entrado em pânico — e que meu medo tenha lhe dado motivos para se preocupar.”

Isso era o que mais a assustava: a sensação de que seu coração agora batia fora do peito. Ele estava diante dela, perto o suficiente para tocar. E ainda assim, não era perto o suficiente. Clarion temia que nunca ficaria satisfeita até que pudessem realmente compartilhar os mundos um do

outro. E agora que ela sabia do plano de Elvina... Isso a aterrorizava, pensar que os dois poderiam ser separados para sempre.

Ela não conseguiu mais evitar contar a ele o que havia descoberto.

“Há muito mais a dizer, eu sei.” Ela deu um passo para mais perto dele, até que pôde sentir a carícia fria de Winter em seu rosto. Ela fechou os dedos em volta do antebraço dele e apertou gentilmente. “Mas isso não é tudo que Elvina me disse.”

Enquanto ele a bebia, a esperança desapareceu de seus olhos. “O que foi?”

“Elvina está perto de colocar seu plano em ação. Temos até o solstício de verão antes que as pontes entre o inverno e as estações quentes sejam destruídas.”

Toda a cor sumiu de seu rosto. Quando ele se recuperou o suficiente para falar, ele disse: “Eu não achei que fosse possível.”

O desespero na voz dele a gelou. “Eu também não. Mas ainda temos luz do dia. Estou pronta para tentar de novo.”

Se ela falhasse...

Não, mal dava para pensar nisso. Ela não falharia uma segunda vez.

Reunindo coragem, ela disse: “Acho que você e eu fomos feitos para fazer isso juntos — para resolver o problema dos Pesadelos para sempre.”

“Você e eu”, ele repetiu, tão solene quanto um voto.

Talvez tenha sido uma declaração ousada. Mas o que eles encontraram parecia um pouco com o destino — especialmente quando o espaço entre eles estalava com a possibilidade.

“Se selarmos a prisão antes do sol se pôr completamente, nenhum deles terá a chance de sair durante a noite.” Ela inclinou o queixo, esperando projetar mais confiança do que sentia. Milori observou-a através de olhos semicerrados, parte de sua resistência inicial dando lugar a algo como... admiração? Clarion continuou antes que pudesse perder a coragem. “Depois disso, todos sob o feitiço dos Pesadelos devem despertar, assim como quando os talentos dos sonhos selaram os Pesadelos pela primeira vez.”

“Muito bem,” ele disse, com apenas um toque de relutância. “Mas se quisermos chegar à prisão antes do pôr do sol, precisaremos voar.”

Com isso, a fachada de Clarion vacilou. “Você quer dizer com Noctua.”

“Claro, não precisamos”, Milori disse, com o menor dos sorrisos brincando no canto da boca. “No entanto, precisaríamos nos reunir amanhã e começar a caminhada muito mais cedo no dia.”

Ela reprimiu um gemido. “Tudo bem. Ligue para ela.”

Milori parecia muito satisfeito. Ele levou dois dedos aos lábios e assobiou. O som cortou a serena quietude da floresta. De alguma forma, o silêncio se aprofundou, como se a floresta inteira estivesse prendendo a respiração. Apenas alguns segundos se passaram antes que Noctua aparecesse, irrompendo da cobertura de pinheiros e esculpindo uma forma escura contra o céu avermelhado.

Com um suspiro derrotado, Clarion abotoou os botões do casaco e entrou em Winter. Noctua arrepiou suas penas e soltou um pio suave quando Clarion se aproximou. Desta vez, pelo menos, ela não recuou. “Acho que ela gosta de você”, disse Milori. “Se quiser, você pode cavalgar sozinho dessa vez.”

A sugestão a encheu de visões indesejadas de despencar para seu fim prematuro. Ela estendeu a mão para segurar as rédeas. “Não, eu não quero.”

Milori descansou uma mão na cintura dela, preparada para levantá-la. O frio do toque dele penetrou no casaco dela, e Clarion teve que lutar contra a vontade de se inclinar para ele. Com o tom todo de diversão afetuosa, ele disse: “A Rainha de Pixie Hollow realmente encontrou seu par.”

Dois poderiam jogar esse jogo. Clarion lançou-lhe um sorriso tímido. “Ou talvez eu queira ficar perto de você.”

Isso, aparentemente, silenciou qualquer resposta inteligente. Sentindo uma onda de triunfo, Clarion começou a subir nas costas de Noctua. Com um impulso, ela encontrou seu assento facilmente — e não vacilou quando Noctua girou a cabeça para avaliá-la pelo canto dos olhos dourados. Talvez ela tenha imaginado, mas Clarion poderia jurar que viu um lampejo de aprovação ali. Milori se acomodou atrás dela. Ele prendeu um braço ao redor dela e pegou as rédeas com a mão livre.

“Pronta?” A respiração dele passou como um fantasma contra o ouvido dela. Um arrepio agradável percorreu sua espinha.

“Pronto”, ela respondeu.

Com isso, eles alçaram voo. Eles se esquivaram através de galhos de pinheiros carregados de neve e ao redor dos pingentes de gelo que refletiam a luz do sol rosa-concha. Quando eles romperam o dossel, a vista roubou o fôlego de Clarion. Extensões infinitas de neve e águas frias brilhavam, iluminadas na hora dourada. Tudo era tão pequeno daquela altura — e com suas asas presas sob seu casaco, a alegria formigava nas bordas de sua admiração. O vento frio fazia seu cabelo estalar atrás dela e beliscava a ponta de seu nariz. Rajadas dançavam descontroladamente diante dela, cada floco de neve manchado em tons quentes de rosa e dourado enquanto o sol se punha como uma brasa acesa na curva das montanhas.

Então, eles mergulharam em direção à sombra da floresta. Abaixo deles, o olho redondo do lago congelado fixou-se nela, como se cada Pesadelo fervendo abaixo dele sentisse sua presença e a odiasse. O terror instintivo acelerou seu pulso, e o ferimento em seu braço latejava com a lembrança do que acontecera da última vez que tinham vindo aqui. Mas ela não podia se dar ao luxo de perder a coragem agora.

Os pinheiros os envolveram, e Noctua pousou em um galho baixo.

Mesmo dali, o miasma que se instalou como uma névoa densa sobre o gelo rastejou sobre eles. Os pelos da nuca dela se arrepiaram. Até Noctua

afofou sua plumagem com desconforto. Sem pensar, Clarion coçou o topo da cabeça para acalmá-la, então deslizou para fora das costas da coruja. Suas botas estalaram na neve profunda.

Milori pousou ao lado dela, seus olhos cinzentos fixos na prisão espreitando logo além da fileira de bétulas retorcidas. Outro vento soprou através das árvores e rasgou seu casaco com garras geladas. Um véu de neve se levantou do chão, bloqueando o sol poente. Tudo isso parecia um aviso: *Deixe este lugar.*

“Vamos?” ela perguntou a Milori.

“Um momento.” Ele entrelaçou os dedos nos dela, e Clarion fez o melhor que pôde para não derreter. O toque dele a aterrou e a emocionou mais do que ela queria admitir.

De mãos dadas, eles caminharam penosamente pelos bancos de neve até que finalmente emergiram na beira do lago congelado. Enquanto vivesse, ela nunca se acostumaria com a mera *presença* dele. O silêncio aqui era anormal, como se o lago engolissem todo o som. O medo se instalou sobre seus ombros como um manto de aço. Clarion fez o possível para respirar através do peso disso.

Ela pisou no gelo. Sua superfície traiçoeira brilhava, mas ela ainda conseguia distinguir as formas nebulosas dos Pesadelos ondulando sob suas botas como água escura. Enquanto ela e Milori seguiam para o centro, os Pesadelos se encolheram e atacaram alternadamente. Ela evitou as finas rachaduras na superfície, que gemiam sob seu peso. Ela estremeceu ao pensar no que aconteceria se ela caísse nas profundezas do lago.

Quando chegaram ao centro do lago, a luz do dia era uma lasca vermelha no horizonte. Ela praticamente conseguia sentir a fome e a antecipação dos Pesadelos borbulhando das rachaduras. Eles giravam juntos, buscando ansiosamente sua liberdade.

Era agora ou nunca.

Relutantemente, Clarion deixou sua mão cair da de Milori. Ela se agachou ao lado das novas fissuras no gelo, deixando sua consciência vagar para a barreira mágica dos sonhos logo abaixo — para seus fios finos e tramas soltas, mal segurando as feras que continha. Ela tinha ficado ainda mais puída desde a última vez que estiveram ali. Sua magia ansiava por consertá-la.

Seu primeiro instinto foi buscar o que parecia familiar e confortável: dominar a si mesma, focar, esforçar-se. Em vez disso, ela fechou os olhos e sentiu os pés plantados no gelo, a maneira como seu peito subia e descia conforme ela respirava. Talvez se ela tentasse se ver do jeito que Milori se via...

Você foi feito para isso.

Uma certeza calma a preencheu. Energia crepitava logo abaixo de sua pele, e seu brilho se intensificou. Clarion descansou sua palma contra o gelo e deixou sua magia fluir através dela. Luz dourada rodou por seu

braço e se fundiu na palma de sua mão. Os olhos atônitos de Milori refletiam o brilho de seu poder.

Clarion deixou voar.

A luz das estrelas fluía para o gelo e se entrelaçava em torno dos fios de sonho desfiados. Ela os fortalecia e, ponto por ponto, cobria as lágrimas. Sua magia iluminava o gelo por dentro, banhando-a em luz dourada marmorizada.

Enquanto os Pesadelos se agitavam dentro de sua prisão, seus gritos sacudiam seus ossos. Eles atacavam com torrentes de emoções negativas: a picada da rejeição, a sensação de humilhação de revirar o estômago, o terror agudo de algo voltando para assombrá-la. Tudo o que ela conseguia ver eram dentes rangendo e olhos sinistros. Tudo o que ela conseguia pensar era naquela terrível versão futura de si mesma, isolando Winter com um único corte. Todos os seus piores medos pareciam muito próximos da superfície, urgentes e inegavelmente reais. A pressão aumentou atrás de seus olhos. Suas mãos começaram a tremer.

Mas com um último laço esticado, seu trabalho estava feito. A barreira reparada brilhava como uma camada de gaze de seda de aranha. Através dos pontos, ela mal conseguia ver os Pesadelos, rosnando e estalando enquanto se encolhiam para fora de seus novos confins.

“Milori,” ela chamou. “Agora.”

Ele estendeu as mãos, e a geada floresceu sobre o gelo quebrado. Os lamentos dos Pesadelos ficaram mais abafados até que ela não conseguiu ouvi-los mais.

A luz da barreira diminuiu sob a superfície congelada do lago, e a noite se instalou suavemente no espaço que deixou para trás. Enquanto sua visão se ajustava à escuridão estrelada, ela olhou para a obra deles. O próprio gelo parecia brilhar. Com a prisão selada, a atmosfera opressiva diminuiu, e Clarion imaginou que era assim que esse lugar tinha sido séculos atrás.

Lindo.

Milori soltou um som suave de descrença. Quando Clarion se virou para ele, ela foi atingida por outra pontada de desejo. O luar dourou o gelo e se cobriu sobre ele. Assim, ele estava lustroso — um efeito que não foi ajudado pela maneira como ele estava *sorrindo* para ela.

“Nós conseguimos.”

Ela não conseguiu evitar sorrir de volta para ele. “Nós fizemos.”

Ela mal conseguia acreditar. Depois de semanas de medo e incerteza, eles libertaram seus súditos dos Pesadelos. Ela mal teve tempo de processar. Porque com um bater de asas, Milori levantou voo do chão. Ele pegou as duas mãos enluvadas dela nas suas — e então voou para trás, até que ela estivesse deslizando pelo gelo atrás dele.

“Milori!”, ela protestou entre uma risada. Ela estava quase decidida a fincar os pés, mas a alegria dele era contagiante. Ela se rendeu e se

deixou patinar pela superfície.

Ele a girou para diminuir o ritmo, uma mão descansando contra a cintura dela para firmá-la. “Venha comigo. Quero te mostrar uma coisa.” Quando ele estava tão desprotegidamente feliz, como ela poderia negar-lhe qualquer coisa? “Claro. Em qualquer lugar.”



Milori a levou para uma vista no topo do pico de outra montanha. Ela oferecia uma vista da Floresta de Inverno — mais impressionante, o vasto lago congelado. O gelo liso como um espelho agora brilhava com veios de ouro. Uma luz dourada suave iluminava a escuridão ao redor. Além dela, ela podia ver o Salão do Inverno, brilhando frio ao luar, e os enclaves das casas das fadas do inverno brilhando como vaga-lumes no escuro. E lá, luminosa e dourada, estava a Árvore do Pó de Pixie. Parecia impossível que ela estivesse parada ali, olhando para o lugar onde passou toda a sua vida — um lugar que ela acreditava que nunca deixaria.

Mas não era a vista que Milori a trouxera para ver. Em um precipício com vista para a prisão dos Pesadelos, havia uma enorme escultura esculpida inteiramente em gelo.

Clarion se aproximou, inclinando a cabeça para trás para poder apreciá-la completamente. A estátua era de um homem-pardal, com a mão apoiada em uma espada em seu quadril. Um diadema — esculpido com a insígnia do floco de neve do inverno — estava em sua testa. Uma capa enfeitada com a pele de um animal ondulava atrás dele. Suas asas, atravessadas pelo luar, brilhavam como o próprio inverno. Ele parecia estranhamente familiar... quase como *Milori*, com seu semblante estoico e olhos cansados.

“Aqui está,” disse Milori. “Este é o primeiro Guardião da Floresta de Inverno. Dizem que esta estátua foi encomendada pela própria Rainha de Pixie Hollow.”

“O Senhor do Inverno,” Clarion murmurou.

“Sim,” ele disse, após uma pausa. “Eu suponho que ele também era conhecido por esse título.”

Isso não parecia o memorial de um homem-pardal que arriscou tudo pelo bem de seu orgulho. Parecia alguém que, mesmo na morte, não havia esquecido seu dever.

Enquanto ela circulava a estátua, seu olhar se fixou no pedestal. Estava coberto de líquen e neve densamente compactada, mas ela conseguia ver algo escrito logo abaixo. Ela se ajoelhou ao lado e raspou a geada com sua luva. Pedaco por pedaco, ele caiu. Ela esfregou até conseguir distinguir a inscrição esculpida.

NO GELO E NOS CORAÇÕES DE TODO O PIXIE HOLLOW,
A MEMÓRIA DO SENHOR DO INVERNO,
UM VERDADEIRO AMIGO E PROTETOR FIRME,
É PRESERVADO PARA SEMPRE.

Logo abaixo da linha final havia uma leve escultura. Clarion reconheceu como a insígnia real: a Árvore de Pó de Pixie emoldurada pelas asas de uma borboleta monarca. O coração de Clarion doeu ao vê-la. Este não era o tipo de estátua construída para os vivos — o que significava que a história de Elvina estava completamente errada. Não houve rebelião que tenha separado seus reinos, nenhuma traição. Isso a confortava tanto quanto a intrigava.

“O que aconteceu, então?” ela perguntou. “Como acabamos assim?”

“Não sei.” Milori se agachou ao lado dela e olhou para a estátua. “Em seus escritos, ele enfatizou que os Pesadelos não eram algo com que a rainha deveria se preocupar. Suponho que seu sucessor não era tão próximo da rainha — e então, talvez nós simplesmente nos afastamos com o tempo. Suponho que seja uma característica que todos nós compartilhamos, querer carregar esse fardo sozinhos.”

Eu entendo a necessidade dessa visão de mundo, Milori lhe disse quando compartilhou a filosofia de Elvina.

Clarion descansou uma mão em seu braço. “Você não fez.”

“Eu não.” Ele sorriu tristemente. “Você não é a única fada em Pixie Hollow que acredita que não pode fazer o que nasceu para fazer. Por gerações, cada Guardiã da Floresta de Inverno manteve seu dever infalivelmente, exceto eu. O que aconteceu com nossos dois súditos é inteiramente minha culpa, e eu pedi para você consertar meu erro.”

Inteiramente minha culpa. Ela não tinha pensado exatamente a mesma coisa, ajoelhada entre os destroços da Floresta de Outono? Mas, ouvindo-o dizer isso, ela percebeu o quão terrivelmente injusto era. Ninguém deveria assumir tanto.

“Tenho uma dívida enorme com você”, ele disse. “E enquanto você compartilha as notícias com seus súditos, se você quer me culpar—”

“Como posso culpá-lo?” ela interrompeu. “O que você poderia ter feito?” Ele ficou em silêncio.

“Você não me deve nada. Se alguma coisa, eu devo *a você*.” Ela pegou as mãos dele nas dela. “Então perdoe a si mesmo. Isso teria acontecido de uma forma ou de outra. Você e eu éramos apenas os azarados que tiveram que consertar o que nossos antecessores não conseguiram. Por tanto tempo, você e eu desperdiçamos nossa energia tentando viver de acordo com eles. Mas você é bom o suficiente por seus próprios méritos.”

Milori levantou o olhar para ela mais uma vez, e o mundo inteiro ficou tão parado quanto o inverno mais profundo. A queda de neve pareceu

diminuir até parar; o vento diminuiu para um sussurro. A emoção brilhando em seus olhos a deixou sem fôlego, e ocorreu a ela então o quão próximos eles estavam. Sua respiração embaçou no espaço estreito entre eles.

“Espero que saiba que o mesmo é verdade para você.” Milori cuidadosamente colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Os nós dos dedos dele traçaram levemente a maçã do rosto dela enquanto sua mão caía. “Você será uma excelente rainha.”

E embora seu coração disparasse ao ouvi-lo dizer isso, a lembrança de sua coroação fez a realidade cair sobre ela como uma onda. Parecia cruel, encontrá-lo logo antes de ter que deixá-lo ir. Acabariam seus dias de se esgueirar para o inverno. Acabaria o que quer que fosse que havia entre eles. Porque no momento em que a coroa fosse colocada em sua cabeça, ela passaria o resto de sua vida no palácio, seus dias ocupados por reuniões, audiências e cerimônias. Ela se tornaria a estrela fria, no alto de sua torre, olhando para baixo para tudo o que ela jurou supervisionar à distância.

Como Clarion, ela poderia cuidar dele. Mas a Rainha de Pixie Hollow nunca poderia estar verdadeiramente com ele — ou com qualquer outra pessoa.

Milori claramente sentiu a mudança de humor dela. “Está tudo bem?”

“Sim.” Ela forçou um sorriso. “Estou apenas com frio.”

Ele não pareceu convencido, mas disse: “Então deixe-me levá-lo de volta para Spring.”

Clarion manteve o silêncio na jornada de volta à fronteira. Ele não a pressionou, embora ela pudesse sentir a preocupação dele tomando conta dela. Foi só quando ela estava na beira da ponte que ela se virou para encará-lo. Ela não podia forçar os dois a definharem sem um encerramento — não de novo. Além disso, ela havia prometido a ele que eles terminariam a conversa que tinham começado.

“Eu tenho que confessar,” ela disse, “que eu menti. Não está tudo bem.”

“Oh,” ele disse, num tom que sugeria que ele não sabia se deveria fingir surpresa. “Posso perguntar o que te incomoda?”

Ela não conseguia decidir se ria ou chorava. Como poderia responder a essa pergunta? Agora que tinham feito o que se propuseram a fazer, não tinham mais motivos para se verem. “Vou sentir sua falta.”

“É só isso?”, ele perguntou. “Você pode voltar amanhã.”

“Não posso.” Frustração e desejo borbulhavam dentro dela. Se ao menos fosse tão simples. “Minha coroação é em pouco mais de uma semana, Milori. Nossos deveres como governantes nos manterão separados uns dos outros.”

As palavras dela caíram como um soco, fazendo-o cambalear. Milori balançou a cabeça, só um pouco. Ela podia ver que ele queria discutir, mas ele apenas disse: “Entendo.”

“Eu gosto de você,” ela continuou sem fôlego. “Muito, muito demais.”

“Então não entendo por que—”

“Isso me assusta.” *O quanto eu te quero. O quão doloroso seria perder você*. “Eu quis dizer o que eu disse. Eu não me arrependo de nada. Estou feliz que aconteceu, mas não pode acontecer de novo. Daqui para frente, nós devemos manter uma distância formal entre nós. Antes que se torne muito doloroso.”

Conforme os segundos passavam, o olhar aflito em seu rosto suavizou-se gradualmente. Ele deu um passo cauteloso para mais perto dela, como se tivesse medo de afastá-la. Com a voz baixa, ele disse: “Não acho que tenha sido sutil sobre isso, mas sinto que devo dizer que também gosto de você.”

Clarion não conseguiu evitar o riso, mesmo com a ameaça de lágrimas apertando sua garganta. Ela encostou a testa no ombro dele, só para esconder o quanto suas palavras a afetaram. Ela supôs que sabia há algum tempo como ele se sentia, mas ouvi-lo admitir em voz alta... Isso tornava *isso* — o que quer que fosse — real: algo que ela poderia perder. “É só isso que você tirou do que eu disse?”

“Não acredito que nossos deveres exijam que fiquemos longe um do outro. Mas argumentarei meu ponto em outra ocasião.” Quando ela ousou olhar para ele novamente, ele desviou o olhar. Se ela não soubesse melhor, diria que ele parecia nervoso. “Eu queria te convidar para o baile de coroação de Winter. Será realizado em sua homenagem.”

A vulnerabilidade silenciosa em sua voz, escondida por trás daquele verniz de graça cortês, golpeou suas defesas. Ele sempre precisa tornar as coisas tão *difíceis*? “Milori...”

“Você pode comparecer em caráter oficial, é claro, como nosso convidado de honra”, ele se apressou em acrescentar. “Seus súditos no inverno estão muito ansiosos para conhecê-lo.”

Ela considerou. O bom senso ditava que ela deveria recusar o convite dele. Seria muito mais simples fazer disso uma ruptura limpa — não se torturar mais por estar perto dele. Mas se ela quisesse diminuir a distância entre o inverno e as estações quentes, ela teria que aprender a suportar isso. Com o tempo, talvez esses sentimentos desaparecessem para pouco mais do que uma lembrança. Enquanto isso, ela teria que praticar.

Comparecer, é claro, representaria um desafio logístico. Mas quão difícil poderia ser realmente escapar de seu próprio baile de coroação? Uma vez que ela cumprisse seus deveres cerimoniais e trocasse gentilezas com as fadas certas, ninguém notaria se ela escapasse por uma ou duas horas. Ela voltaria antes que alguém percebesse que sentia sua falta. Clarion puxou a manga do casaco. “Não tenho nada para vestir em um baile de inverno.”

Claramente, ele sabia que já tinha vencido, porque um sorriso se formou em seus lábios. “Você é a rainha. Você pode vestir o que quiser.”

Um carinho terrível borbulhou dentro do seu peito. “Então acho que terei que ir.”

“Você vai?” Assim que sua excitação despertou, ele a amenizou. “Todos ficarão muito felizes em ver você.”

“Bem”, ela disse, “o sentimento é mútuo”.

Tarde demais, ela registrou que não havia se afastado dele — que não queria, apesar da distância que sabia muito bem que deveria manter entre eles. Seria uma coisa simples, ficar na ponta dos pés e beijá-lo como fizera na outra noite, enfiar os dedos em seus cabelos brancos como a neve.

O olhar dele percorreu o rosto dela e se demorou, só por um momento, nos lábios dela. Ele estava certo de que nunca tinha sido exatamente sutil; Clarion sabia, até a poeira estelar em seus ossos, que ele a deixaria. E, ainda assim, ele ficou tão parado quanto um homem-pardal esculpido em gelo.

“Você vai sentir frio se ficar muito mais tempo”, ele murmurou.

Antes que ela pudesse pensar melhor, ela disse: “Disseram-me que combina comigo”.

Levou apenas um momento para ele perceber que ela havia virado suas próprias palavras contra ele. Um lampejo de desejo agri-doce iluminou seus olhos, e Clarion soube naquele momento que ela havia cruzado uma linha da qual ela nunca poderia se recuperar. Talvez fosse melhor não saber o que ela estava perdendo.

Talvez fosse melhor lamentar do que lamentar.



Desde que eles selaram a prisão, nenhum Pesadelo desceu sobre Pixie Hollow enquanto eles dormiam. Ninguém acordou e viu seu trabalho destruído. Ninguém mais foi vítima de seu terrível feitiço. Ninguém havia despertado do sono de pesadelo também. Quando Clarion visitou a clínica, o silêncio assustador da sala caiu sobre ela. Olhando para as fadas adormecidas, ela ficou entorpecida com um choque incompreensível. Mas a devastação que se seguiu foi como um vento gelado, cortando-a e esvaziando-a. Ela não entendeu. Eles selaram a prisão, então por que não funcionou como antes? Talvez ela devesse ter pensado melhor antes de colocar tanta fé em histórias. Ela e Milori poderiam ter impedido que mais monstros escapassem, mas até que encontrassem uma cura para seus feitiços, esse pesadelo estava longe de acabar. E agora eles tinham apenas uma semana para acabar com ele. No mínimo, Pixie Hollow finalmente, timidamente, baixou a guarda. Embora o novo desenvolvimento claramente tenha confundido Elvina, ela anunciou que o toque de recolher seria suspenso para o baile de coroação desta noite. Clarion, no entanto, não estava com muita vontade de comemorar. Ela não poderia se contentar com o que havia conquistado até ter certeza de que isso estava bem e verdadeiramente acabado — até ver Rowan e os outros acordarem e o outono chegar ao Continente sem demora. Tinha que haver alguma maneira de libertá-los. Mas como?

Clarion pensou na questão enquanto se vestia para o baile, sozinha e melancólica em seus aposentos. Ainda não parecia inteiramente real que em uma semana a coroa seria dela. Talvez nunca fosse até que ela provasse ser digna do título.

As portas da sacada estavam entreabertas, deixando entrar uma onda fresca de ar noturno. Os aromas delicados e herbáceos de manto-de-senhora e frésia a alcançavam fracamente. Flores roxas e amarelas balançavam nos galhos, como se tentassem chamar sua atenção. A Árvore de Pó de Pixie tinha brotado novos brotos nos últimos dias; na linguagem das flores, ela dizia, *estou aqui para você*. Clarion se maravilhou com o quão atenciosa ela estava sendo ultimamente. Ela não conseguia deixar de se perguntar se ela sabia que ela estava tentando protegê-la.

Ela ficou em pé na frente do espelho, sentindo-se completamente ridícula — e decididamente nada rainha. Ela entrou no vestido depois de superestimar severamente sua habilidade de abotoar todos os pequenos botões que corriam ao longo de sua coluna. O tecido se abriu nas costas e ameaçou escorregar de seus ombros.

Como se fosse uma deixa, duas batidas fortes soaram na porta. Alívio a inundou. Alguém tinha vindo resgatá-la finalmente. "Quem é?"

"Ártemis, Vossa Alteza."

"Ah, que bom", ela respondeu. "Entre."

A porta se abriu. Ártemis estava na soleira, vestida com sua insígnia completa de escoteira. Clarion admirou sua jaqueta, toda feita sob medida, tecido preto e botões dourados brilhantes — e notou que sua espada não era puramente cerimonial. Ela usava a mesma lâmina que sempre carregava no quadril, mas a enfiou em uma bainha mais ornamentada. Era filigranada em intrincados redemoinhos de ouro em forma de flores. Para grande choque de Clarion, ela até fez algo em seu cabelo. Ele brilhava como a casca polida de uma bolota, penteado para trás e cuidadosamente colocado atrás das orelhas.

Apesar do uniforme imaculado, ela parecia cansada — e um pouco triste. Clarion supôs que ela entendia. Hoje à noite, haveria uma cerimônia de cavalaria para os escoteiros que arriscaram suas vidas em patrulha nas últimas semanas. Era a maior honra que eles poderiam alcançar, concedida pela própria rainha. Clarion não precisava perguntar para saber que era algo que Ártemis queria — e algo que ela merecia, depois de ter salvado a vida de Clarion.

Ártemis absorveu a cena diante dela. Evidentemente comovida pela situação de Clarion, ela perguntou: "Você precisa de ajuda?"

Clarion lançou-lhe um olhar agradecido no espelho. "Por favor."

Ártemis voou e imediatamente começou a trabalhar fechando os botões com facilidade praticada e eficiente. Quando terminou, ela ajustou a cauda, deixando-a se espalhar como um derramamento de água. Agora, Clarion podia apreciar o efeito total do vestido. O tecido brilhava tão

forte quanto a luz das estrelas, seu brilho lançando um brilho cintilante e sempre mutável nas paredes. Poucos minutos antes, ela havia trançado o cabelo. Um dos talentos do jardim havia deixado uma guirlanda de forsítias e pétalas de margaridas para ela tecer em sua trança. Tudo o que restava agora era aplicar sua maquiagem.

“Você está linda”, disse Ártemis.

“Você também.” Clarion se aqueceu com o elogio, mas não conseguia se livrar do quão agridocemente *pensativa* sua guarda parecia. “Como você está?”

Ártemis pareceu um pouco surpresa, mas respondeu: “Tudo bem”.

Clarion levantou uma sobrancelha. “Sério?”

Houve um momento de silêncio enquanto Ártemis registrava a pergunta por trás de sua pergunta. Sua boca se contorceu em um muxoxo de desconforto. “Ah.”

Honestamente, pensou Clarion. Escoteiros e seu estoicismo determinado. Talvez não fosse profissional forçar a barra, mas seu bem-estar importava para Clarion. “Você também merece reconhecimento, sabia?”

“Não importa,” Ártemis disse apressadamente. “Eu fiz o meu melhor para ajudar nas pequenas coisas que pude. Tudo o que eu quero é o bem de Pixie Hollow.”

Clarion se afastou de seu próprio reflexo e fixou Ártemis com um olhar significativo. Ninguém poderia ser tão altruísta. “Mas você quer mais do que isso.”

Ártemis hesitou. “Acho que sim.”

Pela segunda vez em todos os anos em que se conheciam, Clarion arrastou Ártemis até o limite de sua vulnerabilidade. Ela não sabia se conseguiria convencê-la a dar o salto. Ela se empoleirou na beirada da cama e apoiou o queixo nas mãos. “Uma vez, você me disse que tinha liderado com o coração acima da cabeça. É por isso que você foi designada para ser minha guarda. O que aconteceu, exatamente?”

Por um momento, Clarion pensou que poderia mudar de assunto completamente. Mas Ártemis deu um longo suspiro e se acomodou na cama ao lado dela. O colchão afundou sob seu peso. Ártemis sentou-se com a coluna rigidamente reta e as mãos cruzadas sobre os joelhos.

“Quando cheguei pela primeira vez em Pixie Hollow”, ela disse, “havia algo como uma situação em andamento. Um falcão tinha acontecido sobre nós e tentou estabelecer seu território na Floresta de Outono. Nenhum dos talentos animais conseguiu controlá-lo ou convencê-lo a ir para outro lugar, então cabia aos batedores lidar com o perigo que ele representava.

“Eu era meio que um agitador naquela época.” Com isso, Clarion reprimiu uma risada. Ártemis deu a ela um sorriso irônico, mas ele desapareceu rapidamente. “Eu tinha entrado em uma escaramuça com ele — e eu estava pronto para afastá-lo. Eu o tinha na mira, depois que

eu e um amigo da minha unidade o encurralamos. Mas ela subestimou sua razão de pó mágico. Ela caiu.”

As asas das fadas não conseguiam suportar seu peso sem pó de pirlimpimpim. E se estivessem lutando contra um falcão, sem dúvida se encontravam bem acima do chão da floresta.

“Oh,” Clarion murmurou.

Ártemis abaixou a cabeça, e seu cabelo preto cobriu seu rosto. “Eu a salvei, mas deixei nosso alvo ir. Outros foram perdidos como resultado do meu erro. Meus superiores determinaram que eu não era sensata o suficiente para tomar as decisões certas em batalha. Meus instintos significavam que eu era mais adequada para o serviço de guarda.”

Uma boa rainha deve se concentrar na tarefa em questão, Elvina disse uma vez, *e ajuda em grande escala*.

Seu coração deu um salto com a dor na voz de Ártemis, uma dor que Clarion conhecia intimamente. Ela não poderia ter virado as costas para alguém que ela poderia ter salvado, também. Era isso mesmo que significava ser responsável e sensato? Proteger os hipotéticos muitos sobre aquele na sua frente?

“Não tenho certeza se chamaria isso de *erro*”, disse Clarion suavemente. Ártemis olhou para ela, uma esperança assustada brilhando em seus olhos. Ninguém nunca a absolveu disso? Em breve, Clarion seria capaz de reintegrá-la oficialmente. Ela havia sido punida — e havia se punido — por tempo suficiente.

“Não sei se eu teria feito diferente. Foi corajoso o que você fez.” Clarion bateu o ombro contra Ártemis. “Você tem um bom coração, Ártemis. Precisamos de mais fadas como você nas escoteiras.”

Um sorriso fraco se curvou nos lábios de Ártemis. Hesitante, como se não confiasse em si mesma para falar, ela disse: “É gentil da sua parte dizer isso.”

Clarion retribuiu o sorriso. “É verdade.”

Antes que Ártemis pudesse responder, outra batida soou na porta.

“Sou eu.”

Clarion se animou ao som da voz de Petra. Era uma espécie de tradição para elas se prepararem para os bailes juntas, mas entre suas agendas e a tensão sobre o inverno, ela não sabia se deveria esperá-la.

“A porta está aberta”, gritou Clarion.

Petra entrou na sala, e Clarion sentiu tanto quanto ouviu a inspiração aguda de Ártemis. Ela não podia culpá-la. Petra sempre foi linda — mas esta noite, ela estava completamente resplandecente. O corpete de seu vestido era justo, mas a saia se alargava em graciosas camadas de hera. Seus cachos ruivos tinham sido domados e reunidos em um elegante nó na nuca, com alguns cachos artisticamente emoldurando seu rosto.

Quando o olhar de Petra pousou em Ártemis, ela soltou um som estrangulado de surpresa. Ártemis se levantou automaticamente, e as duas se encararam através do quarto em admiração silenciosa. Clarion

precisou de toda a força para se conter e não fazer nenhum comentário. Em vez disso, ela saiu da cama e foi para a penteadeira.

Artemis quebrou o silêncio primeiro. "Você está... legal."

Um rubor subiu pelo pescoço de Petra, e um pânico autoconsciente tomou conta dela. Ela quase tropeçou na parede atrás dela. "O quê? Por que você diz isso? Tem alguma coisa no meu rosto?"

"Não, eu..." Artemis piscou, claramente insegura sobre como lidar com a situação. "Eu disse isso porque eu quis dizer isso."

"Certo." Petra ainda parecia profundamente cética, mas quase satisfeita.

"Então," Clarion interrompeu.

Os dois se assustaram, como se tivessem esquecido completamente que ela estava ali.

"Petra e eu precisamos terminar de nos arrumar." Clarion pegou um pincel cosmético, depois um pote raso de tinta para os olhos. Dentro havia um pigmento dourado feito de uma mistura de argila e pó de pirlimpimpim. "Você quer um pouco, Artemis?"

Artemis a examinou como se avaliasse uma ameaça. "Não, obrigada. Vou deixar você com isso."

Clarion levantou um ombro. "Como quiser."

Petra se encolheu contra a parede quando Ártemis passou por ela.

Quando a porta se fechou atrás dela, Petra cruzou o quarto em um esvoaçar de saias de hera e cachos brilhantes como fogo. "Você não me disse que ela estaria aqui."

"Ela está sempre aqui." Clarion torceu a tampa da tinta dos olhos.

Incapaz de resistir, ela acrescentou, "Ela está de folga hoje à noite, sabia?"

O rosto de Petra se iluminou. "Sério?"

Clarion engasgou. Ela não *pretendia* pegar Petra desprevenida, mas agora ela tinha quase confirmado o que suspeitava há anos. Ela cutucou Petra com o pincel. "Eu sabia!"

"Não há nada para saber!"

Petra parecia pronta para arrancar o pincel dela, ou então fugir pela janela mais próxima. Não fez nada para abafar a faísca de travessura.

"Oh, eu acho que tem."

"Não importa, de qualquer forma." Petra enterrou o rosto nas mãos. "Ela é assustadora."

Clarion resistiu à vontade de revirar os olhos. "Só peça para ela dançar. Ela não vai te morder."

"Mas ela pode me esfaquear", disse Petra sombriamente.

Clarion sorriu. Como era fácil cair nesse padrão com ela. Parecia tão normal que ela quase tinha esquecido da última vez conversa carregada. Ela quase tinha esquecido que hoje à noite, ela teria que passar por ela. *Tanto você quanto Elvina dependem de mim para que seus esquemas funcionem. Estar nessa posição não é fácil para mim.*

A lembrança — o lembrete da distância entre elas — doía dolorosamente. Se Petra soubesse que ela planejava fugir para Winter esta noite, ela tentaria impedi-la. E agora que estava claro que o plano delas não tinha dado certo, ela precisava falar com Milori mais do que nunca. Tinha que haver algo que pudessem fazer — qualquer coisa para impedir Elvina de usar o que Petra a armou.

A expressão de Petra suavizou-se com preocupação. “O que é?”

“Só tenho muita coisa na cabeça ultimamente. Coisas da coroação.”

Clarion forçou um sorriso. Em um esforço para se ocupar, ela embaralhou alguns frascos de vidro de fragrâncias ao redor. Eles bateram juntos, muito alto no silêncio frágil. “Venha aqui. Sente-se.”

Petra sentou-se cautelosamente na beirada da cama.

Clarion girou para encará-la, quase batendo os joelhos deles. Ela passou o pincel na tinta para os olhos, então pegou o queixo de Petra entre os dedos. “O de sempre?”

“Sim.” Depois de um momento, ela acrescentou, “Mas tem que ficar especialmente bom. Sem nenhuma razão em particular.”

“Claro que não”, disse Clarion, com apenas um toque de travessura.

Apoiando o pulso contra a maçã do rosto de Petra, Clarion espalhou ouro nas pálpebras de Petra. Suas pulseiras tilintaram suavemente, e a respiração constante de Petra espalhou-se contra sua pele enquanto ela trabalhava. Clarion entrou em um ritmo praticado, espalhando e aplicando camadas de pigmento em sua sobrancelha. Quando terminou com os olhos de Petra, Clarion mudou para seu pincel mais fofo e espalhou pó de pirlimpimpim nas maçãs do rosto de Petra. Era tudo o que ela precisava. Qualquer outra coisa esconderia suas sardas.

“Abra os olhos”, disse Clarion.

Ela fez — e o coração de Clarion pulou uma batida. O dourado da tinta e o vermelho feroz de seu cabelo realçaram cada tom de verde em seus olhos. Eles eram da cor de uma floresta de verão iluminada pelo sol.

“Perfeito.” Clarion abaixou seu pincel enfaticamente. “Ela vai se apaixonar por você.”

Petra lamentou inarticuladamente em protesto, e apesar do medo e do estresse, Clarion riu. Por mais algumas horas, talvez ela pudesse fingir que tudo estava como sempre tinha sido.



Quando chegaram ao baile, bem no coração do verão, as festividades já estavam a todo vapor. Clarion, Petra e Artemis passaram por baixo do Fairy Circle — um anel de cogumelos de cabeça vermelha — e entraram no salão de baile, anunciados pelo tom brilhante e ressonante da voz de um arauto-talento.

A visão disso a deixou sem fôlego.

Vaga-lumes, suspensos em galhos baixos, lançavam uma suave aura azul sobre a grama. De vez em quando, vaga-lumes perfuravam a escuridão com pontinhos de luz enquanto flutuavam pelo ar. Mesmo sem a ajuda deles, toda a clareira era impossivelmente brilhante, banhada como estava pelo luar. Em seu centro, uma fonte borbulhava, transformada em um espetáculo pelos talentos aquáticos reunidos ao redor dela. Com um aceno de suas mãos, gotas subiam da superfície e refletiam a luz da lua. Delicados fios de água serpenteavam pelo ar e se dissipavam em uma cortina cintilante de névoa.

Bem no fundo do salão de baile, Clarion avistou seu destino: um estrado improvisado no toco coberto de musgo de uma muda. Dali, Clarion conseguia distinguir as pontas em forma de gancho da coroa de Elvina e o brilho de suas asas. Quando ela esticou o pescoço para ver melhor, ela vislumbrou o Comandante Nightshade pairando bem ao lado dela. Logo, ela estaria ao lado deles enquanto Elvina presidia a cerimônia de cavalaria.

Eles passaram por mesas de banquete, cada uma delas empilhada com o trabalho duro dos talentos culinários. Cada prato era tão bom quanto uma carta de amor ao verão e sua fartura: bolo de mel coberto com favo de mel, amoras e lascas de figo; delicadas tortas de mirtilo polvilhadas com açúcar grosso; geleia de pêssego e pão dourado; tomates cortados em fatias grossas e servidos com uma pitada de sal e manjerição; taças de vinho de groselha; rabanetes em conserva e acelga arco-íris; potes suados de água aromatizada com flor de laranjeira e hortelã; ruibarbo e streusel de morango. A boca de Clarion encheu d'água enquanto ela olhava para tudo aquilo.

Mas o mais impressionante eram seus súditos, todos vestidos com suas melhores roupas. Fadas descansavam nas pétalas de flores que desabrochavam à noite, alisando-se sob a luz da lua cheia. Outras se esparramavam sobre os cogumelos ou flutuavam sem rumo pelo ar, falando em tons baixos com seus amigos. Normalmente, sua conversa animada abafaria o som da música da orquestra. Mas esta noite, a atmosfera estava tingida de melancolia.

As fadas adormecidas, claramente, estavam na mente de todos.

Enquanto navegavam pela clareira, a multidão se abriu para ela e as conversas caíram no silêncio. Ao redor dela, Clarion podia ouvir murmúrios deferentes de "Vossa Alteza". Muitos fizeram reverências ou se curvaram para ela enquanto ela passava. Ártemis era uma presença reconfortante ao lado dela, guiando-a em direção ao estrado como a proa de um navio pirata cortando as ondas do Mar do Nunca. Clarion deu a ela um rápido aceno de reconhecimento antes de flutuar para se juntar à rainha e ao comandante dos batedores. Elvina passou o olhar sobre ela, com seu cetro cerimonial agarrado frouxamente em suas mãos.

O que quer que ela tenha visto ali a satisfaz, pois ela disse: "Você parece uma rainha esta noite."

O orgulho brilhando em seus olhos fez Clarion se sentir desequilibrada. Há quanto tempo ela ansiava por ouvir isso — e quão estranhamente vazio era ouvir isso agora, quando Elvina não sabia o que tinha feito.

"Obrigada."

Elvina virou-se para as fadas reunidas. A orquestra tocou uma última nota trêmula que se dissipou no ar úmido do verão, e com isso, o silêncio ficou completo.

"Bem-vindos, todos. Obrigada por virem ao baile de coroação realizado em homenagem à Princesa Clarion, que será coroada sua rainha daqui a uma semana." Elvina fez uma pausa quando sua voz falhou. Clarion franziu a testa. Ela nunca tinha visto Elvina vacilar, especialmente na frente de seus súditos. Mas agora que Clarion a estava estudando de perto, ela podia ver que o rosto de Elvina estava bastante pálido.

"Parecia que fazia muito tempo desde que podíamos nos reunir assim. Enquanto os feridos no ataque estão na vanguarda de nossos pensamentos, a sombra escura que caiu sobre Pixie Hollow está finalmente se dissipando."

Uma salva de palmas hesitantes irrompeu pela clareira. Quando ela se acalmou, Elvina continuou. "E então, eu gostaria de começar a noite homenageando alguns dos nossos bravos talentos de escoteiros. Eles trabalharam incansavelmente para garantir nossa segurança. A cada noite, eles arriscavam suas vidas patrulhando os céus. Eles evacuavam áreas conforme necessário, forneciam relatórios completos e ajudavam com o reparo de quaisquer danos causados pelos Pesadelos. Hoje à noite, eles serão reconhecidos com a maior honra que um escoteiro pode alcançar: o título de cavaleiro."

Clarion olhou para os batedores, parados em fileiras organizadas e organizadas bem na frente do estrado. Embora a maioria deles estivesse radiante, ela só conseguia se concentrar em Artemis. Ela estava no fundo do grupo, com um desejo tão aberto no rosto que Clarion teve que desviar o olhar.

"Todos os Cavaleiros de Pixie Hollow, por favor, juntem-se a mim."

Um pequeno grupo de batedores levantou voo e veio pairar atrás de Elvina em um semicírculo. Cada um deles usava um broche na lapela do casaco: um fragmento iridescente de abalone no formato de uma estrela, brilhando contra o tecido preto.

"Por favor, dê um passo à frente quando for chamado", entoou Elvina.

Clarion observou enquanto, um por um, os batedores escolhidos se adiantavam e se ajoelhavam diante de Elvina. Mesmo com suas cabeças abaixadas, ela podia praticamente sentir a felicidade emanando deles. Eles mereciam isso — de verdade. Mas Clarion não conseguia evitar o sentimento agri-doce que se formava dentro dela, sabendo que Artemis havia perdido o que ela queria tão desesperadamente.

“Eu, por meio deste, os induzo à honrosa ordem dos Cavaleiros de Pixie Hollow.” Elvina bateu nos ombros de ambos com seu cetro. “Levante-se, cavaleiro, e seja reconhecido.”

Quando o último deles foi nomeado cavaleiro, a multidão irrompeu em gritos e aplausos. No caos, um talento para servir voou até o estrado e entregou a Clarion uma delicada taça. Ela gelou sua pele e, quando olhou para baixo, viu que era um copo de limonada guarnecido com um raminho de alecrim.

“Agora”, Elvina gritou acima do barulho, “sua futura rainha falará algumas palavras”.

A garganta de Clarion ficou seca enquanto toda a atenção na clareira se concentrava nela. Ela flutuou para frente e varreu seu olhar sobre seus súditos. Esta era a primeira vez que ela se dirigiria a eles sozinha, e ela achou a realidade disso muito mais intimidadora do que a ideia disso. O calor lânguido do verão se instalou sobre ela — ou talvez fossem seus próprios nervos fazendo-a se sentir tão *quente*.

“Boa noite”, ela disse, sua voz incerta. “Quero ecoar o que Sua Majestade disse ao agradecer por terem vindo esta noite. Vou guardar meus discursos para o Dia da Coroação, mas, enquanto isso, direi que aprecio sua vinda para celebrar esta ocasião mais do que posso dizer. Divirtam-se esta noite e dancem em minha honra. Então...” Ela levantou seu copo. “A todos vocês—e a dias mais brilhantes pela frente.”

O som brilhante de copos tilintando viajou pela clareira. Clarion engoliu um gole de sua limonada, apenas para dissipar o gosto amargo em sua boca. Ela não merecia ser celebrada quando ainda não havia despertado os adormecidos de seu feitiço.

Enquanto a orquestra tocava outra melodia, Elvina pousou uma mão no ombro de Clarion. Embora ela não falasse, Clarion entendeu o que ela queria dizer: *Você fez bem*.

“Continue”, disse Elvina. “Aproveite o resto da sua noite.”

“Eu vou.” Um raio de antecipação a atravessou. Agora, com suas obrigações cumpridas, ela poderia fazer uma visita aos seus súditos em Winter. Tudo o que restava era escapar sem ser detectada.

Enquanto ela voava pelo salão de baile, ela observava fadas fazendo piruetas no ar ao som da melodia crescente dos talentos musicais. A dança continuaria até tarde da noite, até que o mundo inteiro estivesse iluminado com chuvas de pó mágico e luz das estrelas. Durante toda a sua vida, ela soube muito bem como era se sentir sozinha em uma multidão. Mas ela nunca sentiu isso mais intensamente do que naquela noite. Ver os outros de mãos dadas, girando e rindo enquanto trocavam de parceiros, a lembrou de todas as coisas que ela nunca teria — nunca *podia* ter.

Uma mão fechou-se em seu braço, arrancando-a de seus pensamentos. Quando ela se virou para encarar quem a havia abordado, ela se viu olhando para Petra. O estômago de Clarion se contorceu em um nó.

Que sorte a minha, ela pensou. Como ela iria escapar agora?

“Eu vi um canto bem isolado ali”, Petra disse, soando como se já estivesse falando por alguns segundos. “O que você acha?”

“Na verdade”, disse Clarion, livrando-se do aperto de Petra o mais gentilmente que pôde, “não estou me sentindo bem”.

“Oh, não. Você não pode usar essa desculpa se eu não tiver permissão. Você não tem permissão para me abandonar aqui, onde as pessoas poderiam *falar comigo*” — Petra estremeceu — “ou *pior*.”

“O que poderia ser pior do que isso?”

“Muitas coisas! Por exemplo—” Petra se interrompeu. “Não, não me distraia. Se você for embora, eu vou com você.”

“Não,” Clarion disse apressadamente. “Quero dizer... não, você não precisa fazer isso.”

Petra olhou para ela com desconfiança. “Por quê?”

“Porque...” Ela tateou por uma desculpa. “Eu só quero tomar um ar por alguns minutos. Você deveria ficar e aproveitar a festa.”

“Aproveitar o— *Aproveitar?*” Petra balbuciou. “Você sabe que eu não gosto de festas. O que realmente está acontecendo aqui?”

Clarion riu, um som frágil até mesmo para seus próprios ouvidos. “Não está acontecendo nada.”

“Ah, é mesmo?” Petra colocou uma mão no quadril. “Então por que você está tentando fugir de mim?”

Ela podia ser tão teimosa às vezes. “Eu não sou,” Clarion disse, tentando manter sua crescente frustração longe de sua voz.

Evidentemente, ela falhou, porque Petra a olhou com uma expressão um tanto magoada. “Eu fiz alguma coisa?”

“Não, claro que não.” Clarion olhou por cima do ombro, inquieta. Ela realmente precisava ir. “Eu só quero ficar sozinha.”

As bochechas de Petra ficaram vermelhas. “Não posso me desculpar com você se não sei com o que você está chateada.”

Algumas fadas próximas lançaram olhares curiosos em sua direção.

Clarion agarrou o pulso de Petra e a guiou em direção à borda do Círculo das Fadas, onde a sombra da floresta alcançava entre o arco dos chapéus de cogumelo. A luz da festa brilhava no pó de fada na ponte do castelo de Petra. nariz e incendiou seu cabelo vermelho. No entanto, ali na quase escuridão, Clarion sentiu-se estranhamente gelada. Ela envolveu os braços em volta de si mesma e fixou o olhar no chão. Claramente, ela não iria escapar sem ser honesta.

“Não estou chateado com você. É só que você não queria que eu falasse com você sobre Winter.”

Petra deu um passo reflexivo para trás. “Isso é sobre Winter? O que você tem a ver com isso? Os ataques pararam.”

“Mas ninguém acordou”, Clarion rebateu. “E Elvina me mostrou o que você fez para ela.”

“Oh.”

Oh. Era realmente tudo o que ela tinha a dizer? Quando Clarion olhou para cima, Petra estava olhando para ela, seu rosto tão pálido quanto Winter.

“Eu disse a você como me sentia sobre o plano dela, e pensei que você concordasse comigo.” A voz de Clarion vacilou com uma emoção que ela não tinha percebido que estava tão perto de transbordar. Havia tantas coisas que ela queria dizer, mas ela não queria atacar quando estava sofrendo. Não era culpa de Petra. Sua obrigação era com a Coroa, não com Clarion. Mesmo assim, o envolvimento de Petra tornou as coisas bem difíceis para ela. “Não importa. Estou fazendo o melhor que posso para resolver o problema do meu jeito.”

Lentamente, a expressão ferida de Petra se transformou em uma de determinação, mas o rubor não desapareceu. Altas emoções sempre manchavam seu rosto de vermelho vivo. “E é isso mesmo que você está planejando fazer *agora*?”

Clarion não gostou do julgamento em sua voz. Cautelosamente, ela disse: “Fiz tudo o que era esperado de mim esta noite. Estou tentando manter Pixie Hollow segura.”

Petra soltou um som suave e frustrado. “De vestido de baile, Clarion? Não sou ingênua. Você não vai investigar uma cura. Vai ver o diretor.” Clarion recuou. Petra se ressentia de Milori por tomar o tempo de Clarion, ou ela realmente achava que Clarion estava apaixonada o suficiente para colocar um garoto acima de seus deveres? De qualquer forma, ela se arrepiou toda de indignação. “E o que importa se eu estiver?”

Petra olhou para ela incrédula. “Sua coroação é em uma semana.”

“O que significa que devo ficar lá dentro até lá”, ela respondeu amargamente, “e não falar com ninguém que você desaprova”.

“Não. Isso significa que você precisa ser mais responsável. É muito perigoso jogar esses jogos!” O brilho de Petra se intensificou, queimando laranja nas bordas. “Você já se machucou por causa dele. Você se tornou distante e está exausta o tempo todo. E sair escondida hoje à noite, quando todos estão olhando para você para tranquilizá-los de que as coisas ficarão bem? É uma má ideia. Mas você *nunca* me ouviu. Mas quem ouve? Ninguém me leva a sério, porque eu sou apenas aquela que tem medo de tudo.”

A dor em sua voz apagou as chamas mais quentes da raiva de Clarion. Mas as palavras de Petra cortaram fundo.

Você acha que estou sendo egoísta. Você acha que não estou levando meu papel a sério.

Clarion segurou essas palavras entre os dentes. Ela não conseguia se lembrar da última vez que elas brigaram assim. Por mais que ela estivesse queimando para se defender — por mais que ela quisesse consertar o que quer que tivesse quebrado entre elas — ela não tinha tempo para isso. Não importava do que Petra quisesse acusá-la, isso era

sobre Pixie Hollow tanto quanto sobre seus sentimentos. Ela não lhe devia uma explicação.

Clarion fechou os olhos com força, como se isso pudesse impedir que suas lágrimas caíssem. Furiosa — e com o máximo de cuidado que pôde — ela as enxugou. Ela não conseguia reaplicar o ouro nos olhos, e não conseguia encarar as fadas do inverno parecendo que ela tinha acabado de chorar. "Eu tenho que ir."

"Clarion, *por favor* —"

Engolindo sua dor, Clarion mergulhou na escuridão e seguiu em direção ao Inverno.



Se ao menos Petra tivesse deixado quieto. Se ao menos ela não tivesse incitado Clarion a um confronto para o qual ela não estava preparada. *Se ao menos, se ao menos, se ao menos.* Clarion se acalmou em seus pensamentos enquanto pegava seu casaco de onde o havia escondido no buraco de uma árvore próxima. Ela o abraçou contra o peito, inalando o cheiro familiar do inverno grudado na guarnição de pele. Não lhe trouxe conforto algum; serviu apenas como um lembrete amargo do quanto ela devia a Petra.

Respirando fundo, ela fez o melhor que pôde para juntar todos os seus sentimentos feridos e arquivá-los cuidadosamente. Ela não podia se dar ao luxo de se tornar sentimental agora. A jornada desta noite para o inverno, afinal, era puramente para cumprir seu dever real. Ela podia controlar suas emoções, como qualquer rainha competente poderia. E, no entanto, tudo o que ela queria era se aposentar para a noite — para refletir sobre como ela havia oficialmente destruído seu relacionamento com sua melhor amiga.

Embora o sol já tivesse se posto completamente, Clarion poderia ter encontrado a fronteira do inverno e da primavera com os olhos vendados agora. Suas asas conheciam o caminho: cada pedra projetando-se da terra, cada curva do rio, cada galho se curvando no caminho, guiando-a para o único lugar que parecia um lar. A primavera parecia sentir sua tristeza esta noite. Galhos de salgueiro arrastavam-se suavemente ao longo de seus braços, e ela poderia jurar que as flores de cerejeira floresciam mais selvagens do que antes. Suas pétalas se

enredavam em suas saias e pousavam suavemente na superfície do lago iluminado pela lua por onde ela passava.

Quando ela chegou à fronteira, Milori estava esperando por ela.

Lentamente, ela desceu do voo. A cauda do vestido dela se amontoou ao redor dela, e conforme a bainha se dissolvia em pó de fada e partículas de luz dourada, ela manchou a água e o gelo com ouro brilhante.

Na escuridão total, Milori era um esboço em carvão sob o brilho de um céu salpicado de estrelas. Ela descobriu que não conseguia desviar o olhar dele. Ela nunca o tinha visto com as armadilhas de sua patente antes. Ele usava uma capa de brocado de seda de aranha, tingida de azul claro e bordada com padrões de geada em delicados fios de prata. Estava presa em volta dos ombros com um broche de gelo sólido, brilhando friamente contra o tecido. Um círculo de pingentes de gelo, frágil e imponente, estava aninhado em seu cabelo branco. Ele o deixou solto, então ele caía como um derramamento de água iluminada pela lua em suas costas.

Por um momento, eles se encararam, o ar engrossando com todas as coisas não ditas entre eles. Como ela alguma vez acreditou que conseguiria manter seus sentimentos fora disso quando eles se reunissem?

Talvez Petra não estivesse *totalmente* errada.

Por fim, Milori quebrou o silêncio. A bainha forrada de pele de sua capa se moveu enquanto ele se curvava para ela. “Estamos aqui para escoltá-la até o baile.”

“Nós...?” Ela parou de falar quando avistou Noctua. Ela estava empoleirada no galho de um abeto a alguns metros de distância, observando-os com um olhar que beirava a exasperação demais para o gosto de Clarion. Se até uma coruja conseguia sentir a tensão, as coisas estavam realmente sombrias. “Claro.”

Ele acenou para o casaco pendurado no braço dela. “Posso ajudá-la com seu casaco?”

Ela hesitou. Ela queria — bem, *queria* era uma palavra forte, mas o ponto era — manter alguma distância entre eles, mas que mal poderia haver em um gesto tão pequeno? Ela entregou a ele. “Não vejo por que não.”

Milori estendeu-o para que ela pudesse deslizar os braços nas mangas. Depois que o deixou cair sobre os ombros, ela fechou os botões. Ela sabia que devia estar parecendo um tanto ridícula, usando aquele casaco remendado sobre o vestido de baile mais elegante que possuía. Mas quando ela olhou para Milori novamente, ele a observava como se todo o conjunto fosse a coisa mais impressionante que ele já tinha visto.

“O que foi?” ela perguntou.

“Nada mesmo.” Ele ofereceu seu braço a ela. “Vamos?”

Ela colocou a mão no cotovelo dele. “Que apropriado.”

“É a primeira vez que a realeza de Pixie Hollow agraciou este reino em uma capacidade oficial”, ele disse, apenas piscando levemente. “Pretendo causar uma boa primeira impressão.”

Ele se virou, e quando ela se moveu para segui-lo, ela escorregou para dentro do inverno. O frio que a inundou parecia purificador. O verão e seu baile de coroação pareciam terrivelmente distantes agora.

Enquanto ele a guiava em direção a Noctua, Milori deixou seu ombro bater gentilmente no dela. “Tem algo em mente?”

Por um momento, ela considerou mentir. “É tão óbvio assim?”

A resposta de Milori foi um meio encolher de ombros que dizia, *Dolorosamente*. Depois de um momento, ele perguntou, “São os Pesadelos?”

“Em parte.” Ela mordeu o interior do lábio. “Sinto muito. Eu queria ter falado com você antes. Os ataques pararam, mas...”

“...ninguém acordou.”

Clarion doeu com a melancolia da voz dele — com as sombras cansadas ainda esculpidas sob seus olhos pálidos. Como ela ansiava por tirar um pouco daquele fardo. “Não entendo o que fizemos de errado.”

“Você não fez nada de errado.” Milori manteve o olhar fixo à frente, aparentemente perdido em pensamentos. “As instruções não eram exatamente claras. Além disso, sempre havia o risco de que a lenda levasse a um beco sem saída, mas não foi à toa. Selar a prisão deu aos seus súditos paz de espírito pela primeira vez em semanas. Esta noite é uma evidência disso.”

“Acho que sim”, ela murmurou. “Ainda assim, não consigo deixar de me sentir culpada — como se tivéssemos esquecido do sono. Parece errado comemorar sem eles.”

“Não tenho certeza se é errado aproveitar os momentos de alegria que podemos encontrar.”

O coração dela deu uma palpitação em resposta. Aquele tom baixo e gentil dele parecia quase... pontudo. Era um sentimento adorável, um que ela desejava poder acreditar que se aplicava a ela — a *elas*. Clarion manteve o silêncio, para que algo lamentavelmente caprichoso ou melancólico não escapasse. Com seu humor atual, ela não tinha certeza do que seria.

“De qualquer forma...” Ele seguiu em frente. As pontas de suas orelhas queimavam vermelhas. “O Guardião e eu começamos a procurar outros textos que pudessem fornecer algumas respostas. Pode levar algum tempo, no entanto. O Salão do Inverno é vasto... e reconhecidamente bastante desorganizado. Cada Guardião teve seu próprio sistema de classificação, e nenhum deles conseguiu torná-lo consistente em toda a coleção durante sua gestão. Ainda há uma seção inteira com prateleiras organizadas por cor.”

Clarion quase sorriu com o pensamento. Que mágico, que uma biblioteca inteira pudesse ser transformada em um arco-íris. “Gostaria de poder

ajudar.”

“Eu também.” Ele hesitou. “Se você quiser, posso escrever para você com nossas descobertas.”

Depois de sua coroação, ela supôs que não haveria ninguém monitorando sua correspondência. “Tudo bem.”

Ele assentiu. “Há algo mais te incomodando?”

Clarion soltou um suspiro pesado. Sua respiração se desenrolou em uma nuvem branca. “Temo que soe ridículo em comparação. Petra e eu tivemos uma discussão no baile, e isso está me pesando.”

Quando chegaram a Noctua, ele pegou as rédeas dela — estas, ela notou, eram feitas de um material muito mais fino; aparentemente, até os pássaros tinham enfeites — e hesitou. “Você quer falar sobre isso?”

fez ? Uma parte dela fez, é claro. Mas ela temia que, uma vez que abrisse a ferida, não haveria como conter a maré. Ela teria que pensar em como Petra quase havia possibilitado o pior resultado possível para Winter.

Mas pior ainda, ela teria que considerar o papel que ela mesma desempenhou em abrir uma cunha entre elas. Não era como se as preocupações de Petra fossem irracionais. Aventurar-se na Floresta de Inverno como uma fada calorosa *era* objetivamente perigoso. Talvez ela devesse ter falado com ela em vez de erguer muros.

Talvez ela não a escutasse direito há muito tempo.

Fazendo careta, Clarion balançou a cabeça. “Isso vai passar logo.”

Ele não parecia terrivelmente convencido, mas não insistiu no assunto.

“Como quiser.”

Ela e Milori subiram nas costas de Noctua — algo que estava se tornando quase uma segunda natureza para ela agora, ela percebeu. Ela não precisava mais se segurar pela vida quando a coruja batia suas asas, levando-as para o céu. Aqui, aninhada com segurança nos braços de Milori, Clarion sentiu algo como paz. Ela ousou olhe para baixo. Sob o véu da noite, toda a neve estava manchada de um azul opaco.

Levou apenas alguns minutos para ela perceber que Milori os estava guiando para uma área que ela nunca tinha visto antes. Abaixo deles havia um rio, congelado e brilhante como uma veia de vidro. Dessa altura, ela conseguia distinguir as multidões se aglomerando no topo do gelo — e espalhadas aqui e ali ao longo das margens do rio, algumas barracas, iluminadas por dentro com uma alegre luz laranja.

Milori desacelerou Noctua; ela bateu as asas para pairar quase no lugar. Quando ele falou, Clarion pôde sentir sua voz, retumbando em seu peito e se curvando suavemente sobre a concha de sua orelha. “Devo avisá-la que isso pode ser um tanto quanto avassalador.”

Ela lançou-lhe um olhar irônico. “Você duvida de mim?”

“Nunca,” ele disse suavemente. “É só que eles sabem o que você fez por eles.”

“Oh.” Ela supôs que isso *tornaria* as coisas diferentes. Nas estações quentes, ninguém sabia que ela e Milori tinham selado os Pesadelos.

“Obrigada pelo aviso. Mas acho que estou pronta.”

Uma faísca de travessura brilhou em seus olhos. “Então prepare-se para fazer uma bela entrada.”

Eles fizeram uma entrada e tanto, de fato.

Noctua mergulhou, descendo sobre a bola de inverno em um redemoinho de penas brancas e pó de pirlimpimpim. A coruja desacelerou a queda com algumas batidas de suas asas, levantando a camada mais alta de neve; ela rodou descontroladamente ao redor deles enquanto pousavam do lado de fora do recinto do festival.

Mesmo com a rajada de vento, Clarion ouviu os aplausos das fadas do inverno. Em um instante, a multidão se comprimiu ao redor delas, e ela captou trechos de seu nome, falado não em um silêncio reverente, mas com... excitação? Era um conceito tão estranho que ela mal conseguia entender.

“Nosso convidado de honra chegou”, Milori gritou em meio à comoção. De alguma forma, o barulho se intensificou. Clarion só conseguia rir sem fôlego enquanto olhava para os rostos deles. Ela não achava que alguém já tivesse ficado tão feliz em vê-la. Ela só podia esperar não decepcioná-los.

Milori se inclinou perto o suficiente para murmurar em seu ouvido: “Eu avisei você.”

“Você certamente fez.”

Enquanto Clarion desmontava, o vento puxava trilhas brilhantes soltas da bainha de seu vestido. Juntas, ela e Milori entraram no verdadeiro mar de fadas. Elas conseguiam fazer pouco progresso em direção ao rio, no entanto, quando ela era parada a cada poucos passos.

“Bem-vinda à Floresta de Inverno, Vossa Alteza.” Uma fada com uma elegante trança branca pendurada sobre o ombro sorriu para ela. “Eu queria te dar isso, se você aceitar.”

Ela estendeu uma flor de jasmim envolta em geada, brilhante e perfeitamente preservada. Era linda — e um gesto incrivelmente gentil. Deve ter sido difícil buscá-la; o jasmim só crescia na divisa do inverno e da primavera.

Clarion pegou-a gentilmente, com medo de quebrar as pétalas delicadas.

“Claro que sim. Muito obrigada.”

As palavras mal tinham passado por seus lábios quando um homem-pardal tomou o lugar da fada. Ele ofereceu a ela uma estatueta esculpida em gelo. “Um pequeno símbolo de nossa gratidão, Vossa Alteza, por você ter arriscado sua vida para proteger a nossa.”

“Oh,” ela disse, um pouco vencida. Ela aceitou a estatueta com cuidado, embalando-a na palma da mão enluvada. Ela derreteria se ela a segurasse — se não agora, então quando ela retornasse às estações quentes. Ela se maravilhou com a beleza frágil dessas coisas efêmeras. “É um prazer.”

Na terceira fada que se aproximou dela, Clarion percebeu que algo como uma fila havia se formado. Ela ficou surpresa ao ver tantas fadas esperando para falar com *ela*. Suas interações acabaram se confundindo, um turbilhão de mãos entrelaçadas, nomes trocados e presentes — tantos que ela não sabia como os levaria para casa, ou onde colocá-los, mesmo que pudesse. As fadas do inverno, há tanto tempo separadas das estações quentes, estavam aparentemente ansiosas para compartilhar o que tinham a oferecer. Sua generosidade e calor a surpreenderam. Entre essa recepção e sua luta com Petra, o mundo parecia muito cru, todas as suas emoções a apenas uma picada de alfinete de transbordar.

Isso foi realmente avassalador.

Quando a excitação inicial diminuiu e a multidão diminuiu, uma fada gentil carregou suas coisas em um trenó e se ofereceu para levá-lo até a fronteira após as festividades. O último de seus súditos esperando para vê-la era Milori. Clarion sentiu um alívio considerável ao vê-lo.

“Como você está?”

“Perfeitamente,” ela disse — e ela quis dizer isso. “Um pouco cansada, no entanto.”

Ele pareceu um pouco apologético. “Devo te levar para casa?”

“Não,” ela disse, talvez apressadamente demais. Na verdade, ela nunca quis ir embora. “Ainda não. Não visitei nenhuma das barracas.”

“Isso é essencial antes de você ir.” Milori ofereceu a mão a ela. Uma vertigem, irreprimível e brilhante, desenrolou-se através dela com a visão. “Venha comigo, então.”

Ela pegou a mão dele. “Tudo bem.”

Ele a levou em direção ao rio congelado. Conforme se aproximavam do festival, a noite clareou. Velas queimavam em todas as superfícies disponíveis — pedras, mesas de gelo, troncos — e lançavam tudo em tons rosados. O rio absorvia toda a luz das velas e parecia brilhar na escuridão. Ao longo de todo o seu aterro, as fadas do inverno tinham montado barracas de madeira pintadas, seus telhados congelados como bolos com uma espessa camada de neve e pingando pingentes de gelo. Cada um oferecia algo diferente: cidra temperada, sopa de abóbora guarnecida com fragmentos de sementes de romã, saladas de folhas verdes escuras e delicadas lascas de beterraba, nozes cristalizadas cortadas em pedaços finos, doces glaceados com frutas cítricas, pudins de caramelo em calda de caramelo. Clarion insistiu em experimentar um pouco de tudo.

Ao redor deles, fadas patinavam pelo gelo e flutuavam pelo ar enquanto dançavam. Elas usavam roupas de um branco puro e vermelho profundo. Clarion parou para admirar a renda de gelo e as gemas de gelo brilhando em suas orelhas e pulsos. Quão diferente até mesmo sua moda era aqui! “Você gostaria de se juntar a eles?” Milori perguntou.

Clarion girou para encará-lo, perturbada por ter sido pega olhando com tanto... desejo. Levou um momento para ela processar que a pergunta dele soava suspeitamente como um convite. "Você dança?"

"Eu *posso*", ele disse, "teoricamente. Mas acho que raramente tenho razão para isso."

"Estou chocada", ela respondeu com um sorriso. Ela mal conseguia imaginá-lo dançando. "Eu também não. Bem, acho que isso não é totalmente verdade. Eu sempre *quis* dançar."

Ele fez um som pensativo. "Por que você não fez isso?"

"Rainhas não dançam."

"No inverno, eles podem." Ele encontrou os olhos dela significativamente, e a garganta dela ficou seca. "Além disso, você ainda não é rainha."

Clarion corou ao ter suas palavras voltadas contra ela. Ela balançou a cabeça para ele em exasperação afetuosa. A cada momento que passava, ficava mais e mais difícil lembrar por que exatamente ela insistiu em manter alguma aparência de distância entre eles. O que ele disse era verdade: ela ainda não era rainha. E ele estava olhando para ela com tanta esperança, que parecia quase cruel negá-lo.

Por que não se permitir uma última noite de liberdade?

Colocando ares de derrota, ela suspirou. Ela deu um passo mais perto e levantou o queixo para encontrar o olhar dele. "Acho que não posso argumentar contra isso."

Os lábios de Milori se separaram em silêncio. Clarion sentiu uma pequena emoção por ela parecer tê-lo deixado sem palavras.

Claramente, ele não esperava que ela concordasse tão facilmente. Mas depois de um momento, ele se recuperou o suficiente para perguntar:

"Então posso ser tão ousado a ponto de pedir sua primeira dança?"

Levou toda a sua força para manter seu tom provocantemente indiferente. "Você pode."

Distantemente, ela registrou que os talentos musicais haviam começado outra canção. Lentamente, ela descansou uma mão em seu ombro; a outra deslizou para dentro do dele. Ele se acomodou na moldura da dança, puxando-a para mais perto com uma mão na curva de sua cintura. O frio familiar e reconfortante de sua pele a envolveu, junto com o cheiro de sempre-viva e neve recém-caída. E embora ele alegasse que raramente dançava, ele a guiou pelos passos com facilidade praticada. Eles estavam entre os únicos casais no chão; era libertador, ocupar tanto espaço, nunca temer colidir com outra pessoa. O tecido de seu vestido ondulava ao redor deles enquanto giravam, juntando neve e luz das estrelas.

"Como foi seu primeiro baile de inverno?" ele perguntou.

"É incrível. É tão..." Ela se esforçou para encontrar a palavra exata, mas a mais paradoxal se encaixou melhor. "Quente."

Milori pareceu satisfeito, mas sua expressão logo ficou pensativa. “É assim que poderia ser, se você quisesse.”

Pela primeira vez, Clarion se permitiu imaginar isso. Quando ela fosse rainha, estaria em seu poder mudar as coisas nas estações quentes.

Embora Elvina tivesse transmitido sua sabedoria a Clarion, seu tempo no inverno lhe mostrou que não era o único caminho a seguir. Quão doce seria governar não de uma distância imparcial, mas com *calor*. Talvez, então, ela não teria que ficar sozinha. O próprio pensamento a encheu de um anseio maior do que qualquer outro que ela já havia conhecido.

Quando a música terminou, Milori não a deixou ir imediatamente.

Clarion resistiu à vontade de encostar a cabeça no ombro dele. Mas enquanto seu coração ansiava por ficar, o frio se fez presente. Seus dedos estavam ficando dormentes, e as pontas de suas orelhas ardiam. “Eu deveria voltar para Summer antes que eles percebam que eu fui embora.”

Se ele estava desapontado, isso não transparecia em seu rosto. Mas ela podia ler sua relutância em deixá-la ir, quebrada apenas pelo arrepio que a agarrou. Mesmo depois que ele soltou sua mão, sua palma ainda descansava firmemente na parte inferior de suas costas. “Claro. Vamos tirar você do frio.”



Um clima solene tomou conta de ambos; o voo de volta para a fronteira passou em silêncio. Clarion conseguia se concentrar em pouco além do sentimento de finalidade. Milori claramente sentia isso também. Ele segurava as rédeas com uma pressão de nós dos dedos brancos, como se pudesse se agarrar a esses últimos momentos. Ela recostou a cabeça no ombro dele, deixando os olhos caírem semicerrados. Desse ponto de vista, ela vislumbrou seus cabelos brancos soltos, desenrolando-se como fitas no escuro.

Noctua pousou, então imediatamente afofou suas penas. Sua cabeça pareceu recuar para dentro delas. Com o sol há muito tempo se pondo abaixo do horizonte, a temperatura havia despencado. Blocos de gelo flutuavam na corrente do rio, tão brilhantes quanto folhas de vidro preto ao luar.

Quando Clarion desmontou, suas botas afundaram profundamente nos montes de neve. Ela hesitou, inclinando a cabeça para trás para olhar para Milori, onde ele permanecia empoleirado nas costas de Noctua. Em seu diadema, congelado em pontas irregulares, ele parecia tanto com a estátua do Senhor do Inverno: tão desolado quanto formidável. O vento varreu o Inverno como um suspiro triste. Ele fez sua capa ondular, e as rajadas espessas flutuavam entre eles como uma cortina.

Ela não conseguiu se despedir.

Era assim que poderia ser, ele disse, se você quisesse.

Afinal, eles não mereciam a felicidade?

“Milori,” ela começou, ao mesmo tempo em que ele disse, “eu...”

Ele limpou a garganta. “Continue.”

Clarion soltou um suspiro trêmulo. “Você vai descer primeiro?”

Sem hesitar, ele caiu na neve ao lado dela. Ela ainda tinha que olhar para ele, mas aqui no nível do solo, parecia menos que ele iria escapar dela.

Ela tirou as luvas, uma após a outra. Reunindo coragem, ela disse: “Eu estive pensando.”

A voz de Milori era quase inaudível. “Sobre o quê?”

“Sobre o que você disse. Eu...” Suas palavras a deixaram rapidamente.

Qualquer esperança de ser articulada a havia abandonado completamente. Suas luvas caíram no chão. Ela entrelaçou os dedos no tecido da capa dele onde se encontravam na curva da clavícula.

Segurando seu olhar, ela disse: “Eu não quero ir embora.”

Milori parecia ter esperado a vida inteira por essas palavras. Uma represa havia cedido dentro dele, e a emoção queimando em seus olhos a atingiu como uma onda. As mãos dele pousaram sobre as dela, seus dedos cercando seus pulsos. Ela podia sentir o bater selvagem do coração dele sob seu toque, o frio da pele dele penetrando na dela.

“Então não faça isso”, ele murmurou no espaço vazio entre eles.

Não. Como se fosse a coisa mais simples do mundo.

O que mais havia para fazer? Ela ficou na ponta dos pés e o beijou.

Por um momento, eles permaneceram suspensos em uma espécie de descrença terna. Então, os lábios dele se separaram sob os dela, e Clarion sentiu-se pegar fogo. Ela sentiu o gosto de cacau e canela na língua, engoliu o suspiro dele enquanto se derretia nele. Os dedos dele se enfiaram no cabelo da nuca dela, inclinando o queixo dela para cima em sua direção enquanto ele aprofundava o beijo. Os grampos que seguravam sua coroa de flores no lugar se soltaram, cobrindo a terra a seus pés com pétalas brancas e pólen doce. Cada toque dele incendiava seus nervos com calor lânguido e frio escaldante.

Sem fôlego, ela se afastou. Mas mesmo aquela pequena distância a machucava. Como ela se ressentia de suas próprias limitações agora — a incapacidade de seu corpo de tolerar o reino dele por muito tempo.

“Estou congelando.”

“Não podemos permitir isso.” Seus lábios roçavam os dela a cada sílaba.

Nenhum deles parecia disposto a se separar.

Ele a pegou nos braços e lentamente a fez andar para trás. Clarion riu instável, enrolando os braços em volta do pescoço dele para se equilibrar. Ele parou apenas quando eles estavam em uma ponte entre mundos: os pés dela plantados no musgo coberto de geada, os dele na fina camada de neve. Mas mesmo aqui na primavera, o frio se agarrava a ela. A neve brilhava contra seus cílios, e a respiração que ela compartilhava com ele pairava suavemente no ar.

Isso, ela pensou, era o bastante. Eles poderiam fazer isso funcionar. Naquele momento, não havia nada nem ninguém além deles dois. E então, uma voz familiar cortou sua alegria: “Clarion!”
Elvina.



Elvina desceu sobre eles como uma estrela cadente, seu brilho brilhando intensamente com a força de sua raiva. Milori não soltou Clarion imediatamente; seus dedos se curvaram quase protetoramente em volta de seus braços. Por mais que ela apreciasse, ela teria preferido desaparecer completamente. Dissolver-se e ser levada embora como sementes de dente-de-leão ao vento.

Isso não poderia estar acontecendo.

Quando Elvina pousou na beira do rio, Clarion quase se encolheu para trás. Ao longo dos anos, Clarion tinha visto muitos lados de Elvina; embora ela fosse uma fada discreta, Clarion tinha chegado a entender e antecipar as mudanças sutis de suas emoções. Muitas vezes, ela tinha visto sua decepção — mas nunca nada como isso. Seu rosto estava contorcido com fúria mal contida, todos os planos de seu rosto esculpidos em sombras e luz laranja.

Mas o que doeu ainda mais foi a visão de Petra e Ártemis atrás dela. Petra pairava a uma curta distância, meio escondida atrás de um arbusto de mirtilos. Mesmo assim, Clarion podia ver o quão angustiada ela parecia: suas mãos entrelaçadas, seu cabelo solto de seu elegante coque, seu lábio mordido em carne viva.

Clarion desviou o olhar para Artemis, que balançou a cabeça sutilmente. Clarion leu o que ela queria dizer: *Eu não tive nada a ver com isso.*

Não havia dúvidas na mente de Clarion sobre o que tinha acontecido, então. Depois da briga no baile, Petra contou a Elvina para onde Clarion tinha ido. A mortificação se agitava de forma repugnante dentro de

Clarion. Mas agora, a traição queimava toda a sua humilhação, toda a sua indignação. Por mais que a machucasse, não a surpreendia.

“O que você está fazendo aqui?” foi tudo o que Clarion conseguiu pensar em perguntar.

Aparentemente, essa não era a resposta esperada ou desejada. A aura de Elvina brilhou mais forte com indignação. “Devo entender que é *isso* que te consumiu nas últimas semanas? É *isso* que te deixou tão curiosa sobre Winter? Eu esperava mais de você, Clarion.”

“Essa é minha responsabilidade,” Milori interrompeu. Não havia nenhum traço de frieza em sua voz — apenas uma seriedade insuportável.

Apesar do diadema em volta da testa, ele parecia disposto a se ajoelhar. Clarion lançou-lhe um olhar incrédulo. Claro *que* ele tentaria assumir o peso da ira de Elvina sozinho. “*Não é —*”

“Procurei a ajuda dela para remediar meu erro”, Milori continuou, sem se deixar abater. “Tudo o que ela fez foi a meu pedido. Perdoe-me, Vossa Majestade.”

Elvina olhou para ele como se ele fosse pouco mais que um inseto, muito abaixo de sua atenção. O desgosto em seu rosto fez a raiva faísca brilhava dentro de Clarion. Agora que ela sabia o que Elvina acreditava sobre fadas de inverno, ela sabia que era inútil discutir. Não importa o que ele dissesse, isso nunca a satisfaria ou convenceria.

Ainda assim, Clarion não podia permitir que Milori aceitasse a culpa por isso. Ele não podia mais se martirizar; ele já tinha feito isso de uma centena de maneiras diferentes. Ele foi feito para muito mais do que isso. Por muito tempo, as fadas do inverno foram ignoradas e difamadas por algo que elas nobremente se ofereceram para fazer. Clarion não podia ficar ali e ser cúmplice disso por mais tempo. O fardo que os Guardiões da Floresta de Inverno tinham tirado das Rainhas de Pixie Hollow era imenso; elas mereciam ser honradas por isso.

“Você está errada sobre ele.” Clarion se colocou na frente de Milori, como se pudesse protegê-lo do desdém aberto de Elvina. “Sobre todos eles. A Floresta de Inverno não é nada do que acreditávamos.”

“Nós discutiremos isso em casa,” Elvina disse entre dentes. “Venha comigo. Agora.”

“Não.”

Sua voz ecoou no silêncio, e as estrelas acima pareciam pontuá-la, brilhando mais intensamente com a força de sua emoção. Elvina cambaleou para trás. Ela parecia quase perplexa, como se mal soubesse o que fazer ou que criatura petulante havia substituído Clarion, seu herdeiro controlado e controlado. A própria Clarion mal sabia de onde havia tirado coragem.

“Receio que você não tenha escolha”, disse Elvina.

“Ele tem trabalhado comigo para parar os Pesadelos! Se você apenas me escutasse—”

“Clarion,” Elvina disse em tom de advertência.

“Tudo o que eu fiz foi para proteger Pixie Hollow. Você pode dizer o mesmo?”

Elvina recuou como se tivesse levado um tapa. “Com licença?”

As mãos de Clarion tremeram com a descarga repentina de adrenalina. Ela mal se reconheceu. Essa raiva justa parecia que iria incinerá-la. Mas queimava como um incêndio, e ela não podia muito bem pará-la agora.

“Você não teve consideração por seus súditos no inverno. Você planejou virar as costas para eles e deixá-los com uma tarefa impossível! A magia do talento de governo é a única coisa que pode parar os Pesadelos, mas você não tem se interessado em—”

Elvina soltou uma única nota de riso sem humor. “Você não tem ideia do que está falando.”

“Eu aceito”, Clarion insistiu. Agora que ela havia começado, ela não seria silenciada. “As fadas do inverno foram vítimas de nossa compreensão incompleta da história por muito tempo, e eu não vou deixar isso permanecer. Mil — o Guardião da Floresta de Inverno não é o que você pensou que ele fosse.”

“Não,” Elvina disse sombriamente. “Ele é jovem. Ele ainda não teve a chance de crescer e se tornar o que pode se tornar: ambicioso, como seu predecessor, ou corrompido pelas feras que envenenam tudo que tocam. Você não está segura com ele.”

Ao lado dela, Milori estremeceu.

Então era isso? Ela desconsideraria tudo o que Clarion disse? “Eu nunca estive em um lugar mais seguro.”

Elvina avançou em sua direção. Pelo olhar em seus olhos, parecia que ela estava pronta e disposta a arrastar Clarion para fora desta ponte sozinha. “Ele já te virou contra mim.”

“Não, *você* me virou contra *você* !” As palavras escaparam antes que ela pudesse se conter, parando Elvina em seu caminho. Sua voz tremeu. E ainda assim, era a verdade que ela não queria admitir. “Eu tentei viver de acordo com o padrão que você estabeleceu, tudo na esperança de que eu seria digna da coroa. Eu tentei tanto ser como *você* . Mas eu não sou. Isso é o que Winter me ensinou.”

Sua magia flamejou dentro dela, aumentando com a maré de suas emoções. Ela se tornou luminosa com a força de sua convicção. Mesmo através de seu casaco, o brilho de suas asas lavou o rosto atordoado de Elvina com um branco pálido.

“Não. Você certamente não é,” Elvina disse—mas não havia horror em sua voz. Era algo como espanto.

“Não quero interromper”, Petra disse calmamente, espiando para fora do matagal em que se escondera. Seu rosto estava pálido. “Mas acho que há algo errado.”

Ela apontou, e o olhar de Clarion seguiu o caminho que ela havia indicado para o céu. Agora que ela mencionou, algo *parecia* errado. Em

algum momento nos últimos minutos, a escuridão da noite havia se aprofundado.

As nuvens estavam baixas e ameaçadoras, coagulando sobre a lua cheia e todas as estrelas que a acompanhavam. A energia crepitava no ar e formigava ao longo de seus braços. Os talentos do clima não disseram nada sobre uma tempestade, mas... Não, essa não era a promessa de um raio. Parecia pior, quase sinistro. Ela estremeceu.

E então, algo disparou pelo céu: um raio dourado de pó de fada, impossivelmente brilhante contra a escuridão espessa. Conforme se aproximava, Clarion percebeu que era um talento de batedor de Winter, voando direto para eles.

Embora o homem-pardal ainda estivesse vestido com suas roupas finas, ele segurava seu arco com sua mão de nós brancos. Seu peito arfava, e seus olhos estavam selvagens — e vítreos, como se ainda estivessem olhando para algo que não estava realmente ali.

“Milori,” ele engasgou por fim. “Houve um ataque.”

A expressão calma e estudiosa de Milori se estilhaçou. “O quê?”

“Os Pesadelos,” o batedor chiou. “Eles inundaram o festival—mais do que já vimos. Minha unidade está liderando o máximo de fadas que puder para o Salão do Inverno, mas...”

Clarion sentiu sua pausa como um golpe físico. Ela sentiu como se estivesse em queda livre, mergulhada em um atoleiro de confusão e culpa. Isso não deveria ter acontecido. Mas não era isso que ela acreditava sobre as fadas ainda presas em seu sono eterno? O que ela e Milori haviam conquistado não era nada mais do que um punhado de areia escorada contra a maré crescente. Elas não haviam conquistado nada.

A culpa é toda sua, sibilou sua dúvida.

Quantos eles perderam para o feitiço dos Pesadelos dessa vez?

Ressurgindo do choque, Clarion perguntou: “Como eles puderam se libertar novamente?”

A compreensão quebrou o estupor de Elvina. “Você tentou selá-los.”

“Eu...eu não sei.” Milori balançou a cabeça. Clarion nunca o tinha visto tão abalado, mas ele reuniu sua determinação o suficiente para falar firmemente: “Eu tenho que ir.”

Clarion agarrou seu cotovelo e sustentou seu olhar. “Eu vou com você.”

A gratidão que iluminou os olhos de Milori a deixou quase sem fôlego.

“Clarion.” Uma nota de súplica surgiu na voz de Elvina. “Não faça isso.”

Clarion pousava apenas um olhar para trás. Seu olhar pousou em Petra, cujos olhos estavam arregalados e brilhando com uma emoção que ela não conseguia identificar. Talvez ela e Elvina estivessem certas: seus sentimentos por Milori a tornaram imprudente. Mas com essa fúria protetora e justa queimando dentro dela, ela nunca se sentiu mais sintonizada com seu propósito.

“Sinto muito,” ela disse suavemente. “Eu tenho que fazer.”

Dando as costas para seus amigos e seu mentor, ela seguiu Milori em direção ao frio intenso do inverno.



Por favor, não deixe que cheguemos tarde demais.

Clarion agarrou-se àquele apelo como uma tábua de salvação enquanto voavam em direção ao recinto do festival, tão firmemente quanto ela fez com Milori. Ele segurou firme as rédeas de Noctua, guiando-os através da tempestade que se formava. Tão alto, as nuvens — quase pretas no escuro — flutuavam sobre sua visão como uma mancha de fumaça de incêndio. Uma forte nevasca a fustigava, aglomerando-se pesadamente em seus cílios e picando seu rosto como rajadas de gelo. Cada rajada de vento os tirava do curso, e Clarion podia jurar que ela ouvia uma voz transmitida por ela.

Caia, ele sussurrou.

Pela primeira vez em todas as suas travessias de fronteira, Winter se sentiu hostil.

Um lampejo de sombra no canto de sua visão chamou sua atenção.

Clarion girou em direção a ele — apenas para ver algo voando em direção a eles: uma forma alada, traçada no brilho violeta do poder dos Pesadelos.

“Milori!” ela gritou. “Cuidado!”

Sua cabeça virou-se rapidamente em direção ao Pesadelo. Um clarão de relâmpago abriu o céu, iluminando a besta por um terrível momento. Ele puxou as rédeas, e Noctua desviou do caminho do Pesadelo. Milori se achatou contra as costas da coruja para manter o equilíbrio, arrastando Clarion junto com ele — bem a tempo de evitar que as garras da criatura se aproximassem deles. Ela pressionou a testa contra as omoplatas dele e soltou um suspiro trêmulo, horrorizada com o quão perto ela chegou de perder tanto o assento *quanto* a cabeça. Ficar montado em Noctua para um voo casual era uma coisa, mas o combate estava rapidamente provando ser outra completamente diferente.

Clarion olhou para cima e viu o Pesadelo circulando novamente. Ele havia se contorcido na forma de uma coruja: uma zombaria grotesca de Noctua. Seu bico se curvava sobre um conjunto de dentes perturbadoramente humanos, que estavam expostos em um sorriso vazio. Pior, logo além da sombra de sua envergadura, ela avistou uma nuvem escura se movendo em direção a eles com velocidade alarmante. Um som de chilrear, distante a princípio, aumentou para um grito agudo que ressoou através de seus ossos. Não, não uma nuvem — mas um grupo de Pesadelos, carregados nas asas de insetos. Mesmo dali, Clarion podia *sentir* sua fome.

O medo a invadiu. Eles nunca sobreviveriam se o enxame os alcançasse. Devia haver centenas deles. *Todos* os Pesadelos tinham se libertado?

“Precisamos pousar”, Clarion gritou sobre o uivo do vento. “Agora.”

Milori olhou para os Pesadelos invasores, um músculo se contraindo em sua mandíbula. “Tudo bem. Espere.”

Clarion obedeceu. Com isso, Milori deu as rédeas a Noctua. A coruja enfiou as asas no corpo e mergulhou de cabeça na direção da floresta abaixo.

Os olhos de Clarion lacrimejaram enquanto as garras amargas do vento e do frio a rasgavam. O cabelo de Milori esvoaçava atrás dele, chicoteando contra seu rosto, enquanto despencavam. Em questão de segundos, Noctua rompeu a copa da floresta, derrubando neve solta e pingentes de gelo afiados como facas enquanto avançava. Galhos enredavam o pelo e o cabelo de Clarion violentamente, mas ela mal sentia alguma coisa através da pura descarga de adrenalina. A apenas alguns metros do chão, Noctua batia suas asas para desacelerar sua queda.

Quando pousaram, o coração de Clarion batia descontroladamente na garganta. Nenhum dos Pesadelos os havia seguido até ali, mas ela podia senti-los, movendo-se logo além da treliça de galhos acima. Ela permaneceu congelada no lugar até que o zumbido horrível dos insetos desapareceu. As lascas de céu que ela podia ver ainda estavam manchados com um tom sinistro de cinza — mas nada a encarava de volta. Respiração por respiração superficial e trêmula, o terror aliviou seu controle sobre ela, e a sensação de arrepios da presença dos Pesadelos se dissipou.

Por enquanto, eles escaparam.

Ela e Milori deslizaram das costas de Noctua. Quando estavam em segurança em solo firme, ela se virou para encará-lo. Ele havia perdido seu diadema em algum momento durante o voo, e pedaços de granizo e galhos quebrados estavam presos em seu cabelo. Mas, felizmente, ele parecia inteiro e relativamente ileso. Um fino arranhão havia se aberto na lateral de seu rosto.

Ela segurou o queixo dele, limpando o sangue que havia jorrado com o polegar. “Você está bem?”

“Estou”, respondeu Milori. Seus olhos percorreram-na, procurando por ferimentos. Aparentemente, ele não encontrou nenhum, pois ela viu um pouco da tensão sumir dele. “Você está?”

“Acho que sim.” Com as pernas trêmulas, ela girou em um círculo lento para se orientar. Nada mais lhe parecia familiar. “Devemos continuar andando.”

Milori assentiu. Ele liderou sua caminhada sombria, mais para dentro da floresta, mais para dentro da tempestade; seu brilho, brilhando levemente prateado na escuridão, guiou seu caminho. Ela cuidadosamente ajustou suas botas no formato das pegadas que ele

deixou para trás. Através da escuridão e das rajadas de neve cada vez mais espessas, ela mal conseguia ver sua própria mão a uma polegada de distância de seu rosto. Cada galho que perfurava a cortina de neve se estendia em direção a eles como garras, e seu crescente desconforto fez com que as presas dos pingentes de gelo pendurados nas árvores se mostrassem à mostra. Como ela odiava ver sua amada Floresta de Inverno transformada em um lugar tão assombrado.

Sempre foi quieto aqui, todo o som abafado pela forte queda de neve. Mas esse era um tipo de silêncio não natural, como se toda a floresta estivesse prendendo a respiração, aterrorizada demais para se mover. passos faziam muito barulho na crosta de gelo que brilhava friamente sobre a neve.

Então, ela ouviu: gritos.

O sangue de Clarion gelou. Nenhum dos dois disse uma palavra; eles não precisavam. Estimulados por aquele som de terror, eles começaram a correr. Quando eles irromperam pela cobertura de faias e abetos, Clarion parou de repente.

Os destroços do festival estavam diante deles. As barracas por onde eles tinham vagado pouco tempo antes estavam completamente destruídas — nada além de esqueletos de madeira lascada. Brasas ardiam em seus restos mortais, tendo pegado fogo de velas que nunca tinham sido apagadas. Fragmentos irregulares de esculturas de gelo estavam espalhados na superfície do rio, brilhando entre a bagunça pisoteada de pétalas de flores e guirlandas.

Mas Clarion não conseguia desviar o olhar das formas escuras de fadas adormecidas esparramadas no gelo. Elas pareciam estátuas: perfeitamente imóveis em meio a tanta destruição. A neve já havia começado a se acumular sobre elas.

Aqui estava a evidência de seu fracasso exposta.

Pesadelos se acumulavam em volta das fadas como derramamentos de óleo, borbulhando enquanto lutavam para tomar forma. Eles rodopiavam pelo ar, tão escuros quanto fumaça. Outros rondavam em suas formas animais, crivados de flechas. Vagamente, Clarion observou outra flecha afundar na órbita ocular de um urso disforme. Ele rugiu em indignação, cuspe — não, ela percebeu, veneno — arremessado das pontas letais de suas presas.

Isso fez Clarion voltar a si.

Batedores voavam rapidamente acima, seus arcos içados e vozes erguidas em gritos de guerra. Embora não pudessem lutar contra os Pesadelos, eles estavam arriscando suas vidas para salvar o máximo de fadas que pudessem. Alguns incitaram os Pesadelos a persegui-los, desviando e tecendo através de faixas de escuridão, enquanto seus companheiros conduziu civis em direção ao Hall of Winter. O coração de Clarion se apertou ao ver tamanha bravura altruísta.

Um rosnado baixo ecoou atrás dela.

Clarion engasgou, girando ao redor. Ela ficou cara a cara com uma versão distorcida de Fenris: um lobo, sua boca eriçada com muitos dentes e um segundo par de olhos montados acima do primeiro. Antes que ela pudesse se mover — antes que ela pudesse abrir a boca para gritar — a besta caiu esparramada no chão em um jato de neve e sombras contorcidas. Ela ficou imóvel de lado, perfurada por uma flecha. Um líquido preto viscoso escorria ao redor do eixo, e a fumaça subia lentamente como se tivesse sido chamuscada. Uma tênue luz dourada brilhava ao redor das bordas de sua ferida.

Lentamente, Clarion se virou — e o que viu quase trouxe lágrimas aos seus olhos.

Petra estava a alguns metros de distância, brandindo algum tipo de arma que Clarion nunca tinha visto antes. O olhar em seu rosto estava preso em algum lugar entre triunfo e horror. Seu cabelo estava vermelho-sangue sob a cobertura da noite, com neve acumulada como um punhado de estrelas em seus cachos. Ártemis estava ao lado dela, um corte de escuridão contra a extensão de branco, uma mão apoiada em seu quadril.

“Bom tiro”, ela disse. Ela pareceu relutantemente impressionada. “E bons reflexos.”

Clarion mal conseguia acreditar que eles estavam realmente ali. Se sua mente não estivesse ocupada com outra coisa, ela poderia ter se preocupado com espectadores inocentes pegando uma flecha perdida. Ela não achava que Petra já tivesse mirado uma arma em sua vida. Mas agora, ela não conseguia sentir nada além de uma gratidão avassaladora. “Vá,” Milori disse suavemente. “Eu vou ajudar os outros a encontrarem o caminho para o Hall of Winter.”

“Eu estarei logo atrás de você.” Ela sustentou o olhar dele, tomada por um súbito raio de medo. Se algo acontecesse com ele... Não, ela não conseguia nem pensar nisso. “Tenha cuidado.”

Milori assentiu firmemente. “Você também. Vejo você em breve.”

Ele se virou, o tecido de sua capa estalando atrás dele, então levantou voo. Clarion não conseguiu engolir completamente o nó de ansiedade em sua garganta, pois seu brilho estava abafado pela forte nevasca.

Milori poderia se cuidar, ela se assegurou. Ela estaria ao lado dele novamente em breve. Desviando o olhar de onde ele havia desaparecido, ela correu pela neve até Artemis e Petra.

“O que você está fazendo aqui?” Depois de um momento, algo mais urgente ocorreu a ela. “*Como* você está aqui?”

Petra deixou sua arma cair ao seu lado. Como se fosse a coisa mais óbvia, ela disse: “Não íamos deixar você fazer isso sozinha. Quanto ao como... meus protótipos de casacos podem ser feios, mas eles fazem o trabalho bem o suficiente.”

Clarion os absorveu. Os dois pareciam ridículos; estavam se afogando em tecido. Os casacos eram monstruosidades de retalhos enormes,

claramente feitos de qualquer coisa que Petra tivesse encontrado no Tinker's Nook. Clarion não conseguiu evitar rir através da queimação das lágrimas no fundo da garganta.

“Ela também queria uma chance de testar seu outro protótipo.” Artemis olhou cobiçosamente para a arma de Petra. Ela levantou a sua, que — embora de outra forma mais ou menos idêntica — parecia mantida unida por um sonho em vez de algo concreto. Para o olho destreinado de Clarion, parecia ser um arco de batedor pregado em um fino bloco de madeira. Uma longa ranhura corria pelo seu centro, onde uma flecha seria encaixada. A corda do arco, uma vez esticada, era mantida no lugar por um mecanismo liberado por um gatilho. “Ou pelo menos, *o meu* é um protótipo.”

“É por isso que você precisa ficar perto de mim,” disse Petra, com um sorriso quase malandro. “Todos os meus esforços finalmente valeram a pena.”

“Seus esforços para arruinar um arco e flecha perfeitamente bons,” Ártemis murmurou, sem nenhum calor real por trás disso. “Isso tira toda a arte disso.”

Petra apontou um dedo acusador para ela. “Há *arte* ! Você simplesmente não aprecia—”

“Espere.” O estômago de Clarion se contorceu em um nó. “ É *nisso* que você estava trabalhando? Não na espada?”

Ártemis e Petra ficaram em silêncio. A tensão crepitou no ar entre elas.

“Claro.” Petra lhe deu um sorriso vacilante. “Eu teria lhe contado antes, mas nunca tive exatamente a chance.”

Clarion se encolheu ao lembrar da luta, mas antes que pudesse falar, Petra avançou. “Quer dizer, eu estava trabalhando na espada de Elvina também. Mas depois de um certo ponto, a maior parte do meu tempo foi gasto fazendo com que parecesse convincente.”

Clarion franziu a testa. “Convincente?”

“Não funciona.” Explodiu de Petra, uma confissão de culpa que ela não conseguia mais conter. “Se ela descobrir—”

“Ela não vai descobrir,” Artemis interrompeu, um pouco cansado. Isso tinha o ar de uma conversa que eles já tiveram pelo menos duas vezes antes.

“—então eu serei exilado de verdade dessa vez!”

“Não *funciona* ?”

Petra parou para considerar, se recompondo. “Bem, suponho que funcione na medida em que as pedras solares canalizam a luz do sol. Então não é exagero pensar que funcionaria com os talentos de governo da luz das estrelas...” A menção de talentos de governo, evidentemente, lembrou Petra de suas preocupações mais imediatas. “A questão é que não fará o que Elvina quer. Eu ia contar a ela, mas você parecia achar que sabia o que estava fazendo, e...”

O resto da frase dela se transformou em um absurdo. Tudo o que Clarion conseguiu entender foi isso: “Você mentiu para Elvina?”

O rosto de Petra ficou muito pálido, depois vagamente verde. “Acho que sim.”

Mas Petra *nunca* mentiu. Clarion mal conseguia processar. “Por que você fez isso?”

“Eu não sei.” Petra arrastou a mão pelo rosto. “Quando eu terminei, já era tarde demais. E agora, quando ela descobre—”

Ártemis suspirou. Diplomáticamente, ela disse: “Nós duas acreditamos em você.” Ela deslizou seu olhar intencionalmente para Petra. “Mesmo quando nos preocupamos com você.”

A culpa afugentou o pânico de Petra. “Sinto muito por mais cedo. Eu não deveria ter ficado tão...”

“Julgador?” Clarion forneceu.

“Certo. Isso.” Petra estremeceu. “Sinto muito por envolver Elvina quando eu sabia que era a última coisa que você queria. Entrei em pânico, como sempre. Fiquei preocupada que você faria alguma tolice. Eu não queria que você se machucasse.”

“Eu sei. E suponho que você não estava errado,” ela engasgou com uma risada. Clarion poderia ter chorado ali mesmo — de alívio ou arrependimento, ela não tinha certeza. Ainda havia tantas coisas emaranhadas entre eles, mas por enquanto, isso era o suficiente. Tinha que ser, quando ela não sabia se eles conseguiriam passar a noite. “Eu também sinto muito. Eu não deveria ter—”

“Conversaremos mais tarde”, disse Petra suavemente.

“Mais tarde, então.” Clarion fez o melhor que pôde para engolir a onda repentina de emoção. Ela gesticulou vagamente para a arma que Petra estava segurando. “O que exatamente é essa coisa, afinal?”

Petra se animou. “Ah, isso?”

Aparentemente, era algum tipo de engenhoca para derrotar Pesadelos. Pelo menos, foi isso que Clarion deduziu da descrição entusiasmada — e muito técnica — que Petra havia iniciado.

“Decidi chamá-lo de arco T. Ou talvez arco X? Ainda estou trabalhando nos detalhes mais sutis, mas você pode carregá-lo com flechas infundidas com pó de fada. Obviamente, não é tão potente quanto a magia de talento de governo, mas eu hipotetizei...” Petra parou de falar, seu rosto ficando pálido. “Sabe, não acho que a ciência por trás disso importe agora.”

O fim da frase dela foi interrompido por um guincho. Clarion se virou para ver o Pesadelo que Petra havia atirado antes começando a se recompor. Sua forma semelhante a uma névoa desmoronou e borbulhou enquanto tentava se levantar. Eles não tinham muito tempo antes que ele pudesse atacar novamente.

“Qual é o plano?”, perguntou Ártemis, sempre pragmática.

“A maioria das fadas do inverno se abrigou no Hall of Winter,” Clarion respondeu. “Precisamos garantir a segurança delas antes de tudo. Encontraremos Milori lá, protegeremos a entrada e nos reagruparemos. Entendido?”

Ártemis saudou. “Entendido, Vossa Alteza.”

Petra carregou outra flecha e travou a corda esticada. A ponta dela brilhou, enchendo seus olhos com luz dourada. Seu rosto assumiu aquela calma familiar e assustadora; ela entrou na mesma mentalidade de quando um prazo se aproximava tanto que não deixava espaço para pânico. “Vamos fazer isso.”

Entre eles e o Hall of Winter havia um verdadeiro mar de Pesadelos. Eles não o alcançariam sem lutar. Mas quando Clarion olhou de volta para Ártemis e Petra, seus olhos brilhando intensamente com determinação, ela decidiu que parecia que eles poderiam vencer.



Eles partiram para o Hall of Winter, abrindo caminho pela neve até os joelhos e por bosques escuros de árvores. A pé, era uma lentidão enlouquecedora. A nevasca continuava, com neve chicoteando e ventos cortantes. O gelo raspava a pele exposta do rosto dela, e o frio, tão afiado quanto uma lâmina, penetrava até os ossos. Clarion não sabia se o clima era influência dos Pesadelos ou se o próprio Inverno uivava seu grito de guerra.

“Não falta muito agora”, ela gritou para Ártemis e Petra. Como ela esperava que isso fosse verdade. Era difícil dizer para onde, exatamente, eles estavam indo. Mas o som de escaramuças chegou até ela: gritos e rugidos distantes enquanto a tempestade os arrebatava. Embora ela pudesse ver e ouvir pouco, o poder dos Pesadelos permanecia como uma névoa baixa. Ele deslizava sobre sua pele, incendiando cada nervo dela com pavor.

Aqui e ali, ela vislumbrava Pesadelos voando acima: novelos de sombras contorcidas bloqueando até mesmo a escuridão das nuvens. Eles não notaram o trio enquanto perseguiam obstinadamente as fadas de inverno em fuga. O pânico apertou o peito de Clarion.

Ela enviou um desejo silencioso às estrelas: *Que elas voem rápido.* Foi um erro, pensou Clarion, deixar Milori seguir em frente sozinha. Quando ela avistou o Hall of Winter — suas portas talhadas em gelo brilhando com a suave luz azul de suas runas — ela estava queimando de expectativa. Eles estavam no topo de uma colina, olhando para a

tigela do vale onde o Hall estava esculpido na encosta da montanha. Dali, Clarion podia ver o caos se desenrolando diante dela.

O Salão do Inverno foi completamente sitiado por Pesadelos.

Batedores conduziram fadas aterrorizadas para dentro das portas entreabertas, fazendo o melhor que podiam para controlar a pressão frenética da multidão. Outro grupo voou pelo ar, incitando os Pesadelos enquanto os atraíam para longe do Salão. E ali, no centro de tudo, cercado por uma falange de batedores, estava Milori.

Seu coração saltou enquanto admiração e alívio se entrelaçavam dentro dela. Ela nunca o tinha visto se mover assim, com uma graça eficiente e implacável. Ele liberou rajadas de frio puro, o ar erizado de cristais de gelo enquanto congelava Nightmares no meio do ataque. As feras tremiam e se enfureciam sob a geada, ameaçando se libertar, e mais ainda desciam dos céus.

Por enquanto, eles estavam segurando. Por quanto tempo eles conseguiriam afastá-los?

Ártemis recarregou seu arco. Seus olhos escuros brilharam enquanto ela examinava a cena abaixo deles. “Há tantos deles.”

Clarion entendeu claramente o que ela não disse: *muitos*.

“Só precisamos segurá-los até o amanhecer. Eles precisarão se esconder da luz do sol.”

Mas o amanhecer ainda demoraria horas.

As runas gravadas nas portas do Hall of Winter brilharam quando um Nightmare atingiu o gelo. As proteções eram poderosas, mas contra um ataque de monstros...

“Até o amanhecer, então,” Ártemis disse, sua expressão fria e destemida. “Suas ordens?”

“Cubra-me. Vou até as portas. Depois disso, ajude os batedores a manter os Pesadelos ocupados. Não faça nada arriscado.” Quando Ártemis lhe deu um meio sorriso irônico, Clarion acrescentou: “Apenas fique viva.” Eles avançaram, para dentro da briga. Seus amigos a flanqueavam: Petra, seu cabelo vermelho arrastando-se atrás dela como um cometa; Ártemis, seus lábios puxados para trás em um rosnado selvagem.

Aqui no vale, a atmosfera opressiva era tão insuportável quanto tinha sido na prisão. Toda a negatividade que os Pesadelos exalavam os pressionava como uma mão sufocante. Suor frio formigava na parte de trás do pescoço dela, e o cheiro rançoso do medo queimava no fundo da garganta dela. Ao redor deles, Pesadelos ondulavam como faixas de tecido escuro e esfarrapado. Batedores passavam, suas expressões assombradas tornadas esqueléticas na luz laranja de seus próprios brilhos.

As hordas eram aparentemente infinitas. Pesadelos descolavam das sombras e se materializavam na neve como espectros. Juntos, Clarion e seus amigos pegaram os Pesadelos que flutuavam em seu caminho. Eles caíram em flechas e luz das estrelas. Sob o calor da magia de Clarion,

alguns deles começaram a se desintegrar, mas eles deslizaram em direção à sombra da floresta.

Covardes, ela pensou.

Do véu de neve, uma forma escura surgiu. Um veado surgiu atrás de Artemis, seus chifres pingando veneno sombrio.

“Artemis!” Clarion gritou.

Artemis estremeceu de surpresa. Por reflexo, ela desembainhou sua espada e esfaqueou a perna da fera. Sua forma ondulou como água enquanto a lâmina passava inofensivamente por ela. Lentamente, as sombras de sua carne se solidificaram ao redor de sua arma e a arrancaram dela. Quando seu casco desceu para jogá-la contra o chão, Artemis se esquivou com apenas uma inspiração suave. Uma segunda lâmina se materializou em sua mão. Ela a estava girando entre os dedos, preparando-se para golpear o cervo novamente, quando Petra o espetou com uma flecha brilhando intensamente com pó de fada. O cervo berrou, cambaleando para longe deles enquanto sangue oleoso escorria de seu ferimento.

“Obrigado”, disse Artemis rispidamente.

Aquilo tinha sido muito próximo para mim.

Clarion estudou os dois. Uma fina linha escarlata se abriu na bochecha de Artemis, e enquanto Petra parecia calma, seu braço tremia de suportar o peso do arco. Até Clarion se sentia exausta, com sua magia esvaindo-se dentro dela.

“Vá”, disse Petra. “Não se preocupe conosco.”

Relutantemente, Clarion assentiu. Ela correu em direção ao Hall of Winter. Através do clamor e da fervura da batalha, ela encontrou seu verdadeiro norte: Milori.

Um grupo de Pesadelos irrompeu da nevasca, descendo sobre ela. Ela cambaleou para trás, quase tropeçando nos próprios pés. Sem pensar, ela estendeu a mão, liberando um raio de luz das estrelas. As feras recuaram diante do poder dela, contorcendo-se para evitar serem queimadas. Quando se dispersaram, ela estava ofegante de esforço. Ela não sabia por quanto tempo conseguiria continuar assim.

“A rainha está aqui!”, gritou um batedor de cima. “Continuem lutando!” Gritos de guerra irromperam pelo vale. Clarion olhou para suas mãos trêmulas antes de cerrá-las em punhos. Seu poder era um símbolo de esperança. Agora, talvez fosse tudo o que eles precisavam.

Clarion correu o resto do caminho até o Hall of Winter, liberando outro raio de luz estelar em um Pesadelo que se preparava para atacar Milori. Ele foi jogado para o lado, gritando de angústia. Ele girou em direção a ela, choque e gratidão estampados em seu rosto.

Ela correu para o lado dele e, na breve calmaria, fez um balanço dele.

“Você está bem.”

Os dedos dele contornaram a linha do queixo dela, só por um momento, antes que a mão dele caísse de volta ao seu lado. “Assim como você.”

Ela não teve tempo de responder, pois os Pesadelos que ela desorientou haviam se recuperado. Eles se aproximaram, seus rosnados baixos e o estalo de suas garras contra o gelo ecoando na encosta da montanha. Claramente, eles hesitaram em se aproximar demais dela. Nenhum deles havia recuperado suas formas completamente. Alguns se esgueiraram hesitantemente em direção a eles; outros se ergueram como fumaça de incêndio e os cercaram, envolvendo-os em um véu de escuridão.

Clarion e Milori trocaram olhares antes de pressionarem suas costas uma contra a outra. Frost rodopiava ao redor dele enquanto ouro se acumulava em suas palmas. Conforme os Pesadelos os atacavam, eles entravam no ritmo da batalha. Ela empunhava sua magia como facas, cortando os Pesadelos enquanto eles atacavam. Eles ofereciam pouca resistência contra ela; sua luz cortava sem esforço a escuridão. Mas ela nunca havia usado tanto seu poder; com cada fera que ela derrubava, mais ela vacilava.

Um em forma de rato a atingiu com o rabo, e ela foi jogada com força contra a encosta da montanha. Sua respiração escapou de repente, e o branco explodiu em sua visão. Ela se recuperou no momento em que uma explosão de gelo o jogou para longe dela.

Milori a puxou para ficar de pé e não a soltou. Seus olhos estavam selvagens de preocupação, e seus dedos se curvaram urgentemente em volta do antebraço dela. “Você já fez o suficiente, Clarion. Você deveria entrar.”

“Não,” ela forçou a sair entre dentes. “Eu posso continuar lutando. Temos que segurá-los até o amanhecer.”

Havia algo quase resignado brilhando em seus olhos. Clarion viu a verdade ali: ele não esperava durar até o amanhecer, mas não pretendia recuar. Um nó de emoção se apertou dentro dela. Ela não podia negar que parecia sem esperança. Levados pela tempestade que rugia atrás deles, mais e mais Pesadelos estavam chegando.

Clarion descansou a mão sobre a dele e segurou seu olhar. “Eu não vou te deixar. Você não pode me pedir isso.”

Ela viu o momento em que sua contenção cedeu. Sua expressão se enrugou e, por um momento torturante, ele encostou a testa na dela. Silenciosamente, ele disse: “Nós evacuamos o máximo que pudemos. Devemos chamar todos que ainda estão lá fora e nos preparar para fazer nossa resistência final.”

Última resistência. Essas palavras a fizeram tremer. No entanto, ela assentiu. “Você pega os batedores. Eu vou encontrar Ártemis e Petra para garantir que eles voltem a pé.”

Ele subiu aos céus, gritando a ordem de retirada. Clarion procurou por seus amigos no caos. Eventualmente, ela avistou Artemis e Petra travando uma batalha com um Nightmare-bobcat.

Ela disparou pelo campo em direção a eles. Os gritos dos Pesadelos encheram seus ouvidos. Ela caiu em um rolo quando algo saltou sobre

ela. Um raio de ouro voou por seu braço e o jogou para trás. Com o coração na garganta, ela se levantou — bem a tempo de ver a besta cravar seus dentes profundamente na canela de Ártemis. Ártemis gritou em agonia. Ela balançou a cabeça violentamente, batendo nela; o corpo de Ártemis balançava para frente e para trás como uma boneca de pano. “Ártemis!” Petra gritou.

Ela lançou uma flecha voando em sua direção; ela quase acertou seu ombro. O lince girou em direção a Petra. Os olhos de Petra estavam arregalados e vidrados de medo.

Um morcego-pesadelo voou em direção a Clarion. Ela reuniu a luz das estrelas em sua mão e atirou para baixo — apenas para outro puxá-la para o chão. O monstro a prendeu sob seu peso. Ela lutou descontroladamente por um momento antes que a magia irrompesse dela. A besta girou para trás, libertando-a de seu aperto esmagador. Clarion rastejou para frente antes de se levantar novamente. Seus ossos doíam. Ela havia cortado seu próprio lábio com os dentes. Suas mãos tremiam demais para canalizar magia em qualquer coisa além de jorros. Mas ela não conseguia parar.

A uma curta distância, ela viu o mais tênue brilho de pó de pixie caindo do céu: mais um perdido. Isso enviou uma onda de agonia através dela, mas não havia nada que Clarion pudesse fazer por eles agora. Ela conseguia se concentrar apenas em Artemis, seu rosto ficando fantasmagoricamente pálido e brilhando levemente com suor, sua perna esmagada em um ângulo estranho — e brilhando vermelho visceral. O Nightmare-bobcat avançou em direção a Petra. Veneno cobria suas garras, brilhando violeta na escuridão. Enquanto Petra lutava para encaixar outra flecha no arco, o Nightmare a atacou. Ela voou alto, então bateu no tronco de uma árvore. Um estalo nauseante cortou o silêncio. Sua arma caiu no chão e deslizou pelo gelo, bem longe de seu alcance. Petra ficou muito quieta, seu cabelo vermelho espalhado na neve como uma mancha de sangue. Seus olhos estavam fechados e seu rosto estava fixo em uma máscara de horror.

Preso no feitiço dos Pesadelos.

Não, pensou Clarion. Não, não, não.

Quantas fadas caíram hoje? Quantas mais cairiam? Ela havia perdido tantas. E agora, ela havia perdido Petra.

A força de sua emoção a rasgou, então explodiu para fora em um arco ofuscante de luz. Sua magia refletiu em todo o gelo e neve até que o vale ficou tão brilhante quanto o dia na calada da noite. Todas as feras que enxameavam o Hall of Winter uivavam em agonia. Era quase lamentável como elas lutavam para escapar. Elas se contorciam e se contorciam em mil formas diferentes, desesperadas para se livrar da iluminação implacável de seu poder.

Dentro de seu esplendor, todos os Pesadelos foram revelados: pequenos, encolhidos e patéticos, expostos pelas pequenas coisas que eram. Magia

jorrava dela implacavelmente, incinerando-os. Quando a luz finalmente desapareceu, o vento suspirou pelo vale. O que restou dos Pesadelos se espalhou, carregado pelo ar como grãos de areia preta. E Clarion caiu de joelhos.



Clarion sentiu-se vazia, como se alguém tivesse raspado a medula de seus ossos. O brilho de luz das estrelas que ela normalmente sentia dentro de seu peito tinha esfriado como cinzas em uma lareira. Embora a exaustão a arrastasse para baixo, embora sua visão piscasse em preto, ela rastejou em direção a Petra. Quando finalmente conseguiu, soltou um soluço sufocado. As sardas de Petra pareciam desaparecer na palidez cerosa de sua pele. Seus olhos vagavam por trás das pálpebras fechadas, assombrados por algo que Clarion não conseguia ver — algo do qual ela não conseguia salvá-la. Clarion não conseguia suportar. Ela não conseguia mais suportar o peso de seu fracasso. Ela queria se enrolar na neve ao lado dela e se render. Ela queria dormir por uma eternidade.

Seria tão fácil dormir.

Ela não sabia quanto tempo ficou ajoelhada ali antes de ouvir o barulho de passos na neve ao lado dela. Clarion inclinou sua cabeça em direção ao som. Milori e Yarrow estavam acima dela, com olhares gêmeos de preocupação. Ela sentia frio de uma forma que nem mesmo a mais longa e amarga noite de inverno conseguiria. Ela sentia isso até sua alma. Isso deixava seu sangue lento — e seus pensamentos ainda mais. Tudo parecia tão irreal, ela não tinha certeza se eles estavam lá.

“Veja Artemis primeiro,” Clarion murmurou. As palavras pareciam grossas em sua boca; ela mal conseguia forçar seus lábios a fazerem o formato delas.

“Os curandeiros estão cuidando dela”, Milori respondeu suavemente.

“Bom.” Seus olhos se fecharam. “Está tão frio.”

Distantemente, ela registrou que Milori estava falando com Yarrow em tom baixo. Ela captou apenas fragmentos: “...pálido demais...faça alguma coisa...”

Ele estava falando sobre ela, ela pensou. Clarion se forçou a se concentrar na resposta de Yarrow.

“Não posso fazer nada se não houver um ferimento para tratar. A tensão que ela colocou em si mesma...” O healer parou de falar. “Está ruim, Milori. Ela está completamente esgotada. Ela precisa voltar para as estações quentes imediatamente. Os healers saberão o que fazer com ela.”

Estou morrendo?, ela se perguntou. Ela se sentia tão desconectada de seu próprio corpo, que a perspectiva dificilmente a assustava.

“Nenhum dos amigos dela está em condições de levá-la de volta”, disse Milori. “Eu posso levá-la até a beira da Primavera.”

“E se você não encontrar nenhuma fada quente?” Yarrow exigiu, suas mãos se fechando em punhos ao lado do corpo. “Nossos batedores os avisaram do ataque. Não consigo imaginar que alguém esteja esperando na fronteira.”

Sua expressão escureceu. Clarion não gostou do conjunto determinado de sua mandíbula, do quadrado resignado de seus ombros. Um sentimento incipiente de pavor a percorreu, muito pior do que qualquer coisa que os Pesadelos lhe infligiram. “Então farei o que devo.”

“Milori,” Yarrow disse em tom de advertência.

“Eu entendo o custo.”

“Você realmente?”

Clarion captou um lampejo da dor que iluminou os olhos de Yarrow — e como ela não ofereceu mais nenhum protesto quando Milori se ajoelhou ao lado de Clarion. Ele deslizou um braço por baixo dela e a ergueu em seus braços.

Ele acenou para um talento de escoteiro e assobiou para Noctua. Em um instante, a coruja voou para baixo de seu poleiro. Com a ajuda do escoteiro, Milori içou Clarion nas costas de Noctua e então subiu com ela. O calor suave das penas de Noctua a confortou.

Enquanto eles subiam para os céus de inverno, a visão de Clarion começou a entrar e sair. Ela só conseguia distinguir vagamente os planos de seu rosto, dourados pelo luar, e seu cabelo, uma faixa de neve branca contra o céu estrelado. A tempestade tinha passado, ela pensou vagamente. Ele parecia tão bonito — e tão triste. Sentindo o olhar dela sobre ele, ele olhou para ela. A preocupação vincando sua testa partiu seu coração. Mais do que tudo, ela queria tirá-lo dele.

Mas naquele momento, ela estava impotente.

Ela não sentia nada além de vazio dentro de si. Uma dormência desconcertante tomou conta de todo o seu corpo. Se ela se soltasse, ela pensou que poderia se afastar. Parecia tão tentador. Suas pálpebras

estavam impossivelmente pesadas. Através da neve emaranhada em seus cílios, ela observou as estrelas escurecerem. Elas estavam chamando seu nome.

Clarion.

Ou era Milori?

“Clarion,” ele disse firmemente. “Fique comigo.”

Ela estava tão cansada. Mas se Milori tivesse pedido para ela ficar... bem, havia pouca coisa neste mundo que ela negaria a ele. Qualquer coisa que ela pudesse dar era dele. Suas palavras estavam arrastadas quando ela disse: “Fale comigo.”

Houve um momento de silêncio antes que ele soltasse um som ofegante, como se não pudesse acreditar no que estava prestes a dizer. “Você sabia que eu vi sua estrela cair?”

Com isso, a menor faísca de calor acendeu-se nela. Com os olhos turvos, ela sorriu. “Sério?”

“Realmente.”

Ela forçou os olhos a se abrirem diante da ternura na voz dele. Envolto em luz celestial, ele parecia quase sobrenatural. Ele olhou para ela com desespero feroz, partes iguais de adoração e dor. Isso fez uma dor florescer dentro dela, uma emoção que ela não conseguia nomear borbulhando na superfície do lago turvo de seus pensamentos.

“Eu não sabia na época que isso nos traria uma nova rainha. Eu nunca tinha visto uma estrela cadente antes; elas caem tão rápido. Mas eu peguei o momento exato em que ela voou pelo céu. Eu me lembro de me sentir tão...” Ele parou de falar, sua voz suavizando. Um sorriso agridoce surgiu em seu rosto. “Eu não sentia esperança há muito tempo, mas eu senti naquela noite. Eu até fiz um pedido.”

Um desejo? Não se deve compartilhar desejos, ela sabia. Isso tende a torná-los impotentes. Mas, certamente, se tivesse sido feito em sua própria estrela, ela poderia mantê-lo seguro para ele.

Como se sentisse a mudança de seus pensamentos, ele respondeu. “Eu queria que pudesse haver um futuro diferente para mim em Pixie Hollow,” ele disse calmamente. “Um onde eu não estivesse preso aos Pesadelos. Onde talvez nossos mundos não estivessem tão divididos.”

Um lindo desejo. Quando ela se permitiu visualizá-lo, seu coração se encheu de desejo. Ele entrelaçou os dedos nos dela e roçou os lábios contra os nós dos dedos dela.

“Haverá”, ela sussurrou. “Eu prometo.”

Se fosse a última coisa que ela fizesse, ela realizaria o desejo dele.

As estrelas acima brilhavam mais intensamente. A expressão de Milori se encheu de admiração enquanto suas luzes dançavam na neve flutuando ao redor deles. Quando seu olhar encontrou o dela novamente, ela não conseguia se lembrar de como respirar. Que lindo, ver o momento exato em que ele se apaixonou por ela. Talvez ele sempre a tenha amado, em algum nível, desde aquela noite em que se permitiu

ter esperança novamente. Mas com a escuridão invadindo — com sua mente flutuando em algum lugar além dela — ela não conseguia se convencer de que não tinha imaginado. Certamente, ela pensou, algo tão lindo tinha que ser um sonho.



Quando sua visão voltou a ficar nítida, eles já haviam pousado. Clarion estava encolhida de lado, ainda aninhada com segurança nas penas de Noctua. Levou apenas um momento para perceber que eles tinham parado na fronteira do inverno e da primavera — e que Milori não estava mais ao seu lado. Com um sobressalto, ela lutou para se levantar sobre o cotovelo. Mas com sua força esgotada, ela desmoronou mais uma vez. Ela só conseguia gemer fracamente enquanto o mundo se inclinava em seu eixo.

Desse ponto de vista, ela conseguia ver pouco além de flocos de neve se acumulando em seu cabelo e girando preguiçosamente diante dela. O luar branco brilhando na superfície do rio. E ali, ao longo de suas margens, trilhas profundas de pegadas, em camadas umas sobre as outras. Milori estava andando de um lado para o outro, ela pensou — *ainda estava* andando de um lado para o outro. Ele voltou a aparecer, com uma expressão que beirava o desânimo.

O que aconteceu?

A cabeça de Clarion doía com o esforço de lembrar. Aqui, com o frio fazendo sua casa dentro dela, a resposta escapou ela. Tudo parecia tão distante, como se ela estivesse se observando de uma grande altura.

“O que você está fazendo?” Clarion conseguiu perguntar. Sua própria voz soou confusa.

Milori se assustou, claramente chocado ao encontrá-la acordada. Depois de um momento, suas feições se acomodaram em uma postura sombria. “Nada. Onde estão seus curandeiros?”

Ela franziu a testa, esforçando-se para se concentrar. “Campos de matricária.”

“Onde é isso?” O desespero estava estampado em sua voz.

A resposta claramente importava para ele. Ela podia se agarrar à consciência, só por mais um pouco. “A fronteira do verão e do outono.” Milori respirou fundo para se acalmar. “Tudo bem, então.”

Com a determinação em sua voz, ocorreu a ela — tarde demais — por que ele havia perguntado. Memórias inundaram de volta. O enxame de Pesadelos. Uma detonação de luz. Milori, determinada a devolvê-la às estações quentes. Um raio de urgência cortou seu delírio: *Ele não pode*. Se ele cruzasse a fronteira, ele quebraria suas asas.

Tinha que haver outra maneira. Se ela conseguisse encontrar forças para andar, ou mesmo ficar montada em Noctua... Mas não, ela mal conseguia

mexer um dedo. Até mesmo seu tremor havia parado, como se seu corpo tivesse perdido a esperança de se aquecer novamente. Sua única chance era sua magia. Embora ela nunca tivesse conseguido se teletransportar, Elvina lhe ensinou a teoria por trás disso. Se ela conseguisse fazer isso apenas uma vez na vida, tinha que ser agora. Ela alcançou profundamente dentro de si mesma e sentiu como se estivesse raspando as unhas contra o fundo de um poço seco. Um suspiro suave de dor escapou dela. Não havia mais nada.

E assim, não havia outra opção.

“Deixe-me”, ela disse asperamente.

Enquanto ele a bebia, seu pânico lentamente se transformou em agonia. Ambos sabiam que, nesse estado, era muito mais provável que ela caísse do que chegasse intacta aos curandeiros. “Seu brilho está quase totalmente extinto.”

Ela supôs que sim, agora que ele mencionou. Distantemente, ela notou sua pele amarelada; a noite, sem um brilho para empurrá-la para trás, se acomodando sobre ela como um manto. Clarion não sentiu dor, mas o olhar em seus olhos a destruiu: completamente desamparada. Era como se ele estivesse morrendo junto com ela.

Havia algum argumento que ela pretendia fazer, mas estava escapando dela. Era muito difícil forçar as palavras a saírem. Muito difícil se agarrar à consciência. Quando seus olhos se fecharam, ele soltou um som estrangulado. Com um bater de asas, ele flutuou nas costas de Noctua e a envolveu em seus braços.

“Milor...pare.”

Ele não respondeu. Ele apenas pegou as rédeas com uma mão e as estalou, incitando Noctua a voar mais uma vez. Ele nem sequer vacilou enquanto eles voavam sobre a fronteira. Passar para a primavera parecia mergulhar em água quente. Enquanto ela a inundava, Clarion queria soluçar de alívio e horror. Uma fada do inverno não tinha proteção aqui.

“Por favor.” Seus lábios formaram a palavra, mas ela saiu como um mero fio de som.

Ele a ouviu?

Com a cabeça pendendo contra o ombro dele, tudo o que ela conseguia ver era o maxilar dele firme em determinação e o olhar de aço fixo à frente. Sua pele pálida já estava começando a ficar vermelha. O suor escorria em sua têmpora. Inclinação contra ele como estava, ela conseguia sentir o coração dele disparado.

O calor era demais para ele.

“Suas asas.” Sua voz estava grossa de emoção. Quando ela começou a chorar? Tinha acontecido tão de repente.

“Clarion.” Ele disse o nome dela como um apelo. “Pesados contra sua vida, eles não são nada para mim. Eu faria essa troca todas as vezes.” Essas palavras quase a quebraram. Lágrimas escorriam livremente por suas bochechas, mas ela não tinha mais forças para enxugá-las. Ela mal

conseguia se concentrar nele; o mundo girava, marmorizado pelo remela em seus olhos. "Por quê?"

"Pixie Hollow precisa de você," ele disse calmamente. "Como diretor, tenho o dever de defender Pixie Hollow. Isso significa proteger você." Se ao menos ela tivesse os meios para discutir com ele... Ela o atacaria com tudo o que tinha. Como a segurança dele poderia significar tão pouco para ele? Mas ela tinha sido reduzida a uma cativa em seu próprio corpo, forçada a assistir enquanto ele se sacrificava por ela. Era o pior tipo de tortura que ela podia imaginar.

"Fique bravo se for preciso", ele disse, "mas não posso perder você". Infelizmente, ela entendeu que faria o mesmo.

Que tolos seus corações fizeram deles.

Clarion soube o momento em que cruzaram o verão. Abaixo deles, havia um borrão de verdes exuberantes e flores douradas. Mas seu calor suspirava sobre sua pele como se a acolhesse em casa. A água escorria por seu pescoço enquanto a neve emaranhada em seu cabelo derretia. Lentamente, a sensação retornou às suas extremidades. Ela não queria isso, não quando parecia que mil agulhas perfuravam sua pele antes dormente. O calor do ar, no entanto, não fez nada pelo frio dentro dela. Seu peito estava tão escuro e vazio quanto o espaço entre as estrelas. A respiração de Milori ficou irregular, agitando os cabelos que se enrolavam em volta do seu rosto. Este era, de longe, o lugar mais perigoso de Pixie Hollow para ele. À noite, pelo menos, era apenas abafado — nada como as tardes escaldantes sob o sol castigador. O cheiro familiar de matricária chegou até ela. Quando Clarion virou seu olhar turvo para fora, ela viu cada branco pétala encharcada de luar. Nunca antes pareceu tão bonito, ou tão horrível.

"Pronto", ela disse miseravelmente.

Quando pousaram no campo, Milori escorregou das costas de Noctua e aterrissou pesadamente, como se mal conseguisse suportar seu próprio peso. Ele se aproximou da porta da clínica dos talentos-curandeiros com passos lentos e cambaleantes. Clarion não conseguia desviar o olhar de suas asas. Elas estavam dobradas contra suas costas, mas pareciam estar... murchando.

Não, ela pensou. Derretendo.

Elas pingavam das pontas como pingentes de gelo no degelo do início da primavera. A simples visão disso fez seu estômago revirar com ondas nauseantes de culpa. Ela não conseguia imaginar a determinação necessária para superar esse tipo de dor. Ele bateu, seu punho caindo fracamente contra a porta.

Em instantes, um talento de cura apareceu no limiar, iluminado pela iluminação que filtrava de dentro. Clarion não conseguia ouvir o que eles estavam dizendo daqui, mas conseguia imaginar o formato geral da conversa. Ela observou as emoções rasgando o curandeiro enquanto

Milori falava: confusão dando lugar ao choque — e então à calma sombria nascida da urgência.

Ela assentiu para ele, então desapareceu de volta para a clínica. A porta, ela deixou entreaberta. Um vaga-lume mensageiro rastejou pela abertura e partiu em direção à Árvore de Pó de Pixie, sua barriga piscando com o sinal de emergência.

Milori voltou para ela. “Vou ter que te mover.”

Com um suave grunhido de esforço, ele a abaixou das costas de Noctua. Ele a pegou nos braços e a carregou para a clínica. Sua pele, geralmente tão fria contra a dela, estava febrilmente quente. Velas queimavam fracamente, derretiam em poças de cera em seus pratos rasos. O cheiro suave de ervas curativas — erva-pinheira mentolada e raiz de bardana acre — perfumava o ar. A única a única coisa em que ela conseguia se concentrar era no ritmo *do gotejar, gotejar, gotejar* das asas dele contra o assoalho.

“Aqui atrás”, alguém gritou para Milori.

Milori caminhou hesitantemente pela clínica. Na quase escuridão, Clarion não conseguia ver muita coisa, mas sabia quando passavam por baixo da cortina de suculentas. Suas folhas cerosas batiam umas nas outras e roçavam quase ternamente em seu rosto. Ele a levou para o quarto reservado para fadas em estado crítico. Ainda não parecia muito real, mesmo quando ele a deitou no berço. Seus dentes batiam. Milori desabotoou o broche em seu pescoço e colocou sua capa sobre ela.

Pensando nela, mesmo agora.

“Vá,” Clarion sussurrou. “Por favor.”

Ele pareceu abalado. “Não posso.” Ele se ajoelhou ao lado da cama dela. “Ainda não.”

“*Por favor*, Milori.” Ela tateou em busca de algo, qualquer coisa, para convencê-lo, mas não tinha nada. Ela mal conseguia entender os sons que saíam de sua boca. Através de seu delírio, ela podia ver o brilho de suor em seu rosto. Ela podia ouvir os curandeiros gritando uns com os outros. Clarion registrou apenas sensações fugazes. Água fria em seus lábios. Brilhos de pó de pirlimpimpim. A picada de uma agulha. E calor, lentamente, lentamente retornando. Ela não sabia se eram minutos, horas ou dias que se passaram quando ela ouviu uma voz.

“Diretor?”

Elvina, ela pensou. Seu tom era cauteloso, mas não chegava nem perto da hostilidade que ela havia lançado contra ele mais cedo naquela noite.

Clarion abriu os olhos, apenas um pouco, para olhar para a luz da vela lançada no teto. Ela oscilou hipnoticamente enquanto a chama dançava sobre o pavio. Que estranho, estar envolta em uma escuridão tão completa. Suas asas eram tão transparentes quanto vidro escurecido. Apenas as partículas mais tênues de luz das estrelas brilhavam dentro delas.

“Eu precisava saber se ela ficaria bem”, respondeu Milori, com a voz rouca.

Elvina fez um som, algo entre admiração e descrença. “Você deve ir agora. Retorne para Winter antes que seja tarde demais.”

Nenhum dos dois falou. Por um momento, Clarion acreditou que eles não tinham sido nada além de invenções que sua mente confusa havia conjurado, agora desaparecidas.

Mas então, Elvina disse: “Obrigada.”

Ela não precisava esclarecer.

“Ela faria o mesmo por mim”, disse Milori.

Clarion se esforçou para se agarrar àquelas palavras. Mas a escuridão se insinuou nos cantos de sua visão. A última coisa que ela ouviu antes de escorregar para baixo novamente foi:

“Ela vale a pena proteger.”



Quando Clarion acordou, o brilho suave das lanternas encheu a sala de recuperação privada com luz quente, brilhando nos frascos e jarras que enfileiravam as prateleiras. O céu do lado de fora de sua janela estava estriado com faixas de azul profundo e laranja enquanto o sol espreitava da linha do horizonte.

Estou viva, ela pensou vagamente.

Afinal, ela viveu para ver o amanhecer.

Mesmo sob as cobertas, o frio permanecia abaixo de sua pele e se enrolava em seu coração. Experimentalmente, ela enrolou os dedos.

Ainda presos, felizmente. Nada havia sido perdido devido ao congelamento. Ela puxou o cobertor e deu um suspiro de alívio ao ver suas asas brilhando fracamente na escuridão antes do amanhecer. Os redemoinhos de ouro enfiados neles haviam retornado, embora o brilho que emitiam tivesse diminuído.

Quando ela rolou para o lado, seu olhar se fixou na capa pendurada na cadeira de cabeceira.

Milori.

O próprio pensamento dele era um pingente de gelo atravessando seu coração. Quando ela fechou os olhos, queimou ali a lembrança de suas asas murchando enquanto pingavam no assoalho da clínica. A devoção e a agonia se uniram em sua voz quando ele disse a ela, *Eu não posso te perder.*

Talvez Elvina estivesse certa.

Se ela não se importasse com ninguém, se ela tivesse se mantido afastada como deveria, nada disso teria acontecido. Se Milori a tivesse deixado na fronteira, as estrelas teriam corrigido seu erro. Talvez outra estrela tivesse caído naquela mesma noite para substituí-la. Outra fada com asas douradas, com um coração que combinava com seu talento: uma equilibrada e prática, uma que não ansiava por coisas que não podia ter.

Em vez disso, ele garantiu que Pixie Hollow a teria, com todas as suas imperfeições, por toda a sua longa vida. Ela queria gritar. Ela queria roubar os frascos das prateleiras e ouvi-los se estilhaçando. Ela queria voltar no tempo — fazer tudo em seu poder para salvá-lo de sua própria abnegação.

Como ele pôde fazer isso?

Não, como *ela* pôde fazer isso? Se alguém era culpado por isso, era ela sozinha. Ela tinha sido egoísta o suficiente para puxá-lo para sua órbita. Uma rainha não foi feita para viver entre seus súditos. Ela não podia se misturar e envolvê-los em coisas além do escopo de seus talentos. Ela sempre foi destinada a ficar sozinha.

Já era hora de ela parar de lutar contra isso.

“Clarion.”

Ela se assustou, piscando forte ao som de seu nome. Em sua desorientação, levou um momento para processar que o quarto havia clareado. A luz do sol do fim da manhã entrava pela janela, suavizada ao se filtrar através das folhas, e banhando seu rosto suavemente com seu calor.

Ela deve ter adormecido novamente.

Embaçada, ela tocou sua bochecha. Lágrimas tinham secado em sua pele, ardendo seu rosto com sal. Ela as enxugou com as costas do pulso. Conforme sua visão se ajustava à luz do dia, Elvina entrou em foco. Ela se sentou na cadeira de cabeceira com uma exaustão profunda estampada em cada linha de seu rosto. Uma pontada de culpa caiu no estômago de Clarion. Ela tinha mantido vigília sobre ela a noite toda? “Você acordou”, Elvina disse, sua voz grossa de alívio. “Graças às estrelas.”

Clarion se apoiou em seus travesseiros. “Onde estão Petra e Artemis?”

Um pequeno sorriso surgiu no canto dos lábios de Elvina, como se ela esperasse tal pergunta. Ele desapareceu tão rápido quanto surgiu, substituído por uma máscara de rainha — aquela que ela reservava para transmitir más notícias com calma e distanciamento. “Ambos estão aqui. Eu vi o diretor brevemente antes de ele partir para Winter. Ele nos pediu para enviar curandeiros para a fronteira para buscá-los.”

Claro, ela pensou. Mesmo quando ele estava sofrendo, ele pensou em coordenar com Elvina como levá-los para casa. “Como eles estão?”

“Artemis terá um longo caminho para se recuperar, mas ela está em condição estável. Petra está dormindo, como as outras.”

A garganta de Clarion se apertou. “E Milori?”

Elvina hesitou. “Ele não parecia bem.”

“Eu vejo.”

Clarion fechou os olhos com força. Por mais que quisesse acreditar que ele havia retornado ileso, ela não podia ser tão ingenuamente otimista. Nenhuma fada do inverno poderia permanecer nas estações quentes sem consequências. Se ela pensasse mais sobre isso, ela não sabia que conseguiria se controlar.

Elvina observou-a controlar suas emoções. Quando ela se recompôs, Elvina disse: “Você estava certa, Clarion.”

Clarion juntou a ponta do cobertor e enxugou os olhos. Uma risada sem humor escapou dela. “Sobre o quê?”

“Sobre o diretor.” Sua boca se contorceu em um pequeno muxoxo de desgosto, como se a machucasse admitir que estava errada. Depois de um momento, ela suspirou. “Sobre tudo. Meu plano era míope na melhor das hipóteses — e incrivelmente perigoso na pior. Nossos reinos deveriam estar trabalhando juntos.”

Clarion queria ouvir essas palavras há tanto tempo. E, ainda assim, ela mal conseguia acreditar nelas. “De onde isso está vindo?”

“Ele salvou sua vida”, Elvina respondeu com naturalidade. Ela cruzou as mãos no colo. “Por isso, tenho uma dívida com ele.”

Então ainda havia uma chance de consertar isso.

Talvez sua magia não tenha sido poderosa o suficiente para prender os Pesadelos como os talentos dos sonhos já fizeram. Mas o livro do Guardião também falou de um Pesadelo habitando nas profundezas de sua prisão como uma abelha rainha em sua colmeia. Um poderoso o suficiente para comandar seus drones — para manter todo o seu poder. A luz das estrelas de Clarion havia obliterado todos os Pesadelos do lado de fora do Hall of Winter. Se ela derrotasse a Rainha Pesadelo, certamente seu feitiço adormecido quebraria. Mas ela ainda estava se recuperando. E, além disso, todas as tentativas que ela fizera para ajudar só pioraram as coisas no final.

“Você pode me ajudar. Juntos, com nossa magia governante, podemos destruir os Pesadelos,” Clarion disse.

“Não posso.” Elvina sorriu tristemente. “Meu poder está diminuindo.”

“Minguando?” Sua voz soou terrivelmente baixa para seus próprios ouvidos, quase infantil.

Elvina abriu a mão. A luz das estrelas floresceu como uma rosa em sua palma, desabrochando lentamente. Queimava firmemente — mas certamente não tão brilhante quanto Clarion estava acostumada. Elvina fechou a mão, dedos, apagando-o. “Não consigo mais fazer muito mais do que isso.”

Ela nunca tinha ouvido falar que o talento de uma fada *diminuía* com o tempo. “Por quê?”

“É o jeito das coisas,” disse Elvina. “Logo após sua coroação, retornarei às estrelas, assim como todas as rainhas antes de nós fizeram.”

“Eu não...” Clarion balançou a cabeça. Ela não conseguia processar; ela se recusava a fazê-lo. As palavras de Elvina ficaram borradas e sem sentido.

Se isso fosse verdade, então certamente ela teria visto os sinais.

Elvina não parecia diferente, não é? Mas então, Clarion mal conseguia se lembrar de como ela era quando chegou pela primeira vez em Pixie Hollow. Havia novos fios grisalhos em seu cabelo? Ela sempre pareceu frágil, seus ossos delicados e semelhantes a pássaros sob sua pele pálida? Fadas viviam vidas longas, rainhas ainda mais do que a maioria. Mas elas não deveriam simplesmente morrer de algo tão mundano quanto *a idade*.

“Não entendo”, disse Clarion finalmente.

“Sinto muito, Clarion.” A voz de Elvina vacilou, apenas um pouco. Sua testa franziu com a dor que ela tentou e não conseguiu dominar. “Há tantas coisas que eu deveria ter te contado. Eu deveria ter te contado antes, mas eu não sabia como.”

Clarion não queria ouvir isso. Por muito tempo, ela quis que Elvina confiasse a ela a verdade. Agora, parecia demais para suportar. Lágrimas queimaram na garganta de Clarion quando Elvina estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Clarion.

“Eu nunca estive no Continente, mas ouvi muitos relatos sobre ele. Os humanos amam seus filhos desde o momento em que nascem. Eles os criam na esperança de que sejam melhores do que seus pais jamais foram.” Os dedos de Elvina permaneceram no queixo de Clarion.

“Quando eu vi você surgir daquela estrela, acho que entendi algo do que as mães devem sentir. Eu sei o quão difícil e confuso é ser contado a partir da momento em que você respira pela primeira vez que o mundo depende de você. E como você sabe em seu coração que isso é verdade.

“Eu vi tantas maneiras pelas quais você era como eu, mas vi muitas outras maneiras pelas quais você não era. A experiência me ensinou muitas lições, a maioria delas duramente conquistadas e dolorosas. Eu queria te proteger disso. Eu não queria que você se machucasse. Você é preciosa para mim.” Elvina deixou sua mão cair. “O peso de um reino é pesado, e nossas vidas são longas. E todas as fadas que você ama acabarão desaparecendo enquanto você permanece inalterada. Eu me mantive separada para que eu não sofresse mais do que eu poderia suportar. Eu te encorajei a fazer o mesmo, embora eu pudesse ver o quanto isso te doía. E você se esforçou tanto por mim.”

O coração de Clarion doeu por ela, mais do que ela jamais imaginou ser possível. Ela via Elvina como a garota que ela tinha sido e a mulher que ela era agora — uma com uma existência longa e solitária e moldada pela perda. Elvina tentou protegê-la do mal. No final, seus melhores esforços só deixaram um novo tipo de cicatriz — um espelho distorcido

das próprias feridas de Elvina. Mas, finalmente, Elvina libertou as duas. Clarion poderia escolher por si mesma que tipo de rainha ela queria se tornar.

Eu queria que houvesse um futuro diferente para mim em Pixie Hollow, Milori disse a ela.

O pensamento nele — de um desejo que ela carregava seguro dentro de si — despertou algo nela. A luz das estrelas acendeu no frio oco de seu peito, girando através dela como o calor reconfortante de uma fogueira no outono. Talvez ela pudesse tornar esse sonho uma realidade para ambos. Talvez uma boa rainha *fosse* como a estrela da qual ela nasceu. Não uma fria e distante — mas uma que carregasse as esperanças de seus súditos para a frente.

Se fosse a última coisa que ela fizesse, ela tinha que fazer os sacrifícios dele valerem a pena. Ela tinha que proteger Pixie Hollow — e todos com quem ela se importava — com tudo o que tinha. Esse, ela decidiu, era o tipo de rainha que ela era.

“Acho que entendi agora,” Clarion murmurou. “Obrigada, Elvina. Por tudo.”

“Claro.” Ela pareceu um tanto surpresa. “Agora descanse e recupere suas forças. Encontraremos um caminho a seguir juntos.”

Juntos. Parecia um conceito tão doce. Mas isso, ela tinha que fazer sozinha. Ninguém mais seria machucado por causa de seus fracassos. Quando a porta se fechou atrás dela, Clarion se agarrou àquela centelha determinada de esperança dentro dela. Ela brilhou, quente como uma brasa, então se abanou mais forte. Para acabar com isso, ela teria que enfrentar a Rainha Pesadelo sozinha — antes que ela se libertasse. Ela teria que ir para baixo do gelo.



No terceiro dia de sua convalescença, Clarion planejou sua fuga. Ela não sabia se algum dia estaria realmente pronta para enfrentar os Pesadelos novamente, mas se sua iminente coroação lhe ensinou alguma coisa, era que ninguém nunca se sente totalmente preparado para coisas difíceis.

Ela esperou até que o nascer do sol tingisse a linha do horizonte de vermelho-sangue e os sons matinais do verão filtrassem pelas janelas entreabertas da clínica. A essa altura, Clarion já estava sintonizada com os ritmos da vida ali. Nessas horas de crepúsculo, os curandeiros mantinham um fluxo constante de conversas na sala ao lado, fofocando sobre algum drama no local de trabalho ou outro. Nada terrivelmente interessante, pelo que Clarion conseguiu reunir. O grito alegre dos tentilhões e os chamados suaves das pombas de luto preenchiam as calmarias da conversa.

Era agora ou nunca.

Seu casaco de inverno estava dobrado ao lado da cama, e quando ela o sacudiu, estava intacto, apesar de algumas manchas de sangue. Ele sobreviveria a pelo menos mais uma viagem ao inverno. Tudo o que faltava era sair da clínica sem ser vista. O que significava que ela teria que superar o último obstáculo da magia de talento de governo: teletransporte.

Ela nunca tinha conseguido antes. Mas agora, com a luz das estrelas queimando firmemente dentro dela, ela não sentia nada além de uma certeza calma. Clarion encolheu os ombros em seu casaco e sacudiu a janela o resto do caminho aberto. Melhor se sua primeira tentativa real não fosse através de um objeto sólido, ela decidiu. Ela respirou fundo e fechou os olhos.

Agora, se ela apenas se imaginasse ficando cada vez mais leve...

Um brilho emanava de dentro dela. Quando ela levantou as mãos até o nível dos olhos, ela podia ver suas bordas ficando mais fracas e se transformando em faíscas douradas. O choque repentino de pânico foi rapidamente substituído por alegria. Pouco a pouco, ela se dissolveu em uma nuvem cintilante de pó de fada. Como se convocada por seus caprichos, a brisa soprou. Ela dançou através das folhas e a carregou em sua corrente suave. Ela flutuou pela janela aberta, tão silenciosa e disforme quanto a névoa rastejando pela encosta da montanha. Ela flutuou sobre as matricárias e foi até a linha das árvores. Assim que ela estava seguramente abrigada na sombra da floresta, ela se permitiu tomar forma novamente.

Ela tinha feito isso.

Clarion riu, um som de descrença. Ela se sentiu desorientada e instável em seus pés, mas um rápido olhar para baixo confirmou que tudo dela tinha realmente sobrevivido. Nenhum membro deixado para trás — um sucesso em seu livro. Mas ela não teve tempo para se maravilhar com o que tinha feito.

Clarion subiu aos céus e partiu para a fronteira. Agora que a centelha de luz das estrelas dentro dela havia reacendido, o frio que havia se enterrado em seus ossos começou a se levantar. Seu brilho não estava nem perto de seu esplendor usual, mas a luz do sol que penetrava em suas asas parecia quase curativa. A cada batida de asas, faíscas douradas dançavam pelo ar ao redor dela.

Abaixo dela, Needlepoint Meadow era um vasto mar verde. Cardos correndo cortavam a grama alta, ocasionalmente batendo uns nos outros em sua pressa. Era incomum ver tantos deles aglomerados, mas Clarion logo viu o motivo: uma longa faixa enegrecida de campo, como uma cicatriz esculpida na terra. Os cardos devem ter sido expulsos de suas casas pelos Pesadelos. Determinação explodiu dentro dela, alimentada por sua raiva.

De uma vez por todas, ela acabaria com isso.

Quando chegou à fronteira, sentiu uma pontada de alívio e tristeza ao mesmo tempo porque a ponte estava vazia. *Ótimo*, pensou. Seria mais fácil para ela se não tivesse que convencer Milori a ficar para trás. Clarion fechou os botões do casaco e cruzou para Winter. Ela saiu da ponte e inclinou a cabeça em direção ao céu. Por alguns momentos, ela permaneceu ali: respirando o ar fresco e o cheiro das sempre-vivas, saboreando o frio nas bochechas, observando os flocos de neve caírem descontroladamente. Ela nunca tinha visto Winter Woods à luz do dia. A neve brilhava como se fosse incrustada com diamantes, e o gelo espalhava luz dourada pelo chão.

Lindo, ela pensou.

Ela ficou surpresa como um lugar podia carregar memórias tão alegres e dolorosas. Mas ela queria se lembrar do inverno assim: um amigo, mantendo seu silêncio companheiro com ela. O vento balançava seus cabelos, puxando quase de brincadeira as pontas.

“É hora de libertá-lo”, ela murmurou.

Daqui, era uma longa jornada até a prisão dos Pesadelos. Se ao menos ela pudesse invocar Noctua... Clarion franziu a testa quando a ideia lhe ocorreu. Certamente não custaria nada tentar. Ela levou os dedos aos lábios e assobiou.

Não aconteceu nada.

Lentamente, ela deixou a mão cair ao lado do corpo, sentindo-se bastante tola por ter tentado. Mas então, um pio inquisitivo soou logo acima dela.

Clarion engasgou. “Noctua!”

A coruja girou a cabeça para inspecionar Clarion. De alguma forma, ela conseguiu parecer bastante incrédula. Claramente, ela não esperava que *Clarion* a chamasse. No entanto, ela pulou do poleiro e agitou suas penas em saudação.

Tonta demais para lembrar do medo, Clarion quase pulou para frente e arrastou os dedos contra o bico de Noctua. Sua mão parecia tão frágil contra a ponta mortal dela. Quão rápido, ela pensou ironicamente, ela havia perdido todo o seu instinto de autopreservação. Talvez Milori tivesse sido uma má influência, afinal. Esperançosamente, ele não se importaria muito se ela pegasse emprestado seu animal de estimação.

“Desculpe,” ela disse suavemente. “Hoje somos só você e eu.”

Noctua piscou lentamente. Clarion não tinha certeza, mas parecia aceitação.

Clarion olhou para ela enquanto uma terrível percepção se apossava: ela estaria cavalgando sozinha. Mas ela havia praticado o suficiente, certamente. E o risco de cair era muito superado pelo de caminhar. Ela *tinha* que chegar lá antes do anoitecer, afinal.

“Tudo bem”, ela se tranquilizou, “você consegue fazer isso”.

Segurando as rédeas, Clarion subiu nas costas de Noctua. Assim que ela encontrou seu equilíbrio, um sorriso surgiu em seu rosto. Isso não foi

tão difícil. Agora, o que Milori fez para fazê-la ir? Ah, isso mesmo. Tentativamente, ela estalou as rédeas.

Noctua disparou como uma flecha. E como estava sozinha, Clarion não se preocupou em abafar seu grito.

Eles irromperam do dossel em uma chuva de neve e galhos de pinheiro. O sol refletiu nas asas de Noctua, pintando as bordas de suas penas com um brilho iridescente. A coruja disparou para a frente a toda velocidade enquanto as rédeas escorregavam inutilmente pelos dedos de Clarion. Ela se abaixou sobre o pescoço de Noctua, seu cabelo solto chicoteando selvagemmente atrás dela. Depois de um momento frenético de luta, ela agarrou as rédeas e as engasgou. Noctua jogou a cabeça para trás em protesto.

“Uau!” Sua voz estava débil, meio terror e meio alegria.

Com o controle recuperado, Clarion se firmou. Foi preciso toda a força de suas coxas e antebraços para se manter sentada, mas ela estava conseguindo. Com uma onda de triunfo, ela incitou Noctua a seguir em direção à prisão dos Pesadelos.

Agora ela entendia por que Milori gostava tanto de voar nas costas de uma coruja.

Eles voaram alto sobre os pinheiros e bétulas, mergulhando apenas quando Clarion avistou o olho do lago congelado. Eles pousaram na costa, e Clarion desmontou. Suas pernas tremeram, e ela se firmou contra Noctua. Ela permaneceu ao lado da coruja, olhando para a extensão brilhante do lago. Mesmo na luz fria da manhã, aquela sensação oleosa de pavor a atingiu mais implacavelmente do que nunca. Ela lutou para suprimir seu estremecimento.

“Deseje-me sorte.”

Noctua deu um beijo em seu ombro, o que ela decidiu interpretar como um desejo de melhoras.

Clarion caminhou em direção à costa com passos lentos e instáveis. O gelo parecia mais fino do que da última vez que esteve ali; ele se movia e estalava sob seu peso. Mas foi somente quando chegou ao centro que Clarion viu os destroços da barreira que ela e Milori haviam criado.

Fragmentos de gelo brilhavam como uma confusão de vidro quebrado, e os delicados fios de luz das estrelas tinham sido quebrados como se não fossem nada mais do que teias de aranha. A prisão tinha se aberto o suficiente para liberar todos, exceto os maiores Pesadelos. Talvez a magia do talento de governar fosse realmente incompatível com a magia dos sonhos, ou talvez os Pesadelos tivessem se tornado poderosos demais para serem contidos por mais tempo. Seja qual for o motivo, Clarion garantiria que eles nunca mais machucassem outra fada.

À luz do dia, o que quer que permanecesse sob o gelo estava assustadoramente parado. Mas Clarion podia sentir os olhos deles perfurando-a enquanto ela olhava para o mundo abaixo do lago. Estaria congelando lá dentro? Haveria água afinal, pronta para arrastá-la para

suas profundezas mais escuras? A incerteza a arranhava. Ela tinha
chegado até ali, e só havia realmente uma maneira de descobrir.
Ela pulou na água.



Clarion antecipou um respingo, uma onda de frio. Mas enquanto ela deslizava sob o gelo, não havia nada além de espaço aberto e escuridão envolvendo-a. Sua queda diminuiu, então parou completamente. Mesmo com suas asas presas sob seu casaco, ela flutuava em algum lugar acima do abismo sem fundo, suspensa na escuridão total. Uma sensação de rastejamento se espalhou por sua pele, semelhante à sensação dos olhos de um predador fixos nela do mato. Algo a observava.

Clarion reprimiu um estremecimento e inclinou a cabeça para trás. Dali, ela podia ver a rachadura na prisão pela qual havia entrado — e logo além, lanças de luz diáfana filtrando para baixo. O sol iluminava o gelo de cima, lançando padrões estranhamente belos ao seu redor. O mundo acima estava borrado e tentadoramente fora de alcance. Ela quase conseguia entender por que os Pesadelos queriam escapar tão desesperadamente. Não havia nada nada aqui embaixo: sem luz, sem som, sem cheiros. Isso a perturbava terrivelmente.

Então, começou a *pingar, pingar, pingar constantemente*. A respiração de Clarion ficou presa na garganta. Parecia muito com... Balançando a cabeça para dissipar o pensamento, ela exigiu: "Quem está aí?"

Nenhuma resposta, apenas *pinga, pinga, pinga*. O som ricocheteou em sua mente, enlouquecedoramente alto. A cada gota, culpa e horror subiam por sua garganta como bile. Ela girou em direção ao som e canalizou seu poder. A luz das estrelas se acumulou em

suas palmas, mas a cortina de sombras não se levantou. A sensação de pressão insuportável — de malícia — se intensificou. Mas ela viu um fino fio branco contra a escuridão.

Milori.

Ela só viu de relance o cabelo dele esvoaçando atrás dele enquanto ele recuava com passos lentos e vacilantes. Isso a lembrava muito de como ele estava na outra noite, se arrastando escada acima até a clínica dos curandeiros.

“Milori?” ela chamou. Sua voz ecoou infinitamente na escuridão.

Ele não a reconheceu.

De repente, seus pés pisaram em chão firme. Ela tropeçou ao recuperar o equilíbrio. Nada apareceu abaixo dela que ela pudesse ver, mas a cada passo à frente, a escuridão ondulava sob seus pés como se ela tivesse pousado na superfície de um lago parado e escuro. Gradualmente, ela começou a correr. Ela tinha que alcançá-lo.

O que ele estava *fazendo* aqui? E para onde ele estava indo?

“Milori!”

Ela correu atrás dele. Mas não importava o quão rápido ela se movia, não importava o quão longe eles viajassem, ele nunca parecia se aproximar. A escuridão se agitava ao redor dela, as sombras deslizando, nadando e se fechando.

Uma mudança na pressão do ar. Então, algo se lançou contra ela.

Clarion se abaixou, mal se esquivando do estalo de dentes quando eles se fecharam sobre sua cabeça. Ela disparou um raio de luz estelar nele. O que quer que fosse, encolheu-se, sibilando sua fúria por ter sido frustrado.

Seu coração batia forte na garganta; suas mãos, incandescentes por sua magia, tremiam. Como ela deveria lutar quando mal conseguia ver seus inimigos? Mas ela não podia perder tempo ali; ela não podia perder Milori em um lugar como este.

Quando ela olhou para cima, ela o viu parado a uma curta distância, olhando para ela com aqueles penetrantes olhos cinzentos. Clarion avançou em sua direção. Quanto mais perto ela chegava dele, mais o mundo começava a tomar forma ao seu redor em tons de carvão.

Silhuetas de árvores surgiram da escuridão. A grama brotava, balançando em um vento que ela não conseguia sentir. Seus pés sabiam exatamente para onde levá-la, quais obstáculos passar por cima, como se esse fosse um sonho pelo qual ela já havia vagado muitas vezes antes. Não era mais inverno.

Milori se virou e se afastou dela com propósito, sem se importar com o que o calor faria com ele. Não, ela pensou. O que *já tinha* feito com ele. Ela não podia ver isso acontecer novamente.

Nuvens se acumulavam no alto, delineadas por um sinistro brilho violeta. Parecia o momento antes de um raio cair — como o momento antes de um ataque de Pesadelo. Cada pelo da nuca dela se arrepiou, e

sua pele se arrepiou com uma ansiedade informe. Sua mente havia se esvaziado de todos os pensamentos, mas *eu tenho que pará-la*.

O ar engrossou e se acomodou pesadamente em seus pulmões. Cheirava a decomposição: um cheiro vegetal fétido, enjoativamente doce, que fez seu estômago revirar. Ela reconheceu este lugar agora: o último trecho de floresta antes de chegar ao rio que dividia a Árvore de Pó de Pixie do Verão.

Enquanto ela avançava, ela poderia jurar que ouviu gritos.

Espinhos brotaram da terra, bloqueando seu caminho. Clarion abriu caminho para frente e tropeçou, sua bota prendendo em uma videira virada para cima. Ela se esparramou no chão, raspando a pele das mãos. Sangue brotou em suas palmas e pingou em seus pulsos. Mas a dor mal a tocou. Quando ela olhou para cima, o que viu a prendeu no lugar. Isso a deixou completamente entorpecida de horror.

A Árvore de Pó Mágico estava apodrecendo.

Um líquido preto viscoso pingava das pontas dos galhos, e todas as folhas estavam escorregadias com a decomposição. Uma podridão doentia lambia as laterais do tronco, borbulhando e escorrendo. Mas o pior de tudo é que havia produzido um novo crescimento fraco: cachos finos de rododendros e rosas negras, mal conseguindo se desabrochar.

Perigo, dizia. Desespero.

Me ajude.

Pools of Nightmares se erguiam do chão esponjoso em suas raízes, arranhando seu caminho em direção ao Poço de Pó de Pixie. Tudo sobre o mundo das fadas dependia da sobrevivência da árvore. Sem ela, não haveria pó de pixie. Nenhum lar. Nenhum lugar para fadas recém-nascidas pousarem. Pixie Hollow teria desaparecido — e sem Never Fairies, o que aconteceria com o Continente?

“Não,” Clarion engasgou. “Não, não, não.”

Clarion vadeou as águas rasas do rio, quase frenética em seu desespero. Ela estava suando em seu casaco de inverno. Por que ela estava usando um casaco de inverno? Os poucos Pesadelos que ela viu, ela explodiu insensatamente, mal olhando para ver se seus golpes acertaram ou se eles permaneceram no chão.

Quando chegou ao outro lado, ela agarrou a primeira fada que viu pelo ombro. “O que aconteceu?”

Ele recuou dela, com desgosto estampado no rosto. Havia algo em seus olhos com o qual ela nunca havia se deparado: ódio. Isso contorceu suas feições em um ricto horrível e fez seus olhos brilharem. A visão disso a abalou até o âmago.

“Você fez”, ele cuspiu.

Meu?

Ele se afastou dela. Clarion se virou para descobrir que um pequeno grupo havia se reunido atrás dela, amontoados enquanto observavam o coração de seu reino apodrecer. Todos eles a encararam com puro ódio.

Murmúrios se espalharam pelo grupo, baixos e sinistros. Ela conseguia distinguir algumas palavras aqui e ali:

Frio. Indiferente. Indigno.

Erro, erro, erro.

Aquilo ecoou em sua cabeça: a confirmação de todos os seus piores medos.

Não, ela ainda podia fazer alguma coisa. Ela ainda podia salvá-los. Ela não tinha vindo aqui para salvá-los? O pânico obliterou todo o sentido enquanto ela fugia para a base da Árvore de Pó de Pixie. Fadas estavam espalhadas pelas raízes, imóveis como cadáveres sob o feitiço dos Pesadelos. Algumas delas tinham começado a afundar na terra podre. E ali, contra a mancha de podridão negra, estava o derramamento do cabelo vermelho de Petra.

“Petra!”

A terra borbulhava como água de pântano, arrastando-a para as profundezas. Clarion mergulhou as mãos, engasgando com o fedor, e arrastou-a para fora.

“Petra,” ela disse suplicante. “Por favor, acorde. Sinto muito.”

Os olhos de Petra se abriram. Clarion soltou um soluço estrangulado. Se nada mais, então havia algo de bom neste mundo. Alguma pequena misericórdia.

“Você,” Petra disse, cheia de veneno. Ela se sentou lentamente, encarando Clarion sem piscar. “Você fez isso comigo. Você se recusou a me ouvir quando mais importava. Você é tão *egoísta*.”

Clarion se arrastou para trás — diretamente para as canelas de outra pessoa. Ela esticou o pescoço e se viu olhando diretamente para o rosto desapaixonado de Elvina.

te enviaram?”

“Eu não sei,” ela sussurrou, se enrolando em si mesma. “Eu não sei.”

Ela desejou que não tivessem feito isso. O peso da coroa sempre foi demais para suportar. Como ela pensou que poderia carregar tudo isso? Ter nascido com talento para governar foi um erro. Não importa o que ela fizesse, nunca melhoraria. Sempre foi destinado a acabar assim. Pixie Hollow, arruinada. Ela, sozinha e vilipendiada.

A escuridão fluía do rio, cercando-a como neblina. Qual era o sentido de lutar?

“Clarion!”

Ela conhecia aquela voz, mas de onde? Ela ousou levantar a cabeça, mas ela parecia tão pesada — e suas pálpebras ainda mais. Tudo o que ela via eram os rostos cruéis daqueles que mais a amavam e a odiavam mais amargamente. Pelo menos eles estavam desaparecendo lentamente, enquanto essa escuridão se fechava ao seu redor. Se ela se deixasse, poderia cair no sono para sempre.

“Clarion.” A voz soou muito mais tensa do que antes, agora com uma ponta de desespero. “Não é real. Você tem que acordar.”

Milori. O que ele estava fazendo aqui?

Ele não poderia estar aqui nas estações quentes. E ainda assim, ela não o tinha visto apenas alguns momentos atrás...?

Não, ela percebeu. Ela não estava nas estações quentes. Ela estava sob o gelo, nas profundezas da Floresta de Inverno. A névoa a havia envolvido completamente, tão sufocante que ela mal conseguia respirar. Se ela se concentrasse, ela poderia ver a luz violeta da magia dos Pesadelos se espalhando por seus arredores. *Uma ilusão.* Como todas aquelas fadas presas em seu sono, ela havia sido lançada no reino dos Pesadelos. Ela mordeu o interior do lábio, com força suficiente para que a dor a acordasse assustada. A versão horrível de pesadelo de Pixie Hollow desapareceu, revelando nada além da escuridão engolidora sob o lago mais uma vez.

Clarion lutou contra o mal-estar e aproveitou seu poder. A luz das estrelas jorrava dela em raios, e a escuridão que a prendia desapareceu, como tecido cortado em tiras. Ela caiu de joelhos, aterrissando com força na água invisível e vítrea abaixo dela. Seus dentes bateram juntos. Mas com a luz da magia refletindo no gelo acima, ela percebeu agora o que a havia dominado: uma fumaça roxa doentia, subindo das narinas de uma criatura enorme. Ela soltou um suspiro trêmulo e se arrastou para trás para ganhar alguma distância.

Um silvo gutural cortou o silêncio. Dois olhos reptilianos piscaram abertos — e se fixaram nela com uma vingança. Ela viu agora o que estava espreitando nos recessos mais profundos da prisão.

A Rainha Pesadelo.

Um dragão.

Clarion não conseguia entender como tal coisa existia. Ela não sabia como deveria encarar algo assim. Seu terror a prendeu no lugar. Suas mãos tremiam violentamente, e aquela centelha de luz das estrelas dentro dela parecia terrivelmente pequena diante de algo tão imenso. O medo não era apenas terror cru e instintivo, ou a morte mordendo seus calcanhares. Era isso também: desespero.

O dragão abriu a boca para revelar fileira após fileira de dentes serrilhados, e uma luz sulfúrica se espalhou na escuridão entre eles. Levou apenas um momento para ela perceber que era uma bola de fogo, pronta para ser liberada.

“Clarion!”

Clarion se assustou com o som distante da voz de Milori. Ela olhou para cima e viu Milori, batendo no gelo de cima. Seu rosto estava indistinto, mas ela podia ver a *crença desesperada* brilhando nele.

“Não se esqueça do que você me prometeu!”

Isso sacudiu Clarion para fora de seu estupor — o suficiente para assustá-la com a mais leve risada. Era um desejo tão lindo — um pelo qual valia a pena lutar.

Não, ela não podia se render agora.

Dentro dela, ela carregava os sonhos de milhares que tinham visto sua estrela cair. Por um momento, eles se sentiram esperançosos ou desesperados o suficiente para abandonar seu cinismo e confiar seus desejos a ela. Enquanto os tivesse, ela não poderia sucumbir ao desespero.

Enquanto as chamas subiam pela garganta do dragão, Clarion endireitou os ombros. Ela era a Rainha de Pixie Hollow. E essa fera? Era o medo de uma criança, moldado e deixado para apodrecer por tempo demais.

À luz forte do dia, não era nada.

Clarion queimava como uma estrela: inesgotável e obliterante. Uma luz dourada explodiu para fora, enchendo a prisão. O dragão berrou enquanto, fio por fio, o horror e a dúvida que o fizeram se desvendaram. Fios de escuridão se desenrolaram, desintegrando-se em cinzas enquanto fluíam pelo ar.

No final, nada mais restou: partículas cintilantes de luz das estrelas, transformando o que estava vazio no brilho infinito do céu noturno.



Quando a luz das estrelas piscou, Milori a puxou das profundezas do lago. Assim que ele a guiou para o chão firme, o gelo se fechou atrás dela, como uma ferida finalmente se curando — e por baixo, Clarion podia ver águas escuras se agitando. Assim, foi como se a prisão nunca tivesse existido.

Ela tinha feito isso.

Lentamente, ela se acomodou de volta no espelho liso da superfície do lago e olhou para o céu. O frio penetrou em seu casaco, mas ela descobriu que não se importava. O tempo havia escapado dela sob o gelo. A noite havia caído como uma cortina sobre o inverno, mas estava positivamente luminosa com luz celestial. Uma aurora boreal se desenrolou no céu em largas e ondulantes fitas. Era uma vez, talvez, fadas dos sonhos teriam voado abaixo deles, reunindo-os em suas cestas. Mas agora, elas brilhavam tentadoramente fora de alcance, sua magia tão maravilhoso e misterioso quanto a própria noite. Eles aureolaram Milori, pintando-o em verdes e azuis suaves.

“Como você sabia que deveria vir aqui?” ela perguntou, incapaz de esconder a admiração em sua voz.

“Você roubou minha coruja,” ele disse, com um toque de diversão. “Quem mais além da rainha ousaria fazer uma coisa dessas? Não foi particularmente difícil descobrir para onde você poderia tê-la levado.” Clarion corou. “Para deixar claro, ela me deixou roubá-la.”

Milori riu. Ele parecia tão infantilmente, descomplicadamente feliz, que ela não conseguiu evitar rir também. Ela segurou o braço dele e o puxou

para baixo no gelo ao lado dela. Ele veio de bom grado. Por um momento, os dois ficaram lado a lado como um casal de observadores de estrelas. Lentamente, Clarion abriu os dedos sobre o peito dele e se apoiou para olhar para ele. O cabelo dele se amontoou ao redor dele, um derramamento de branco contra o azul opaco do gelo.

Por mais um pouco, ela queria ficar ali, onde nada existia além deles dois. Clarion traçou o maxilar dele com as pontas dos dedos. Ela se inclinou sobre ele, o cabelo caindo sobre os ombros para cobri-los.

“Você teve seu desejo,” ela murmurou. “O que você fará agora?”

Milori juntou o peso do cabelo em uma mão, afastando-o do rosto e colocando-o sobre o ombro. Apesar do frio da pele dele, seu corpo inteiro se aqueceu com o toque dele. “Sinceramente, não sei. Parece um sonho impossível há tanto tempo. Nunca me deixei considerar o que aconteceria se se tornasse realidade.”

Felizmente, ela havia pensado um pouco sobre isso nas horas que passara presa na cama. “Bem, se vou conceder seu segundo desejo... quero você na minha corte. Não como o Guardião dos Bosques de Inverno, mas como o Senhor do Inverno.”

Milori piscou surpreso. Sua voz era cautelosa, mas sua expressão estava cheia de esperança hesitante. “Não temos um Lorde do Inverno há muito tempo.”

“E isso é uma pena.” Ela não ouviria nenhuma discussão. Clarion sentou-se e ofereceu suas mãos a ele. Quando ele as aceitou, ela apertou seu aperto nele, como se pudesse pressionar sua confiança nele. “Você merece que seu título ancestral seja devolvido a você. Temos três Ministros Sazonais e nenhum envolvimento no Inverno. Não faz sentido excluí-lo.”

“Seus outros ministros podem não sentir o mesmo”, ele disse, mas ela percebeu que havia vencido.

“Eles verão a razão.” Clarion inclinou o queixo, ganhando um sorriso de Milori. Com os membros doloridos, ela se levantou e o ajudou a se levantar. “Ou eu os farei ver a razão assim que eu for rainha. Cada um de nós tem recursos e experiência para compartilhar.”

“Muito bem. Eu aceitarei sua oferta.” Ele fez um bom show de soar deferente, mas o menor dos sorrisos se curvou nos cantos de sua boca.

“Será meu primeiro decreto”, ela disse. “Nunca mais nossos dois mundos estarão em desacordo um com o outro.”

“Nunca mais”, ele concordou suavemente.

No silêncio que se seguiu, a realidade perfurou a bolha onírica da vitória deles. Ainda havia muito a fazer para tornar essa visão uma realidade. E agora que estavam seguros, agora que ele estava ali na frente dela, ela tinha que lidar com o que tinha acontecido. Relutantemente, ela soltou as mãos dele.

“Como está...?”

Suas palavras falharam, mas ela não precisou terminar sua pergunta. Os olhos dele se encheram de terrível e sombria compreensão.

“Está quebrado”, ele disse.

Ele se virou, e a alegria silenciosa desse momento roubado evaporou. O olhar dela seguiu os padrões delicados e espiralados em sua asa direita até o fim. Por um momento, o horror disso era algo que sua mente se recusava a processar. A metade inferior parecia ter derretido completamente, e então congelado novamente em bordas irregulares. A força de sua emoção a deixou sem fôlego. Culpa e vergonha eram algemas em seus pulsos, arrastando-a para o desespero mais uma vez. “Milori... sinto muito.”

“Clarion,” ele disse, com um pouco de ferro na voz. “Eu não me arrependo do que fiz, nem te culpo pelo que aconteceu. Eu faria de novo se tivesse a oportunidade.”

Sua visão ficou turva com lágrimas não derramadas, mas ela piscou para contê-las ferozmente. “Você deveria ter me deixado na fronteira.”

“Não.” Milori se virou para encará-la, apoiando as mãos firmemente em seus ombros. O lampejo de vulnerabilidade em seus olhos a devastou. Sob seu olhar, ela quase podia acreditar que era algo precioso e insubstituível. “Eu não poderia ter feito isso. Isso será um ajuste, sim. Mas no inverno, cicatrizes como essa são um sinal de honra, e não é como se eu nunca mais fosse voar. Eu tenho Noctua.”

Ela sabia, é claro, que era tudo verdade. Pelo que ele tinha feito, ele seria reconhecido como um herói. E ainda assim, isso deveria ter sido tão *evitável*. “Você nem hesitou. Por quê?”

“Acho que você sabe o porquê, Clarion.”

A voz dele era baixa e gentil — e tão dolorosamente agriçoce, que ela mal conseguia suportar. Claro que ela sabia o porquê. Era o mesmo motivo pelo qual seu coração estava se despedaçando agora.

Enquanto ela olhava para ele, em seus sinceros olhos cinzentos, a imensidão do sentimento que a dominou parecia tanto uma revelação quanto uma inevitabilidade.

Ela o amava.

Talvez ela sempre tenha sido obrigada a isso, desde o momento em que o viu parado na fronteira. Como ela não poderia? Ela amava sua firmeza, sua gentileza, até mesmo sua atitude imprudente e altruísta. bravura. Ela amava seu humor irônico e sua devoção inabalável ao seu povo. Ela o amava porque ele a havia libertado também.

E ainda assim ele partiu o coração dela.

Se algo acontecesse com ele, ela não sobreviveria. E Milori, leal até o âmago, se jogaria em perigo por ela uma e outra vez. Agora, ela via a verdade completa da sabedoria de Elvina. O amor expunha você a muita dor. O amor dividia suas lealdades, suas prioridades. Para a maioria de qualquer pessoa em Pixie Hollow, seria aceitável, mas para o Lorde do Inverno...

Era muito perigoso amá-la.

“Sim”, sussurrou Clarion.

O calor brilhando nos olhos de Milori desapareceu enquanto ele bebia sua expressão. “Eu entendo se você não sente o mesmo, mas eu—”

“Não é isso.” Sua voz tremeu. Não, ela não podia chorar agora. Ela não podia suportar que ele duvidasse de sua convicção. Mas parecia muito difícil respirar através da dor em seu peito. Ela não sabia que seria assim — como se seu coração estivesse realmente desmoronando. “Você não pode. Isso impedirá sua capacidade de liderar.”

“Não.” Milori parecia um homem em queda livre, como se não conseguisse encontrar nada sólido para se segurar — como se tudo o que ele acreditava ter estivesse rapidamente escorregando por entre seus dedos. “Você não sabe disso — não com certeza.”

“Isso vai impedir *minha* habilidade de liderar.” Já tinha acontecido. Ela preferiria ver Pixie Hollow apodrecer, seu pior pesadelo transformado em realidade horrível, do que ver qualquer mal acontecer a ele novamente. “Eu tomaria todas as decisões pensando em você. Eu arriscaria qualquer coisa, *tudo*, para proteger você. Você entende? Eu te amo, Milori. Isso me assusta demais.”

“Eu também te amo”, ele disse miseravelmente.

Ouvir essas palavras quase a desfez. *Ótimo*, ela pensou. *Que essa dor sirva como um lembrete de quão desesperadamente necessária é nossa separação.*

Um amor como o deles era ruinoso. Uma asa quebrada não era nada comparada a um coração partido. Ela só podia esperar que a dor de ambos desaparecesse com o tempo.

Ela se armou com determinação — com resignação. Quando falou novamente, sua voz estava calma. “Eu garantirei que o mundo que nós dois sonhamos exista. Mas ninguém mais deveria ter que suportar o que nós temos. Cruzar a fronteira é muito perigoso. Deveria ser proibido. Efetivo imediatamente.”

Não havia culpa em sua expressão, mas o que ela encontrou ali — algo entre um apelo e um desafio — doía de se olhar. Seus olhos, geralmente o prateado plácido da água iluminada pela lua, agora pareciam a ela o cinza-ardósia do Mar do Nunca, profundo e selvagem. Eles a puxariam para baixo.

“Se é isso que você realmente quer”, ele disse, com mais compostura do que ela esperava, “eu defenderei seu governo”.

“É.” Sua própria alma gritou em protesto enquanto ela falava essas palavras. “É o que eu quero.”

Mas assim que a última palavra caiu como uma pedra entre eles, ela percebeu o quão tola ela tinha sido em acreditar que ele tornaria isso fácil para ela. Ela não sabia qual deles se moveu primeiro.

Eles se chocaram, e a boca dele estava na dela com um desespero que a deixou sem fôlego. Ela o encontrou com igual fervor. Seu mundo se

estreitou para isso: o cabelo dele, escorregando por entre os dedos dela como água. As mãos dele, deslizando pela crista da espinha dela e abrangendo a curva da cintura dela. Ele a puxou para mais perto, como se quisesse apagar todo o espaço entre eles. Como se eles pudessem ficar próximos o suficiente. Como se ela pudesse expressar as profundezas de seu desejo pelo tempo que eles nunca teriam.

Eles se separaram, suas respirações irregulares. Ele encostou a testa na dela e embalou seu rosto em suas mãos. Ele traçou suas maçãs do rosto, a linha de sua mandíbula, o arco de seus lábios, com tanta reverência, era como se estivesse guardando cada detalhe na memória. Vagamente, Clarion registrou a umidade de lágrimas no rosto dela. De quem eram, ela não sabia. Com a ponta do polegar, ele as enxugou.

"Tudo bem," ele disse calmamente, depois de colocá-la no lugar. Seu toque desapareceu, deixando-a desolada. "Vamos levá-la de volta para o outro lado da fronteira."

Por favor, ela queria dizer. *Só mais um pouquinho*. Em vez disso, sua voz pouco mais que um sussurro, ela respondeu: "Tudo bem."

Ele assobiou para Noctua. Em instantes, a envergadura de suas asas bloqueou o luar. Enquanto Clarion subia em suas costas, ela se recusou a pensar em como esta poderia ser a última vez que ela cavalgaria em uma coruja. Ela não conseguia pensar em todas as fadas de inverno que ela nunca conheceria e em todos os lugares maravilhosos que ela nunca se aventuraria. Nunca mais ela ouviria o barulho de seus passos na neve recém-caída. Nunca mais ela sentiria a dança do vento frio do norte em seu cabelo. Nunca mais ela andaria ao lado do homem-pardal que ela uma vez pensou ser tão estoico. Ele nunca a ensinou a patinar.

Estrelas, ela não era forte o suficiente para fazer isso.

"Eu te verei novamente?" ele perguntou, tão baixinho que ela quase não o ouviu.

"Decidi que quero que minha coroação aconteça onde *todos* os meus súditos possam estar presentes, na fronteira. Então, se você vier..."

"Claro", ele respondeu. "Eu não perderia."

Por um momento, eles seguraram o olhar um do outro. Clarion afastou o seu primeiro, só para evitar chorar de novo.

Quando chegaram à fronteira, um grupo de fadas a esperava no lado da Primavera. Batedores voavam para cima e para baixo na margem do rio, e lá, um farol brilhante de ouro na escuridão, estava Elvina. Mesmo dessa altura, Clarion conseguia ouvir gritos de surpresa e alarme. Isso quase a fez sorrir. Que triste que nenhuma delas jamais conheceria a amizade de uma coruja.

Noctua pousou silenciosamente. Quando Clarion deslizou de suas costas, um temor silencioso caiu sobre as fadas quentes. Clarion queria afundar os joelhos na neve. Ela queria ficar sozinha, mesmo que fosse só para se permitir sentir o peso total do que tinha feito.

Mas seus súditos precisavam dela.

Com os ombros puxados para trás, ela pisou na ponte. E quando cruzou para a Primavera, ela não se virou. Se o fizesse — se sentisse aquela corda invisível entre eles se esticar, chamando-a de volta para o lado dele — ela poderia mudar de ideia. Mas isso, ela sabia, era para melhor. Um dia, ela esperava realmente acreditar nisso.



Durante todo o caminho de volta ao palácio, fadas a fixaram com olhares curiosos — e, talvez pela primeira vez em sua vida, falaram com ela sem serem solicitadas. Os batedores que a escoltavam e Elvina de volta à Árvore de Pó de Pixie começaram a bombardeá-la com perguntas que ela não respondeu — ou não conseguiu responder.

“Como é o Guardião da Floresta de Inverno?”

“Como você conseguiu derrotá-los?”

“O feitiço será quebrado?”

O bombardeio durou até eles chegarem ao palácio — até se aglomerarem em volta da porta dos aposentos de Clarion com seus olhos brilhantes e ansiosos.

“Deixe sua rainha descansar”, disse Elvina, com um olhar furioso que poderia coalhar nata. “Você terá tempo suficiente para entrevistá-la mais tarde.”

Com um coro apressado de “Sim, Vossa Majestade”, eles se dispersaram. Clarion lançou-lhe um olhar de gratidão. Com um sorriso cúmplice, Elvina a conduziu para dentro. A porta se fechou, e Clarion não perdeu tempo em se arrastar para a cama. Ela tirou o casaco de inverno, deixando-o cair no chão a seus pés, então se jogou de bruços no colchão. Ele afundou sob o peso de Elvina quando ela se sentou ao lado dela. Mesmo sem olhar para ela, Clarion sabia que ela estava esperando... pelo que quer que fosse sair, ela supôs. Na verdade, ela mesma não sabia o que diria até falar: “Está terminado.”

E era: tanto os Pesadelos quanto o que quer que ela tivesse tido com Milori. Agora, ela se sentia misericordiosamente entorpecida.

Quando Elvina não respondeu, Clarion virou a cabeça o suficiente para olhar para ela. Não havia pena nos olhos de Elvina, mas uma compreensão antiga e terrível. Era estranhamente reconfortante — e estranhamente lindo, ser conhecida sem ter que falar uma palavra. Havia tanta coisa que Elvina não havia contado a Clarion sobre o funcionamento do mundo deles. Havia tanta coisa que ela não havia contado a Clarion sobre *si mesma*. Ela também havia sido magoada assim? Parecia impossível imaginar que Elvina havia se apaixonado — ainda mais que ela tivesse cometido algum tipo de erro fatal ou erro de cálculo. Mas ela admitiu que sua sabedoria não veio facilmente.

O abismo entre elas parecia quase impossível de transpor por semanas, mas agora, essa dor compartilhada as unia. Talvez, com qualquer vida que Elvina tivesse, ela a guiaria adiante.

De todas as coisas, foi isso que finalmente abriu as comportas.

Suas lágrimas escorriam pelo seu rosto, quentes e implacáveis. Seus soluços sacudiam seu corpo. Para seu choque total, Elvina envolveu Clarion em seus braços e a deixou chorar em seu colo como uma criança.

“Cometi muitos erros com você”, Elvina disse calmamente. “Talvez até comigo mesma. Quão terrivelmente triste é que eu só consigo ver isso no fim da minha vida. Você esteve aqui por apenas um piscar de olhos, e ainda assim, você me ensinou tanto.”

“Não vá,” Clarion sussurrou. “Por favor, por favor, não vá.”

Ela ouviu a respiração suave de Elvina. “Nem eu posso desafiar as estrelas. Mas você ficará bem sem mim, Clarion. Sinto-me muito confiante em deixar Pixie Hollow em suas mãos capazes.”

O peito de Clarion se contraiu dolorosamente. Durante toda a sua vida, ela ansiara por ouvir essas palavras. Que doce, finalmente ter a garantia que ela ansiava. Só que ela não tinha tanta certeza de que merecia. Ela havia salvado Pixie Hollow. Ela havia dominado sua própria magia. Mas ela viveria o resto de sua vida com a mancha de seus erros. Como ela poderia ensinar os recém-chegados a voar? Como ela poderia ousar desfraldar suas asas com a ternura que eles mereciam quando ela sempre se lembraria daquelas que ela havia quebrado?

A voz de Elvina cortou a névoa de seu desespero. “É bom ter uma conexão com Winter. Unificar as estações é uma maneira muito forte de começar seu reinado. Você terá que se desculpar com seu Guardião da Floresta de Inverno em meu nome.”

Dela. Não, ela não tinha mais o direito de reivindicá-lo. “Não sei se posso vê-lo novamente.”

Elvina franziu a testa. O que quer que tenha visto nos olhos de Clarion, ela pareceu entender. “Apenas descanse — e é isso que eu quero dizer dessa vez. Ainda há muito a fazer antes da sua coroação.”

Nesse estado, o descanso não viria fácil. Mas Elvina acariciou gentilmente seus cabelos e não protestou quando Clarion passou os braços em volta de sua cintura. Apesar de quão quebrada e miserável ela se sentia, era um conforto ser abraçada.

“Era uma vez”, Elvina começou — e sussurrou para ela todas as belas histórias que ela tinha quando Clarion chegou, de valor, amor e rainhas há muito desaparecidas.

Clarion se deixou levar pelo ritmo suave da voz de Elvina. Ela sonhou com neve e luz das estrelas. De olhos cinza-claros, cheios de perdão que ela nunca realmente ganharia.



Clarion acordou e encontrou seu quarto encharcado pela luz do

sol do fim da tarde. Ficou desorientada por ter dormido tanto, mas suas pálpebras ainda estavam pesadas o suficiente para que ela cochilasse novamente se as deixasse cair. Essa exaustão não era nada parecida com seu esgotamento, o frio devorador que se espalhou pelo oco de seu peito, mas ainda era tão tentador se enrolar novamente e...

Petra. O pensamento a assustou e a fez recobrar a consciência. Ela tinha que verificar ela e os outros.

Clarion jogou os lençóis para longe. Estava tão abafado embaixo deles que até o ar fechado do quarto dela parecia frio contra sua pele. Em sua mesa de cabeceira, três coisas a esperavam: uma tigela de mingau, esfriando de tanto tempo que estava fora; sua ração diária de pó de pirlimpimpim, cuidadosamente empacotada em um sachê de folhas; e uma carta, carimbada com o selo real.

O que Elvina poderia ter para lhe dizer?

Ela recuperou o bilhete e cuidadosamente deslizou o dedo por baixo do selo de cera para abri-lo. Mesmo sem a insígnia real, ela teria reconhecido a caligrafia perfeita de Elvina.

Venha à clínica assim que puder. O feitiço finalmente se quebrou.

A respiração de Clarion escapou dela em uma corrida trêmula. Semanas de estresse, de preocupação, se dissiparam dela em um instante. Pixie Hollow estava finalmente livre.

E ela veria sua melhor amiga novamente.

Clarion vestiu o primeiro vestido que conseguiu encontrar, então despejou o pó de pirlimpimpim sobre suas asas. Ela suspirou de contentamento enquanto seu doce cheiro inundava o ar. Do outro lado da sala, ela teve um vislumbre de seu reflexo. Manchas douradas grudavam em seus cílios e brilhavam em seu cabelo solto e emaranhado pelo sono. Suas pálpebras estavam inchadas de tanto chorar, e os vincos de seus lençóis estavam pressionados em seu rosto em finas linhas vermelhas. Não importava sua aparência. Ela não podia esperar mais um minuto para ir embora.

Ela abriu as portas de sua sacada. A Árvore de Pó de Pixie a cumprimentou com o movimento suave e o balanço de sua folhagem, farfalhados pela brisa. Por um momento, Clarion se permitiu demorar. Ela apoiou as mãos no corrimão e se inclinou sobre a borda. Pixie Hollow se estendia diante dela, vasta e bela na luz da hora dourada. Em breve, tudo isso seria dela para proteger.

E, talvez pela primeira vez, ela se sentiu à altura da tarefa. Sentindo-se mais leve do que se sentia há semanas, ela levantou voo. Parecia terrivelmente incomum não estar se esgueirando para variar. Não havia batedores vigilantes patrulhando os céus. Nenhuma náusea, metade pela emoção, metade pelo medo de ser pega. Nenhum comentário de Artemis enquanto ela decolava em direção ao inverno.

Ártemis.

Esperançosamente ela também estava se recuperando. Clarion a veria em breve.

Enquanto ela voava sobre a Clareira de Verão, ela sorriu ao ver que Pixie Hollow havia retornado ao normal. O som de risadas e cantos a alcançou, mesmo daquela altura. Talentos de jardinagem flutuavam sobre os Campos de Feverfew, trazendo novos crescimentos à vida. Enquanto trabalhavam, os aromas de argila rica e ervas amargas se intensificavam, carregados pelo sopro do vento.

Clarion pousou em frente à clínica dos curandeiros, onde as flores de coração dourado deram lugar à grama exuberante. Cogumelos venenosos brotaram da terra, suas largas tampas servindo como a varanda da frente da clínica. Ela voou para cima para limpar a distância, então pousou na varanda. Imediatamente, seu coração saltou de alegria.

“Ártemis!”

A escoteira estava sentada em uma cadeira de balanço, sua perna direita estendida à sua frente. Estava presa em um suporte feito de duas finas tiras de casca de árvore amarradas por uma corda de palha. Um cajado estava apoiado ao lado dela, aninhado na curva de seu pescoço e ombro. Seu cabelo escuro estava mais desgrenhado do que Clarion já tinha visto, e seus olhos ainda estavam sombreados de exaustão. Ao som da voz de Clarion, sua expressão suavizou-se com alívio.

Com um bater de asas, Ártemis se levantou de seu assento, firmando-se com seu cajado. Ela não disse uma palavra. Ela apenas fechou o espaço

entre eles, a ponta do cajado batendo ritmicamente contra as tampas dos cogumelos. Então, ela puxou Clarion para um abraço com um braço musculoso pendurado em seu pescoço. Seu aperto era esmagador, mas Clarion não ousou reclamar. Era improvável que ela extraísse tal afeição aberta dela novamente.

"Você conseguiu", disse Ártemis contra seu cabelo.

"Eu não conseguiria fazer isso sem você." Clarion recuou e a estudou.

"Como você está se sentindo?"

"Quase de volta ao normal, Vossa Alteza."

Clarion lançou-lhe um olhar plano, um que dizia: *Seja honesta comigo.*

Ártemis estava se apoiando pesadamente em seu cajado. Mesmo embora fadas raramente andassem, pequenas diferenças na distribuição de peso delas poderiam tornar bem difícil se equilibrar em pleno voo. Ela precisaria de um aparelho de mobilidade até que a tala fosse removida, no mínimo.

"Já estive melhor." Artemis murchou, claramente descontente por ter que admitir. "Você se importa se eu sentar?"

"Claro que não", respondeu Clarion. "À vontade."

Lançando-lhe um olhar agradecido, Ártemis cuidadosamente abaixou-se de volta na cadeira de balanço. Ela esticou a perna, tomando cuidado para não sacudi-la. "A dor é controlável, e logo, eles não terão mais que me impedir de escapar."

"Não há escapatória," Clarion repreendeu. "Isso é uma ordem, a propósito. Você precisa se curar."

"Sim, Vossa Alteza." Ártemis sorriu fracamente. "Se aprovar uma exceção, os curandeiros me liberaram para ir à sua coroação. Uma rainha não deve ficar sem sua guarda."

"Eu aprovo, é claro." Clarion franziu a testa. "Mas acho que você mais do que merece um posto diferente. Depois que eu for coroado, ficarei feliz em realocá-lo para—"

"Com todo o respeito," Artemis interrompeu, "estou feliz com meu posto. Se não se importa com você, eu gostaria de mantê-lo."

"Você quer ficar na minha guarda?" Clarion perguntou incrédula. "Achei que você queria voltar a patrulhar."

"Eu fiz." Interpretando mal sua descrença como resistência, Ártemis apressou-se em acrescentar: "Claro, se você acha que eu seria mais adequado em outro lugar..."

"Não é isso", respondeu Clarion. Ela estava totalmente preparada para deixar Artemis ir, mas não podia negar que, no fundo, esperava por isso. Depois de tantos anos juntos, ela mal sabia o que faria sem Artemis.

"Estou apenas curiosa sobre o que causou essa mudança repentina de coração."

"Eu costumava acreditar que servir como seu guarda era minha expiação. Talvez até mesmo uma punição." A boca de Ártemis contorcido em um sorriso triste. "Que recuperar minha posição era a única maneira

de fazer a diferença em Pixie Hollow. Nos últimos dias, comecei a duvidar que minhas intenções fossem tão puras. Desde minha transferência, senti que havia algo que eu precisava provar.”

“Não há nada que você precise provar, Artemis,” Clarion disse gentilmente. “Eu sempre acreditei que você está entre as fadas mais nobres de Pixie Hollow.”

“Fico feliz que você pense assim.” Ártemis bateu seu cajado no chão pensativamente. “Se eu voltasse, teria que esmagar aquela parte de mim que você diz admirar. Por muitos anos, tentei fazer isso. Mas vendo o que você fez...”

Ela parou de falar, claramente procurando pelas palavras certas. Clarion se aqueceu sob a intensidade reverente do olhar dela.

“Eu acredito em você,” Artemis disse. “Sua força. Sua gentileza. Sua visão. Proteger alguém como você é um uso digno do meu talento.”

Oh, Clarion ficaria sentimental se continuasse com isso. Provocante, ela perguntou: “Você está dizendo que sentiria minha falta?”

“Estou dizendo que não confio em mais ninguém para ser seu guarda”, Artemis rebateu. Clarion gostou do fato de ela não *negar* sua acusação.

“Com seu temperamento, é um trabalho mais difícil do que se poderia esperar. Até eu não tenho me saído de acordo com meus próprios padrões recentemente.”

Artemis olhou para ela. Embora ela nunca dissesse isso em voz alta, Clarion leu o que ela queria dizer claramente: *Você está horrível*.

Clarion não conseguiu evitar o riso. Não havia como discutir isso. Ambos estavam certamente pior para o desgaste depois dos eventos dos últimos dias.

“Bem,” ela disse, “eu ficaria feliz em ter você. Eu também sentiria sua falta, sabia.”

“Bom,” Ártemis disse rispidamente. “Esse ferimento não me impedirá de servi-lo.”

“Não tenho dúvidas.” Clarion sorriu para ela. “Se me der licença, vou dar uma olhada em todos lá dentro.”

“Claro, Vossa Alteza.” Ártemis abaixou a cabeça. Ela hesitou, como se estivesse incerta sobre suas próximas palavras. Por fim, ela disse: “Da última vez que chequei, a consertadora não tinha acordado. Quando ela acordar...”

Clarion apertou seu ombro de forma tranquilizadora enquanto passava. “Você será a primeira a saber.”

O suave “obrigada” de Artemis a seguiu até a clínica.

O ar estava impregnado do cheiro familiar de ervas curativas: camomila, raiz de marshmallow, urtiga. Quando a porta se fechou atrás dela, ocorreu-lhe que podia ouvir vozes — e risadas — se espalhando pelo átrio. Clarion não achava que já tinha ouvido tão alto ali. Pela primeira vez em semanas, o clima era quase... alegre. Animada pela energia, ela

passou correndo pela cortina de suculentas penduradas que isolava o quarto do doente.

Estava *lotado*.

Clarion não conseguiu evitar seu espanto encantado. Fadas tinham se amontoado com arranjos de flores e panelas de sopa e, claro, as últimas fofocas. As fadas que tinham acordado tinham verdadeiras multidões ao redor de suas camas. Algumas conversavam e riam, prontas para retomar suas vidas normais. Outras choravam. Outras seguravam suas amigas perto enquanto emergiam de seus sonhos atormentados.

Todos eles estavam completamente cercados de amor.

Eles estavam tão absortos em suas reuniões que ninguém a notou na porta — ninguém além de Elvina, que pairava no fundo da sala ao lado de uma curandeira. A rainha lhe deu um sorriso gentil antes de sacudir o queixo em direção a uma cama no canto.

Ela está ali, ela parecia dizer.

Clarion não perdeu tempo em correr para onde Petra estava deitada em seu berço. Seu cabelo ruivo estava espalhado ordenadamente contra o travesseiro, os cachos brilhantes e perfeitos como nunca foram em sua vida cotidiana. Alguém claramente os havia penteado e torcido em cachos. A arrumação realmente não combinava com Petra. Clarion sorriu, tomada pela afeição que brotava dentro dela.

Muito gentilmente, ela pegou uma das mãos de Petra entre as suas.

“Quando você acordar,” ela sussurrou, “eu tenho tanto para te contar.”

E como se a tivesse ouvido, Petra se mexeu.

“Alguém mande chamar Ártemis!” Clarion chamou. Ela apenas registrou distantemente uma resposta de talento de cura, “Imediatamente, Vossa Alteza!” Clarion não conseguia se concentrar em nada além de seu próprio alívio, a sensação tão brilhante e leve quanto o sol.

Os olhos de Petra piscaram abertos, vidrados e desfocados em sua desorientação. Então, quando ela viu o rosto de Clarion pairando a apenas alguns centímetros do seu, eles se arregalaram em choque. Ela soltou um grito e se arrastou para trás. “Clarion!”

“Petra.” A voz de Clarion tremeu humilhantemente.

“O que você está—Oh.”

Clarion jogou os braços em volta de Petra e a segurou perto. “Você voltou. Graças às estrelas.”

Petra relaxou contra ela. “O que aconteceu? Eu me sinto tão descansada. E também como se eu estivesse correndo por dias sem parar. A última coisa que eu lembro...”

Clarion recuou quando sentiu seu estremecimento. A expressão de Petra ficou assombrada conforme as memórias inundavam de volta.

“Os Pesadelos se foram agora,” ela disse. “Você está seguro.”

Clarion a contou o que tinha acontecido desde que ela caiu sob o feitiço dos Pesadelos. Quando ela terminou, Petra estava olhando para ela com infinita simpatia em seus olhos. Clarion mal conseguia olhar para ela.

"Sinto muito", eles disseram ao mesmo tempo.

Um momento de silêncio — e então ambos começaram a rir.

"*Você sente* muito?" Clarion perguntou incrédula. "Por quê? Sou eu quem precisa me desculpar com você."

A testa de Petra franziu. "Pela distância entre nós."

"Por favor, não se desculpe por isso", disse Clarion. "Você não foi nada além de um bom amigo para mim. E eu—"

"Ei." Petra descansou uma mão em seu braço. "Você não precisa se culpar, Clarion. Eu te perdôo."

"Você faz?"

"Claro que sim." Petra sorriu para ela. "Nós duas estávamos presas em nossas próprias coisas. Sei que vai levar algum tempo para descobrir como nos encaixar na vida uma da outra quando você for rainha. Mas eu não vou a lugar nenhum."

"Obrigado."

Antes que Petra pudesse responder, as cortinas sobre a porta da clínica farfalharam violentamente. Ambas se viraram em direção à entrada do quarto do doente. Ártemis pairou a uma curta distância, seus olhos selvagens com medo e esperança misturados. "Petra."

Clarion nunca tinha ouvido sua voz tão frágil.

Ártemis se aproximou deles, navegando pela desordem e pelo labirinto de catres o melhor que pôde com seu cajado. Mesmo assim, ela quase derrubou tudo em sua pressa. Uma curandeira parada em sua estação de trabalho parecia consternada, mas não disse nada. Em vez disso, ela se ocupou com seu almofariz e pilão, moendo frutas e ervas em um cataplasma.

Quando Ártemis chegou ao lado da cama de Petra, ela olhou para ela.

"Você—" Petra começou, mas foi silenciada quando o batedor deu um beijo em sua testa, então, mais timidamente, em seus lábios. Quando Ártemis se afastou, o rosto inteiro de Petra estava manchado de vermelho.

"Nunca *mais*", disse Ártemis, "me assuste assim de novo."

"Finalmente," Clarion murmurou para si mesma. Então, para eles, ela disse, "Eu vou dar a vocês dois um momento."

Mas eles mal pareciam ouvi-la.

Seu peito doía com uma pontada de solidão — e algo parecido com alegria também. Se ela não podia ter felicidade, então, no mínimo, seus amigos mereciam. Ela não se ressentiria de ninguém por ter o que ela havia negado a si mesma. Seu coração — e toda sua devoção — pertenciam a seus súditos agora. Clarion voltou sua atenção para o resto da clínica.

Ainda havia uma outra fada que ela precisava visitar.

Quando chegou à cabeceira do Ministro do Outono, sentou-se na cadeira vazia e estudou seu rosto, frouxo e tranquilo no sono. Então, isso terminaria onde havia começado.

Ela não precisou esperar muito. Quando ele acordou — gentilmente, facilmente, como se tivesse se adormecido para um cochilo muito necessário — seus olhos encontraram os dela imediatamente, então se enrugaram em um sorriso. "Vossa Majestade?"

"Ainda não", disse Clarion suavemente.

Ele fechou os olhos novamente, um sorriso aliviado surgindo em suas feições. "Eu sempre soube que você conseguiria."



da Coroação chegou, e era uma gloriosa tarde de verão.

Clarion esperava nas coxias do terreno da cerimônia, escondida em um matagal de arbustos de mirtilo. Os galhos acima estavam caídos, pesados com frutas vermelhas, corando conforme amadureciam, e delicadas flores em forma de sino. A conversa animada da multidão se elevava acima do som do borbulhar do rio — e do som de seu próprio coração acelerado. Sua antecipação aumentava a cada momento que passava, especialmente porque ela não conseguia ver nada através das folhas densas.

“Está na hora, Vossa Alteza,” disse Ártemis. “Eles estão prontos para você.”

Clarion se virou em direção ao som de sua voz. Ártemis apareceu ao lado dela, anunciada apenas pelo som suave de sua voz. cado contra a terra. “Essa pode ser a última vez que vou ouvir você me chamar assim. Vai ser um ajuste.”

“Acho que será bem natural da minha parte.” Artemis ofereceu a ela um pequeno sorriso. “Vamos?”

Juntos, eles seguiram em direção à saída, um arco enrolado cortado no matagal. Abaixo dele, Elvina e os três Ministros Sazonais esperavam por ela. As feições da rainha estavam compostas como sempre, mas Clarion não confundiu o orgulho que irradiava dela.

Iris engasgou. “Sua Alteza! Você é uma visão.”

Clarion sorriu para ela. “Obrigada.”

Seu vestido era de ouro puro e brilhante, com uma sobreposição de renda de seda de aranha translúcida infundida com pó de fada. Seu cabelo tinha sido modelado na tradicional coroa trançada e adornado com uma coroa de flores de neve no verão.

Não importava o quão nervosa ela estivesse, não havia como negar: ela parecia uma rainha — e se sentia como uma também.

Rowan se inclinou em direção a ela conspiratoriamente, a costura dourada em sua capa capturando a luz enquanto deslizava sobre seu ombro. "Você está pronta?"

"Esperamos que sim", disse Aurelia ironicamente, "ou ela perderá sua própria cerimônia".

Iris escondeu uma risada atrás da mão.

"Estou muito pronto", disse Clarion. "Vamos ver que milagres você fez."

"Acho que você ficará feliz", disse Iris em tom cantado.

Clarion tinha a maior fé neles, é claro... mas ainda assim, ela não tinha ideia do que esperar. Quando ela e Elvina deram a notícia de que — com dois dias de antecedência — elas mudariam o local, Aurelia reagiu com um olhar estudiosamente vazio. Se ela estava decepcionada ou em pânico, Clarion não sabia, nem teve muita oportunidade de se perguntar. Iris girou no ar, quase gargalhando em triunfo.

Finalmente, a primavera chegou! ela gritou. *Você não vai se arrepender!*

Aurelia olhou feio para o Ministro da Primavera, mas os dois resolveram fazer acontecer. Rowan parecia bastante entretido com a coisa toda, de uma forma que só alguém sem nenhuma participação real na questão poderia ficar.

Talvez o único benefício de dormir por tanto tempo, ele disse com uma piscadela.

Elvina limpou a garganta, ajustando o pergaminho que carregava nos braços. "Não vamos deixá-los esperando mais. Imagino que estejam todos ansiosos para ver sua nova rainha."

Eles emergiram do matagal, na beira da Primavera. Quando Clarion pôs os olhos no terreno da cerimônia, sua respiração ficou presa com admiração. Ao lado dela, Aurelia e Iris trocaram olhares satisfeitos. Eles se superaram.

A luz do sol adocicada filtrava-se pelos galhos acima, modelando a terra em dourado salpicado. Arco-íris, cuidadosamente pintados pelos talentos de luz de Aurelia, estavam pendurados na clareira, desenrolando-se no céu como estandartes reais. Fileiras de cadeiras, dispostas em semicírculo, ficavam de frente para a ponte que atravessava o inverno e a primavera — e todas as fadas do inverno do outro lado da fronteira. Talentos de gelo esculpiram fileiras e mais fileiras de bancos de gelo, todos eles enfeitados com visco, azevinho e delicadas flores brancas como a neve. Ela ficou tocada que Aurelia e Iris tivessem pensado em coordenar com Milori.

“Todos de pé”, gritou um arauto talentoso, “por Sua Alteza Real, a Princesa Clarion”.

Em uníssono, todas as fadas em Pixie Hollow se levantaram — e se viraram para encará-la. Nunca em sua vida tantos olhos estiveram sobre ela. Nunca antes eles estiveram tão cheios de adoração.

Clarion não conseguiu evitar o sorriso que apareceu em seu rosto.

Murmúrios e suspiros de alegria ecoaram enquanto ela e Elvina faziam seu caminho em direção à ponte, logo engolidos pelo som dos instrumentos dos talentos musicais quando eles começaram a tocar. A cauda do seu vestido pairava logo acima do chão e ondulava atrás dela como se fosse levada pela corrente invisível de um rio.

Ela e Elvina passaram pelos corredores e pousaram na ponte, acomodando-se sob um arco intrincado que atravessava o vão entre as estações. De todos os detalhes que seus ministros tinham organizado, este era talvez o seu favorito. A metade do arco do inverno era composta de madeira de bétula, coroada com neve e geada delicada. A metade da primavera — tecida com os galhos cobertos de musgo de uma muda — encontrava-se no meio, onde seus galhos se entrelaçavam como dedos entrelaçados. Flores de todas as estações eram tecidas através da estrutura, explodindo com textura e cor.

O espaço liminar da fronteira a confortava. O frio do inverno roçava nela ternamente, como o toque de um velho amigo. Alguns flocos de neve perdidos ficaram presos em seu cabelo antes de derreter. Não havia outro lugar em que ela preferiria ser coroada: aqui, onde aprendera a acreditar em si mesma. Aqui, onde conhecera aquele que havia consertado e partido seu coração.

Inconscientemente, ela examinou a multidão em busca dele. Mas ela não o encontrou antes que Elvina começasse a desenrolar o pergaminho que carregava. “Princesa Clarion,” ela disse, sua voz ecoando no silêncio, “você está disposta a fazer seu juramento real?”

Sua voz não tremeu quando ela disse: “Eu sou”.

“Você promete proteger Pixie Hollow com sua vida?”

“Eu faço.”

“Você governará essas fadas reunidas diante de você com justiça e misericórdia?”

“Eu vou.”

“Você jura garantir a mudança das estações de forma fiel e eficiente?”

“Eu faço.”

Elvina assentiu, e dois talentos-ajudantes se materializaram. Um carregava o cetro real; o outro, uma coroa aninhada em uma almofada. Elvina pegou a coroa primeiro, um elegante diadema de cobre batido que Clarion imediatamente reconheceu como obra de Petra. De alguma forma, em meio a tudo isso, ela encontrou tempo para fazer algo bonito para ela.

Cuidadosamente, Elvina aninhou-o no cabelo de Clarion. Em seguida, ela pressionou o cetro em suas mãos. Elvina ajustou a coroa mais uma vez, e por um momento, Clarion poderia jurar que viu lágrimas em seus olhos — lá e foram antes que ela pudesse piscar. Quando Elvina ficou satisfeita, ela se virou para a multidão.

“Então todos saudam a nova Rainha de Pixie Hollow, Rainha Clarion!”

Aplausos e gritos ecoaram pela clareira. Clarion sentiu seu coração se elevar ao encontrá-los. As fadas pegaram sachês e jogaram pó de pirlimpimpim no ar. Um grupo de voadores rápidos voou dos galhos, levantando uma brisa alegre. O ouro brilhava e girava no ar. Clarion só conseguia encará-los com a emoção presa na garganta. Ela os amava intensamente.

Esse amor seria suficiente para sustentá-la.

Quando a comoção cessou, ela respirou fundo e projetou sua voz. “Se me permite, gostaria de me dirigir a vocês pela primeira vez como sua rainha.”

Imediatamente, a multidão ficou em silêncio. Ela se acostumaria com esse efeito? Alguma vez pareceria natural, preenchendo o espaço que eles cederam a ela?

“Muitos de vocês podem não me conhecer bem. Fiquei longe de vocês desde que cheguei, algo do qual me arrependo profundamente. Mas eu gostaria de mudar isso, começando hoje. Então... permitam-me me apresentar oficialmente. Eu sou Clarion.

“Espero conhecer cada um de vocês ao longo do meu reinado. Sua segurança e felicidade são meus prioridades, então espero liderar com sabedoria... e senso de humor.” Ela sorriu timidamente. “Sinta-se à vontade para vir até mim com quaisquer problemas ou ideias que você tenha. E não hesite em dizer olá. Eu aprecio qualquer oportunidade de falar com você.”

Ela ousou olhar para Elvina, que abaixou o queixo.

Vá em frente, ela parecia dizer.

“No último mês, aprendi muito sobre mim e sobre o nosso mundo. Entre as coisas que aprendi, a principal é sobre nossos vizinhos, as fadas do inverno.” Clarion olhou para elas, assentindo em reconhecimento. “Eu entendo que por muitos anos, elas foram consideradas... inacessíveis, até mesmo indignas de confiança. Mas tive o prazer de conhecê-las. Elas são um grupo vibrante, com muito a nos ensinar. Elas me receberam com mais generosidade e calor do que eu poderia esperar. Com elas, aprendi a manter a esperança firmemente, mesmo nas noites mais escuras e frias. Estou ansiosa para ver o que mais podemos alcançar juntas.”

Aplausos flutuaram do lado de Winter na fronteira. Ela esperou que eles desaparecessem antes de continuar.

“Sem o Guardião da Floresta de Inverno, não estaríamos aqui hoje.”

Clarion engoliu o nó de emoção em sua garganta. “Digo isso com confiança. Eu não teria sido capaz de derrotar os Pesadelos. Muitos mais

de nós estaríamos sob o feitiço dos Pesadelos. Com o tempo, eles poderiam ter levado todos nós. Temos uma enorme dívida de gratidão a ele.”

Pelo menos *ela* fez. Ela nunca seria capaz de retribuir o que ele fez por ela.

“E então, meu primeiro decreto é unir nossos reinos.” O propósito a aqueceu por dentro, queimando tão firmemente quanto uma chama.

“Nós forneceremos ajuda a eles, emprestando nossos consertadores para fazer melhorias em seus processos. Além disso, o Guardião da Floresta de Inverno será doravante conhecido como o Senhor do Inverno. Ele governou a Floresta de Inverno como meu representante e deve ser reconhecido por isso. Ele servirá formalmente no meu conselho.”

Ela fez uma pausa, incerta sobre como o decreto seria recebido. Mas, lentamente, aplausos preencheram o silêncio que ela havia deixado para trás. A alegria — e o puro alívio — que ela sentiu a animaram. Isso a levaria até seu próximo anúncio.

“No entanto,” ela continuou, “como todos vocês sabem, o mundo deles, embora lindo, não é seguro para fadas da estação quente, assim como o nosso não é seguro para elas. E então, hoje, estou oficialmente proibindo qualquer fada de cruzar a fronteira. Mesmo que tenhamos que permanecer fisicamente separados, saibam que estamos unidos em espírito e propósito.”

“Com nossa parceria, quero dar as boas-vindas a uma nova era de uma Pixie Hollow unificada. Uma de esperança. Farei o meu melhor. Sei que cometerei erros. Mas juro que darei tudo o que tenho a vocês.”

As palavras finais de seu discurso se dissiparam no ar quente da primavera. E então, ela ouviu a voz de Milori: “Salve a Rainha Clarion!” Algo se retesou dentro dela ao som de seu nome. Como se houvesse uma corda os unindo, seu olhar encontrou o dele na multidão. Como era raro vê-lo no brilho da luz da tarde. O prateado bronzeado de seus olhos a paralisou completamente.

Todos na clareira o apoiaram, explodindo em aplausos estridentes. Mas eles soaram abafados em seus ouvidos, e tudo, exceto *ele*, desapareceu. Era como se ela e Milori sozinhas tivessem sido mergulhadas em algum mundo privado e compartilhado — um mundo fora do tempo, brilhando como um sonho. Ela não conseguia tirar os olhos dele. Ela não conseguia se proteger contra o orgulho que irradiava dele — e todo o desejo também.

Ela se forçou a retornar à realidade, a se concentrar na felicidade deste dia. Era uma felicidade incompleta, quando metade dela permaneceu onde ela nunca poderia alcançar. Mas agora, banhada na aceitação de seus súditos, era o suficiente.



A festa durou horas, tumultuada de alegria. Enquanto as fadas quentes e de inverno inicialmente se mantiveram reservadas, eventualmente, suas celebrações se espalharam pela fronteira. Algumas almas mais corajosas — ou pelo menos mais amigáveis — foram até a beira do rio para quebrar o gelo proverbial. Elas se envolveram em conversas gritadas e dançaram no ar, tão perto quanto ousaram. Elas deixaram comida umas para as outras na ponte, convidando-as a aproveitar o que cada estação tinha a oferecer. Um talento empreendedor para o gelo até começou um jogo de pega-pega, que durou até a bola de neve derreter tragicamente. Mas conforme o sol se punha mais baixo e as fadas começavam a voltar para casa, Clarion percebeu que seu humor estava ficando pensativo — quase melancólico. Ainda havia uma última coisa que ela tinha que fazer — a coisa que ela mais temia.

Dizendo adeus.

Embora seus reinos trabalhassem juntos, ela e Milori nunca mais se encontrariam como antes.

Clarion estava na beirada da festa, envolta por uma cortina de glicínias perfumadas. Ela bebia um copo de ponche: algo que ela sabia objetivamente que era brilhante e ácido, mas que ela não sentia gosto algum. Sua mente estava completamente em outro lugar. As flores entrelaçadas em seu cabelo já tinham começado a murchar no calor, e sua felicidade anterior parecia bem distante agora, pois ela sabia o que tinha que fazer. Mas ser rainha não era sobre tomar decisões fáceis. Era sobre tomar as decisões certas.

Por fim, Petra a encontrou.

Ela se aproximou de Clarion. “O que você está fazendo aqui? Pensando?” Clarion não conseguiu evitar o suave bufo de riso. “Acho que sim. Você veio me impedir?”

Petra estava vestida com um vestido longo de filodendro. Braceletes de metal polido — seu próprio design, é claro — tilintavam em seus pulsos enquanto ela girava um copo canelado em suas mãos. Com um encolher de ombros, ela disse: “Você tem permissão, se realmente insistir. A festa é sua.”

“Verdade.” A expressão de Clarion suavizou. “A propósito, a coroa é linda. Obrigada.”

“Não mencione isso.” Petra ficou em silêncio por alguns momentos, contemplativa. Quando falou novamente, não havia acusação em sua voz — apenas uma simpatia silenciosa. “Você vai falar com ele? Ele está parecendo *enluarado* a noite toda.”

“Eu deveria. Eu quero.” Ela queria, no entanto? Vê-lo novamente doeria, e ela já havia causado dor suficiente a si mesma hoje por causa de seu próprio decreto. Aqui, na escuridão reconfortante com sua amiga mais

querida, a questão com a qual ela estava lutando parecia urgente demais para deixar sem ser dita. “Petra, eu fiz a coisa certa?”

“Claro que sim — você é nossa rainha.” Petra franziu a testa, hesitando, como se estivesse selecionando suas próximas palavras cuidadosamente. Ela estudou o rosto de Clarion, e o que quer que tenha encontrado ali pareceu solidificar sua decisão. “Mas acho que você nunca saberá com certeza.”

Clarion suspirou miseravelmente. Ela supôs que isso era verdade.

“Tudo o que sei é que temos que nos proteger das maneiras que pudermos — e você tem a vida de muitos outros para cuidar. Você está fazendo o seu melhor.” Petra cutucou seu ombro com o seu. “Vá. Eu ficarei bem sozinha.”

“Obrigada.” Clarion apertou o braço dela. “Sério. Por tudo.”

Petra ofereceu-lhe um sorriso gentil. “Boa sorte.”

Enquanto ela se dirigia para a fronteira, os sons de sua festa — a música, as risadas, os gritos — desapareciam. Aqui e ali, vaga-lumes brilhavam na noite. Eles iluminavam seu caminho, dançando e tecendo ao redor dela, como se esperassem animá-la. Eles só se separaram dela quando ela pisou na ponte. Parecia muito com a primeira noite em que se aventurou aqui: sua determinação segurando a onda de seu medo, as flores de cerejeira pintadas com o luar enquanto caíam.

O musgo estava frio e úmido de orvalho. A longa cauda do vestido dela arrastava-se na terra. Uma névoa baixa havia rolado do rio, agitada pela brisa suave. Tinha se configurado para ser uma noite melancólica, com a promessa de chuva nas nuvens cinzentas que se formavam.

Não demorou mais do que um minuto para Milori chegar, como se estivesse observando a ponte, esperando que o brilho dela aparecesse como um farol. Confiável, como sempre — e devastador. Seus olhos eram as coisas mais brilhantes e claras que ela já tinha visto. Eles perfuravam direto o coração dela com sua força tranquila e gentil. Seu coração deu um pulo terrível. Ela não sabia se sobreviveria à perda dele. Mas, independentemente de ficarem juntos ou não, ela o perderia. De uma forma ou de outra, as estrelas os manteriam separados.

O melhor, então, é mantê-lo a salvo dela.

O sopro de espaço entre o inverno e a primavera parecia uma barreira invisível entre eles. Parecia, de repente, tão espesso quanto uma camada de gelo e como nada.

Milori quebrou o silêncio primeiro. “Parabéns, Vossa Majestade.”

A formalidade fria do tom dele a deixou sem fôlego. Todo o tempo que passaram juntos, apagado: ele se dirigindo a ela com aquele mesma imparcialidade que ele tinha na noite em que se conheceram. Levou toda a sua força para se enraizar no lugar, para não diminuir a distância entre eles ou jogar os braços ao redor dele ou implorar para que ele olhasse para ela como ele tinha feito apenas alguns dias antes.

O olhar dela se fixou nas duas contas de turquesa presas à túnica dele. Elas seguravam as penas de duas penas brancas no lugar. Uma capa nova, ela percebeu: uma feita inteiramente de penas de Noctua. Parecia um novo par de asas dobradas contra suas costas.

Ela se forçou a encontrar o olhar dele novamente. “Obrigada, Lorde Milori.”

O uso de seu título fez com que o que restava de sua resistência cedesse. “Qual o sentido de fingir?” Ele parecia absolutamente miserável. “Eu não pensei em mais nada além de você desde que nos separamos.”

Dessa vez, ela não se incomodou em negar seus piores impulsos. Ela o abraçou, e o frio do inverno suspirou contra seus braços nus. O coração dele batia ferozmente contra sua bochecha. Os dedos dela cravaram-se no topo dos ombros dele, provavelmente com mais força do que deveriam, mas ela precisava de algo para aterrará-la.

“Eu também não”, ela disse. “Você me fez acreditar que eu merecia isso, e ainda assim, você me fez sentir como se eu daria qualquer coisa para ser outra pessoa, qualquer pessoa. Eu daria tudo de volta se pudesse.”

“Por favor, não diga isso,” Milori murmurou. “Você *merece*. Você vai fazer coisas incríveis, Clarion. Você já fez.”

“E ainda assim, estarei sozinha.” Saiu rápido demais para que ela se contivesse.

Milori levantou o queixo para que ele pudesse encontrar seu olhar. “Você terá todos os seus súditos para amá-lo. E mesmo que eu não esteja ao seu lado, você ainda me terá. Nunca haverá uma estrela mais brilhante. Eu sempre amarei você.”

Clarion engasgou com um soluço. Não era próprio de uma rainha, pensou ela distantemente, mas não conseguia se importar. “Assim como eu.”

Ela pegou o rosto dele nas mãos e o beijou — brevemente, egoisticamente, mesmo que apenas para gravá-lo inteiramente na memória. A sensação dos lábios dele, macios contra os dela. A maneira como a respiração dele engatou, não importa quantas vezes eles tivessem feito isso. O frio agradável da pele dele sob o toque dela. O cheiro de ar sempre-verde e fresco. Não lhe trouxe alívio algum quando pareceu tão definitivo — e tão insuficiente.

Isso foi um adeus.

Relutantemente, ela se afastou o suficiente para sussurrar: “Lembre-se de ser livre, Milori. Chega de assombrar esta fronteira como um fantasma.”

Ele deu a ela o sorriso mais comovente que ela já tinha visto. “Você também.”

Impossível, ela pensou. Enquanto vivesse, ela nunca se livraria dele. Nunca haveria outro. Não importa. Como a Rainha de Pixie Hollow, ela poderia suportar essa dor sozinha. Esse era seu dever. Lentamente, ela

se afastou dele. Ela deixou suas mãos deslizarem pelos braços dele, então pelos pulsos, até que finalmente seus dedos escorregaram.

“Tome cuidado, Majestade”, disse ele.

Ela não confiava em si mesma para falar.

Quando ele se virou para longe dela, um vento suave soprou. Ele dançou por seus cabelos e fez sua nova capa esvoaçar atrás dele. Ela teve um vislumbre de sua asa. Ao luar, ela brilhava tão forte e clara quanto um painel de vidro quebrado.

Clarion ficou na ponte até desaparecer na cobertura das árvores, até que as nuvens acima cederam e uma chuva suave começou a cair. Ela ficou sozinha na primavera enquanto o cheiro de petrichor subia ao seu redor, olhando para o vazio frio do inverno.

Ela seria seu lar pelo resto de sua longa vida.

ACKNOWLEDGMENTS



De certa forma, mal posso acreditar que você está lendo isso.

Publicar meu quinto livro é um marco que eu não poderia imaginar alcançar quando comecei a escrever "seriamente" em 2016. E se você tivesse me dito naquela época que um dia eu escreveria algo para a Disney Fairies, acho que não teria acreditado. Sonhos realmente se realizam.

Primeiro, quero expressar minha imensa gratidão por ter sido confiada a um mundo tão amado. Espero que este livro tenha sido um retorno ao lar para alguns de vocês. E se este é seu ponto de entrada para Disney Fairies... Para citar a própria Rainha Clarion: A felicidade trouxe vocês aqui. Bem-vindos a Pixie Hollow!

Este livro existe devido aos esforços de muitas pessoas talentosas — e, claro, muito pó de pirlimpimpim. Como sempre, um grande obrigado às minhas agentes, Claire Friedman e Jess Mileo, por sempre lutarem por mim. A cada livro, minha apreciação por vocês se aprofunda ainda mais. Para minha editora, Katlin Sarantou. Você me surpreendeu com seu entusiasmo, comunicação e ética de trabalho sobre-humana. Este livro não seria o que é sem seu olhar aguçado para detalhes, suas sugestões e seu apoio. Foi uma honra trabalhar com você neste projeto mágico!

Para o resto da equipe da Disney Press: Rachel Rivera, Warren Meislin, Nancee Adams e Jennifer Black — meus editores de texto, que heroicamente me mantiveram na linha, já que todos esses personagens têm quinze centímetros de altura; Cathryn McHugh, editora-chefe; Hannah Meyer, gerente de ilustração; Jeremy Burton, gerente de produção; Kaia Hilson em marketing; e Crystal McCoy em publicidade. Obrigado a Charlie Bowater por ilustrar esta capa de tirar o fôlego e a Gegham Vardanyan por projetá-la.

Para meus amigos! Courtney Gould, minha gêmea de publicação e querida amiga, vocês estiveram comigo em cada passo do caminho. Eu não poderia ter feito isso sem seu incentivo e intimidação ocasional. Jo Schulte, Megan Lally, Kalie Cassidy, Alex Clayton e Courtney (de novo),

que me assistiram revisar um pedaço deste livro em Charleston: vocês foram extremamente inúteis, mas me fizeram rir muito, então acho que isso compensa. Charles Keegan, Diane McClamroch, Andrew Oyé, Ana O'Connor: seu apoio, humor e compreensão durante um ano estressante significaram o mundo absoluto para mim. Helen Wiley, Audrey Coulthurst e Elisha Walker: eu estaria perdida sem vocês. Eu amo muito vocês!

ABOUT THE AUTHOR



Allison Saft é autora do *New York Times* e best-seller independente de *A Far Wilder Magic*, *A Fragile Enchantment* e *A Dark and Drowning Tide* . Depois de receber seu mestrado em literatura inglesa pela Tulane University, ela se mudou da Costa do Golfo para a Costa Oeste, onde passa seu tempo rolando em oito rodas e praticando tecidos aéreos. Ela mora com seu parceiro e um galgo italiano chamado Marzipan.

